BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.1/371

59

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

LIV.- 01
PAG.- 045
REG.- 0480

TÍTULO DA PEÇA: " A MANDRAGORA "

AUTOR DA PEÇA: " NICOLAU MACHIAVELLI "

PROT: 2206/85-SCDP/SR/MG REQ: ROOSEVELT Z. RARIS

DISTRIBUIÇÃO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Serviço Gráfico do DPF — 35

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.2.

03

Federação Andreense de Teatro Amador

Rua Corrêa Dias, 55 - Santo André - S. P.

DPF
DCDP
Fls. N.º 02
Rubrica

AO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SECÇÃO DE CENSURA
BRASILIA

A Federação Andreense de Teatro Amador em vias da realização da Fase Eliminatória de VI Festival de Teatro Amador de Estado de São Paulo, uma promoção de Govêrno de Estado, vem mui respeitosamente solicitar a êste Departamento a censura dos textos, cuja relação segue inclusa.

Em vista da necessidade da obediência das datas, regidas pelo Decreto Estadual nº 49.197 de 10/1/68, cujo regulamento segue anexo, solicitamos a maior brevidade no assunto.

A Fase Eliminatória terá inicio em 16 de agôsto de 1968 e será encerrada em 31 de agôsto de 1968, em São Caetano do Sul, no Estado de São Paulo.

Atenciosamente

Lúcia Vezzá - Presidente

Santo André, 25 de julho de 1968

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.3.

Polícia - Divisão de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

Federação Andreense de Teatro Amador

Rua Corrêa Dias, 55 - Santo André - S. P.

Sante André, 25 de julho de 1968.

DPF DCDP Fls. N.º 03 Rubrica

RELAÇÃO DE TEXTOS ENVIADOS À CENSURA FEDERAL, em BRASILIA, que serão levados durante a Fase Eliminatória do VI Festival de Teatro Amador do Govêrno do Estado de São Paulo, a partir de 16 de Agôsto de 1968, até 31 de agôsto de 1968, em São Caetano do Sul, Estado de São Paulo.

dia 16/8/68 - "A Mandrágora" - A Turma - Associação de Teatro Amador de São Caetano do Sul.

dia 17/8/68 - "Fogo frio" - A Turma - Associação de Teatro Amador de São Caetano do Sul.

dia 18/8/68 - "Morre um gato na China" - Teatro Experimental Vidrobrás.

dia 19/8/68 - "Operário em Construção", "Navio Negreiro" e "Um dia na vida de Brasilino" - Jograis do Grêmio 14 de março- Ginásio Estadual de Vila Guiomar.

dia 20/8/68 - "Os Fantoches" e "Auto de Fé" - Produções Artísticas Livre.

dia 21/8/68 - "A bruxinha que era boa" - Regina Pacis - censurada

dia 22/8/68 - "Tempo de Fome" - Grupo Maria Salete - Ginásio Estadual Vila Barcelona.

dia 23/8/68 - "Antígone" - Taprim - Teatro Amador 1º de Maio

dia 24/8/68 - "Tributo a Abe" e "Primeiro Herói" - Teatro Universidade do Povo.

dia 25/8/68 - "O Santo Inquérito" - Grudiba

dia 26/8/68 - "Manhãs de Sol" - Movimento Social e Católico de Camilópolis.

dia 27/8/68 - "Adapta-te ou morre" - Grupo Teatral Scala

dia 28/8/68 - "A inconveniência de ser espôsa" - Teatro Experimental Vidrobrás.

dia 29/8/68 - "Oderico e bem-amado" - A Turma - Associação de Teatro Amador de São Caetano do Sul.

dia 30/8/68 - "Ponto de Partida" - Grupo Teatral Amador Panelinha.

Dia 31/8/68 - ENCERRAMENTO

Lúcia Vezzá - Presidente

FEDERAL
D.C.T. - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.4.
PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

"URGENTE"

DPF
DCDP
Fls. N.º 04
Rubrica

ILMA SRA LÚCIA VEIGA
PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ANDRESENSE DE TEATRO AMADOR
RUA COIMBRA DIAS 55 - SANTO ANDRÉ - SÃO PAULO

129 29 7 68

REFERÊNCIA SUA CARTA DATADA 25/07/68 VG SOLICITAMOS VOSSA SENHORIA ENCAMINHAR COM MÁXIMA URGÊNCIA SEDE SCDP BRASÍLIA AUTORIZAÇÕES SBAT REFERENTES PEÇAS ALI CITADAS VG SEM O QUEM NÃO PODEMOS LIBERÁ-LAS PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA - CHEFE SCDP

pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Sociedades de Autores e Compositores. — de Paris. —

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459.p.5

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA T.C.T.C.
EM 20-8-67

Direitos de Representação — Autorização Nº 170725

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: "A Maudragora"

Original de Maquiavel

Música de

Tradução de Mario da Silva

No Teatro Auditorio Municipal do Clube Cidade S. Paulo

Emprêsa FEDERAÇÃO ANDREENSE DE TEATRO AMADOR - (FEANTA) Pela Cia.

nos dias = Para Censura de Peça =

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% ..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ .....por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo, 20 de Agosto de 1968

(pela SBAT)

DPF DCDP Fls. N.º 05 Rubrica

566

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS:CPR.TEA.PTE.0459,p.6.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 7.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Divisão de Diversões Públicas 07

FICHA DE CENSURA TETRAL

Nº ____/____

Título do filme: A Mandrágora

DPF DCDP Fls. N.º 06 Rubrica

~~Diretor~~ autor: Niccolo Machiavelli

Gênero:

Policial	☐	Western	☐	Comédia	☐	Terror	☐	Musical	☐
Ficção	☐	Drama	☐	Científico	☐	Document	☐	TV	☐
Atualidade	☐	Seriado	☐	Desenho	☐		☐		☐

Metragem: _____ Nacionalidade: _____

Sistema: _____

Crítica artística: _____

Apreciação técnica: _____

VIDE VERSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 8.

ENTRECHO: Par bem casado, cuja cônjuge é muito fiel ao marido, não tem filhos devido a esterilidade do homem. Logo cobiça essa senhora e engendra plano que executa com sucesso, a fim de conquistá-la. Faz-se passar por especialista em fecundar mulheres de maridos incapazes, fazendo-as copular com elementos que vão paralelo do prazer já havendo ingerido veneno, de maneira que, após a relação, o "reprodutor" morre. Após muita relutância, o marido concorda. A rapaz feito de sendo amante da mulher que cobiçara.

APRECIAÇÃO ~~MORAL~~:

Embora o tema seja perigoso, o tratamento dado à peça é bastante sério, não havendo lenocínios chãos nem erotismo barato. É comédia picante do século passado.

RESTRIÇÕES

18 (dezoito) anos

Brasília, DF., 2º setembro de 1968, de ~~196~~

Censor Federal - MAT. nº 2095823

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.9.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

08

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DPF DCDP Fls. N.º 07 Rubrica

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 480/68

PEÇA -/::: A MANDRÁGORA :::/-

ORIGINAL DE NICCELÓ MACHIAVELLI (MAQUIAVEL)

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 03 de SETEMBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

Brasília, 03 de SETEMBRO de 19 68

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

APCA/

M.J.- D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 10.

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -15-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/::: A MANDRÁGORA :::/-

Original de NICCELÓ MACHIAVELLI (MAQUIAVEL)

Tradução de MÁRIO DA SILVA

Adaptação de

Produção de FEDERAÇÃO ANDREENSE DE TEATRO AMADOR (SANTO ANDRÉ-SP)

Tendo sido censurada em 01 de SETEMBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 03 de SETEMBRO de 19 68

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

- JOSÉ SAMPAIO BRAGA -
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 11

80 s-

Visado Público 11

Belo Horizonte, 4 de novembro de 1968

DPF DCDP Fls. N.º 08 Rubrica

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
do Departamento de Polícia Federal
BRASILIA

Senhor Chefe:

tenho a grata satisfação de enviar-lhe 3 (três) exemplares datilografados da peça "MANDRAGORA ou DE COMO CONQUISTAR A MULHER DO PRÓXIMO SEM CAUSAR PROBLEMAS A VOCÊ E A ÊLE", de Maquiavel, a fim de ser censurada conforme manda o regulamento dêsse conceituado Serviço. A peça será encenada pelo TEATRO DE EQUIPE do qual sou responsável.

Sem outro motivo, subscrevo-me cordialmente

Matilde Biadi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.12.

DPF
DCDP
Fls. N.º 09
Rubrica

Divisão de Censura de Diversões Públicas
12

Belo Horizonte, 16 de outubro de 1968

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
do Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA

Senhor Chefe:

Tenho a grata satisfação de passar às mãos de V.Sa. três (3) exemplares datilografados da peça"MANDRAGORA ou DE COMO CONQUISTAR A MULHER DO PRÓXIMO SEM CAUSAR PROBLEMAS A VOCÊ E A ÊLE", de Maquiavel, de minha tradução, a fim de ser censurada conforme manda o Regulamento dêsse conceituado Serviço. A referida peça será levada à cena pelo grupo TEATRO DE EQUIPE, desta Capital.

Sem outro motivo, subscrevo-me cordialmente

Paulo César Bicalho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p 13.

DPF
DCDP
Fls. 1 N.º
Rubrica

Divisão de Censura de Diversões Públicas
13

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 16 de outubro de 1 968

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões
Públicas, do Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA - DF

Senhor Chefe:

Apraz-nos passar às mãos de V.Sa. três (3) exemplares datilografados da peça MANDRÁGORA, de Maquiavel, tradução do sr. Paulo Cesar Bicalho, cuja tradução não se acha registrada nesta Sociedade, em virtude do tradutor supracitado não ser associado da SBAT.

Assim, a representação dessa peça, pretendida pelo grupo local intitulado TEATRO DE EQUIPE, não será precedida da autorização prévia desta Sociedade, conforme ocorre nos demais casos, ficando sob a responsabilidade exclusiva do tradutor, sr. Paulo Cesar Bicalho.

Sem outro motivo, no momento, subscrevemo-nos

Cordialmente.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal de Minas Gerais
GROVER FERREIRA
Diretor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.14

DPF
DCDP
Fls. N.º 11
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Divisão de Diversões Públicas de Censura
14

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA:

MATILDE BIADI, RESPONSÁVEL PELO TEATRO DE EQUIPE, DE BELO HORIZONTE, ENVIOU A ÊSTE SCDP, PARA CENSURA PRÉVIA, A PEÇA TEATRAL "A MANDRÁGORA", DE MAQUIAVEL, COM TRADUÇÃO DE PAULO CÉSAR BICALHO.

A REFERIDA OBRA, COM TRADUÇÃO DE MÁRIO DA SILVA, JÁ FOI EXAMINADA E LIBERADA POR ÊSTE ÓRGÃO, CONFORME CONSTA EM NOSSOS ARQUIVOS, O PROCESSO Nº 566, COM PARECER DO CENSOR CORIOLANO FAGUNDES, QUE A LIBEROU COM IMPROPRIEDADE ATÉ 18 ANOS.

COMPARANDO-SE OS DOIS TRABALHOS DE TRADUÇÃO, VERIFICOU-SE QUE, O DE QUE TRATA ESTA INFORMAÇÃO SE IDENTIFICA, EM CONTEÚDO, TOTALMENTE COM O PRIMEIRO. ENTRETANTO, NA SUA FORMA, HÁ DUAS EXPRESSÕES DISSONANTES ("FRESCURA" - FLS. 07 E "PÔRRA" -FLS. 10), ASSINALADAS NO TEXTO.

ASSIM SENDO, SUGERIMOS SEJA EXPEDIDO, PARA ESTA COMPANHIA DE TEATRO, CERTIFICADOS LIBERATÓRIOS COM A MESMA IMPROPRIEDADE, SUPRIMINDO-SE AS DUAS EXPRESSÕES ACIMA CITADAS E, CONDICIONANDO A SUA ENTREGA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

À CONSIDERAÇÃO SUPERIOR.

BRASÍLIA-DF, 19 DE NOVEMBRO DE 1968

-JOSÉ SAMPAIO BRAGA-
CHEFE DA TCTC

SOUZA LEÃO
CHEFE DA SEÇ. CENSURA

Expeçam certificados
conforme o parecer. Sem
cortes.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
-CHEFE DO SCDP-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.15.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Censura de Diversões Públicas
115

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Censura de Diversões Públicas
D. P. F.

Certificado Nº 805/68

PEÇA -/::: * A MANDRÁGORA * :::/-

DPF
DCDP
Fls. N.º 12
Rubrica

ORIGINAL DE MAQUIAVEL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 20 de NOVEMBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Brasília, 20 de NOVEMBRO de 19 68

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

AP/

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 16

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 25, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - * A MANDRÁGORA * -

Original de MAQUIAVEL

Tradução de PAULO CÉSAR BICALHO

Adaptação de

Produção de TEATRO DE EQUIPE (MG)

Tendo sido censurada em 19 de NOVEMBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS.

-:-: CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL :-:-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S.C.D.P.

Brasília, 20 de NOVEMBRO de 19 68

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF.SAv.7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 17.

Polícia Federal
Divisão de Censura
74 / 68

,21/11/68

Chefe do SCDP
Chefe da TCDP - SDR/MG
Peça teatral (ENCAMINHA)

DPF
DCDP
Fls. N.º 13
Rubrica

Senhor Chefe:

Em anexo, encaminho a V. Sª. dois escritos e certificados da peça teatral "MANDRÁGORA" de Maquiavel, que deverá ser entregue ao interessado sra MATILDE BIADI- Teatro de Equipe, sòmente após o exame do Ensaio Geral, remessa de relatório minucioso e decisão desta Chefia, a vista do mesmo.

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.18.

D.C.S.P.
061889 13 DEZ 68

DPF
DCDP
Fls. N.º 14
Rubrica

Divisão de Censura de Diversões Públicas

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA REGIONAL DE MINAS GERAIS = BELO HORIZONTE

Of. nº 363/68/SEC/SDR/MG — Em 10 de dezembro de 1968

Do Delegado Regional do D.P.F. em Minas Gerais
Ao Senhor Cel. Chefe do Serviço de Censura de Div.Públicas
Ass. Relatório - encaminha.

Senhor Cel. Chefe:

Para os devidos fins, encaminho à Vossa Senhoria, o relatório apresentado pelo Chefe da T.C.D.P. da SDR-MG, LEOPOLDO PORTELA.

Aproveito a oportunidade para renovar à Vossa Senhoria, os meus protestos de elevada estima e consideração.

Em 17 Dez 68

Vitorino S. Amaro
Bel. Vitorino de Souza Amaro
Delegado Regional do D.P.F. - M. G.

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
RECEBIDO EM 13/12/1968 ÀS 15 HS
ASS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 459, p. 19.

DPF
D.C.D.P.
Fls. N.º 15
Rubrica

Divisão de Polícia Política e Social
D. P. F.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
=SUBDELEGACIA REGIONAL DO DPF/MINAS GERAIS =BH=

D. P. F. - S. C. D. P. - S. D. R. / M. G.

Belo Hte., em 10 de dezembro de 68.

Ilmº. Senhor Cel. Chefe do S.C.D.P., do D.P.F.

Senhor Chefe

Em atenção ao memorando nº 743/68 de 21.11.68, comparecí ao Teatro Marília, situado à Avenida Alfredo Balena, nesta Capital, a fim de assistir à apresentação ' prévia da Peça Teatral intitulada " MANDRÁGORA ", de Maquiavel, que obteve o certificado de Censura nº 805/68, através de " SCRIPT " enviado ao S.C.D.P., em Brasília.

O ensaio geral, ou prévia, devidamente requerido a esta SDR, foi marcado para as 21,00 horas do' dia 05 do corrente, vespéra da apresentação da peça ao público' e, com a presença de todo o elenco, foi encenada sòmente para à Censura.

Foram observadas tôdas as demais' exigências regulamentares, e o texto foi rigorosamente seguido' pelos atores, razão pela qual fiz entrega a enteressada MATILDE BIADI dos certificados expedidos, pelo S.C.D.P. conforme determina o memorando acima especificado.

Na oportunidade, renovo a V.Sª.,' meus protestos de elevada estima e consideração.

Leopoldo Portela
Chefe da T.C.D.P.
=SDR=MG=BH=

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.20.

DPF
DCDP
Fls. N.º 16
Rubrica

Divisão de Censura de Diversões Públicas
20

São José do Rio Prêto, 31 de março de 1969.

Senhor Censor:

O TEATRO JOVEM, com sede em S.José do Rio Prêto-SP-,- pretendendo encenar o texto A MANDRÁGORA, de Maquiavel (anexo 3 - cópias), vem respeitosamente solicitar o devido Certificado de Censura.

Atenciosamente

José' Vendramini

JOSÉ EDUARDO VENDRAMINI-Presidente.
RUA TIRADENTES,2839
São José do Rio Prêto-SP-.

Ao Exmo. Sr. Censor do
Serviço de Censura de Diversões Públicas
Depto. de Polícia Federal
Ministério da Justiça
Brasília-D.F.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.21

DPF DCDP Fls. N.º 17 Rubrica

Divisão de Publicação e Divulgação 21

NOTAS DO TRADUTOR

Messere ou messer: diante do nome, era o título que se dava na Itália, até o século XVI, a fidalgos, prelados e juristas. Nesse sentido, correspondia ao monseigneur dos franceses. Em Florença, onde se desenrola a ação de "A Mandrágora", e na Toscana, em geral, indicava a qualidade de notário. Seu uso, porém, era bastante generalizado, já no tempo de Maquiavel, e se empregava um pouco como, entre nós, o "doutor", tratamento que se dispensa também a quem não é formado; e, práticamente, podia substituir a palavra "senhor" ou "cavalheiro", tal como nós a usamos. Tanto assim, que, na última fala da III cena do IV ato, o criado Siro, dirigindo-se ao seu amo Calímaco o emprega: Messeres si, muito embora Calímaco não seja fidalgo nem doutor em coisa nenhuma. Contudo, pareceu-nos útil conservá-lo, no caso de Nícia, para marcar um pouco a côr local e já que o homem é doutor em leis.

Boiécio: Maquiavel estropia, de caso pensado, referindo-se à personagem de Nícia, o nome do filósofo Boécio, que, em italiano, se escreve Boezio, transformando-o em Buezio; ora, bue, em italiano, significa boi, animal chifrudo, que merecia vir à baila, no caso de Nícia.

O grosso (plural):grossi) era uma pequena moeda de prata, cujo valor variava de cidade para cidade, na maioria delas, porém, valia 5 soldos, ou seja, a quarta parte de uma lira.

Junta dos oito: magistratura judiciária e policial, constituida por oito pessoas, em Florença, no tempo de Maquiavel.

Horas da noite: Conservou-se, na tradução, a indicação da divisão do tempo, tal como se encontra no original. Havia as "horas francesas", vinte e quatro horas, contadas, como atualmente, de meia-noite a meia-noite; e havia as "horas italianas", também vinte e quatro, mas contadas de um pôr do sol a outro, de modo que o meio dia e a meia noite variavam de acôrdo com a estação. A hora indicada de quatro horas da noite, deve-se entender como sendo a quarta hora depois do pôr do sol.

Dinamarquês: Truão popular, em Florença, que tapava os ouvidos com breu, para fazer-se de surdo às queixas dos credores.

pronúncia dos nomes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 22.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE S. PAULO
DEP DE AUTORES TEATRAIS
S. Paulo, 19 de Setembro de 1959
VISTO

Censura de Diversões Públicas
D.F.
22

Cálimaco Guadagni: Guadánhi.
Calfucci: Calfútchi.
Loggia Tornaquinci: Lodja Tornaquíntchi.

A MANDRÁGORA

AUTOR: MAQUIAVEL

TRADUTOR: MÁRIO DA SILVA

DPF
DCDP
Fls. N.º 18
Rubrica

PERSONAGENS

Calímaco
Siro
Messer Nícia
Ligurio
Sóstrata
Frei Timóteo
Uma Mulher
Lucrécia

A cena é em Florença.

CANÇÃO

Para dizer-me antes da comédia, cantada conjuntamente por ninfas e pastôres.

Pôsto que a vida é greve
e muitas são as penas
que vivendo e lidando se padecem,
seguindo nossas ânsias
vamos passando e consumindo os anos,
pois do prazer privar-se,
pr'a viver em afãs e aflições,
é ignorar os enganos
do mundo ou por quais males
e estranhos casos sejam
tiranizados todos os mortais.
Pr'a fugir desta angústia,
êrma existência em bosques e escolhemos
e sempre em gáudio e festas
vivemos, belos jovens, lêdas ninfas.
Agora, aqui viemos,
com a nossa harmonia,
só para honrarmos esta
tão bela festa e alegre companhia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 459, p. 23.

Biblioteca Pública - Divisão de Arquivo
23

DPF
DCDP
Fls. N.º 19
Rubrica

Ainda aqui nos trouxe
a fama do senhor que nos governa,
cujo eterno semblante
escolhe em si todos os bens da terra.
Por tal supernal graça,
por tão feliz estado,
ufanar-vos podeis,
gosando, e agradecer quem vo-lo deu.

PRÓLOGO

Que Deus vos salve, ouvintes meus benigmos,
pois depender parece
do agrado que eu vos der essa bondade,
Se guardando silêncio vós seguirdes,
conhecer podereis novo caso
novo caso surgido nesta terra.
Atentai no cenário,
tal como se apresenta:
esta é a nossa Florença;
(de outra feita será ou Roma ou Pasa)
e a coisa é de se morrer de riso.

Esta porta, que fica à minha destra,
é a casa de um doutor,
que aprendeu muitas leis lendo Boiécio.
Aquela rua, que vêdes lá na esquina,
é a Rua do Amor,
onde quem cai não se levanta mais.
Conhecereis, depois,
pelo traje de um frade,
qual abade ou prior
more no templo que está pôsto em frente,
se não fordes embora antes do tempo.

Um mancebo, Calímaco Guadagni
que chegou de Paris,
mora a colá, naquela porta à esquerda.
Entre os demais alegre companheiros,
traz êle claras marcas
do primado no garbo e no donaire.
Uma jovem prudente
acendu-o de amor
e, por isso, enganada
foi, tal como ouvireis; e eu desejara

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 24

Divisão de Polícia 24

DPF DCDP Fls. N.º 20 Rubrica

que enganada como ela fôsseis vós.

A comédia intitula-se Mandrágora;
por quê, isso dirá
a representação, tenho certeza.
Não desfruta o autor de muita fama;
se não rirdes, no entanto,
aceitará pagar-vo um bom trago.
Um amante infeliz,
Um doutor pouco astuto,
um frade de má vida,
um parasita fértil em malícia,
hoje serão o vosso passatempo.

Se julgais o assunto pouco digno,
por leve em demasia,
de quem pretende ser grave e sisudo,
perdoai-o por isso que se empenha,
nesse vãos pensamentos,
em mais brando tornar seu triste tempo,
pois não pode voltar
seu rosto a outra parte,
vedado que lhe foi
o talento mostrar noutras façanhas
e o obter o galardão de tais fadigas,

O galardão que espera é cada qual
fazer chacota a um canto
e maldizer de tudo o que ouve ou vê.
Essa é, decerto, a causa pela qual
de todo degenera
das antigas virtudes nosso século;
pois, imperando em tudo
maledicência e crítica,
ninguém se esforça em anseia,
com sacrificios mil, por fazer obra
que o vento leve ou o nevoeiro encubra.

Porém, se alguém julgasse, malsinando-o,
fazer calar-se o autor,
assustá-lo ou forçá-lo a retirar-se,
previno-o de que, êle também,
sabe criticar outrem,
pois esta foi a sua arte primeira,
e que, onde quer que a côe

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.25.

Biblioteca Nacional · Divisão de Obras Públicas · 25 F.

DPF DCDP Fls. N.º 21 Rubrica

a itálica língua,
a ninguém êle estima,
ainda que o vejais fazer se servo
a quem manto melhor que o dêle trajar

Mas maldizer deixemos quem quiser.
Vamos ao nosso caso,
para não retardar demais a hora.
Em conta não se levam as palavras
nem se estime algum monstro,
que não sabe, talvez se ainda está vivo.
Eis vir aí Calímaco
e traz consigo Siro,
seu servo; êle dirá
doque se trata. Ponde tento nêle,
que outro discurso não tereis, por ora.

PRIMEIRO ATO

CENA I

Calímaco e Siro.

Calímaco: Não te vás, Siro. Quero falar-te.

Siro: Cá estou.

Calímaco: Creio que te admiraste da minha repentina partida de Paris e que, agora, te admiras de estar eu aqui, já há um mês sem fazer coisa alguma.

Siro: É verdade.

Calímaco: Se, até hoje, não te disse o que vou dizer, não foi porque não tivesse confiança em ti, senão, apenas, por julgar que as coisas, que alguém quer não se saibam, é conveniente -- que não as diga, a não ser forçado. Por isso, pensando agora, que necessito do teu auxílio, quero contar-te tudo.

Siro: Sou vosso criado; e os criados não devem nunca perguntar coisa alguma aos amos nem indagar a respeito do que fazem. Mas, quando êles próprios falam, devem servi-los fielmente. Assim fiz - até aqui e assim farei.

Calímaco: Bem sei. Creio que já me ouvistes dizer mil vêzes, mas não faz mal, se o ouves mil e uma - que eu tinha doze anos, - quando, após a morte de meu pai e minha mãe, fui mandado - pelos meus tutôres a Paris, onde permaneci durante vinte - anos. E como, decorridos dez, começassem, com a invasão do Rei Carlos, as guerras da Itália, que arruinaram o País , decidi estabelecer-me em Paris e nunca mais repatriar, na idéia de que poderia viver por lá com maior segurança do

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 26.

DPF DCDP Fls. N.º 22 Rubrica

26 F. Polícia - Divisão de

que aqui.

Siro: Sem dúvida.

Calímaco: Tendo, pois encontrado que se vendessem aqui todos os meus bens, como exceção da casa, deliberei ficar na França, onde permaneci mais dez anos venturosos...

Siro: Bem sei.

Calímaco: ...dedicando o meu tempo, em parte, a os estudos, em parte aos prazeres e, em parte, ainda, aos negócios; e conduzindo-me de tal modo, em cada uma delas, que nenhuma me impedisse as outras. Por isso, como sabes, vivia eu despreocupado e em paz, procurando agradar a tôda a gente e esforçando me por não ofender ninguém; de modo que me pareceu ser pessoa benqueista por todos, burgueses e fidalgos, estrangeiros e naturais, pobresee e ricos.

Siro: É a pura verdade.

Calímaco: Julgou, contudo, a sorte, que eu levasse existência demasiado feliz; e, assim, fêz que chegasse a Paris um tal Camilo-Calfucci.

Siro: Começo a adivinhar o vosso mal.

Calímaco: Êsse, bem como outros florentinos, era, a miúdo, meu convidado; e, palestrando juntos, aconteceu um dia que viéssemos a disputar sôbre onde fôssem mais bonitas as mulheres, na Itália ou na França. Como eu não pudesse ajuizar das Italianas, pois era ainda muito novo quando parti daqui, outro florentino, que estava presente, tomou o partido das francesas e Camilo, das italianas. Depois de muito argumentar de ambos os lados, Camilo, quase furioso, afirmou que, ainda que fôssem monstros tôdas as mulheres da Itália, fôra suficiente uma parente sua, para reabilitar-lhes a honra.

Siro: Agora, já entendi o que querias dizer.

Calímaco: E mencionou a senhora Lucrécia, espôsa de messer Nícia Calfucci, de cuja beleza e virtudes teceu tamanhos louvores, que a todos nos deixou pasmados. Em mim, despertou êle tão intenso desejo de vê-la que, pondo de lado qualquer outra ponderação e sem mais me preocupar com as guerras ou com a paz na Itália, iniciei logo a viagem para aqui, onde, ao chegar, verifiquei ser a fama da senhora Lucrécia muito inferior à verdade, o que raro acontece, e me inflamei de tão grande desejo de possuí-la, que não tenho mais sôssego.

Siro: Se me houvésseis falado nisso em Paris, teria sabido como aconselhar-vos; agora, porém, não sei o que vos diga.

Calímaco: Não te referi o caso por querer conselhos teus, mas, em parte, para desabafar e, também, a fim de que prepares o espi-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.27

DPF DCDP Fls. N.º 23 Rubrica

Censura de Diversões 27

rito para me auxiliares, se fôr preciso.

Siro: Para isso, estou preparadíssimo. Mas que esperanças alimentais?

Calímaco: Nenhuma, ai de mim, ou muito poucas. Explico-te: em primeiro lugar, hostiliza-me a sua própria natureza de mulher - honestíssima e de todo alheia às coisas do amor; depois, o estar casada com marido riquíssimo, que em tudo se deixa - governar por ela e que, se não é jovem, também não é de todo velho, como parece; e, enfim, não ter ela parentes ou vizinhos com quem se reúna para algum sarau ou festa ou outro prazer em que costumam deleitar-se os jovens. Trabalhadores defora, nenhum lhe freguenta a casa; não tem criados ou servidor que não a tema: de modo que não há possibilidade de recorrer-se a algum meio de corrupção.

Siro: Que pensais fazer, então?

Calímaco: Não há nunca situação tão desesperada que não tenha algum-caminho aberto paradela tirarmos esperança; a ainda quando esta seja débil e vã, o desejo e a vontade que tem o homem de levar a sua causa a bom têrmo, tal não a fazem parecer.

Siro: Que vos faz esperar, enfim?

Calímaco: Duas coisas: uma é a ingenuidade de messe Nícia, que embora sendo doutor, é o homem mais simplório e tolo de Florença; a outra, é a vontade que a ambos anima, de terem filhos. Estando ela casada háseis anos e não havendo ainda pôsto - nenhum no mundo, riquíssimos como são, é êsse seu mais ardente voto. Ainda haveria uma terceira: que sua mãe foi mulher de vida airada, porém é rica e não sei como deva conduzir-me com ela.

Siro: Para conseguir vosso fim, já tentastes, até aqui, alguma coisa?

Calímaco: Sim, mas não muito.

Siro: Como?

Calímaco: Conheces Ligúrio, que de contínuo vem fazer suas refeições comigo. Já foi meditador de casamentos e, depois, deu para esmolar ceias e jantares, Sendo homem agradável, messer Nícia mantém com êle grande familiaridade, da qual Ligúrio - tira bom proveito: e se bem que não o leva a jantar na casa, empresta-lhe, às vêzes, algum dinheiro. Tratarei de capitar-lhe a amizade e lhe comuniquei o meu amor; e êle - prometeu auxiliar-me com tôdas as suas fôrças.

Siro: Tomai cuidado em que não vos enganei: êsses para-jantares não costumam cumprir a palavra.

Calímaco: É verdade. Contudo, quando alguma coisa convém a alguém, deve-se ter por certo, se lha comunicamos, que êle nos sirva fielmente. Prometi z Ligúrio, se tem êxito na emprêsa, boa quantia de dinheiro; e se não conseguir nada, terá quando muito, apro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.28

Divisão de Publicações e Divulgação
28

veitado alguma ceia ou jantar, que eu, de qualquer modo não tomaria sòzinho.

Siro: E que prometeu êle fazer, até agora?

Calímaco: Prometeu persuadir messer Nícia a ir com a espôsa aos banhos, neste mês de maio.

DCDP
Fls. N.º 26
Rubrica

Siro: E quais vantagens tereis nisso?

Calímaco: Quais vantagens? Talvez pudesse o sítio modificar a natureza dela, pois nessa bandas outras coisas não se faz senão folgas. Eu iria lá também, levando os meios para entregar-me a todos os prazeres que pudesse, e não pouparia munificência alguma. Acabarei tornando-me familiar seu e do marido. Sabe-se lá?. Uma coisa gera a outra e o tempo governa a tôdas.

Siro: A idéia não me desagrada.

Calímaco: Ligúrio me deixou, hoje de manhã, dizendo que falaria no assunto com messer Nícia e me daria a resposta.

Siro: Aí vêm êles juntos.

Calímaco: Quero apartar-me, para falar com Ligúrio, depois que êle deixar o doutor. Tu, nesse meio tempo, vai para casa, tratar da tua vida; e se eu quiser que faças alguma coisa, te chamarei.

Siro: vou indo.

CENA II

Messer Nícia e Ligúrio.

Messer Nícia: Creio que os teus conselhos são bons e falei deles, ontem à noite, com minha mulher. Prometeu que me responderia hoje. Mas para dizer a verdade, não faço muito gôsto nisso.

Ligúrio: Porquê?

Messer Nícia: Porque não me afasto de casa de bom grado. Além disso, ter de transportar espôsa, criada e trastes, não é coisa que me quadre. E, por fim, falei à noite, com vários médicos. Um dêles diz que devo ir aos banhos de São Felipe, outro, aos da Porreta, e outro, ainda, aos da Vila. Pareceram-me um banho de lorpas; e a verdade é que êsses doutores em medicina não sabem o que fazem.

Ligúrio: Deve ser que vos preocupa o que dissestes antes, pois não estais acostumado a perder de vista a cúpula da nossa catedral.

Messer Nícia: Estás muito enganado! Quando era mais jovem, corri muito mundo. E nunca houve feira em prato, que eu lá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.29.

29

não fôsse, nem há castelo nas redondezas, onde não tenha estado. Digo-te mais: estive até, em Pisa e Livorno!

DPF DCDP Fls. N.º 25 Rubrica

Ligúrio: Então, certamente, viste a tôrre empinada de Pisa.

Messer Nícia: Queres dizer inclinada.

Ligúrio: Ah, sim! Pois é: inclinada . E, em Livorno viste o mar?

Messer nícia: É claro que vi!

Ligúrio: É muito mais do que o Arno?

Messer Nícia: Qual Arno! É quatro vezes maior, mais de seis, mais de sete vêzes, se queres saber; não se vê outra coisa, a não ser água, água e mais água.

Ligúrio: Admira-me então, que, sendo homem tão viajado, tenhais tamanha relutância em ir aos banhos.

Messe Nícia: Falas como uma criança. Parece-te bagatella, ter de desarumar a casa inteira? Não obstante, tão grande é minha vontade de ter filhos, que estou disposto a fazer seja o dêles me aconselham a ir. Nesse meio tempo, irei ter com minha mulher e, depois, tornaremos a nos encontrar ,

Ligúrio: Tendes razão.

CENA III

LIGÚRIO E CALIMACO

Ligúrio: Não creio que haja no mundo papalvo maior do que êste. E como o favoreceu a sorte! Êle, rico, êle casado com uma mulher bonita, ajuizada, honesta e digna de governar um reino! Parece-me que raras vêzes se verifique, no casamento, aquele proverbio que reza: - Deus faz os homens e êles se juntam; pois é frequente ver-se um homem de qualidade escolher uma besta e vice-versa, uma mulher avisada ter por marido um parvo. Da parvóice dêste, porém um proveito pode tirar-se, e é que Calímaco tem motivos para alimentar esperanças. Mas ei-lo - que vem aí. De que andas à espreita, Calímaco?

Cálímaco: Vi-te com doutor; e estava à espera de que te separasses -- dêle, para inteirar-me do que fizeste.

Ligúrio: Êle é o homem que bem sabes, depouco juizo e ânimo ainda menor; e não tem muita vontade de deixar Florença. Ainda assim, consegui persuadí-lo à viagem e no fim, me disse que fará o necessário. Penso, portanto, que, se êsse expediente fôr de nosso agrado, o induziremos a adotá-lo. Mas não sei se nos - convenha.

Calímaco: Por que?

Ligúrio: Sei lá! Não ignoras que a êsses banhos vai gente de toda a-espécie, Poderia surgir por lá algum homem, ao qual a senho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 30

30

ra Lucrécia agradasse tanto quanto a ti, mas que fôsse mais rico e mais garboso do que tu; de modo que corremos o risco de trabalhar em benefício de outrem e que o número dds competidores torne mais difícil a nossa tarefa ou que, amansando, ela dê a preferencia a outro.

Calímaco: Reconheço que falas a verdade. Mas que hei de fazer? Que partido tomar? Para onde devo voltar-me? Preciso tentar qualquer coisa, seja grande, seja perigosa, prejudicial ou infame. Antes morrer, do que viver assim. Se pudesse dormir à noite , se pudesse alimentar-me, se pudesse conversar, se pudesse achar prazer nalguma coisa, teria mais paciência em esperar - pelo tempo. Mas o caso não tem remédio. Se alguma decisão - não me alentar a esperança, é certo que morrerei; e, sabendo que devo morrer, nada me atemoriza mais e prefiro tomar qualquer partido, ainda que absurdo, cruel ou nefando.

DPF DCDP Fls. N.º 26 Rubrica

Ligúrio: Não fales assim; refreia êsse impulso da tua alma.

Calímaco: Bem vê que, para refreá-lo, afago êstes pensamentos. Fazse - mister, porém, ou que continuemos a mandar o nosso homem aos banhos ou, então, que sigamos outro qualquer caminho, que me dê alguma esperança, se não verdadeiramente, ao menos enganosa, com a qual possa alentar um pensamento que abrande, em parte, minha angustia.

Ligúrio: Tens razão e estou pronto para fazê-lo.

Calímaco: Acredito no que dizes, sabendo, embora, que os teus pares vivem de engabelar os outros, Não penso, contudo, estar no rol das tuas vitimas, pois, se assim procedesses e eu o descobrisse, procuraria desforrar-me e perderias o uso da minha casa- e a esperança de receberes o que te prometi para o futuro.

Ligúrio: Não duvides da minha palavra , porque,ainda que não existisse o proveito que sei e espero, há que o teu sangue condiz com o meu e que desejo que realizes êsse teu anseio quase tanto - quantu. Mas deixemos isso de lado. O doutor incumbiu-me de achar um médico, para saber a qual dos banhos lhe convenha ir. Quero que procedas a meu modo: que afirmes teres estudado medicina e praticado o ofício em Paris. Êle acreditará facilmente, por ser homem simplório e tu, letrado, capaz de lhe dizer qualquer coisa em bom latim.

Calímaco: E para que nos servirá isso?

Ligúrio: Poderá servir-nos para mandá-lo àquele banho que mais nos - apraza ou para tomarmos outro partido, no qual já pensei e que será mais rápido. certeiro e fácil de levar a bom têrmo - do que os banhos.

Calímaco: Que me dizes, homem?

Ligúrio: Digo-te que, se tivesses ânimo e confiares em mim, considero-o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.31

31

teu caso resolvido antes de amanhã, a esta hora. E ainda que êle fôsse o homem que não é capaz de indagar se és realmente médico ou não, a escasses do tempo e a própria natureza do assunto farão com que não fale nêle com ninguém ou com que não chegue a tempo para estragar nosso plano, se porventura falar.

Calímaco: Tu me ressuscitas. Essa promessa é demasiado grande e me insufla uma esperança excessiva, De que modo procederás?

Ligúrio: Saberá o modo, quando chegar o momento; por enquanto, não é necessário que o explique, pois o tempo já é escasso para a ação, quanto mais para explicações. Vai para casa e espera-me por lá, enquanto eu irei ver o doutor. E, quando o levar a visitar-te, procurarás atenção a tudo que eu disse, de modo a segundar-me.

Calímaco: Assim farei, ainda que me infundas uma esperança, que receio que se torne em fumo.

DPF DCDP Fls. N.º 27 Rubrica

CANÇÃO

(após o I ato)

Quem não provon, amor,
o teu grande poder, embalde espera
fazer fé verdadeira
de qual seja no céu amor valia;
nem sabe o que é viver co'a morte n'alma,
seguir seu dono, abandonando b bem,
e como se ama alguem
mais que a si mesmo, e Mêdo
e esperança os corações regala e rói,
e como tanto os homens como os deuses
temem a seta de que estás armado.

SEGUNDO ATO

CENA I

Ligúrio, messer Nícia e Siro.

Ligúrio: Como já disse, penso que foi o céu que nos enviou êsse homem, a fim de que se realize o vosso desejo. êle fêz longa prática em Paris e não vos deve espantar se em Florença não exerce sua arte, que disto é causa, em primeiro lugar, ser êle rico e em segundo lugar, dever, a qualquer momento, regressar a Paris.

Messe Nícia: Sim, meu amigo, mas isso é de muita importância; porque não gostaria de que êle me metesse nalguma enrascada e de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.32

Divisão de Censura e Diversões Públicas
32

pois me deixasse entalado.

Ligúrio: Quanto a isso não tenhais dúvidas. Deveis temer, apenas, que não queira cuidar do vosso caso; mas, se aceitar, não é homem para abandonar-vos enquanto não o leve a bom têrmo.

Messe Nícia: Por êsse lado da questão, quero fiar-me de ti; mas, quanto a ciência, assim que eu lhe falar, te direi se é homem de doutrina, porque a mim é que não impingira gato por lebre!

Ligúrio: É, justamente, porque vos conheço, que vos levo a êle, para que possais falar-lhe. E, depois que lhe houverdes falado, se não vos parecer, pelo especto, doutrina e linguagem, merecedor de tôda a confiança, podereis dizer que não sou mais eu.

Messer Nícia: Pois seja tudo como Deus quizer! Vamos. Onde mora êle ?

Ligúrio: Nesta mesma praça, naquela porta, que vêdes na vossa frente.

Messe Nícia: Vamos logo com isso.

Ligúrio: Pronto já bati.

DPF
DCDP
Fls. N.° 28
Rubrica

Siro: Quem é?

Ligúrio: Está em casa Calímaco?

Siro: Está, sim senhor.

Messer Nícia: Por que não dizes : mestre Calímaco?

Ligúrio: Êle não da importância a essa frioleiras.

Messer Nícia: Não fales assim. Cumpre o teu dever e, se êle levar a mal, que se dane!

CENA I

Calímaco, messer Nícia e Ligúrio.

Calímaco: Quem me procura?

Messer Nícia: Bona die, domine magister.

Calímaco: Et vobis bona, domine doctor.

Ligúrio: Que tal vos parece?

Messer Nícia: Òtima, com a breca!

Ligúrio: Mas se quereis que eu fique aqui convosco, falai de modo que vos entenda. Senão, eu é que estarei perdendo o meu latim.

Calímaco: Que boas novas vos trazem aqui?

Messer Nícia: Sei lá! Ando a procura de duas coisas, das quais outrem talvez fugisse: isto é, apoquentar a mim e aos outros . Não tenho filhos e desejaria tê-los; e, por essa tribulação, venho importunar-vos.

Calímaco: Nunca hei de achar incômodo ser-vos útil e a todos os homens sábios e de bem como vós. Não fatiguei tantos anos, estudando em Paris, senão para poder servir vossos pares.

Messer Nícia: Fico-vos muito grato; e se, algum dia, tiverdes necessi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.33

Divisão de Censura de Diversões Públicas 33

dade de minha arte, com prazer vos servirei. Mas, voltemos adarem nostram. Já pensastes qual dos banhos seja o melhor, para dispor minha mulher a ficar prenhe?Pois sei que o nosso Ligúrio já vos disse tudo que devia.

Calímaco: É verdade. Mas, querendo satisfazer o vosso desejo, faz- se mister conhecermos a causa da esterilidade da vossa espôsa, pois pode haver vária causas. Nan causae sterilitatis sunt, aut in semine, aut in matrice, aut in strumentis seminariis, aut in virga, aut in causa extrinsica.

Messer Nícia: Êsse é o homem mais digno que possa encontrar-se!

Calímaco: Poderia a esterilidade, ademais, originar-se de vós, por impotência. Quando assim fôsse, não haveria nenhum remédio.

Messer Nícia: Impotente, eu? Quereis fazer-me rir! Não creio que haja em Florença homem mais verde e rijo do que eu.

Calímaco: Sendo assim. alegrai-vos, que haveremos de encontrar remédio ao caso.

Messer Nícia: Não haveria outro remédio, que não fôssem os banhos? - Porque eu gostaria de poupar-me êsse estôrvo e minha mulher não deixaria Florença de bom grado.

Ligúrio: Decerto, que haverá! A isso, quero responder eu mesmo. Calímaco é tão escrupuloso que até exagera. Não me dissestes - que sabeis receitar certos cozimentos, que fazem empenhar - com tôda a certeza?

Calímaco: Disse, sim. Mas costumo ser reservado com as pessoas que - não conheço, porque quero que me julguem algum charlatão .

Messer Nícia: Não duvides de mim. Cusaste-me tamanha admiração, que não há coisa que não acreditasse ou fizesse, se indicada por vós.

DPF DCDP Fls. N.º 29 Rubrica

Ligúrio: Penso se necessário que examineis as urinas.

Calímaco: Isso, sem dúvida, não pode dispensar-se.

Ligúrio: Chama Siro. que vá logo buscá-las em casa do doutor e volte aqui, depois, nós esperaremos por êle em casa.

Calímaco: Vai com êle, Siro. E se fôr do vosso agrado, Messere, voltai aqui em seguida; então, pensaremos no que se deva fazer.

Messe Nícia: Como, se fôr do meu agrado? Voltareiaqui imediatamente , pois tenho mais fé em vós do que os húngaros em suas espadas.

CENA III

Messer Nícia e Siro

Messer Nícia: Êsse teu amo é, realmente, um homem de valor.

Siro: Mais do que pensais.

segue pag. 34

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.34

à roda; de tal modo que ela não quis mais voltar lá. É - uma desgraça, realmente, que aquêles que nos deveriam dar o bom exemplo sejam assim. Não é verdade?

Ligúrio: Se é verdade, com mil diabos!

Messer Nícia: Desde êsse dia, ela tem pulga no ouvido; e, mal, se lhe diz uma coisa, cria mil dificuldades.

Ligúrio: Agora, já não me admiro de nada. Mas como se cumprir a promessa ?

Messer Nícia: Obteve dispensa.

Ligúrio: Muito bem. Se os tendes, porém, dai-me vinte ducados; pois, em casos como êste, é preciso gastar e captar depressa a amizade do frade, deixando-lhe a esperança de recompensa ainda maior.

Messer Nícia: Toma. Isso não me apoquenta. Pouparei noutras coisas.

Ligúrio: êsses frades são ladinos, astutos, ao que se explica, pois - conhecem os nossos pecados e os dêles próprios; e quem não os pratica, poderia enganar-se e não saber conduzi-los aonde-lhe convém. Eu não desejaria, portanto, que vós, ao falar, estragassei tudo, porque um homem do vosso feito, que consome o dia inteiro em estudo, entende de seus livros, mas não sabe - pesar bem as coisas dêste mundo. (Êsse doutor e tão tolo, que receio não deite tudo a perder).

Messer Nícia: Dize-me o que queres que eu faça.

Ligúrio. Quer que me deixeis falar com êle, sòzinho, e que não faleis-nunca, senão quando eu vos fizer um sinal.

Messer Nícia: Está bem. Que sinal me farás?

Ligúrio: Piscarei um ôlho, morderei o lábio. Não! Procedamos de outro-modo. Há quanto tempo não falais com o frade?

Messer Nícia: Faz mais de dez anos.

Ligúrio: Ótimo. Eu lhe direi que ensurdecestes; e vós não respondereis nem direis coisa alguma, se não falarmos alto.

Messer Nícia: Assim farei.

Ligúrio : Não vos apoquente, se eu disser alguma coisa que vos parece-desconforme ao que queremos. pois tudo reverterá em nosso proveito.

Messer Nícia: Deus queira.

DPF DCDP Fls. N.º 30 Rubrica

CENA III

Frei Timóteo e uma mulher.

Frei Timóteo: Se quiserdes confessar-vos, farei o que desejais.

Uma mulher: Por hoje não; estão à minha espera e me é suficiênte ter desabafo um pouco., assim, de pé. Dissestes aquelas missas de Nossa Senhora?

Frei Timóteo: Disse, sim, senhora.

segue pag. 39

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 35.

34

CANÇÃO

após o II ato.

Como seja feliz, cada qual vê,
quem masce tolo e em tudo crê e confia!
Ambição não o oprime
nem o menor temor,
que soem ser semente
de dor e de tristeza.
Êsse vosso doutor,
sequioso de ter filhos,
creria que os burros voem;
e, qualquer outro bem pondo emvolvido,
seus anseios sòmente neste aviva.

DPF
DCDP
Fls. N.º 31
Rubrica

TERCEIRO ATO

cena I

Sóstrata, Messer Nícia e Ligúrio.

Sóstrata: Sempre ouvi dizer que é dever do homem prudente escolher, dentre as más resoluções, a menor. Se, para ter filhos, não disponde de outro recurso, deve adotar-se êsse, para não agravar a consciência.

Messer Nícia: Assim é.

Ligúrio: Ireis ver vossa filha, enquanto eu e o doutor visitaremos - frei Timóteo, seu confessor e lhe contaremos e caso, para que vós não necessiteis de lho referir. Vós mesma ouvireis o que êle dirá.

Sóstrata: Assim se fará. Vosso caminho é messa direção, eu vou ter com- Lucrécia e a levarei a falar com o frade, seja lá como fôr.

CENA II

Messer Nícia e Ligúrio

Messer Nícia: Talvez te admires, Ligúrio, de que seja preciso urdir - tantas tramas, para convencer minha mulher; mas, se subes ses tudo, não te admirarias.

Ligúrio: Penso que assim acontece, porque tôdas as mulheres são desconfiadas.

Messer Nícia: Não é nada disso. Ela era a mais suave criatura dêste - mundo e a mais dócil; mas, tendo-lhe dito uma vizinha - que emprenharia, se fizesse promessa de ouvir, durante - quarenta manhãs, a primeira missa na igreja dos Servitas, fêz a promessa e lá foi, talvez, umas vintes manhãs. - Aconteceu que um daqueles fradalhões começou a andar-lhe

Segue para. 33-A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0489, p. 36

Divisão de Publicações e Divulgação
35

seguida para a cama, que sejam cêrca de quatro horas da noite. Depois, nos disfarçaremos, eu, wós, Ligúrio, e Siro, e iremos percorrer o Mercado Novo, o Mercado Velho e outros lugares do gênero. O primeiro malandro que encontrarmos vadiando, lhe poremos um mordaça e à fôrça de pancadas o levaremos para casa e, no escuro, para o vosso quarto. Depois, o meteremos na cama, dizendo-lhe o que deverá fazer; e é certo, então, que não haverá mais dificuldades. Depois, pela manhã, mandaremos o homem embora antes que o dia desponte, direis à vossa espôsa que se lave e ficareis deitado com ela quanto - vos agradar, sem qualquer perigo.

Messer Nícia: Está bem, já que me dizes que reis, principes e fidalgos obraram dêsse modo; mas, principalmente, que não se venha a saber, por amor dos Oito!

Calímaco: Quem quereis que lho vá dizer?

Messer Nícia: Ainda nos resta um trabalho, e de muita importância.

Calímaco: Qual?

Messer Nícia: Convencer minha mulher, pois não creio que ela jamais se decidirá a fazer isso.

Calímaco: Tendes razão. Mas eu não desejaria estar casado, se não soubesse decidir minha mulher a obedecer-me.

DPF DCDP Fls. N.32 Rubrica

Ligúrio: Já achei o remédio.

Messer Nícia: De que modo procederemos, então?

Ligúrio: Por intermédio do confessor.

Calímaco: E quem convencerá o confessor?

Ligúrio: Eu, tu, o dinheiro, a nossa maldade e a dêles.

Messer nícia: Receio, porém, se eu quem lho disser, que ela não quererá ir falar com o confessor.

Ligúrio: Também para isso há remédio.

Calimaco: Fala!

Ligúrio: É fazer com que sua mãe a leve lá.

Messer Nícia: À mãe, ela dá ouvidos.

Ligúrio: E eu sei que sua mãe é da mossa mesma opinião. Vamos, pão - percamos mais tempo, que já entardece, vai a passear, Calímaco, e faze com que às duas horas te encontraremos em casa, - com a poção já preparada. Eu e o doutor iremos à casa de sua mãe, para dispo-la a secundar-nos, pois é minha conhecida . - Depois, iremos visitar o frade e vos inteiraremos de tudo que tivemos combinado.

Calímaco: Pelo amor de Deus, não de deixe só!

Ligúrio: Parece-me que estás enfeitiçado.

Calímaco: Aonde queres que eu vá, a estas horas?

Ligúrio: Ali, acolá, numa rua, noutra, É tão grande Florença!

Calímaco: Eu morro hoje!

segue pag. 34

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.37

Polícia Pública - Divisão de Censura 36

Calímaco: Deveis capacitar-vos de que não há nada mais certo, para emprenhar uma mulher, do que fazer-lhe beber uma poção da mandrágora. É coisa que já experimentei mais de uma vêz e sempre verifiquei que não falha. Se assim não fosse, a rainha da França seria estéril e, como ela, numerosas outras princesa daquele país.

Messer Nícia: Será possível?

Calímaco: É o que vos digo. No vosso caso, a sorte foi tão benigna, que calhou trazer comigo todos os ingredientes que entram na poção, de modo que podereis tê-la quando vos aprouver.

Messer Nícia: Quando deveria ela tomá-la?

Calímaco: Hoje à noite, após a ceia, que a lua se apresenta favorável e o tempo não poderia ser mais apropriado.

Messer Nícia: Não será questão de monta. Ordenai-a, em todo o caso, e eu lha farei tomar.

Calímaco: É preciso, agora, atentar bem no seguinte: que o homem que, por primeiro, tiver relações com ela, tomado que ela tenha a poção, morrerá dentro de oito dias e não ha nada neste mundo que possa salvá-lo.

Messer Nícia: Maus raios me partam! Não quero saber dessa zurrapa. A mim é que não vais impingi-la. Bonito serviço me fizeste!

DPF DCDP Fls. Nº 33 Rubrica

Calímaco: Tranquilizai-vos, que isso também pode remediar-se.

Messer Nícia: Deque modo?

Calímaco: Fazei logo dormir com ela outra pessoa, que possuindo-a por uma noite, puxe a si tôda a infecção da mandrágora. Depois, podereis novamente ter relações com ela, sem o menor perigo.

Messer Nícia: Isso é que eu não farei.

Calímaco: Por quê?

Messer Nícia: Porque não quero mudar minha mulher em fêmea e a mim em cabrão.

Calímaco: Que dizeis, doutor? Oh! Vejo que não sois tão sábio quanto julguei. Com que, então, tendes dúvidas em fazer o que fêz o rei da França e muitos outros fidalgos que há por lá?

Messer Nícia: Mas quem quereis que eu encontre, que se sujeite a semelhante loucura? Se eu lhe disser do que se trata, êle não haverá de querer; e se não lhe disser nada, estarei enganando-o traiçoeiramente, e será um caso para Juntados Oito; e não quero cair debaixo das suas garras.

Calímaco: Se é apenas isso, o que vos preocupa, deixaría tudo por minha conta.

Messer Nícia: Como se há de fazer?

Calímaco: Vou dizê-lo. Eu vos entregarei a poção hoje à noite, logo depois da ceia; vós lhe dareis para beber e a mandareis em

segue pag. 35

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-38.

37

me desse estas urinas! E não é que ela não deseje ter filhos, pois até que se preocupa mais com isso do que eu. Mas, tôda a vez que lhe peço para fazer alguma coisa, por menor que seja, é o diabo!

Siro: Tende paciência; é com boas palavras que se costuma levar as mulheres onde queremos.

Messer Nícia: Qual boas palavras, qual nada! Ela já me a borreceu bastante. Vai depressa e dize a o mestre e a Ligúrio que estou aqui.

Siro: Aí vem êles, saindo da casa.

DPF DCDP Fls. N.º 34 Rubrica

CENA VI

Ligúrio, Calímaco e Messer Nícia

Ligúrio: Persuadir o doutor, será emprêsa fácil, A dificuldade a encontraremos na mulher. Mas para isso, também, não nos faltarão os expedientes.

Calímaco: Trouxestes as urinas?

Messer Nícia: Siro as tem, ali em baixo.

Calímaco: Dá cá. Oh! Esta urina denota fraqueza dos rins.

Messer Nícia: Realmente, parece-me um pouco turva. Contudo, é fresquissima: fê-la ainda agora.

Calímaco: Não há de admirar-se. Nam Mulieris urinae sunt semoer maiores grossitiei et albedinis, et minoris pulchritudinis, quam virorum. Huius autem, in caetera, causa est amplitudo canalium, mixtio eorum quae ex matrice exeunt cum urina.

Messer Nícia: Oh! Uh! Cona de São Púcio! Encheu-me as medidas, sim senhor! Como raciocina bem destas coisas!

Calímaco: Receio que, de noite, ela esteja mal coberta; daí, produzir urina crua.

Messer Nícia: No entanto, dorme com um bom cobertor por cima. Mas é que fica quatro horas de joelhos, enfiando padresanos-sos, antes de ir para a cama. É um verdadeiro animal, para apanhar frio!

Calímaco: Enfim, doutor, ou tendes confiança em mim ou não tendes; eu devo indicar-vos um remédio certo ou não. No que diz respeito, não vos negarei o remédio.
Se tiverdes fé emmim, o usareis e se, dentro de um ano, vossa espôsa não estiver com um filho ao colo, quero ter de pagar-vos dois mil ducados.

Messer Nícia: Falai livremente, pois estou pronto para obdecer-vos em tudo e acreditar mais em vós do que no meu próprio confessor.

Segue pag 36

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459 p. 39.

Divisão de Censura de Diversões Públicas 38

Messer Nícia: O rei da França deve tê-lo em grande conta.

Siro: Grandíssima:

Messer Nícia: Por êsse motivo, deve êle viver de bom grado na França.

Siro: É o que penso.

Messe Nícia: E faz muito bem. Aqui, em nossa terra, só há mãos-atadas e não se aprecia virtude alguma. Se estivesse aqui, ninguém olharia para êle. Eu posso avaliá-lo, que caguei as tripas para apreender dois dedos de latim. E, se tivesse de viver sòmente disso, estaria bem arranjado, podes ter certeza!

Siro: Ganhais cem ducados ao ano?

Messer Nícia: Nem cem liras nem grossos, ai de mim! A verdade é que na terra, quem não tem qualquer coisa de seu, entre os nosso pares, não encontra um cão que se digne de lançar lhe um olhar: não servimos para nada, a não ser ir a enterros ou casórios ou, então, ficarmos o dia todo sentados, de mãos abanando, no banco do Pro-cônsul. Mas eu não lhes ligo importância; não preciso de ninguém e assim estivesse quem está pior do que eu! Mas não desejaria que isso viesse a saber-se, porque, então, me importaria algum tributo e eu teria sarna para me coçar.

Siro: Não tenha mêdo.

Messer Nícia: Chegamos a minha casa. Espera-me aqui; volto já.

DPF DCDP Fls. N.º 35 Rubrica

CENA IV

Siro sòsinho

Siro: Se os outros doutores fôssem como êste, que grande patuscada seria o mundo! A verdade é que êsse malvado de Ligúrio e o treslou cado do meu amo o levam para algum caminho, que o cobrirá de vergonha. E realmente, eu gostaria de que tal lhe acontecesse, se tivesse a certeza de que ninguém o virá a saber, pois, vindo-se a saber, corro perigo pela minha vida e o meu amo, pela vida e pelos bens. Agora, já se tornou mpedico! Não sei qual seja o plano dêle e para onde conduza o embuste. Mas aí está o doutor, trazendo um urinol na mão. Quem não haveria de rir-se de semelhante parvo?

CENA V

Messer Nícia e Siro

Messer Nícia: (dirigindo-se a espôsa, dentro de casa): até aqui, fiz tudo como tu quiseste. Agora, quero que faças a meu amo. Se soubesse que não iria ter filhos, teria antes, me casado com uma componeza! Estás aí, Siro? Acompanha-me. Quanto me custou, conseguir que a tôla da minha mulher-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.40.

Divisão de Censura e Diversões Públicas 39

Uma mulher: Tomai, agora, êste florim: celebrais durante dois meses, tôdas as segundas-feiras, a missa dos mortos pela alma do meu marido. Se bem que fôsse um grande malvado, a carne é fraca; e não posso impedir que a minha se excite, quando me lembro dêle. Mas julgais deveras que está no purgatório?

Frei Timóteo: Sem dúvida!

Uma mulher: Eu é que não sei ao certo. Bem sabeis o que êle, às vêzes me fazia. Oh! quanto me queixei disso convosco! Eu me afastava, tanto quanto podia; mas êle era tão insistente, meu Deus do céu!

Frei Timóteo: Não duvideis, a clemência de Deus é grande; e se ao homem não faltar a vontade, nunca lhe faltará, tampouco, o tempo para se arrepender.

Uma mulher: Achais que os turcos, êste ano, invadirão a Itália?

Frei Timóteo: Sim, se não fizerdes oração.

Uma mulher: Credo! Deus nos acuda, contra essa invenções do diabo! Tenho muito mêdo da tal empalação. Mas vejo, aqui na igreja, uma mulher com um tecido meu; preciso falar com ela. Muito bom dia, padre!

Frei Timóteo: Ide em paz!

DPF DCDP Fls. N.º 36 Rubrica

CENA IV

Frei Timóteo, Ligúrio e Messer Nícia.

Frei Timóteo: Não há pessoas mais caridosas do que as mulheres, nem mais enfadonhas. Quem as enxota, evita os aborrecimentos e o proveito, quem lhes dá trela, do mesmo passo, tem proveito e aborrecimentos. A verdade é que não há mal sem môscas. Que andais fazendo, homens de bem? Não é Messer Nícia quem vejo aí?

Ligúrio: Falai em voz alta, pois ensurdeceu de tal modo, que não ouve mais nada.

Frei Timòteo: Sêde bem-vindo, Messere!

Ligúrio: Mais alto!

Frei Timóteo: Sêde bem-vindo!

Messer Nícia: Obrigado, padre!

Frei Timóteo: Que andais fazendo por aqui?

Messer Nícia: Todos bem, obrigado.

Ligúrio: Falai comigo, padre, pois se quisesseis ser ouvido por êle, deveríeis pôr em alarma a praça inteira.

Frei Timóteo: Que desejais de mim?

Ligúrio: O aqui presente messer Nícia e mais outro homem de bem cujo nome sabereis mais tarde, querem mandar distribuir em esmolas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459.p.41

DPF DCDP Fls. N.º 37 Rubrica

Divisão de Censura de Diversões Públicas 40

várias centenas de ducados.

Messer Nícia.: Pelas tripas de judas!

Ligúrio: (Calai-vos, com a breca ,que não serão muitos). Não vos es-- pante, padre, o que êle possa dizer, pois não ouve e parecendo-lhe, às vêzes, ouvir, responde fora de propósito.

Frei Timóteo: Continua e deixa-o falar o que ben entenda.

Ligúrio: Trouxe comigo uma parte dêsse dinheiro; e êles formaram tenção de que sejais vós quem deverá distribuí-lo.

Frei Timóteo: Com muito prazer.

Ligúrio: Mas é preciso, antes de fazer-se a esmola, que nos auxilieis- num caso estranho, que aconteceu ao doutor; e sòmente vós podeis dar lhe ajuda, sendo ocorrência que põe em risco a honra da sua casa.

Frei Timóteo: De que se trata?

Ligúrio: Não sei se conheceis Camilo Calfucci, sobrinho do messer Nícia.

Frei Timóteo: Sim, conheço-o.

Ligúrio: Êsse Camilo, por certos negócios seus, foi para a França, há um ano; e, não tendo espôsa, que lhe morreu, confiou uma filha casadoira à guarda de um mosteiro, cujo nome, agora, não vem ao caso.

Frei Timóteo: E que se seguiu daí?

Ligúrio: Seguiu-se que, por negligência da monjas ou leviandade da môça, esta, se encontra gravida de quatro mêses; de modo que , se não se reparar o mal com prudência, o doutor, as monjas ,- Camilo e a casa dos Calfacci padecerão grave desdouro. O doutor teme tanto essa vergonha, que fêz promessa, se ela não se tornar pública, de dar trezentos ducados pelo amor de Deus.

Messer Nícia: Que diabo de conversa é essa?

Ligúrio: (Quieto, por favor!) Entende dá-los por vossa mão, pois sòmente de vós e da abadessa pode vir o remédiol.

Frei Timóteo: De que modo?

Ligúrio: Persuadindo a abadessa a dar à môça uma poção, que a faça - abortar.

Frei Timóteo: É um assunto que requer reflexão.

Ligúrio: Vêde, em assim obrando, quantos bens advirão daí: preservais- a honra do mosteiro, da môça, dos parentes, devolveis ao pai- uma filha, satisfareis messer Nícia a tôda a sua parentela e dais tantas esmola quantas podem distribuir-se com êsses trezentos dudados; por outro lado, não ofendeis senão um pedaço- de carne, que ainda não nesceu, que não tem sexo e que, em - mil maneiras, poderia perder-se. Creio que seja bem aquilo - que favorece as mais das pessoas e de que se regozije o mior- número delas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 42.

Divisão de Documentação 41

Frei Timóteo: Seja tudo em nome de Deus. Faça-se o que desejais e pelo amor de Deus e à caridade, não de deixe nada por fazer. Dizei-me qual é o mosteiro, dei-me a poção e, se não vos dezagrada, também êsse dinheiro, com que possa começar a praticar algum bem.

Ligúrio: Agora, me pareceis realmente aquêle religioso, que sempre vos julguei. Tomai êste dinheiro à conta. O mosteiro é ... Esperai um momento. Está ali na igreja uma mulher, fazendo-me sinal.- Volto já. Não vos afasteis de Messes Nícia. Vou saber o que - quer de mim.

CENA V

Frei Timóteo e Messer Nícia.

DPF DCDP Fls. N.º 38 Rubrica

Frei Timóteo: Essa môça, que idade tam?

Messer Nícia: Estou assombrado.

Frei Timóteo: Perguntei que idade tem a môça.

Messer Nícia: O diabo que o carregue!

Frei Timóteo: Por que?

Messer Nícia: Para que fique com êle!

Frei Timóteo: Estou bem arranjado. Tenho de lidar com um louco e com - um surdo. Um dêles foge e o outro não houve. Mas se estas não são rodelas, Hei de sair-me melhor do que êles! Eis Ligúrio que volta para aqui:

CENA VI

Ligúrio, Frei Timóteo e messer Nícia.

Ligúrio: Por favor, ficai quieto, messere. Oh, padre! Traga uma grande no nova.

Frei Timóteo: Qual é ?

Ligúrio: A mulher com quem falei, disse-me que a môça abortou sòzinha.

Frei Timóteo: Muito bem; a esmola será distribuida.

Ligúrio: Que dizeis?

Frei Timóteo: Digo que, com maior razão, devereis dar a esmola.

Ligúrio: A esmola se dará, se quiserdes; mas é preciso que façais ou-- tra coisa, cá em benefício do doutor.

Frei Timóteo: De que se trata?

Ligúrio: Coisa de menor menta e de menor escândalo, mais grata a nós , mais útil a vós.

Frei Timóteo: Falai. Estou convosco em tão bons têrmos e parece-me havermos contraido tamanha intimidade. que não há nada que esperar aqui. Voltemos já.

Messer Nícia: Sim, por mal dos meus pecados!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 43.

DPF DCDP Fls. N.º 39 Rubrica

Divisão de Censura de Diversões Públicas 42

Frei Timóteo: Vamos.

CENA VII

Messer Nícia, sòzinho.

Messer Nícia: É dia ou noite? Estou acordado ou sonhando? Acaso, estarei bêbedo, se bem que hoje nada bebesse, para deixar-me embalar em tais cantigas? Ficamos de dizer uma coisa ao frade, e êle diz outra: depois quis que me fizesse de surdo e fôra mister que eu pudesse breu nas orelhas, como o Dinamarques, para não ter de ouvir os disparates que disseram. Só Deus sabe com qual propósito! Estou com vinte e cinco ducados a menos, do que interessa ainda não se falou e, agora, largaram-me aqui em pé, como um palerma. Mas ai estão de volta. Aí dêles, se não cuidarem do meu caso!

CENA VIII

Frei Timóteo, Ligúrio e messer Nícia.

Frei Timóteo: Mandai vir as mulheres. Sei o que devo fazer; e, se a minha autoridade tiver algum valor, hoje à noite concluiremos o casório.

Ligúrio: Messe Nícia:; frei Timóteo está disposto a fazer tudo. Cumpre prover, para que as mulheres venham.

Messer Nícia: Devolves-me a vida. Acha que será varão?

Ligúrio: Vosso filho? Varão, sem dúvida.

Messer Nícia: Eu já choro de ternura.

Frei Timóteo: Entrai na igreja e eu esperarei aqui pelas mulheres. Ficai em lugar onde elas não vos vejam; e depois que partirem, sereis inteirados do que disseram.

CENA IX

Frei Timóteo, sòzinho.

Não sei quem, de nós dois, empulhou o outro. Êsse malvado de Ligúrio veio aqui com aquela primeira nova, para tentar-me; se eu não consentise nela, não me diriam a outra, para não trairem seus planos sem proveito, pois da falsa não cuidavam. É verdade que eu caí na esparela; mas êsse logro me traz vantagens. Messer Nícia e Calímaco são ricos e de cada um dêles, por diferentes razões, poderei tirar bom proveito. Convém que a coisa fique em segredo, que isso interessa tanto a êles quanto a mim. Seja lá como fôr, não me arrependo. É certo que receio -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.44.

Divisão de Censura e Diversões Públicas 43

não surja alguma dificuldade, pois a senhora Lucrécia é avisada e honesta; mas eu me pegarei à sua bondade. Cachola de mulher tem pouco miolo; e quando uma delas sabe dizer duas palavras, logo anda nas bôcas do mundo, pois em terra de cegos quem tem um ôlho é rei. Mas ei-la que vem - com a mãe, que é um verdadeiro animal e me será de grande auxílio para dobrá-la à minha vontade.

DPF DCDP Fls. N.º 40 Rubrica

CENA X

Sóstrata e Lucrécia.

Sóstrata: Penso que estás persuadida, minha filha, de que prezo a tua honra mais do que ninguém neste mundo e de que não te aconselharia - coisa que fôsse desconveniente. Disse e repito que, se frei Timóteo - afirmar que não há encargo de consciência, deverás fazê-lo, sem nenhuma preocupação.

Lucrécia: Sempre receei que a vontade de ter filhos, que anima messer Nícia, não nos faça cometer algum êrro; por isso, tôda a - vêz em que êle me falou nalguma coisa, fiquei temerosa e em grnade apreensão, mormente depois que me aconteceu aquilo - que sabeis, por ter ido à missa nos Servistas. Mas, de tudo o o que até aqui se tentou, isto de submeter o meu corpo a - vitupério e ser causa de que um homem morra para ultrajar-- me, parece o mais estranho. Pois não creio que, se ficasse-sòzinha no mundo e de mim dependesse o renascer da espécie-humana, eu me acomodaria a tomar tal partido.

Sóstrata: Não sei dizer-te nada, minha filha, Falarás com o frade, ouvirás o que êle dirá e farás, depois, o que te aconselharem êle, nós e os que te querem bem.

Lucrécia: Estou suando de emoção.

CENA XI

Frei Timóteo, Lucrécia e Sóstrata.

Frei Timóteo: Sêde bem-vindas! Sei que desejais ouvir de mim, porque - messer Nícia já me falou. E, na verdade, consultei os livros, estudando a questão, durante mais de duas horas; e após longas pesquisas, encontrei muita coisa, que, em particular e em geral, se ajusta ao nosso caso.

Lucrécia: Falais a sério, padre, ou gracejais?

Frei Timóteo: Oh, minha senhora Lucrécia! Então, êsse é assunto com - o qual se graceja? Acaso, me conheceis sòmente desde agora?

Lucrécia: Não, padre, mas esta me parece a coisa mais estranha que jamais ouvi.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.45.

Censura Pública Civil 44

Frei Timóteo: Acredito-vos, senhora; mas não quero que digais mais isso. Há muitas coisas, que, de longe, parecem terríveis, inadmissíveis, estranhas; mas, quando delas nos acercamos , revelam se humanas, aceitáveis, corriqueiras. Por isso se diz serem os sustos maiores do que os males. E êste é um dos exemplos.

DPF DCDP Fls. N.º 41

Lucrécia: Deus o queira!

Desejo voltar ao que dizis ainda há puco. Quanto à consciência, deveis adotar êste principio geral, que, onde há um bem certo e um mal incerto, nunca se deve deixar êsse bem - por mêdo daquele mal. Aqui temos um bem certo: que vós concebereis e conquistareis.uma alma para Deus Nosso Senhor; o mal incerto é que aquêle que se deite convosco, após a poção, venha a morrer. Mas há também os que não morrem. Sendo assim a coisa duvidosa, é bom que Messer Nícia não corra - êsse perigo. Quanto ao ato, que seja pecado é uma léria , porque a vontade e quem peca, e não o corpo; e a causa do pecado seria descontentar o marido, e vós o contentais; seria ter prazer nêle, e vós provais desgôsto. Além disso, deve em tôdas as coisas, considerar-se o fim; o vosso é - preencher uma vaga no paraíso, satisfazendo vosso marido. - Diz a Bíblia que as filhas de Lot, julgando que tivessem ficado sós no mundo, se uniram com o pai; e, porque sua intenção foi boa, não pecaram:

Lucrécia: De que tentais persuadir-me?

Sóstrata: Persuade-te à submissão, minha filha. Não vês que uma mulher sem filhos é uma mulher sem lar? Morre-lhe o marido e fica como um bicho, abandonado por todos.

Frei Timóteo: Eu vos juro, senhora, por êste peito sagrado, que há - tanto caso de consciência, em obedecer à vontade de vosso marido, neste caso, quanto em comer carne às quartas-feiras, que é pecado que vai com água benta.

Lucrécia: Aonde me conduzis, padre?

Frei Timóteo: Conduzo-vos as coisas pelas queais tereis sempre motivo de rezar a Deus por mim; e mais satisfeita estareis daqui a um ano, do que agora.

Sóstrata: Ela fará o que quiserdes. Quero, hoje à noite, pô-la eu mesma na cama. De que tens mêdo, toleirona? Há não sei quantas mulheres, neste mundo, que ergueriam as mãos ao céu, no teu lugar!

Lucrécia: Farei a vossa vontade. Mas não creio que ainda estarei viva, amanhã de manhã.

Frei Timóteo: Não duvides, minha filha; Rezarei a Deus por tí, direi-a oração de arcanjo Rafael, para que te acompanhe. Ide

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.46.

em paz e preparai-vos para êsse mistério, que já anoitece

Sóstrata: Ficai descansado, padre.

Lucrécia: Valham-me Deus e Nossa Senhora, para que não me aconteça nenhum mal!

DPF DCDP Fls. N.º 42 Rubrica

CENA XII

Frei Timóteo, Ligúrio e Messer Nícia.

Frei Timóteo: Ó Ligúrio, vinde cá fora!

Ligúrio: Então, como vão as coisas?

Frei Timóteo: Muito bem. Foram para casa dispostas a fazer tudo; e não surgirão mais dificuldades, porque a mãe ficará com ela e irá pô-la ela mesma na cama.

Messer Nícia: Dizeis a verdade?

Frei Timóteo: Ora esta! Vejo que sarastes da surdez!

Ligúrio: São Clemente lhe concedeu essa graça.

Frei Timóteo: Convirá, então, colocar-lhe no altar uma imagem e promovermos um pouco de comércio em tôrno dela, a fim de que eu também tenha algum lucro no caso.

Messer Nícia: Não entremos em pormenores inúteis. Vamos ao que importa Minha mulher criará alguma dificuldade em fazer o que eu quero?

Frei Timóteo: Já vos disse que não:

Messer Nícia: Sou o homem mais feliz do mundo.

Frei Timóteo: Pudera! Ganhareis um filho varão; e pior para quem não o tem!

Ligúrio: Ide às vossas orações, frade, e se precisarmos de mais alguma coisa, viremos falar convosco. Vós, messere, ide ter com a vossa espôsa, para sustentá-la nessa resolução, enquanto eu procurarei mestre Calímaco, para que vos mande a poção; e, a uma hora, fazei com que eu vos torne, para dispormos o que se há de fazer às quatro.

Messer Nícia: Bizes bem; adeus!

Frei Timóteo: Ide em paz!

CANÇÃO

após o III ato.

Tão suave é o engano,
levado ao fim tão almejado e caro,
que bane a alheia angústia
e doce faz todo o sabor amargo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459 p.47.

Divisão de Censura Pública · Divisão de Diversões Públicas

Oh, remédio alto e raro,
que o bom caminho aponta à alma errante!
Com teu grande valor,
tornando outrem feliz, brindas o Amor
e vences, só có'os teus conselhos santos,
pedras, veneno e encantos.

DPF DCDP Fls. N.º 43 Rubrica

QUARTO ATO

CENA I

Calímaco sòzinho.

Calímaco: Bem gostaria de saber o que andou fazendo essa gente. Será - que não reverei Ligúrio? E não são apenas vinte e três, mas já vinte e quatro horas! Em que angústia d'alma estive e estou! E é verdade que o fado e a natureza mantêm sempre em equilíbrio as contas do balanço: nunca nos fazem um bem, que, de encontro, não surja um mal. Quanto mais crescem minha esperança, tanto mais aumenta o meu mêdo. Coitado de mim! Será possível que deva viver em tamanha aflição, atribulado por êstes temores e estas esperanças? Sou como uma nau açoitada por dois ventos contrários, que tanto mais teme, quanto mais se acha próxima do pôrto. A parvoice de messe Induz-me a esperar, a prudência e a dureza de Lucrécia ma fazem temer. Ai de mim, que não encontro paz em parte alguma! Procuro, por - momentos, dominar-me, repreendendo-me do meu furor e dizendo a mim mesmo: Que fazes? Enlouqueceste? E, ainda que a consigas, será de ti? Reconhecerás teu êrro, ficarás arrependido das fadigas e apoquentações que tiveste. Não sabes quão pouco bem se encontra nas coisas que o homem deseja, em comparação com o que o homem supõs encontrar nelas? Por outro lado o pior que te pode acontecer é morrer e ir para o inferno . Mas já morreu tanta gente! E estão no inferno tantos homens de bem! Deverás, porventura, envergonhar-te de lá ires também? Arrasta o destino; foge o mal, mas, se não podes fugí-lo, suporta-o como homem, não te prosternes, não te acovardes como uma mulher. E, assim, levanto o meu ânimo, mas apenas por pouco tempo, porque logo de tosos os lados me acomete tamanho desejo de possuí-la ao menos um vez, que sinto todo transtornado: as pernas me tremem, as vísceras comovem-se, o coração me salta do peito, caem-me os braços, a lingua emudece, os olhos se me ofuscam, o cérebro me anda à roda. Contudo, se encontrasse Ligúrio, teria, ao menos, alguém, com quem desabafar. Mas ei-lo que vem rápido na minha direção. O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p-48.

47

seu relato fará com que eu ainda viva por pouco ou quinze ra de vez.

DPF DCDP Fls. N.º 44 Rubrica

CENA II

Ligúrio e Calímaco

Ligúrio: Nunca desejei tanto encontrar Calímaco e nunca custou tanto - encontrá-lo. Se lhe trouxesse mãs novas, já o teria encontrado. Estive em casa, na praça, no mercado, no Pancone dos Spini, na Loggia dos Tornaquinci, e não o achei. Êsses apaixonados têm azougue debaixo dospés e não podem ficar parados um só momento.

Calímco: Que faço, que não o chamo? Parce-me, até, que êle está alegre Olá, Ligúrio! Ligúrio!

Ligúrio: Oh, Calímaco! Onde estiveste?

Calimaco: Que noticias me trazes?

Ligúrio: Muito boas.

Calímaco: Boas, deveras?

Ligúrio: Ótimas.

Calímaco: Lucrécia consente?

Ligúrio: Sim.

Calímaco: O frade fêz o necessário?

Ligúrio: Fêz.

Calímaco: Oh, frade bendito! Rezarei sempre a Deus por êle.

Ligúrio: Devagar! Como se Deus concedesse as graças do mal como as do-bem! O frade vai querer coisa bem diferente das tuas rezas!

Calímaco: Que irá êle querer?

Ligúrio: Dinheiro!

Calímaco: Pos lho daremos. Quanto lhe prometeste?

Ligúrio: Trezentos ducados.

Calímaco: Fizeste muito bem.

Ligúrio: O doutor desembolsou vinte e cinco.

Calímaco: Como?

Ligúrio: É suficiente saberes que os desembolsou.

Calímaco: E que fêz a mãe de Lucrécia?

Ligúrio: Quase tudo. Quando viu que a filha tinha modo de passar estanoite sem pecado, não parou de rogar, mandar, confortar lucrécia, enquanto não a levasse a falar com o frade; e, depois, obrou de tal maneira, que ela consentiu.

Calímaco: Oh, meu Deus! por quais méritos meus deverei receber tantos-benefícios? Ainda morro de contentamento.

Ligúrio: Mas que espécie de gente é essa? Ora de contentamento, ora de dor, êsse aí quer morrer a todo o transe. Já preparaste a poção?

segue pag. 49

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.49.

DPF DCDP Fls. N.º 45 Rubrica

Censura de Diversões Públicas 48

Ligúrio: Não basta.

Calímaco: Desta maneira?

Ligúrio: Sim, si, guarda isso bem na mente. Tenho em casa um nariz postiço; quero que o

Calímaco: Está bem. Mas que necessitará, depois?

Ligúrio: Assim que apareceres na esquina, nós, que já lá estaremos, - trataremos de arrancar-te o alaúde das mãos e de agarrar-te ; e depois de fazer-te rodar sôbre tí mesmo, te levaremos para-casa e te poremos na cama. O resto, deverás prover sòzinho!

Calímaco: A questão é chegar lá!

Ligúrio: Chegarás: Mas, fazer com que possas lá voltar, cabe a tí e não a nós.

Calímaco: Como?

Ligúrio: Tudo depende de que a conquistes esta noite e, antes de partires, revelando-lhe quem és, lhe descubra o ambuste, lhe mos-- tres o amor que tens por ela, lhe digas o bem que lhe queres; demonstrando-lhe como, sem infâmia, pose tornar-se tua amiga- ou, com grande infâmia sua, tua inimiga. É impossível que ela não concorde contigo e queira que esta noite seja a única.

Calímaco: Acreditas nisso, deveras?

Ligúrio: Tenho certeza. Mas não percamos mais tempo: já são duas horas. Chama Siro, manda a poção a messe Nícia e espera por mim em casa. Irei à procura do frade e o farei disfarçar-se. Depois- o conduziremos aqui, encontraremos o doutor e faremos o que ainda falta.

Calímaco: Dizes bem. Vai depressa!

CENA III

Calímaco e Siro

Calímaco: Olá, Siro.

Siro: Meu senhor!

Calímaco: Vem cá!

Siro: Aqui estou.

Calímaco: Apanha aquêle copo de prata, que está dentro do armário do - quarto, cobre-o com um paninho e traze-o aqui; e toma cuidado em não entorná-lo no caminho.

Siro: Vou já, sim, senhor.

Calímaco: Êsse está comogo há dez anos e sempre me serviu fielmente. Penso que, também desta vez, poderei contar com êle; e , se bem que não lhe explicasse o embuste, certamente o fareja, pois é bem ladino e vejo que se vai acomodando as circunstancias.

Segue na pag. 50

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 50.

DPF DCDP Fls. N.º 46 Rubrica

Censura de Diversões Públicas - Ofício 49

Calímaco: Já, sim.
Ligúrio: Que vais mandar-lhe?
Calímaco: Um copo de hipocraz, que é próprio para restaurar o estômago e alegrar o cérebro...Ai de mim, ai de mim,ai de mim! sou um homem morto!
Ligúrio: Que foi? Que ouve?
Calímaco: Qual, não há remédio!
Ligúrio: Que diabo aconteceu?
Calímaco: Demos com os burros n'água e estou num beco sem saida!
Ligúrio: Por quê? Fala de uma vez! Tira as mãos do rosto.
Calímaco: Não te lembras de que eu disse a messe Nícia que eu, tu, êle- e siro iríamos agarrar um indíviduo qualquer, para pô-lo no leito da espôsa?
Ligúrio: E isso que nos importa?
Calímaco: Como, que nos importa? Se eu estiver convosco, não poderei - ser o tal que será agarrado; e, se não estiver, êle perceberá e engano.
Ligúrio: É verdade. Mas não haverá remédio?
Calímaco: Creio que não.
Ligúrio: Pois acho que deve haver.
Calímaco: E qual?
Ligúrio: Quero pensar um pouco no assunto.
Calímaco: Bonito serviço! Estou bem arranjado, se ainda tens de pensar nêle.
Ligúrio: Pronto, já achei.
Calímaco: Que faremos, então?
Ligúrio: Farei com que o frade, que os auxiliou até aqui, se encarregue também do resto.
Calímaco: De q ue modo?
Ligúrio: Temos de disfarçar-nos todos, não é assim? Pois farei disfarçar-se também o frade: imitará a tua voz, o rosto, o trajo; - direi ao doutor que és tu e êle acreditará.
Calímaco: A idéia é boa; mas que farei eu?
Ligúrio: Penso que deverás pôr uma capinha em cima da roupa e, segurando um alaúde, vir andando, dali do canto da casa, cantando - uma canção.
Calímaco: De rosto descoberto?
Ligúrio: Sim, porque, se usasses máscara, êle entraria em suspeita.
Calímaco: Irá reconhecer-me.
Ligúrio; Não, porque quero que entortes o rosto, que abras, adelgaces- ou arreganhes a bôca e feches um ôlho. Experimenta.
Calímaco: Faço assim?
Ligúrio: Não.
Calímaco: Assim?

Segue pag. 45

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459.p.51

50

Siro: Cá está o copo.

Calímcaco: Muito bem. Vai à casa de messe Nícia e dize-lhe que êste é o remédio que a espôsa deverá tomar, logo depois da ceia e, quanto mais cedo, tanto melhor, dize-lhe, mais, que nós estaremos na esquina, na hora aprazada, e que êle trate de estar também. Vai depressa.

Siro: Imediatamente.

Calímaco: Escute. Se êle quiser que o esperes, espera-o e vem ter aqui junto com êle; se não quiser, volta imdediatamente, depois de lhe entregares o copo e dar-lhe o meu recado.

Siro: Sim, meu senhor.

DPF DCDP Fls. N.º 47 Rubrica

CENA IV

Calímaco sòzinho

Calímaco- Espero que Ligúrio volte com o frade; e quem diz que esperar é coisa dura, diz a verdade. Perco dez libras de pêso a cada hora que passa, ao pensar onde estou agora e onde poderei estar dentro de duas horas e tolhido pelo mêdo de que não surja alguma novidade, que transtorne o meu plano. porque, se surgir, esta será a derradeira hora da minha vida, pois ou me atirarei ao Arno ou me enforcarei ou me lançarei de uma janela ou me transpassarei com uma faca diante da ponta da sua casa. Farei qualquer coisa, para não mais viver. Mas é Ligúrio quem vejo ai? Sim, é êle e traz consigo alguém, que parece corcunda e coxo; deve ser, certamente, o frade disfarçado. Oh, frades! Quem conhece um, conhece-os todos. Mas quem será êsse outro, que se acercou dêle? Perece-me Siro, que já terá dado o recado ao doutor. É êle mesmo. Quero esperá-los aqui. para combinar-me com êles.

CENA V

Siro, Ligúrio, frei Timóteo, disfarçado, e Calímaco

Siro: Quem é êsse que está contigo, Ligúrio?

Ligúrio: Um homem de bem.

Siro: É coco ou está fingindo?

Ligúrio: Não é da tua conta.

Siro: Oh! tem o rosto de satanaz!

Ligúrio: Cale-te, sim? que já nos aborreceste! Onde está Calímaco?

Calímaco: Aqui me tendes. Sêde bem-vindos!

Ligúrio: Ó Calímaco, reprende êste nésceo de Siro; já disse mil disparates.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0439, p. 52

Censura de Diversões Públicas 51

Calímaco: Ouves-me Siro: hoje à noite deverás obedecer a tudo que te disser Ligúrio e fazer de conta, quant êle te der uma ordem que fui eu próprio quem a deu a daquilo que vires ou ouvires, deverás guardar segrêdo, na medida que estimes haverdes e honra, a minha vida e o teu interêsse.

DPF DCDP Fls. N.º 48 Rubrica

Siro: Assim farei.

Calímaco: Entregais o copo ao doutor?

Siro: Sim, senhor.

Calímaco: Que disse êle?

Siro: Que, agora, proverá a tudo.

Frei Timóteo: É êsse aí Calímaco?

Calímaco: Sim, sou eu, um vosso criado. Podereis dipor de mim e dos meus bens, como se fôssem coisa vossa.

Frei Timóteo: Já me foi dito e o creio; e entrei a fazer, por ti, o que não teria feito por nenhum outro homem dêste mundo.

Calímaco: Não será trabalho perdido.

Frei Timóteo: Basta-me que me queiras bem.

Ligúrio: Deixemo-nos de cerimônias. Eu e Siro iremos disfarçar-nos. Tu, Calímaco, vem conosco, para poderes, depois, ir tratar da tua vida. O frade esperará por nós aqui; voltaremos sem demora e iremos ter com messer Nícia.

Calímaco: Dizes bem; vamos,

Frei Timóteo: Fico à vossa espera.

CENA VI

Frei Timóteo, disfarçado, sòzinho.

Frei Timóteo: Falam a verdade, os que dizem que as más companhias levam os homens à fôrca; e, a miúdo, acaba uma pessoa saindo-se mal, quer por ser demasiado complacente e bondosa, quer por ser demasiado malvada. Sabe Deus que eu não pensava em causar mal a ninguém. Estava na minha cela, rezava o meu ofício, cuidava dos meus devotos. Surgiu-me pela frente êsse diabo de Ligúrio, que me fêz molhar o dedo num êrro, onde acabei por mergulhar o braço e o corpo todo, sem que saiba aonde irei parar. Consolo-me, todavia, pensando que, quando uma coisa a muitos importa muitos são os que devem cuidar dela. Mas eis Ligúrio eo criado de volta.

CENA VII

Frei Timóteo, Ligúrio e Siro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.53.

DPF DCDP Fls. N.º 49 Rubrica

52

Frei Timóteo: Ainda bem que estais de volta!
Ligúrio: Que tal lhe parece o nosso disfarce?
Frei Timóteo: Ótimo.
Ligúrio: Falta apenas o doutor. Vamos na direção da sua casa. Já são mais de três horas. Vamos!
Siro: Quem será que está abrindo a porta da casa? O criado?
Ligúrio: Não, é êle, Ah, ah, ah, ah, ah!
Siro: Estás a rir?
Ligúrio: Quem não haveria de rir? O homem envergou um garnachim, que - não chega a cobrir-lhe o cu. E que diabo pôs na cabeça? Parece-me uma dessa pelicas de cônegos; e, por baixo, traz um espadim. Ah, ah! Resmunga não sei o que. Afastemo-nos um pouco certamente, ouviremos alguma nova desgraça da espôsa.

CENA VIII

Messer Nícia, disfarçado.

Messer Nícia: Quantos melindres tem essa louca da minha mulher! Mandou a criada para casa da sua mãe e o servidor para fora da cidade. Disso eu a louvo; mas já não a louvo de que, antes de decidir-se a ir para a cama, se abespinhasse tanto! - Não quero! ... Como hei de fazer?... Que pretendeis que eu faça?... Ai de mim, minha mãe! ...-E, se não fôsse a mãe passar-lhe uma sarabanda, não entrava na cama - nem à mão de Deus Padre.' Maus raios a partam! Gosto de ver as mulheres suscetíveis, mas não até êsse ponto! Quase nos pôs loucos, êsse miolo de gata! E há quem dissesse: - Seja enforcada a mulher mais avisada de Florença!- Ela diria: - Que te fiz eu ?:.. Eu sei que, agora, a coisa vai entrar no devido lugar e que, antes de retirar-me do jôgo, poderei dizer que vi tudo por meus próprios --- ôlhos. Mas como estou bem nêste disfarce! Quem iria reconhecer-me? pareço mais alto, mais jovem, mais esbelto; - não haveria mulher que não me quisesse na cama de graça. Mas onde estão os outros?

CENA IX

Ligúrio, Frei Timóteo, Messer Nícia e Siro.

Ligúrio: Boa noite, messere!
Messer Nícia: Eh! Eh! Eh!
Ligúrio: Não tenhais mêdo: Somos nós.
Messe Nícia: Ah, aqui estais todos! Se não vos reconhecesse logo, te-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.54.

53

ríeis recebido com esta lâmina, a estocada mais direita que eu sobesse! Tu és Lígúrio? E tu, Siro? E êsse outro, o mestre? Ah!

Sigúrio: Sim, senhor.

Messer Nícia: Afasta-se! Oh, disfarçou-se bem, que não o reconheceria o demo!

Ligúrio: Mandei-lhe pôr duas nozes na bôca, para que não o reconheçam pela voz.

DPF DCDP Fls. N.º 50 Rubrica

Messer Nícia: És um asno.

Ligúrio: Por quê?

Messe Nícia. Porque não me disseste isso mais cedo? Eu também teria posto duas, pois sabes como é importante não ser reconhecido pela fala!

Ligúrio: Tomai, ponde na bôca isto.

Messer Nícia: Que vem a ser?

Ligúrio: Uma bola de cêra.

Messer Nícia: Dá cá... Ca,pu, ca,co,co,cu,cus.. Que te arrebente o diabo patife!

Ligúrio- Perdoai-me que vos dei bola trocada; foi sem querer.

Messe Nícia: Ca, ca, pu, pu... De que, de que, de que era?

Ligúrio: De aloés.

Messer Nícia: Em má hora desgraçado! Cus, cus... Mestre, não dizeis nada?

Frei Timóteo: Ligúrio me encolarizou.

Messer Nícia: Oh, como disfarçais bem a voz!

Ligúrio: Não percamos mais tempo. Quero ser o capitão e ordenar o exercito para a jornada. No corno direito, soloque-se Calímaco, no esquerdo, ficarei eu, e, entre os dois cornos, tome posição o doutor, Siro permanecerá na retaguarda, para levar refôrço ao lado que fraquejar. E o santo e senha seja São Cocu.

Messe Nícia: Quem é São Cocu?

Ligúrio: É o santo mais venerado que há na França. Vamos, preparemos a emboscada nesta esquina. Escutai: Ouço um som da alaúde.

Messer Nícia: Sim. é um alaúde. Que vamos fazer?

Ligúrio: Deve mandar-se à frente um batedor, para descobrir quem é; e conforme o que êle nos relatar, assim obraremos.

Messer Nícia: Quem irá?

Ligúrio: Vai tu, Siro. Sabes o que deves fazer. Considera, examina, volta logo e refere.

Siro: Vou já.

Messer Nícia: Eu não desejaria que gastássemos cêra com ruim defunto, agarrando algum velho! débil ou enfermiço, e tivesse êste jôgo de recomeçar-se amanhã à noite.

Ligúrio: Não tenhais êsse receio. Siro é homem sabido. Ei-lo de volta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p-55.

54

Que tal o achas, Siro?

Siro: É o malandro mais guapo que jamais vísseis! Não terá vinte e cinco anos de idade e vem por aí, sòzinho, com uma capinha em cima, tocando alaúde.

Messer Nícia: Está a calhar, se dizer a verdade, mas vê lá se te enganas, que te custaria muito caro!

Siro: É como disse.

Ligúrio: Esperemos que cobre a esquina e logo lhe saltaremos em cima -

Messer Nícia: Cheguei para cá, mestre; pareceis-me um homem de pau. Ei-lo.

DPF DCDP Fls. N.º 51 Rubrica

Calímaco: Ir contigo prá cama possa o demo,
já que não me é possível ir lá eu!

Ligúrio: Cala a bôca, tratante. E dá cá êsse alaúde.

Calímaco: Ai de mim! Que mal fiz eu?

Messer Nícia: Já vai sabê-lo. Cobre a cabeça, põe-lhe a mordaça!

Ligúrio: Fá-lo rodar!

Messer Nícia: Dai-lhe outra vôlta! Mais uma ! Empurrai-o para dentro de casa!

Frei Timóteo: Messer Nícia. eu irei repousar, pois morro de dor de cabeça. E, se não fôr preciso, amanhã de manhã não voltarei:

Messer Nícia: Pois não, mestre, não voltareis; saberemos arranjar-nos-sòzinhos.

CENA X

Frei Timóteo , sòzinho

Frei Timóteo: Encafurnaram-se em casa e eu irei para o convento. E vós, espectadores, não nos censureis, porque, esta noite, não dormirá ninguém, já que os atos não são interrompidos pelo tempo. Quanto a mim rezarei o ofício. Ligúrio e Siro tomarão sua ceia, que nada ainda comeram hoje, e o doutor irá ao quarto para a sala, a fim de que não se lhe entorne o caldo. Calímaco e a senhora Lucrécia não dormirão, porque bem sei, se eu fôsse êle e vós fôsseis ela , que nós não dormiriamos.

CANÇÃO

após o IV ato.

Oh, doce noite, Oh, santas,
calmas horas noturnas,
que velais os amantes ansiosos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.56.

55

Unem-se em vós tamanhas
ladices, que outra fonte
não conhecem as almas venturosas.
Vós justo prêmio dando
às amorosas tropas,
pelas longas fadigas,
fazeis, horas ditosas,
todo o peito de gêlo arder de amor!

DPF DCDP Fls. N.º 52 Rubrica

QUINTO ATO

CENA I

Frei Timóteo, sòzinho

Frei Timóteo: Esta noite, não pude pregar o ôlho, tamanho é o meu desejo de saber como Calímaco e os outros se sairam da empresa. Tratei de ocupar o tempo em várias coisas: rezei as matinas, li uma vida dos Santos Padres, fui à igreja, onde acendi uma lâmpada que se apagara, mudei um véu numa Virgem milagrosa. Quantas vêzes não disse a êsses frades que a conservem limpa! Admiram-se, depois, de que falta a devoção. Eu me lembro de que já houve, diante dela, quinhentas imagens pelas graças recebidas e, hoje, não haverá vinte; a culpa é nossa, que não lhe soubemos manter a reputação. Usavamos todas as noites, depois das completas, ir lá em procissão e, todos os sábados, mandar cantar-lhe as laudas. Era a ela que sempre faziamos promessas, par que em seu altar se vissem imagens novas; e nas confissões, exortavamos homens e mulheres a se lhe voltarem. Hoje, não se faz mais nada disso; e ainda nos estranha que as coisas andem tíbias! Oh, como são duros da moleira, êstes meus frades! Mais oiço um grnade alarido vir da casa de Messer Nícia. Si-los, à; fazem sair o prêso. Demoraram-se até o último momento; já está, justamente, raiando o dia. Quero ficar aqui, sem ser visto, a ouvir o que dizem.

CENA II

Messer Nícia, Calímaco, Ligúrio e Siro.

Messer Nícia: Agarro-o dêsse lado, que eu o agarro dêste; e tu, Siro, segura-o por detrás, pela capa.

Calímaco: Não me maltrateis!

Ligúrio: Não tenhais Mêdo podes ir embora.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 57.

Messer Nícia: É melhor não irmos mais adiante.

Ligúrio: Tendes razão. Soltemo-lo aqui mesmo, Mas, antes, vamos fazer lhe dar um par de reviravoltas, par que não saiba de onde saíu. Fá-lo rodar, Siro!

DPF DCDP Fls. N.º 33 Rubrica

Siro: Pronto!

Messer Nícia: Vira-o outra vez!

Siro: Cá está.

Calímaco: O meu alaúde!

Ligúrio: Vai-te embora, tratante, some-te daqui! E, se te oiço dizeres uma só palavra, corto-te o pescoço!

Messer Nícia: Deu às pernas. Vamos despir êste disfarce; e convirá que saiamos todos bem cedo da casa, par que não pareça que passamos a noite em claro.

Messer Nícia: Tu e Siro ide ter com o mestre Calímaco e referí-lhe que tudo saiu a contento.

Ligúrio: Que poderemos dizer-lhe? Nós não sabemos nada. Deveis estar lembrado de que, tão cedo chegamos à vossa casa, fomos para a adega, beber. Nós e a sogra tomastes conta dêle e não vos tornamos a ver senão agora quando nos chamastes para mandá-lo embora.

Messer Nícia: É verdade. Oh, quanta cois bonita temos para contar-vos! Minha mulher estava na cama, no escuro, Sóstrata esperava por mim junto de tomo. Cheguei com o maroto e, por via das dúvidas, levei-o para uma despensa, que dá para a sala, onde umafrouxa lâmpada lançava alguma luz, de modo, que êle não podia ver o meu rosto.

Messer Nícia:

maneira que lhe pareceu mil anos o tempo de tirar a roupa e ficar nú. De rosto, era feio. Tinha um narigão e a boca torta; mas nunca vi carnes tão lindas; Branquinho, macio, polpudo! E não me perguntes o resto.

Ligúrio: É melhor não falar nisso, pois era preciso examiná-lo todo.

Messer Nícia: Queres zombar de mim? Já que estava com a mão na massa quis ver o fundo à canastra? e depois, verificar se êle era são. Se tivesse as pústulas, que seria de mim, agora? Estaria bem arranjado.

Ligúrio: Vós é que estais com a razão.

Messe Nícia: Como vi que era sadio, arrastei-o para o quarto e, no escuro, meti-o na cama. Mas, antes de afastar-me, quis ter prova palpável de como estava a coisa, pois não costumo comprar nabos em saco.

Ligúrio: Com quanta prudência vos governastes, nesse caso!

Messer Nícia: Depois de tocar e ver tudo, saí do quarto, fechei a por

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.58.

Divisão de Censura e Diversões Públicas 57

ta, fui ter com minha sogra, que ficara perto do fogo, e passamos a noite tôda conversando.

Ligúrio: Do que conversastes?

Messer Nícia: Da tolice de Lucrécia e de como fôra melhor que, deixando-se de tantas histórias, tivesse cedido logo. Depois, falamos do menino, que já me parece tê-lo nos braços, o me pequerucho; até que ouvi baterem três horas. Temendo que o dia chegasse, fui para o quarto. Que dirieis, heim? Não conseguia mais arrancar o velhaco de lá!

Ligúrio: Acredito!

Messer Nícia: Soubera-lhe bem o petisco! Contudo, levantou-se, eu vos chamei e o trouxemos para fora.

DPF DCDP Fls. N.º 54 Rubrica

Ligúrio: Enfim, tudo correu bem.

Messer Nícia: Pois acredita que lastimo.

Ligúrio: O que ?

Messer Nícia: Êsse pobre rapaz: que tenha de morrer tão cedo e que esta noite lhe deva custar tão caro.

Ligúrio: Vê-se que não tendes mais nada em que pensar! Deixai êsse cuidado á êle.

Messer Nícia: Falais a verdade. Não vejo a hora de encontrar mestre Calímaco, para regozijar-me com êle.

Ligúrio: Dentro de uma hora, sairá de casa. Mas já é dia claro. Nós - iremos despir-nos, vós, que fareis?

Messer Nícia: Também irei para casa, pôr uma roupa decente. Mandarei - minha mulher levantar-se e lavar-se a a farei ir à igreja, para purificação. Gostaria de que vós e Calímaco lá estivesseis também e falássemos com o frade, para agradecer-lhe o bem que nos fêz e recompensá-lo.

Lígúrio: Dizeis bem. É o que faremos.

CENA III

Frei Timóteo, sòzinho

Frei Timóteo: Gostei desta conversa, considerando quanta estulticia há nesse doutor; mas é a conclusão final que sobremodo me agradou. E, já que irão visitar-me quero demorar-me mais-aqui, mas esperá-los na igreja, onde poderei vender melhor o meu peixe. Mas quem está sainda dessa casa? Parece-me Ligúrio e, junto com êle, deve vir Calímaco, Não quero que me vejam, pelos ditos motivos; e, se acaso não forem procurar-me, sempre terei tempo de eu ir à procura dêles.

CENA IV

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.59

DPF DCDP Fls. N.º 55 Rubrica

Polícia Federal · Divisão de Diversões Públicas 56

Calímaco e Ligúrio.

Calímaco: Como já te disse, meu Ligúrio, fiquei de maus humores até as nove horas; pois, por maior que fôsse o meu prazer, não me parecia bem que o tivesse. Mas, depois de me dar-lhe a conhecer e fazer-lhe compreender o amor que tinha e quão fácilmente, pela ingenuidade do marido, podiamos viver felizes, sem qialquer escândalo, prometi-lhe que, se algum dia Deus o chamasse a si, eu a tomaria por espôsa. E tendo ela apreciado,- além dessas razões, a diferença que há entre o meu possuí-la e o de Nícia e entre beijos de um amante novo e os de um marido velho, disse, após alguns suspiros:- Já que a tua astúcia, a tolice de meu marido, a ingenuidade de minha mãe e a maldade do meu confessor me levaram a fazer aquilo, que, sòzinha, nunca faria, quero julgar-que todo provenha de uma disposição do céu, que assim determinasse, e não me sinto suficiente para recusar o que o céu quer que eu aceite. Portanto, eu te tomo por senhor, patrono e guia; és meu pai, meu defenssor e quero que sejas todo meu bem; e aquilo que meu mario quis por uma noite, entende que tennha sempre. Procurarás, por isso, tornar-te seu comprade, virás esta manhã à Igreja e dali, depois, almoçar conosco; dependerá de ti frequentares a nossa casa e teu talento e poderemos, a tôdas as horas e sem suspeitas, estar juntos. - Ao ouvir tais palavras, estive a pique de morrer de ventura. Não pude responder - nem a mínima parte de tudo que desejava. Agora, sou o homem mais contente e feliz dêste mundo; e não tivesse essa facilidade de cessar por morte ou por tempo, eu seria mais bem-aventurado que os bem aventurados, mais santo do que os santos.

Ligúrio: De todo o teu bem, eu folgo; e aconteceu, justamente, o que te disse. Mas que faremos, agora ?

Calímaco: Vamos à igreja, pois prometí-lhe estar lá, onde ela irá ter com a mãe e com o doutor.

Ligúrio: Oiço a porta da sua casa bater: são elas, que estão saindo, e segue-as o doutor.

Calímaco: Caminhamo-nos para a igreja e lá ficaremos aguardando-os.

CENA V

Messer Nícia, Lucrécia e Sóstrata.

Messer Nícia: Eu creio, Lucrécia, que convém fazer as coisas com temor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 60.

DPF DCDP Fls. N.º 56 Rubrica

Biblioteca Nacional - Divisão de Obras Raras e Publicações 59

de Deus e não à estouvada.

Lucrécia: Que se há de fazer, então ?

Messer Nícia: Olha só como responde! Parece um frangote!

Sóstrata: Não vos espanteis; está um pouco alvoroçada.

Lucrécia: Que entendeis dizer?

Messer Nícia: Digo que é bom eu ir adiante falar com o frade e dizer-lhe que venha ao teu encontro na porta da igreja. Para a purificação, porque, na verdade, hoje de manhã, é como se tu renascesses.

Lucrécia: E por que não ides de uma vez?

Messer Nícia: Estás muito atrevida, hoje de manhã! Ontem à noite parecias que ias morrer.

Lucrécia: E tudo graças a vós.

Sóstrata: Ide à procura de frade. Mas não é preciso: Já está saindo - da igreja.

Messer Nícia : É verdade.

CENA VI

Frei Timóteo. Messer Nícia, Lucrécia, Calímaco, Ligúrio e Sóstrata.

Frei Timóteo: Estou saindo, porque Calímaco me disseram que o doutor e as mulheres vinham à igreja.

Messer Nícia: Bona dies, padre!

Frei Timóteo: Sêde bem-vindos e que Deus vos conceda a graça, senhora Lucrécia, de um lindo filho varão!

Lucrécia: Deus o queira!

Frei Timóteo: Podeis estar certa de que há de querer.

Messer Nícia: Mas são Lígúrio e mestre Calímaco, que vejo dentro da-igreja?

Frei Timóteo: Sim, messere.

Messer Nícia: Chamai-os.

Frei Timóteo: Chegai aqui!'2

Calímaco: Deus vos salve!

Messer Nícia: Mestre, tocai a mão, aqui, da minha espôsa.

Calímaco: Com prazer.

Messer Nícia: Êste é o homem, Lucrécia, graças ao qual teremos um bordão onde arrimar a nossa velhice.

Lucrécia: Muita grata vos fica; desejo que sejais nosso compadre.

Messer Nícia: Deus te abençoe, mulher! E quero que êle e Ligúrio venham hoje almoçar conosco.

Lucrécia: Isso nem se discute.

Messer Nícia: Quero dar-lhe a chave do quarto ao réz-do-chão, que dá - para o átrio, a fim de que possam voltar lá sempre que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0439,p.61

queiras, pois não tem mulher em casa e vivem como bichos.

Calímaco: aceito-a, para usá-la quando se apresentar a ocasião.

Frei Timóteo: Las não tenho que receber o dinheiro para as esmolas?

Messer Nícia: E de Siro, ninguém se lembra?

Messer Nícia: Que peça o que deseja: tudo o que tenho, pertence-lhe.Tu, Lucrécia, quantos "grossos" deve dar ao frade pela purificação?

DPF DCDP Fls. N.º 57 Rubrica

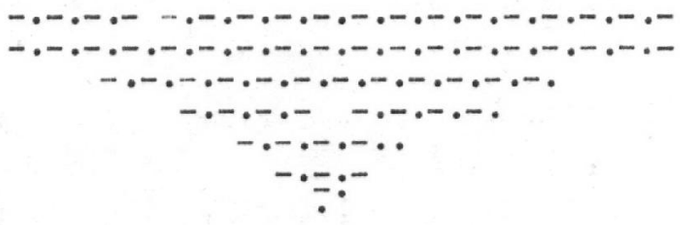
Lucrécia: Dai-lhe dez!

Messer Nícia: Com a breca!

Frei Timóteo: Vós, senhora Sóstrata, ao que me parece, criastes alma nova.

Sóstrata: Quem não estaria alegre?

Frei Timóteo: Vamos todos para a igreja, onde rezaremos o ordinário da missa; mais tarde, depois do ofício, ireis almoçar a vosso prazer. E vós, espectadores, não espereis que tornemos a sair: o ofício é longo, eu ficarei na igreja, e êles irão para casa pela porta lateral. Valete!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.62.

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Divisão de Polícia Política e Social 61

DPF DCDP Fls. N.º 58 Rubrica

Sr. Chefe da Seção de Censura:

O Teatro Jovem (SP) enviou para exame dêste SCDP, a peça teatral "A MANDRÁGORA", de Nicolau Maquiavel com tradução de Mário da Silva.

A referida obra já foi examinada por êsse Serviço, conforme consta do processo nº 566, parecer do Censor Coriolano Fagundes que a classificou como imprópria para menores até 18 (DEZOITO) ANOS (também tradução de Mário da Silva), tendo sido expedidos, até esta data, os certificados de censura nºs 480/68 e 805/68.

Embora se tratando de mesmo tradutor foi feita a costumeira comparação dos scripts, nada tendo sido verificado que nos leve a sugerir uma alteração na impropriedade anteriormente fixada.

Assim sendo, sugerimos seja expedido para o Teatro Jovem de São Paulo, certificado liberatório com a classificação etária de 18 (dezoito) anos, condicionando, entretanto, a sua entrega ao interessado, ao exame do ensaio geral.

À consideração superior.

Brasília-DF, 09 de abril de 1969

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
- Chefe da TCTC-

Encaminhe-se ao Chefe do SCDP, para decisão final.

Em 09-abril-1969

SOUZA LEÃO
-Chefe Seç. Censura-

Expeçam certificados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.63

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DPF DCDP Fls. N.º 59 Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 1152/69

PEÇA -/::: A MANDRÁGORA :::/-

ORIGINAL DE NICOLAU MAQUIAVEL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de ABRIL de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

Brasília, 10 de ABRIL de 19 69

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

Diversões Públicas

ap/

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.64

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 36, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada A MANDRÁGORA

Original de NICOLAU MAQUIAVEL

Tradução de MÁRIO DA SILVA

Adaptação de

Produção de TEATRO JOVEM (SÃO JOSÉ DO RIO PRÊTO=SP)

Tendo sido censurada em 09 de ABRIL de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS ::::::
CONDICIONADA A EXAME DO ENSAIO GERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S.C.D.P.

Brasília, 10 de ABRIL de 19

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF SAr 7014-DFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459.p.65.

Censura de Diversões Públicas - Divisão de 68

10-abril-1969

Chefe do SCDP
Sr. Delegado Regional do DPF/SP
Providências (soilicita)

DPF
DCDP
Fls. N.º 60
Rubrica

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pelo Chefe da TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico dêsse serviço:

1. Assistir ensaio geral da peça " A MANDRÁGORA", autoria de Nicolau Maquiavel;

2. Enviar a êste SCDP relatório minucioso a respeito doespetáculo;

3. Entregar a documentação (scripts e certificados) anexa ao interessado - Teatro Jovem de São José do Rio Prêto, dêsse Estado - sòmente após autorização desta Chefia, via rádio.

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP

ap/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459 p.66

São Paulo, 6 de Julho de 1969

DPF DCDP Fls. N.º 61 Rubrica

64 Divisão de Polícia Pública

P. 566

Do Técnico de Censura Alvaro Adamo, 130-SP.
Á Sra. Chefe da Turma de Censura do Departamento de Polícia Federal - SP.

Assunto: Ensaio Geral da péça " A MANDRÀGORA ", realizado em São José do Rio Prêto pelo grupo do Teatro Jovem.

O origibal desta peça é de Nicolau Maquiavel, versa sôbre a antiga nobreza da época em Florença, em que um velho e nobre fidalgo, desejando ter um herdeiro, casa-se com uma mulher jovem, bonita e muito honesta.

Mas logo esta é cobiçada por um jovem nobre, que trama com um frade e um vilão, a maneira para possuí-la.

No ensaio os componentes do elenco, cumpriram fielmente o que diz no script, aprovado pelo S.C.D.P. de Brasília.

Sou portanto favorável a liberação do certificado.

Atenciosamente

Alvaro Adamo
Técnico de Censura 130. SP

T.C.D.P.-D.R.-S.P. 7.7.69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.67

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
DIVISÃO DE COMUNICAÇÕES

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

DPF
DCD
Fls. N.º 62
Rubrica

Divisão de Polícia Política e Social
65

GEN.SILVIO CORRÊA DE ANDRADE
DELEGADO REGIONAL DO DPF- SÃO PAULO

029-TCTC 17 07 69

À VISTA RELATÓRIO ENSAIO GERAL VG TCDP ESTAH AUTORIZADA ENTREGAR CERTIFICADOS PEÇA " A MANDRÁGORA" VG AO INTERESSADO PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA CHEFE SCDP

BR DF NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.68 67

EXMO. SR. CHEFE DA CENSURA DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

BRASILIA

D.F.S.P.
032082 23 SET 69

DPF
DCDP
Fls. N.º 63
Rubrica

Comunicamos a Vossa Senhoria que o Grupo de Teatro Engenharia de São Carlos (GTESC), da Escola de Engenharia de São Carlos, pretende levar à cena "A MANDRAGORA", de Maquiavel, em tradução de Mario da Silva.

Nestas condições, solicitamos suas dignas -providências no sentido de mandar censurar a peça, da qual - juntamos 3 (três) cópias. Tomamos a liberdade de lembar que o texto já foi liberado para a cidade de São José do Rio Preto , SP., sob nº 1152/69

Valemo-nos da oportunidade para apresentar-lhe

saudações.

S.Paulo, 18nde setembro de 1969

dyonísio amadi
diretor do GTESC.-

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE S. PAULO
DEP. DE AUTORES TEATRAIS
S. Paulo, 19 de Setembro de 1969
VISTO

SRA. - DA. - D. F. S. P.
RECEBI - 23 9 1969 AS 16 HS.
SERVIÇO SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSR)

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à União Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. — de Paris. —

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p-69

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

DPF DCDP Fls. N.º 64 Rubrica

Divisão de Censura de Diversões Públicas 68

Direitos de Representação — Autorização Nº 165869

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: A Mandrágora

Original de Maquiavel

Música de

Tradução de Mario da Silva

No Teatro Diversos Cidade São Carlos São Paulo

Emprêsa GTESC Pela Cia.

nos dias Para Censura da Peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

São Paulo 19 de Outubro de 195 9

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS SUCURSAL DE S. PAULO DEP. DE AUTORES TEATRAIS

de 19

(pela SBAT)

VISTO

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 70.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, de licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 71

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS.

DPF DCDP Fls. N.º 65 Rubrica

Divisão de Diversões Públicas 69

Sr. Chefe do SCDP:

O Grupo de Teatro Engenharia de São Carlos, da Escola de Engenharia de São Carlos/SP, requereu a censura da peça "A MANDRÁGORA", de Maquiavel, em tradução de Mário da Silva.

A mesma, entretanto, já havia sido censurada por êste Serviço - Processo nº 566 - cabendo-me tão sòmente a comparação dos textos. Confrontados os mesmos, entendo que deva ser fornecido certificado àquele Grupo, dentro da mesma impropriedade, tendo em vista a correspondência de conteudo.

Brasília, 29 de setembro de 1969

Paulo Leite de Lacerda
Tec. Censura nº 062.

Sr. Chefe da Seção de Censura

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura credenciado PAULO LEITE DE LACERDA, que cotejou os escritos.

TÍTULO:- A MANDRÁGORA
AUTOR:- Maquiavel
TRADUÇÃO:- Mário da Silva
RESTRIÇÃO:- 18 anos
OBS. Certificados válidos até 10/ABRIL/74

Em, 30Set69

JOSÉ SIMPATIA BRAGA
TCTC-SC/SCDP

À consideração superior.
Em 30/9/69

Em 30Set69.
Expeça-se o[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 72.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 66
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 1828/69

PEÇA /=/=/=/=/=/=/=/=/ A MANDRÁGORA /=/=/=/=/=/=/=/=

ORIGINAL DE NICCELÓ MACHIAVELLI (MAQUIAVEL)

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 10 de ABRIL de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Brasília, 1º de OUTUBRO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

Divisão de Polícia Pública

M. J. - D.P.F. - DR DFANBSB M.CPR.TEA.PTE.0459,p.73

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 2º folha nº 58, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ A MANDRÁGORA /:::-.

Original de NICCELÓ MACHIAVELLI (MAQUIAVEL)

Tradução de MÁRIO DA SILVA

Adaptação de

Produção de GRUPO TEATRO ENGENHARIA DE SÃO CARLOS - SP.

Tendo sido censurada em 29 de SETEMBRO de 1969 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.-.-.-.- CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME O § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

OBS. ÊSTE CERTIFICADO SÒMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRITP DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 1º de OUTUBRO de 1969

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

JOSÉ [illegible] BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.74

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SECÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
21 MAR 1006 N 13028
BSB

Polícia Federal - Divisão de Censura de Diversões Públicas
73

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

DPF
DCDP
Fls. N.º 67
Rubrica

Rio de Janeiro, 17 de Março de 1972

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (RS) cópias da peça:

A MANDRAGORA -

DE: Maquiavel - Trad. de Mario da Silva

próxima apresentação da Clube dos Caiçaras

no Teatro Doclube dos Caiçaras

com estréia marcada para o dia 8 de Maio de 1972

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

por José Renato
Djalma Bittencourt
Superintendente

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - SBAT - RIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p. 75.

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Divisão de Censura de Diversões Públicas

TÍTULO "A MANDRÁGORA" - Peça teatral -

DPF
DCDP
Fls. N.º 68
Rubrica

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos -

SINOPSE: - A fama da beleza de Lucrécia, esposa de Messer Nícia, desperta o desejo do jovem e impetuoso Calímaco, que manifesta intenção de conquistá-la, a despeito dos conceitos de honestidade e de intangibilidade que giravam em torno da beldade. Contando com a ajuda do seu criado SIRO, do seu amigo-LIGÚRO e com a colaboração do FREI TIMÓTEO, êste na base do suborno, conseguem urdir uma trama a respeito de um remédio milagroso contra a esterilidade, mal que se achava atacada a bela LUCRÉCIA, enganando MESSER NÍCIA de forma a permitir que sua espôsa mantivesse intercurso sexual com um estranho, para expurgar os primeiros efeitos negativos do remédio, a MANDRÁGORA. Calímaco, assumindo o lugar do estranho, ocupa o leito conjugal ao lado de LUCRÉCIA, alcançando o seu objetivo após seguidas peripécias.

Conclusão - Peça de autor clássico, revelando, nesta estória, procedimento astucioso e complicando na elaboração de um plano de conquista amorosa. A consecução de tal objetivo realiza-se mediante embustes e mistificações, envolvendo várias figuras, inclusive a de um padre. Enredo urdido ao estilo do autor, isto é, maquiavélico, com desfêcho negativo na medida em que exalta o sucesso de uma artimanha que revela improbidade de conduta. Contudo, considerando que a estória é inverossímil, bem como, totalmente afastada do quotidiano, opino pela liberação da peça, com impropriedade máxima.

Em 29 de março de 1972

Osmar Fialho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 76

De acôrdo:
Emita certificado, na
forma dos Pareceres: 18 ANOS.

Em 03-04-72

TcTc

LIBERE-SE
com impropriedade para menores de 18 anos
Brasília, 04 / 4 / 1972
Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE0459,p.77

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 69
Rubrica

Divisão de Censura de Diversões Públicas
Fls. 5

TÍTULO "A MANDRAGORA" - de MAQUIAVEL.

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

Trata-se de uma peça já liberada várias vêzes, por este Serviço com a impropriedade de 18 ANOS.

Examinando o texto requerido com os demais já liberados, ficou constatada a sua igualdade. Assim sendo, sugiro que seja mantida a liberação anterior, ou / seja, 18 ANOS.

Brasília, 29 de março de 1972.

Roberto Antônio Coutinho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 78.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 70
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.787/72

PEÇA: A MANDRAGORA

ORIGINAL DE: MAQUIAVEL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 03 de ABRIL de 1977

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS

Brasília, 03 de ABRIL de 1972

Chefe do S. C. D. P. ROGÉRIO NUNES

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0459, p.79

Certifico constar do livro nº 02 folha nº 51, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

" MANDRAGORA "

Original de MAQUIAVEL

Tradução de MÁRIO DA SILVA

Adaptação de

Produção de CLUBE DOS CAIÇARAS - GB -

Tendo sido censurada em 29 de MARÇO de 19 72, e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO P/ MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 03 de ABRIL de 19 72

– PAULO LEITE DE LACERDA – SUBST.

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

MH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.80.

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
-2 JUL 0925 24374
RECEBIDO POR:

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
REITORIA

OF. GR. 196/71 Londrina, 24 de junho de 1971

DPF
DCDP
Fls. N.º 71
Rubrica

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do DPF/Brasília
BRASÍLIA - DF

Senhor Chefe:

A Fundação Universidade Estadual de Londrina representada por seu Reitor, abaixo assinado, vem respeitosamente à presença de V.Exª., solicitar a liberação da peça teatral "A MANDRÁGORA" de autoria de Nicolau Maquiavel, cujo texto em três vias estamos encaminhando em anexo.

Solicitando seus bons ofícios no sentido de recebermos a autorização de Lei para encenação da aludida peça, aguardamos o despacho favorável.

N. Têrmos
P. Deferimento

Dr. Ascêncio Garcia Lopes
Reitor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.81

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. N.º 72 Rubrica

Divisão de Censura de Diversões Públicas D. P. F.

TÍTULO A MANDRÁGORA

PARECER

Comédia em tom satírico do clássico Maquiavel. Calímaco é um italiano que vivia na França, volta a sua terra natal atraido pela fama de beleza de uma senhora, Lucrécia, mulher honesta, mas espôsa de um parvo doutor, Messer Nícia. Embalado / pelo sonho de possuir a bela mulher, faz um trato com Ligúrio, um tipo que vive às custas de bajulos aos ricos. Êste lhe ajudará a chegar até Lucrécia. E realmente apegando-se ao fato do casal não ter filhos e esta ser a maior vontade do marido, Ligúrio apresenta Calímaco como médico famoso, capaz de curar a esterilidade de Lucrécia. Mas, Calímaco diz ao marido, que para tal terá que dar a mulher uma porção de Mandrágora e logo / após, ela terá de dormir com um homem, que morrerá pelo contágio venenoso da porção. Com o auxílio do padre confessor, Lucrécia é convencida a tomar a porção e a ter relações com um / desconhecido. Combinam que trarão algum vadio para ser a vítima e tal pessoa, conforme o plano, vem a ser Calímaco. Assim, êle satisfaz seu desejo de possuir Lucrécia, e ainda consegue convencê-la a ser seu amante. Ela concorda, pois diante da parvonice do marido, não será tão grande seu crime.

Em tom jocoso, mas notando-se o objetivo de satirizar / alguns personagens típicos da época, ou quiçá, típicos no gênero humano. Como não poderia deixar de ser, partindo de Maquiavel, a crítica maior é feita à Igreja e ao clero, na figura do padre, qué por uns tantos ducados se deixa trair um amigo e agir falsamente.

Apesar do estido clássico do autor, os diálogos são simples e o desenrolar compreensível. Fica o aviso aos maridos / crentes de mulheres honestas e aos outros apreciar o cômico da situação.

Pelo tema envolvendo amantes, adultério, concluios criminosos e as críticas ao clérico, sugiro seja a peça liberada com a impropriedade máxima.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 82.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA 18 anos

BRASÍLIA, 12 de julho de 1971.

Maria Luiza Barroso Cavalcante

MARIA LUIZA BARROSO CAVALCANTE

Sr. chefe:

TRATA-SE DE PEÇA JÁ LIBERADA DIVERSAS VÊZES POR ÊSTE SERVIÇO, MANTENDO-SE A MESMA CLASSIFICAÇÃO: 18 ANOS.

16.7.71

Nada a opôr.
Em: 16/7/71

Defere-se.
Fortaleza
16.07.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 83.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 73
Rubrica

Certificado Nº 3991/71

PEÇA A MANDRÁGORA

ORIGINAL DE NICOLAU MAQUIAVEL

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

VÁLIDO ATÉ 16 de JULHO de 1976

Brasília, 16 de JULHO de 1971

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 84.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 25, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada:

* A MANDRÁGORA *

Original de NICOLAU MAQUIAVEL

Tradução de

Adaptação de

Produção de FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA-PARANÁ

Tendo sido censurada em 12 de JULHO de 1971 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS, CONDICIONADA, ENTRETANTO, AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE C CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 16 de JULHO de 19 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSUR

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF- Sav. 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.85.

Mem. 540 -71 SCDP

Do: Chefe da Seção de Censura do SCDP

Ao: Sr. Chefe da TCDP-DR-DPF / **PR**

As: Providências (solicita)

DPF DCDR Fls. N.º 14 Rubrica

Polícia Federal Divisão de Censura de Diversões Públicas

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatido minucioso relatório a respeito.

Peça: **A MANDRAGORA**

Autor: **NICOLAU MAQUIAVEL**

Intrs: **FUND. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA-PR**

Endrç: **LONDRINA - PR.**

Atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

Chefe da Seção de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0454.p.88.

Polícia - Divisão 85 02
28 SET 73 052274
DPF DCDP Fls. N.º 95 Rubrica

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS FEDERAIS ISOLADAS DO ESTADO DA GUANABARA
ESCOLA DE TEATRO

Of. ET nº 148/73

Em 26 de setembro de 1973

Do Diretor da Escola de Teatro

Ao Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.

Assunto -censura de textos-

Senhor Chefe:

Estando a Escola de Teatro empenhada em proporcionar aos seus alunos, terceiranistas do Curso de Direção, uma prova pública através da qual, eles possam sentir a opinião / dos espectadores comuns e críticos especializados, solicito de V. Sa. a censura do texto "DOROTÉIA", de Nelson Rodrigues e MANDRÁGORA, de Nicolo Maquiavel, a serem encenadas no Teatro do Conservatório, durante o mes de outubro. Seguem 3 (tres) exemplares de cada peça e o encaminhamento da SBAT.

Sem mais, para o momento, aproveito o ensejo para apresentar a V. Sa. os protestos de estima e consideração.

José Maria Bezerra Paiva
Diretor

ABM/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.87

Censura de Diversões Públicas 86

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

DPF
DCDP
Fls. N.º 76
Rubrica

Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1973

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

DOROTEIA - MANDRAJORA -

DE: Nelson Rodrigues - MICOLO MAQUIAVEL -

próxima apresentação da FEFIEG

no Teatro DA FEFIEG

com estréia marcada para o dia Setembro de 1973

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

por Djalma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.88.

TEATRO

87 04

DPF DCDP Fls. N.º 77 Rubrica

TÍTULO A MANDRÁGORA

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Clas. Anterior 18 anos

Praça RIO DE JANEIRO - GB

Obs.:

DF. 28 / 09 / 73

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor

De acordo com o parecer 8804/73 - De zoito anos.

Em 9-10-73

Burlamaqui

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 8804/73 - Dezoito (18) Anos - sem cortes, recomendado, entretanto, ao exame do censor geral.

Emita-se os certificados com validade até 09-10-74

9/10/73

F. V. DE AZEVEDO NETTO

Chefe da SCTO-SC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 9 / 10 1973

Burlamaqui

Rogério Nunes

DPF–538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0439,p.89.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Divisão de Censura 88 89

Parecer Nº 880H/78

DPF DCDP Fls. N.º 78 Rubrica

Título: A MANDRÁGORA - MAQUIAVEL.

Classificação Etária: 18 anos

Espécie: peça teatral **Com cortes:** não

Boa Qualidade: ... **Livre P/Exportação:** ...

Dublado: ... **Legendado:** ...

Vedada a Exploração Comercial: não.

Cenas: condicionadas ao ,ensaio geral.

Época: ... **Gênero:** drama

Linguagem: adequada a classificação etaria sugerida.

Tema: social.

Personagem: amantes.

Mensagem: negativa.

Enredo: Com muita astucia Calímaco consegue, através de um remédio para esterilidade, se relacionar sexualmente com Lucrécia.

1 — Cortes: ...

2 — **Conclusão:** Feita a comparação dos textos, constatei tratar-se de peça já censurada e liberada conforme certificado nº3991/71 com validade até julho de 1976. Portanto sugiro a mesma classificação anterior ou seja proibido para menores de 18 anos.

Brasília, 8 de outubro de 1973

CARLOS ALBERTO BRAZ DE SOUZA

DPF—507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.90.

DPF
DCDP
Fls. N.° 79
Rubrica

Ministério da Justiça

955/73-SCTC/SC/DCDP 08/outubro 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - GUANABARA

" A MANDRÁGORA "

" MAQUIÁVEL "

SUPERINTENDENTE:

TEATRO CONSERVATÓRIO.

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 91

DPF
DCDP
Fls. N.º 90
Rubrica

480/73

A MANDRÁGORA

NICOLO MAQUIAVEL

03 ABRIL 77

09 OUTUBRO 73

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS
18

D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 92.

A MANDRÁGORA

NICOLO MAQUIAVEL

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS FEDERAIS ISOLADAS DO ESTADO DA GUANABARA

08 OUTUBRO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

09 OUTUBRO 73

DEUSDETH BURLAMAQUI

mfs.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 93.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 81
Rubrica

Of. 607

Rio de Janeiro - GB
Em, 7 de novembro de 1.973

Responder, as fls. 81 do exmo. Sr. 16.XI.73

DPF
Centro de Informações
Protocolo Sigiloso
N.o 880/73
16 / 11 / 1973

Senhor Diretor

Face a informação do Sr. Chefe da ARSI/GB/DSI/MEC, constante do Ofício Confidencial nº 1.073, (cópia anexa), solicito a V.Sª. os necessários esclarecimentos de como proceder com referência a encenação da peça " A MANDRÁGORA", de Nicolo Maquiavel, programada para o dia 7.12.73, na Escola de Teatro da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara, uma vez que a citada peça encontra-se liberada por essa DCDP, com a impropriedade para menores / de 18 anos, conforme certificado nº 480, válido até 03.4.77.

Ao ensejo renovo a V.Sª. os protestos de consideração e estima. e consideração.

D.P.F. - Delegacia Regional - GB
CENSURA FEDERAL

ORESTO MANNARINO
Chefe do SCDP/SR/GB

Ilmº Sr.
Rogério Nunes
DD. Diretor da DCDP.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 99

CONFIDENCIAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 82
Rubrica

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES - ARSI/GB -

OF CONF Nº 1073 /ARSI/GB/DSI/MEC/873 - Em 06/11/873

Do Chefe da Assessoria Regional de Segurança e Informações

Ao Dr. Delegado de Censura a Diversões Públicas do DPF/DR-GB

Assunto: Informação (presta)

Dr. Delegado,

Tendo em vista que a Escola de Teatro da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara - FEFIEG, pretende encenar a 07/12/73 para exame do Serviço de Censura a peça "A Mandrágora" de Maquiavel, traduzida por Thereza B. Barros e Fernando Bonrer, destinando-se a matéria de exame dos alunos daquela Escola, cumpre-nos informar a V.Se. que o citado texto está eivado de expressões pornográficas e a sua encenação implica em desvirtuamento pedagógico e mau uso dos recursos docentes dos órgãos oficiais de Ensino.

Aproveito o ensejo para apresentar a V.Se. os protestos de elevada estima e distinta consideração.

CHEFE DA ARSI/GB/DSI/MEC

CONFIDENCIAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.95.

Confidencial

DPF
DCDP
Fls. N.º 83
Rubrica

16 de novembro de 1973

852/73-DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Ilmo. Sr. Superintendente Regional do DPF na Guanabara

: Informação - presta -

Senhor Superintendente:

Em atenção ao ofício nº 607, do SCDP, de 7 do corrente, informo que a peça "A MANDRÁGORA", de Nicolo Maquiavel, vem sendo liberada, com impropriedade para menores de 18 anos, desde 1968, obtendo, para os diversos pedidos apresentados a esta Divisão, os seguintes certificados liberatórios:

nº 805/68, emitido em novembro/68;
" 1152/69, " " abril/69;
" 1828/69, " " outubro/69;
" 3991/71, " " julho/71;
" 4787/72, " " abril/72 e
" 480/73, " " outubro/73.

2. A última solicitação partiu da ESCOLA DE TEATRO da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara, através do ofício nº 148/73, de 26 de setembro de 1973.

3. A obra é uma comédia picante, mas não eivada de expressões pornográficas, conforme pode ser verificado da cópia do texto que a este acompanha. Se do texto em poder do interessado constam as indicadas expressões, cabe ao SCDP, no ensaio-geral,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.96.

Confidencial

DPF
DCDP
Fls. N.º 84
Rubrica

determinar sejam as mesmas suprimidas, mas no tocante ao aspecto pedagógico, face a escolha para exame em estabelecimento de ensino especializado, à Censura não é permitido manifestar-se pela conveniência ou não em ser a peça encenada, para fins didáticos, pois assim procedendo estaria decidindo sobre matéria educacional, ultrapassando os limites de sua competência. Nessa área somente as autoridades educacionais devem objetar.

4. Assim sendo, os Técnicos de Censura designados para o ensaio-geral devem atentar para os aspectos atinentes à legislação de censura de diversões públicas, já que a referida peça vem sendo liberada há cinco anos, inclusive para apresentação na Universidade Estadual de Londrina, a pedido do Reitor.

Valho-me da oportunidade para renovar a V. Sa. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.97.

DPF
DCDP
Fls. N.º 85
Rubrica

[redacted]-DPF-SR/DPF

20 DEZ 0656 Z 071618

Ilmo. Sr.
DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDE[redacted]
BRASILIA-DF

O "TEATRO CONTEMPORÂNEO", grupo teatral amador com sede nesta Capital de São Paulo, à rua 24 de Maio, - 233, por intermédio do seu diretor artístico, Afonso Gentil, abaixo assinado, vem requerer se digne V.S. mandar efetuar a CENSURA do texto anexo - "A MANDRÁGORA", de Maquiavel, para o que junta três (3) cópias do mesmo.

NOME: "A MANDRÁGORA"
AUTOR: Maquiavel (Niccolo Machiavelli)
LOCAL DE REPRESENTAÇÃO: São Paulo.

Nestes Termos
P. Deferimento

São Paulo, em 13 de dezembro de 1973

Afonso Gentil

AFONSO GENTIL
p/"Teatro Contemporâneo"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0437,p.98.

DPF
DCDP
Fls. N.º 36
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO
~~Rio de Janeiro~~, 18 de DEZEMBRO de 19 73

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"A MANDRÁGORA"

DE: MAQUIAVEL

próxima apresentação da TEATRO CONTEMPORÂNEO

no Teatro DA CIDADE DE SÃO PAULO.

com estréia marcada para o dia

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
10 DEZ 1973
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

Djalma Bittencourt
Superintendente

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.99.

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 87
Rubrica

03 Liar

TÍTULO A MANDRÁGORA

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM
Clas. Anterior 18 anos
Praça SÃO PAULO - SP
Obs.:

DF. 20/12/73

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor.

Conforme o parecer - 12168/74 - dezoito anos.

Em: 09-01-74

Bustamante

3) S. C. T. C.

Concordo com o parecer 12168/74 - 18 Anos, sem cortes, condicionado, entretanto, ao ensaio geral.

Emita-se os certificados com validade até 03.04.77

Em, 9.1.74

P/ D. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 09/01/1974
P/ Regério Munes

BR DFANBSB N8.GPR.TEA.PTE. 0451.p100.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

04

Parecer Nº 12168/74

DPF DCDP Fls. N.º 88 Rubrica

Título: "MANDRÁGORA" (Autor: Maquiavel)

Classificação Etária: 18 anos

Espécie: Peça teatral Com cortes: -x-

Boa Qualidade: -x- Livre P/Exportação: -x-

Dublado: -x- Legendado: -x-

Vedada a Exploração Comercial: NÃO

Cenas: À VISTA DO ENSAIO GERAL

Época: Passada Gênero: Comédia

Linguagem: comum, pornográfica, picante

Tema: Social

Personagem: Astutos, servis, amantes

Mensagem: Negativa

Enredo: Calímaco através de estratagemas armados por - seu criado consegue manter relações sexuais c/Lucrécia.

1 — Cortes: Não os há

2 — Conclusão: Feito o confronto, verifiquei a identidade de textos e, baseada na Lei nº5536 art. nº nº 10 - ratifico a classificação etária anterior ou seja, proibido p/menores de 18 anos.

Brasília, 03 de janeiro de 1974

Mª HELENA MEDEIROS (tec. cens.)

DPF—507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 101

DPF
DCDP
Fls. N.º 89
Rubrica

028/74-SCTC/SC/DCDP 8 Janeiro 4

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

"A MANDRÁGORA"

MAQUIAVEL

Superintendente:

São Paulo/São Paulo

FVAN/fd

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 102.

DPF
DCDP
Fls. N.º 90
Rubrica

480/74

A MANDRÁGORA

- MAQUIAVEL

03 ABRIL - 77

09 JANEIRO 74

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS 18

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.103.

A MANDRÁGORA

: MAQUIAVEL

: TEATRO CONTEMPORÂNEO - SP -
AFONSO GENTIL

03 JANEIRO

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QDO. ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

09 JANEIRO 74

DEUSDETH BURLAMAQUI

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.104.

Of. nº 645/74-SCDP/SR/SP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

566

RELATÓRIO Nº ... Série ...

São Paulo em 22 de janeiro de 1974

Ao :- Chefe do SCDP/SR/SP
De :- Técnico de Censura
Assunto :- Ensaio Geral da peça "A MANDRAGORA"

DPF DCDP Fls. N.º 91 Rubrica

Exame censório do ensaio geral de ..."A MANDRAGORA".....
.....
Autor :- ..MAQUIAVEL.....
Tradutor :- ..Mario da Silva.....
Encenado por :- ..Teatro Contemporaneo (São Paulo).....
Local :- ...São Paulo.....
Data do ensaio :- 18/ 01/ 1974 Horário:- das .21 às .23. horas

1, TEXTO

1,1 Tema :- ..Tragédia clássica sobre conflitos familiares.....
1,2 Sofreu alterações ? ( ) Sim (x) Não
1.3 Sofreu alterações significativas ? ( ) Sim ( ) Não
1,4 Sofreu cortes ? ( ) Sim (x) Não
1,5 Cortes observados ? ( ) Sim ( ) Não
1,6 Classificação :- ....Dezoito anos.....

2. ENCENAÇÃO

		De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
2.1	Cenário :-	(x)	( )
2,2	Iluminação :-	(x)	( )
2,3	Música :-	(x)	( )
2,4	Guarda-roupa :-	(x)	( )
2,5	Projeção de "slides"	( )	( )
2,6	Expressão corporal :-	(x)	( )

2.7 Restrições ...Nenhuma.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.105.

DPF DCDP Fls. N.º 92 Rubrica

Nº ... Série ...

3. OBSERVAÇÕES

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Segue anexo Relatório minucioso ( ) Sim x Não

4. PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

4.1 Opino pela liberação (x)

4.2 Opino pela proibição ( ) de acordo com .....
.....

4.3 Opino pela liberação com restrições parciais ( ) de acordo
.....
.....

Carlos Del Carlo
..... Técnico de Cens.
Nº 337.

S.Paulo, 24/1/74

1. De acordo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia, através da Superintendencia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.106.

MJ-DPF-SRA/DSB
14 AGO 1551 50141
RECEBIDO

Brasília, 2 de Agôsto de 1974

DPF
DCDP
Fls. N.º 93
Rubrica

Senhor Diretor,

Vimos pelo presente solicitar de V.Sº a censura do texto "A Mandrágora" de Nicolau Maquiavel, de domínio público, adaptado para o TEATRO ARIANO SUASSUNA de Brasília por Lauro Vasconcellos Nascimento, não filiado do SBAT.

Esperando continuar merecendo a boa atenção de V.Sª apresentamos-lhe nossas

Cordiais Saudações

Lauro Vasconcellos Nascimento

p/ TEATRO ARIANO SUASSUNA

Lauro Vasconcellos Nascimento

Ilmo. Sr.
Diretor da
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS do
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.107

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

DPF DCDP Fls. N.º 94 98 Rubrica

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - GB **Nº** 9118

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: A MANDRÁGORA.

X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=S=X=X=X=X=X=X=

Original de NICOLAU MAQUIAVEL.

Música de X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|X|

Tradução de Mário da Silva

No Teatro -X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X- Cidade -X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

Emprêsa -X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X- Pela Cia. -X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

nos dias PARA SER CENSURADA:-

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de -X-X % -X-X-X-X-X-X -X-X-X-X da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ -X-X-X-X-X-X- por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Brasília, DF., 14 de Agosto de 1974

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.108.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, a qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clubes, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-109

TEATRO

TÍTULO A MANDRÁGORA.

DPF
DCDP
Fls. N. 95
Rubrica

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Exame
Clas. Anterior 18
Praça BRASÍLIA - DF.
Obs.:

DF. 15/ 8/ 74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. De acordo com o Parecer nº 18756/74. A S.E. para emitir os certificados com impedido 18 Anos sem cortes, condicionado, todavia ao ensaio geral.
A consideração do Senhor Chefe do S.C.

Em, 26/08/74

Manoel Francisco Clanery Guido
Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor - 18 anos, sem cortes.

Em 26/08/74

Manoel Francisco Clanery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

5) Diretor da D. C. D. P.

De acordo
26.8.74

ROGÉRIO NUNES
Diretor da D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.110

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 96
Rubrica

PARECER Nº 18756 / 74

TÍTULO: "A MANDRÁGORA" (Nicolau Maquiavel)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (dezoito anos)

No confronto dos textos, observei absoluta identidade dos mesmos. Tendo em vista o certificado Nº 480/74 e baseada no Art. 10 da Lei nº 5536 de 21/11/68 , sugiro a ratificação da classificação etária anteriormente dada - 18 (dezoito) anos - em virtude da peça não conter elementos novos que impeçam sua liberação.

Brasília, 26 de agôsto de 1974

MARIA HELENA MEDEIROS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 111

DPF
DCDP
Fls. N.º 97
Rubrica

480/74

: A MANDRÁGORA

: NICOLAU MAQUIAVEL

26 AGOSTO 79

26 AGOSTO 74

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.112.

: A MANDRÁGORA

: NICOLAU MAQUIAVEL
MÁRIO DA SILVA

:

LAURO VASCONCELOS NASCIMENTO

26 AGOSTO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QDO. ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::::

26 AGOSTO 74

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0059,p.113.

MJ-DPF-SRA/BSB
14 OUT 1440 Nº 063440
RECEBIDO POR:

Brasília, 14 de Outubro de 1974.

DPF
DCDP
Fls. N.º 98
Rubrica

Ilmo. Sr.
Diretor da
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Nesta,

Sr. Diretor,

Vimos pela presente, solicitar a V.Sa. a apresentação do ENSÁIO GERAL da peça teatral " A MANDRAGORA ". Ppopomos a data de 16/10/74 às 21,30 horas no setor de Difusão Cultural do Distrito Federal, sala de conferência.

Sem mais, esperando contar com a colaboração de V.Sa., agradecemos

As Fic. de Censura
Jacira e Maria
Helena providen-
ciar para proceder.
Em 15/10/74
Manoel Francisco Clarey Assis

Manoel Francisco Clarey Assis
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

José de Souza Neto
Diretor de Produção do
TEATRO ARIANO SUASSUNA

Obs. A peça em apreço será encenada nos dias 19 e 20/10/74, às 21 horas na sala Martins Penna do Teatro Nacional.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.114

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 99
Rubrica

PARECER Nº 20943 / 74

TÍTULO: "A MANDRÁGORA" (Autor: Maquiavel) -Adaptação de Lauro Vasconcellos Nascimento

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

A peça em epígrafe apresenta uma situação vivida por volta do século XVI. Designadas para proceder ao Ensaio Geral da mesma, que tem a responsabilidade do GRUPO ARIANO SUASSUNA, de Brasília/DF, constatamos que o desenvolvimento do texto, marcação das cenas e o vestuário caracterizam a época , não contrariando as normas censórias.

Pelo exposto, opinamos favoravelmente pela liberação do espetáculo de acôrdo com a classificação etária já sugerida, ou seja, 18 anos.

Brasília, 17 de outubro de 1974

MARIA HELENA MEDEIROS

JACIRA FRANÇA

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.115.

DPF-SRA
R. n.º
Rub.

MJ-DPF-SRA/BSB
059290

DPF
DCDP
Fls. N.º 100
Rubrica

FICHADO
S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFICIO Nº 666/75-SCDP/SR/RJ Em 8 de outubro de 1975

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

Ref. Prot. 036596/75-SR/RJ

Aprovado
Verifica-se 10.10

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

Senhor Diretor,

Com este, encaminho a essa DCDP uma via da peça intitulada " A MANDRÁGORA ", de autoria de Maquiavel, acompanhada da guia da SBAT bem como, do parecer do Técnico de Censura Augusto da Costa designado para apreciação do espetáculo, liberando-o com a impropriedade de 18 (dezoito) anos.

Ao ensejo, apresento a V.Sª. protestos de alta estima e distinta consideração.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/RJ

LSL/.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 116.

ILMO SENHOR DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DPF/ DE BRASILIA - DF.

OK

DPF
DCDP
Fls. N.º 101
Rubrica

MJ-DPF - SR/RJ
-5 SET 16 33 75 036596
RECEBIDO

035/75

Coarte, sediada nesta cidade do Rio de Janeiro, à Rua Barata Ribeiro, 391 - salas 601/02 - registrada sob o nº 037 - representando a Firma: SFAT EMPREENDIMENTOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS LTDA., vem mui respeitosamente solicitar a V.Sa., que se digne mandar Censurar a peça: A MANDRAGORA" de autoria de: Maquiável, com estréia prevista para o dia: 01 de Outubro de 1975 No Teatro Casa Grande.

Censure
06.10.75
Augusto.

Nêstes Têrmos,
P.Deferimento.
Rio de Janeiro, 04 de setembro de 1975

Eduardo Kimaid
CPF.: 024.606.297
IFP.: 1.980.458

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.117

Ao Cadastro
Para verificar
se ha registro
Rio, 9/9/75

Do Cadastro:
Informo para os devidos fins, que a
peça em tela foram registrados
SCOP, Cert. nº 480/73/DF, Voto da
Comissão - 18 anos, Livro 03, fls. 17v,
não acompanha parecer - Validade
03/04/77; Cert. 4787/72-DF, Voto
da Comissão - 18 anos - Validade -
- 03/04/77, Livro 02, fls. 43v;
Cert. 480/973/09/10/973, Vá-
lido até 03/04/977, sendo
Responsável a FEDERAÇÃO ESC. FED.
ISOLADAS DO ESTADO DA GUANABARA,
Voto da Comissão - 18 anos,
Of. 955/973/SCTC/SC/DCDP;
Consta Of. CONF. Nº 1073/73
ARSI/DSI/MEC comunicando
apresentação no dia 07/12/73 na
FEFIEG; submetido o assunto
a DCDP pelo of. conf. nº -
- 607/73-SCDP.

Rio 8/9/75

Fiscal da Comissão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 118.

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

DPF
DCDP
Fls. N.º 102
Rubrica

Rio , 4 de Setembro de 1975

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

MANDRAGORA

Original de Maquiavel

Tradução de Mario da Silva

Próxima apresentação de SFAT EMPREENDIMENTOS CULT.E ARTISTICOS LTDA.-

Teatro CASA GRANDE Cidade RIO DE JANEIRO

Estado RJ.-

A estréia está prevista para 1º DE OUTUBRO DE 1975

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 119

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura de Diversões Públicas

DPF
DCDP
Fls. N.º 103
Rubrica

Parecer nº 1298/75

Assunto...: Leitura de peça teatral
Título....: "A MANDRÁGORA"
Autor.....: MAQUIAVEL
Tradução..: MARIO DA SILVA

Gênero....: Comédia medieval passada em Florença, Itália.

Argumento.: Um jovem apaixonado pela mulher do advogado local, consegue urdir um plano, junto com outros, no sentido de que o advogado autorizasse a mulher/ a ter relações sexuais com um desconhecido, após tomar uma poção miraculosa. Após o ato sexual o desconhecido morreria infetado pela poção, quando então o advogado poderia possuir a esposa para que esta lhe desse um filho, o maior sonho de ambos que eram casados muitos anos.

Esta trama é urdida pelo jovem, seu criado e um amigo, tendo ainda a anuência do esposo, da mãe e do frei, que acreditavam no milagre.

Após a realização do coito, ambos / se apaixonam, pois o possuidor da mulher nada mais era / que o jovem disfarçado e, que depois, passam a ser compadres para terem maior intimidade, idéia da mulher.

Personagens: o jovem Calímaco, o criado Siro, o amigo Ligúrio, o advogado Messer Nícia, sua mulher Lucrécia, a mãe Sóstrata e o frei Timóteo.

Mensagem...: não há qualquer mensagem que se possa qualificar positiva, mas sim uma comédia que pela leitura servirá de bom entretenimento.

Conclusão..: Pela leitura da peça se conclui pela Impropriedade para menores de 18 anos, tendo em vista o assunto abordado, sexo, sem erotismo ou pornografia, / mas com diálogos francos e algumas palavras mais fortes, fls. 23, 25 e 51, mas que são ditas cômicamente, sem um sentido ofensivo.

É o meu parecer, s.m.j..

Rio, 10 de setembro de 1975

AUGUSTO DA COSTA
Téc de Censura - Mat. 1.113.220

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-120.

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACÔRDO COM O PARECER DOS CENSORES E ENCAMINHE-SE À D.C.D.P. - DPF) BSB/DF.

Em 16/9/1975

Wilson de Queiroz Garcia
Chefe do S.C.D.P. - SR/RJ.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.121

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura de Diversões Públicas

DPF
DCDP
Fls. N.º 104
Rubrica

Parecer nº. 1536

ENSAIO GERAL

Peça.....: "A MANDRÁGORA"
Autor.....: MAQUIAVEL
Tradução....: MARIO DA SILVA
Produção....: SFAT EMPREENDIMENTOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS LTDA.
Teatro.....: CASA GRANDE
Data.....: 06.10.975

Foi realizado o ensaio geral da peça teatral intitulada "A Mandrágora", de Maquiavel, sendo obedecido o texto já examinado e liberado por este Censor, com marcações e gestos adequados, sem inconveniência para a faixa etária determinada.

Os cenários são modificados várias vêzes com cenas internas de casa, rua e igreja.

Deverá ser mantida a Impropriedade para menores de 18 anos, conforme parecer na leitura da peça.

Rio de Janeiro, 07.10.1975

AUGUSTO DA COSTA
Téc de Censura - Mat. 1.113.220

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACÔRDO COM O PARECER DOS CENSORES E ENCAMINHE-SE À D.C.D.P.-DRF-B.B/DF.
Em 07/10/75
Wilson de Queiroz Garcia
Chefe do S.C.D.P. - SR/RJ.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 122

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 105
Rubrica

TÍTULO A MANDRÁGORA
de
Maquiavel

1) ~~S. ARQUIVO~~ SCTC

Documentação
Clas. Anterior 18 anos
Praça Rio de Janeiro - R.J.
Obs.: Veio apenas 1 vias.

DF. 14/10/75

Chefe Seção ~~Arquivo~~

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. À Seção de Expedientes para, conforme Ensaio Geral - Pareceres 1298 e 75-36; objeto do Of. nº 666-75 - SCDP-SR/RJ., expedir certificado definitivo, com impropriedade para menores de 18 anos, sem cortes.
2 - Encaminhe-se à consideração da Chefia.
Em 14-10-75.

Horivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do ~~parecer~~ Processos anteriores
Em, 16 / out / 1975
p. Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.123.

DPF
DCDP
Fls. N.°
Rubrica

Ofício nº 1296/75-SCTC/SC/DCDP , de outubro de 1.975

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

: Senhor Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro-RJ

: "A M A N D R Á G O R A"

Anexo: 1ª e 2ª vias do certificado e
1 (uma) via do "script"

Ref. Of. nº 666/75-SCDP/SR/RJ

Senhor Superintendente:

Encaminho a Vossa Senhoria as anexas 1ª e 2ª vias do certificado, bem como 1 (uma) via do "script" da peça teatral supracitada da autoria de Maquiável, solicitando mandar proceder a entrega ao interessado,

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

p/ ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE., p. 124

OPF
DCDP
Fls. N.° 106
Rubrica

0480/75

: A MANDRÁGORA

: MAQUIAVEL

15 OUTUBRO 80

15 OUTUBRO 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0959, p.125.

A MANDRÁGORA

: MAQUIAVEL
MÁRIO DA SILVA

SFAT EMPREENDIMENTOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS LTDA. - RJ -
EDUARDO KIMAID

14 OUTUBRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::

15 OUTUBRO 75

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.126.

DPF - SRA/BSB
038697

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

RECEBIDO POR:

DPF
DCDP
Fls. N.º 107
Rubrica

Of.nº 108/76

Porto Alegre, 6 de outubro de 1976.

Ao
Serviço de Censura de Diversões Públicas
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
Edificio do BNDE - 4º andar
BRASÍLIA / DF

Senhor Diretor:

O DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre, à rua Senhor dos Passos 248, vem respeitosamente solicitar de V.Sa. digne-se mandar censurar e liberar a peça "A Mandrágora", comédia de autoria de Nicolau Maquiavel, em 5 atos, tradução de Mário da Silva.

Cordialmente,

Profa. Lygia Vianna Barbosa
Encarregada da produção

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459 p. 127

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3.º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

DPF
DCDP
Fls. N.º 108
Rubrica

Porto Alegre, 5 de outubro de 1976

Ilmo, Sr.
Chefe do Serviço de Diversões Publicas
BRASILIA - DF.

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S. para fins de censura, tres cópias da peça de Nicolau Maquiável A MANDRAGORA. Tradutor Mario da Silva.

Cordialmente

SBAT
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Sucursal Rio Grande do Sul

DR. ARON MENDA
REPRESENTANTE GERAL

P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 128.

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 109
Rubrica

TÍTULO A Mandrágora

Nicolau Maquiavel

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anos

Praça Porto Alegre – RS

Obs.:

DF. 18/ 10 / 761

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 10 de nov. de 1976

Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Liberado na forma do processo anterior.
Em 10/11/76

Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0459, p. 129

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 110
Rubrica

PARECER Nº 6227 / 76

TÍTULO: "A MANDRÁGORA" - autor: Nicolau Maquiavel

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS

Feito o confronto do texto que me foi submetido para exame, com outro, anteriormente liberado, constatei perfeita identidade entre os dois, podendo, portanto, receber a mesma classificação, ou seja, imprópria a menores de dezoito anos.

Brasília, 09.nov.76

Maria Arlete L. Gama

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 130.

DPF
DCDP
Fls. N.° 111
Rubrica

1186/76-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

"A MANDRÁGORA"

Nicolau Maquiavel

Superintendente:

P.Alegre-RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 131

DPF
DCDP
Fls. N.º 112
Rubrica

480/76

: A MANDRÁGORA

: NICOLAU MAQUIAVEL

03 ABRIL 77

10 NOVEMBRO 76

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.132.

: A MANDRÁGORA

MAQUIAVEL
MÁRIO DA SILVA

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RS.
LYGIA V. BARBOSA

10 NOVEMBRO 76

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

10 NOVEMBRO 76

Coriolano de Loiola Cabral Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

IMPRÓPRIO
MENOR
DEZOITO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.133.

DPF-SRA
MJ-DPF-SRA/BSB
18 JAN 1059 001798

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 113
Rubrica

OF.
Nº 013/78-SCDP/SR/SP Em, 17 de janeiro de 1978.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "MANDRAGORA" original de Maquiavel; "PEDRO MICO" original de Antonio Callado; "FORU QUATRO TIRADENTE NA CONJURAÇÃO BAIANA" original de Mario Lago; "O ANIVERSÁRIO DO PALHAÇO" original de Waldemar Sillas; "OS ALEGRES VAGABUNDOS" original de Waldemar Sillas; "ARENA CONTRA ZUMBI" Giamfrancesco Guarnieri e Augusto Boal; "CHUVA" original de Somerset Maugan.

Outrossim, informamos que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa a DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

a/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 134.

MJ-DPF DPF
13 JAN 1420 00850

Ao Sr. Chefe de Censura de São Paulo

DPF
DCDP
Fls. N.º 114
Rubrica

O " Teatro Sorocaba" com sede nesta cidade, à Rua Pandiá Calógeras nº 445 - Vergueiro, legalmente representado pelo seu Presidente abaixo assinado, vem mui respeitosamente solicitar de Vossa Senhoria se digne a censura da peça "Mandragora" de Nicolau Maquiavel tradução do Sr. Mário da Silva registrada e oficialmente reconhecida pela SBAT:

Nestes termos

P. Deferimento

Sorocaba, 12 de janeiro de 1.978

Dr. Antonio Matos Fontana
Presidente

CARTÓRIO ROLIM
1.o Ofício — Sorocaba - S.P.
Reconheço a firma
Sorocaba, de de 197
Em testemunho da verdade
JULIO CARLOS ROLIM
ESCREVENTE
Selos Pagos Por Verba

P/ocorder de acordo com a Port. 042/75
Chefe Subst. do SCS/DPF/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 135.

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 115
Rubrica

TÍTULO A MANDRÁGORA

Maquiavel

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.:

DF. 23/01/78/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura L. Fernando

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a 09/02/78

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 10 de fevereiro de 1978

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: dezoito (18) anos, sem cortes.
Brasília-DF, 13 fev. 1978

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 136.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 116
Rubrica

PARECER Nº 402 / 78

TÍTULO: "A MANDRÁGORA", autor Niccelo Machiavelli, tradução de Mario da Silva.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS, conforme certificado nº 0480/75 com validade até 15/10/80

Examinando os textos da peça teatral acima citada, constatei que os temas são os mesmos, entretanto com algumas modificações, como: não consta a canção inicial, assim como outras existentes no texto anterior; o prólogo não confere, ainda que conste o nome do mesmo tradutor e o assunto seja idêntico.

Mantendo, porém, as mesmas gravidades, opino pela conservação da impropriedade já constante em certificados emitidos por esta DCDP, de nº0480/75, em validade até 15/10/80, ou seja, proibido para menores de DEZOITO ANOS, sem cortes.

Brasília, 09 de fevereiro de 1978.

L.Fernando
Técnico de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 137

DPF
DCDP
Fls, N.º 196
Rubrica

204/78 BSB, 13/02/78

em São Paulo

013/78-SCDP/SR/SP

"A MANDRAGORA" de Nicceló Machiavelli.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.138.

DPF
DCDP
Fls. N.° 117
Rubrica

0480/78

A MANDRÁGORA

MAQUIAVEL

15 OUTUBRO 80

13 FEVEREIRO 78

ROGERIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.139

A MANDRÁGORA

MAQUIAVEL

MÁRIO DA SILVA

TRATRO SOROCABA - SP

10 FEVEREIRO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

13 FEVEREIRO 78

OFB

CARLOS A.MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0459, p. 140.

MJ-DPF-SR/BSB
23 FEV 1313 78 005070
DPF DCDP Fls. N.º 118 Rubrica

FICHADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO - SCDP

Vitória, ES.
Em, 22/02/1.978

Of. nº 159/78-SCDP/SR/DPF/ES
Do: Sr. Superintendente Regional do DPF/ES
Ao: Sr. Diretor da DCDP/DPF
Assunto: Peça Teatral (Encaminha)

Senhor Diretor:

Com o presente passo as mãos de V. Sa., os textos das peças teatrais intituladas A EXCELÊNCIA, de autoria de Luiz Marinho; A MANDRÁGORA, de autoria de Nicolau Maquiavel e tradução de Mario da Silva, solicitando mandar proceder um competente exame censório de acordo com a legislação em vigor.

Na oportunidade renovamos a V. Sa., os protestos de consideração e apreço.

Bel. Nilton dos Santos Britto
Sup. Reg. do DPF/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 141

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas de Brasília - DF.

DPF
DCDP
Fls. N.º 119
Rubrica

RENATO DA SILVA SAUDINO, solteiro, funcionário da Fundação Cultural do Espírito Santo, portador da Cédula de Identidade Nº 213.430, expedida pelo Departamento de Polícia Técnica da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, em data de 10 de agosto de 1971 e CPF. Nº 418.432.407, vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª., conforme determinação em Lei, aprovação do texto da peça "A MANDRÁGORA", de autoria de NICOLAU MAQUIAVEL (em tradução de MARIO DA SILVA), a ser apresentada na cidade de Vitória, a partir de 20 de março de 1978.

Nestes Termos

P. Deferimento.

Vitória, 20 de fevereiro de 1978.

Renato da Silva Saudino

RENATO DA SILVA SAUDINO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0959, p. 142.

TEATRO

TÍTULO A MANDRÁGORA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça VITÓRIA - ES

Obs.:

DF. 27/ 02 / 78 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de ..... anos., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 10 de março de 1978

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

DPF
DCDP
Fls. N.º 120
Rubrica

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE - DE - CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: dezoito anos, sem cortes

Brasília-DF 14 / 03 / 78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe de Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.143

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 121
Rubrica

PARECER Nº 764 / 78

TÍTULO: "A MANDRÁGORA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (dezoito) anos

-Confronto-

Com o confronto dos textos da peça em epígrafe, de autoria de Nicolau Maquiavel e tradução de Mário da Silva, constatamos perfeita identidade entre ambos.

Deste modo, sugerimos liberação com impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos, classificação esta anteriormente imposta, ficando, todavia, na dependência do ensaio geral.

Brasília, 09 de março de 1978

Raymundo E. de Mesquita

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.144

DPF
DCDP
Fls. N.° 122
Rubrica

327/78-SCTC/SC/DCDP 09/03 8

Superintendente Regional do DPF no Espirito Santo

"A MANDRÁGORA"

Niccelo Machievelli

Superintendente:

VITÓRIA-ES

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.145.

DPF
DCDP
Fls. N.º 123
Rubrica

480/78

: A MANDRÁGORA

: NICOLAU MAQUIAVEL

15 OUTUBRO 80

13 MARÇO 78

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.146.

: MANDRÁGORA

: NICOLAU MAQUIAVEL
MÁRIO DA SILVA

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO - ES

10 MARÇO 78

: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

13 MARÇO 78 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 147

SRA/FI NADO

-DPF-SRA/BSB

1029 030463

DPF - SRA
Fl. nº
Rub

DPF
DCDP
Fls. N.º 124
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 984/78-SCDP/SR/RJ **Em** 23.10.78

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ
Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sª. o parecer, o ensaio geral e o texto da peça " A MANDRÁGORA ", de Nicolau Maquiavel, liberada' com impropriedade para menores de 16 anos.

Para efeito de certificado definitivo, esclareço que o exame da obra foi requerido pelo GRUPO BOCA DE CENA.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459.p.148.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 125
Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR /RJ

ASSUNTO : ENSAIO GERAL
TÍTULO : " A MANDRÁGORA "
AUTOR : NICOLAU MÁQUIAVEL
CLASSIFICAÇÃO : 16 ANOS
PARECER Nº 2844

Tendo assistido ao Ensaio Geral da peça em questão ,verifiquei que a mesma está de acordo com o texto e, as marcações , vestuário e iluminação estão adequadas ao que o espetáculo propõe .

Visto que, trata-se de comédia clássica , sem outra intenção que não a de divertir ,opina-se pela sua liberação e redução da faixa etária para 16 anos.

Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1978

Regina M F Menezes
REGINA MARIA DA FONSECA MENEZES
MAT.2416919

De acordo com o Ensaio geral que será válido para exibições no Rio de Janeiro.
Em 23/10/78

MOD. 32

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459.p.149

Recebi o texto
em 24/10/78
Denise Pinheiro Barreiros

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.150.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 126
Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/RJ

ASSUNTO : LEITURA DE TEXTO
TITULO : " A MANDRÁGORA
AUTOR : NICOLO MAQUIAVEL
CLASSIFICAÇÃO : 18 ANOS
PARECER Nº 2820

Tendo procedido ao exame comparativo do texto em questão , verifiquei tratar-se de peça já liberada por este SCDP com o certificado Nº 480 /73.

Assim sendo, opina-se pela liberação da mesma, com impropriedade para menores de 18 anos.

Rio de Janeiro, 19 de outubro/1978

Regina M F. Menezes
REGINA MARIA DA FONSECA MENEZES
MAT .2416919

MOD. 32

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.151
SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
27 SET 1129 027463
FICHADO DCDP
DPF - SRA Fl. nº 7 Rub.
DPF DCDP Fls. N.º 127 Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

Ofício nº 501/79 - SCDP/SR/RJ Em 25.09.79

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Endereço Av. Rodrigues Alves, 1/3º

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Reitera oficio.

De ordem
a Agente
E— 26.9.79

Senhor Diretor:

Reiterando os termos do oficio nº.... 984, datado de 23/10/78, solicito a V.Sª. as necessárias providências no sentido de ser encaminhado a este SCDP o Certificado da peça "A MADRÁGORA", de autoria de Nicolau Maquiavel.

Ao ensejo, apresento a V.Sª. protestos de estima e consideração.

AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/RJ

LSL/.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 152

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 128
Rubrica

TÍTULO A Mandrágora

Nicolau Maquiavel

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anos

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.:

DF. 03 / 10 / 79 /

Calina N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com [illegible] mento de censura e com a classificação [illegible] pria para menores de 16 anos sem cortes, condicionado ao exame [illegible] to ge

Obs.: Consta reducao p/16 no Ensaio Geral

Brasília-DF, 10 de Janeiro de 1980

Nelle Prudente Carvalhedo
91

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Acolho o parecer proferido no Ensaio Geral: 16 (dezesseis/anos) sem cortes

21-1-80

Eliete José de Souza
Mat. 2 095 665

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 153

DPF
DCDP
Fls. N.º 129
Rubrica

480

"A MANDRÁGORA"

NICOLAU MAQUIAVEL

21 JANEIRO 85

21 JANEIRO 80

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
16
DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0459, p-154

A MANDRÁGORA

NICOLAU MAQUIAVEL

SR/RJ - RIO DE JANEIRO/RJ

20 JANEIRO 80

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

21 JANEIRO 80

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 155

DPF
DCDP
Fls. N.º 130
Rubrica

21 de janeiro de 1980

Of.nº 031/80-DCDP

RJ

501/79 e 017/80-SCDP/SR/RJ

1 - "BARÃO AZUL COM ARREPIO NA LUA, CONTRA O PIRATA VERMELHO", de Ricardo Barreto Amorim.
2 - "A MAIORIÁGORA", de Nicolau Maquiavel.

Na oportunidade, reitero a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459.p.156.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA 28 / 04 / 81
AS 8:45 HRS.
Marcia
Assinatura Legível

CONTROLE
Nº

DPF
DCDP
Fls. N.º 131
Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO
3ª VIA

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SEOP – CMG

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
PREÂMBULO:
RECEPÇÃO:

RECEBIDO EM ____ / ____ / ____ AS ____
ENCAMINHADO A: ____

FICHADO 14935
DCDP
DCDP

DE BELOHORIZONTE/MG 1117 15 271600P

DIRETOR DCDP BSA

31/81 DE 270481 SCDP/SR/MG VISANDO DIRIMIR DUVIDAS VG SOL. ENVIO TEXTO TEATRAL " A MANDRAGORA/AUT NICCOLO MACHIAVELLI PT

SR/MG
NNNN

TR EAS EM 270481

DEP. DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SCS - CMG
27 ABR 1803 81 0000
ENCAMINHADO A ____
RUBRICA

DPF–18

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.157

DPF
DCDP
Fls. N.º 132
Rubrica

29 de abril de 1981

1.060/81-SE/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Chefe do SCDP/SR/MG

: Encaminhamento - faz -

Senhor Chefe:

Em atendimento ao Radiograma nº 31/81, estamos encaminhando uma cópia do texto da peça teatral "A MANDRAGORA" de Nicolau Machiavelli.

Informamos que consta certificado em vigor com impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos, assim como, mais recente, para menores de 16 (dezesseis) anos.

Todavia, ddependerá do exame do Ensaio-Geral a ser efetuado nessa cidade, a determinação da feixa etária apropriada ao espetáculo correspondente.

Na oportunidade, renovamos a V. Sa. protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 158.

MG

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 133
Rubrica

"A MANDRAGORA"

"NICOLAU MACHIAVEL"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.159.

DPF DCDP Fls. N.º 134 Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

B. Hte. 05/05/81

BIBLIOTECA DCDP

Ofício Nº 54/81 SCDP/SR/MG

Assunto: Peças Teatrais (Encaminha)

Senhor Diretor,

Em anexo encaminhamos a Vossa Senhoria os textos teatrais: O CAIXEIRO DA TAVERNA, de autoria de Martins Pena; O PASTELÃO E A TORTA, de autoria desconhecida; FULANO DE TAL, de autoria do Grupo Movimento de Abertura Lúdica, juntamente com os requerimentos dos interessados; pareceres dos técnicos de censura; relatórios de ensaio geral, bem como o Certificado Provisório emitido por este SCDP, solicitando seja providenciado para os mesmos o Certificado definitivo.

Segue anexo também a documentação da peça teatral A MANDRÁGORA, de autoria de Maquiavel, esta porém, sem o relatório do ensaio geral, por ser grupo do interior, e estarmos nós, impossibilitados de procedermos ao ensaio geral.

Na oportunidade renovamos nossa manifestação de estima e consideração.

CHEFE DO SCDP/SR/MG

ILMO. SR.

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.160.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL /MG

CENSURA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 135
Rubrica

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, PARA FINS DE PROVA A QUEM INTERESSAR POSSA, QUE OS "SCRIPTS" DA PEÇA TEATRAL: " A MANDRÁGORA " _____, DE AUTORIA DE NICCOLO MACHIAVELLI _____, TRADUZIDA POR _____, SOLICITADO PELO (A) GRUPO DIVULGAÇÃO (JUIZ DE FORA) _____, FOI SUBMETIDO A EXAME PELA CENSURA FEDERAL EM MINAS GERAIS, FICANDO COM RESTRIÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS _____, E VALIDADE ATÉ 05/07/81 _____, TENDO A PRESENTE DECLARAÇÃO VALOR IDÊNTICO AO CERTIFICADO CENSÓRIO, QUE SERÁ EXPEDIDO, OPORTUNAMENTE.

OBS. O presente Certificado só terá validade, quando acompanhado do texto devidamente carimbado.

BHE-MG 05 / 05 /1981 .

Jair Ferreira de Morais
CHEFE DO SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-161

Centro de Estudos Teatrais
Grupo Divulgação
Rua Santo Antônio, 1112
Forum da Cultura - UFJF
Juiz de Fora - MG

DPF
DCDP
Fls. N.º 136
Rubrica

Juiz de Fora, 31 de março de 1981.

Exmº. Sr.
Dr. Geraldo de Oliveira
DD. Chefe da Delegacia da Zona da Mata
Juiz de Fora - MG

Senhor Chefe:

O CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS - Grupo Divulgação vem, mui respeitosamente, solicitar o encaminhamento , de acordo com as normas legais, do texto "A mandrágora ", de Nicolló Maquiavel, em três vias, acompnahdo do certificado da SBAT, para fins de censura.

Apresentando os nossos protestos de elevada estima e alta consideração,

subscrevemo-nos,

atenciosamente,

josé luiz ribeiro
coordenador geral

Anexo: Três vias do texto " A MANDRÁGORA"
Autorização da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 162.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 137
Rubrica

PARECER Nº: 86/81

TITULO : "A MANDRÁGORA"

AUTOR : NICCOLO MACHIAVELLI

CLASSIFICAÇÃO : 18 anos

Cumprindo determinação dessa chefia procedi ao exame comparativo da peça em epígrafe e pude constatar que houve inúmeras modificações que, entretanto não tiraram a essência da peça.

Machiavelli, conta a estória de um rico senhor que apaixonando-se por uma senhora casada, confabula um meio de consegui-la. Para isso usa de meios inescrupulosos, envolvendo a figura de um padre e até do próprio marido.

Quanto às modificações, baseadas na tradução do texto, encontramos à página 10, a fala de Nícia: "Porque não quero tornar minha mulher em puta e eu em corno;" quando no texto arquivado nesse SCDP temos a seguinte fala: "Porque não quero tornar minha mulher em fêmea e a mim em cabrão." Deste modo durante todo o texto novo encontramos a tradução feita com palavras mais grosseiras, de baixo calão. Por esse motivo e ainda por ser impossível à esse SCDP efetuar o exame do ensaio geral que se realizará em Juiz de Fora, peço para este trabalho a faixa etária máxima: 18 anos.

Belo-Horizonte, 04 de maio de 1981

Hortência Pitaluga de Queiroz

HORTÊNCIA PITALUGA DE QUEIROZ
TEC de CENS. 2.416.893

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.163.

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.: 138
Rubrica

TÍTULO "A MANDRAGORA"

AUTOR: "NICOLAU MACHIALVEL"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 ANOS

Praça B. Hte / MG

Obs.:

DF. ___ / 08 / 05 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado de acordo com requerimento de classificação: impróprio para menores de 18 (dezoito) anos, sem cortes, com base no parecer do ensaio final.

Obs.: consta Cert. Provisório / SR/MG

Brasília-DF, 18 de 05 de 19 81

Abellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

Obs. A elevação da impropriedade é em função de alterações observadas no texto.

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 18 dezoito anos

Brasília-DF, 20 / 5 / 81

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.164

DPF
DCDP
Fls. N.º 139
Rubrica

21 maio 81

1.265/81-SE/DCDP

MG

Of. ns. 50-54-57/81-SCDP/SR/MG

01 - "AVENTURAS DE UM DIABO MALANDRO", de Maria Helena Kuhner;
02 - "A MANDRÁGORA", de Nicolau Machiavelli;
03 - "BODAS DE PAPEL", de autoria de Maria Adelaide do Amaral.

Aproveito a oportunidade para renovar a V. Sa. protestos de estima e consideração.

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO
Chefe do SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 165.

DPF
DCDP
Fls. N.º 140
Rubrica

A MANDRÁGORA

NICCOLO MACHIAVELLI

GRUPO DIVULGAÇÃO (JUIZ DE FORA)

18 MAIO 81

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS
18

19 MAIO 81

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.166

480

"A MANDRÁGORA"

NICCOLO MACHIAVELLI

19 MAIO 86

19 MAIO 8

18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-167

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
17 FEV 1502 001277

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MJ/DPF

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DCDP/BSB

DPF
DCDP
Fls. N.º 141
Rubrica

Brasília-DF, 16 de fevereiro de 1.984

OFÍCIO Nº 00285 /84-SCDP/SR/DPF/DF.

Senhora Diretora.

Encaminho a Vossa Senhoria, para confronto, a peça teatral " A MANDRÁGORA " de autoria de Nicolau Maquiavel e tradução de Mário da Silva, requerida por Sergio da Fonseca Braga.

Em anexo textos e requerimento do interessado.

Respeitosamente.

N. Fernandes Rosa
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF.

Ilma. Sra.
Dra. Solange Maria Teixeira Hernandes
D.D. Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Departamento de Polícia Federal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 168.

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 142
Rubrica

SERGIO DA FONSECA BRAGA
Requerente

Bras., F. Público
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 244907 - DPF -DF
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à HIGS 707 Bl. "R" casa 74

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) o texto teatral abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Nicolau Maquiavel - tradução de Mário da Silva

Título (s) " A MA NDRÁGORA "

Nestes termos,

Pede deferimento.

Brasília, 13 de fevereiro de 1984
Local e Data

Requerente

Anexos:

15/02/84
RÁDIO Nº 188/DCDP
CLAS. 18 ANOS
CERT. Nº 680

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 169

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: ATOR & COMPANHIA CGC: _____

Sede: HIGS 707 Bl. "R" casa 74

_____ CEP: 70351

Diretor ou Responsável: RICARDO TORRES

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: NICOLAU MAQUIAVEL

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: ITALIANO Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

3 – **PARCERIA**

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: _____

Ass.: _____

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.170.

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

DPF
DCDP
Fls. N.º 143
Rubrica

Rio , 4 de Janeiro de 19 84

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

MANDRAGORA

Original de MAQUIAVEL - Dominio Publico
Tradução de MARIO DA SILVA
Próxima apresentação de ATOR E COMPANHIA
Teatro MARTINS PENNA Cidade BRASILIA
Estado DF.
A estréia está prevista para 2 de Maio de 1984

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SBAT
- RIO -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 171

DPF
DCDP
Fls. N.º 144
Rubrica

P E R S O N A G E N S

CALÍMACO

SIRO

MESSER NÍCIA

LIGÚRIO

SÓSTRATA

FREI TIMÓTEO

UMA MULHER

LUCRÉCIA

A cena desenrola-se em Florença.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.172

CANÇÃO

para ser dita antes da comédia,
cantada conjuntamente por
ninfas e pastores

DPF
DCDP
Fls. N.º 145
Rubrica

Posto que a vida é breve
e muitas são as penas
que vivendo e lidando se padecem,
seguindo nossas ânsias
vamos passando e consumindo os anos,
pois do prazer privar-se,
p'ra viver em afãs e aflições,
é ignorar os enganos
do mundo ou por quais males
e estranhos casos sejam
tiranizados todos os mortais.
P'ra fugir desta angústia,
erma existência em bosques escolhemos
e sempre em gáudio e festas
vivemos, belos jovens, ledas ninfas.
Agora aqui viemos,
com a nossa harmonia,
só para honrarmos esta
tão bela festa e alegre companhia.
Ainda aqui nos trouxe
a fama do senhor que vos governa,
cujo eterno semblante
acolhe em si todos os bens da terra.
Por tal supernal graça,
por tão feliz estado,
ufanar-vos podeis,
gozando, e agradecer quem vo-lo deu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0459, p.173

DPF
DCDP
Fls. N.º 146
Rubrica

PRÓLOGO

Que Deus vos salve, ouvintes meus benignos,
pois depender parece
do agrado que eu vos der essa bondade.
Se guardando silêncio vós seguirdes,
conhecer podereis
novo caso surgido nesta terra.
Atentai no cenário,
tal como se apresenta:
esta é a nossa Florença
(de outra feita será ou Roma ou Pisa);
e a coisa é de se morrer de riso.

Esta porta que fica à minha destra
é a casa de um doutor,
que aprendeu muitas leis lendo Boiécio.
Aquela rua que vedes lá na esquina
é a Rua do Amor,
onde quem cai não se levanta mais.
Conhecereis depois,
pelo trajo de um frade,
qual abade ou prior
mora no templo que está posto em frente,
se não fordes embora antes do tempo.

Um mancebo, Calímaco Guadagni,
que chegou de Paris,
mora acolá, naquela porta à esquerda.
Entre os demais alegres companheiros,
traz ele claras marcas
do primado no garbo e no donaire.
Uma jovem prudente
acendeu-o de amor
e, por isto, enganada
foi, tal como ouvireis; e eu desejara
que enganadas como ela fôsseis vós.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.174

A comédia intitula-se A MANDRÁGORA;
por quê, isso dirá
a representação, tenho certeza.
Não desfruta o autor de muita fama;
se não rirdes, no entanto,
aceitará pagar-vos um bom trago.
Um amante infeliz,
um doutor pouco astuto,
um frade de má vida,
um parasito fértil em malícia,
hoje serão o vosso passatempo.

DPF
DCDP
Fls. N.º 147
Rubrica

Se julgais o assunto pouco digno,
por leve em demasia,
de quem pretende ser grave e sisudo,
perdoai-o, por isso que se empenha,
nesses vãos pensamentos,
em mais brando tornar seu triste tempo,
pois não pode voltar
seu rosto a outra parte,
vedado que lhe foi
o talento mostrar noutras façanhas
e obter o galardão de tais fadigas.

O galardão que espera é cada qual
fazer chacota a um canto
e maldizer de tudo o que ouve ou vê.
Essa é, decerto, a causa pela qual
de todo degenera
das antigas virtudes nosso século;
pois, imperando em tudo
maledicência e crítica,
ninguém se esforça ou anseia,
com sacrifícios mil, por fazer obra
que o vento leve ou o nevoeiro encubra.

Porém, se alguém julgasse, malsinando-o,
fazer calar-se o autor,
assustá-lo ou forçá-lo a retirar-se,
previno-o de que ele também
sabe criticar outrem,
pois esta foi a sua arte primeira,
e que, onde quer que ecoe
a itálica língua,
a ninguém ele estima,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0459, e-175.

Mas maldizer deixemos quem quiser.
Vamos ao nosso caso,
para não retardar demais a hroa.
Em conta não se levem as palavras
nem se estime algum monstro,
que não sabe, talvez, se ainda está vivo.
Eis aí vir Calímaco
e traz consigo Siro,
seu servo. Ele dirá
de que se trata. Ponde tento nele,
que outro discurso não tereis, por ora.

DPF
DCDP
Fls. N.º 148
Rubrica

ATO I

CENA I

Calímaco e Siro

CALÍMACO - Não te vás, Siro. Quero falar-te.

SIRO - Cá estou.

CALÍMACO - Creio que te admiraste da minha repentina partida de Paris e que, agora, te admiras de estar eu aqui, já há um mês, sem fazer coisa alguma.

SIRO - É verdade.

CALÍMACO - Se, até hoje, não te disse o que te vou dizer, não foi porque não tivesse confiança em ti, senão, apenas, por julgar que as coisas que alguém quer que não se saibam, é conveniente que não as diga, a não ser forçado. Por isso, pensando, agora, que necessito do teu auxílio, quero contar-te tudo.

SIRO - Sou vosso criado e os criados não devem nunca perguntar coisa alguma aos patrões nem indagar a respeito do que fazem. Mas, quando eles mesmos falam, devem servi-los fielmente. Assim fiz até aqui e assim farei.

CALÍMACO - Bem sei. Creio que já me ouviste dizer mil vezes — mas não faz mal se o ouves mil e uma — que eu tinha doze anos, quando, a-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-176

corridos dez, começassem, com a invasão do rei Carlos, as guerras da Itália, que arruinaram o país, decidi estabelecer-me em Paris e nunca mais me repatriar, na idéia de que poderia viver por lá com mais segurança do que aqui.

DPF DCDP Fls. N.º 149 Rubrica

SIRO - Sem dúvida.

CALÍMACO - Tendo, pois, encomendado que se vendessem aqui todos os meus bens, com exceção da casa, deliberei ficar na França, onde permaneci mais dez anos venturosos...

SIRO - Bem sei.

CALÍMACO - ... dedicando o meu tempo, em parte, aos estudos, em parte, aos prazeres e, em parte, ainda, aos negócios; e conduzindo-me de tal modo, em cada uma dessas coisas, que nenhuma delas me impedisse as outras. Por isso, como sabes, vivia eu despreocupado e em paz, procurando agradar a toda a gente e esforçando-me por não ofender ninguém, de modo que me pareceu ser pessoa benquista por todos, burgueses e fidalgos, estrangeiros e naturais, pobres e ricos.

SIRO - É a pura verdade.

CALÍMACO - Julgou a sorte, contudo, que eu levasse existência demasiado feliz; e, assim, fez que chegasse a Paris um tal Camilo Calfucci.

SIRO - Começo a adivinhar o vosso mal.

CALÍMACO - Esse, bem como outros florentinos, era, a miúdo, meu convidado; e, palestrando juntos, aconteceu um dia que viéssemos a disputar sobre onde fossem mais bonitas as mulheres, na Itália ou na França. Como eu não pudesse ajuizar das italianas, pois era ainda muito novo quando daqui parti, outro florentino, que estava presente, tomou o partido das francesas e Camilo, das italianas. Depois de muito argumentar de ambos os lados, Camilo, quase furioso, afirmou que, ainda que fossem monstros todas as mulheres da Itália, fora suficiente uma parenta sua para reabilitar-lhes a honra.

SIRO - Agora, já entendi o que quereis dizer.

CALÍMACO - E mencionou a senhora Lucrécia, esposa de messer Nícia Calfucci, de cuja beleza e virtudes teceu tamanhos louvores, que a todos nos deixou pasmados. Em mim, despertou ele tão intenso desejo de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459 p-177

a viagem para aqui, onde, ao chegar, verifiquei ser a fama da senhora Lucrécia muito inferior à verdade, o que raramente acontece, e me inflamei de tão grande desejo de possuí-la, que não tenho mais sossego.

SIRO - Se me houvésseis falado nisso em Paris, teria sabido como aconselhar-vos; agora, porém, não sei o que vos diga.

DCDP Fls. N.º 150 Rubrica

CALÍMACO - Não te referi o caso por querer conselhos teus, mas, em parte, para desabafar e, também, a fim de que prepares o espírito para me auxiliar, se for preciso.

SIRO - Para isso, estou preparadíssimo. Mas que esperanças alimentais?

CALÍMACO - Nenhuma, ai de mim, ou muito poucas. Explico o porquê. Em primeiro lugar, hostiliza-me a sua própria natureza de mulher honestíssima e de todo alheia às coisas do amor; depois, o estar casada com marido riquíssimo, que em tudo se deixa governar por ela e que, se não é jovem, também não é de todo velho, como parece; e, enfim, não ter ela parentes ou vizinhos com os quais se reúna para algum sarau ou festa ou outro prazer em que costumam deleitar-se os jovens. Trabalhadores de fora, nenhum freqüenta a sua casa; não tem criada ou servidor que não a tema; de modo que não há a possibilidade de recorrer-se a algum meio de corrupção.

SIRO - Que pensais fazer, então?

CALÍMACO - Não há nunca situação tão desesperada que não deixe algum caminho aberto para dela tirarmos esperança; e, ainda que esta seja débil e vã, o desejo e a vontade que tem o homem de levar a sua causa a bom termo, tal não a fazem parecer.

SIRO - Que vos faz esperar, enfim?

CALÍMACO - Duas coisas: uma é a ingenuidade de messer Nícia, que, embora sendo doutor, é o homem mais simplório e todo de Florença; a outra é a vontade, que a ambos anima, de ter filhos. Estando ela casada há seis anos e não havendo ainda dado à luz nenhum, riquíssimos como são, é esse o seu mais ardente voto. Ainda haveria uma terceira: que sua mãe foi mulher de vida airada; porém é rica e não sei como deva conduzir-me com ela.

SIRO - Para conseguir o vosso fim, já tentastes, até aqui, alguma coisa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 178.

CALÍMACO - Conheces Ligúrio, que repetidamente vem fazer suas refeições comigo. Já foi mediador de casamentos e, depois, deu para esmolar ceias e jantares. Sendo homem agradável, messer Nícia mantém com ele grande familiaridade, da qual Ligúrio tira bom proveito; e, se bem que não o leve a jantar em sua casa, empresta-lhe, às vezes, algum dinheiro. Tratei de captar-lhe a amizade, comuniquei-lhe o meu amor e ele prometeu auxiliar-me com todas as suas forças.

SIRO - Tomai cuidado com que não vos engane: esses papa-jantares não costumam cumprir a palavra.

CALÍMACO - É verdade. Contudo, quando alguma coisa convém a alguém, deve-se ter por certo, se dela lhe damos comunicação, que ele nos sirva fielmente. Prometi a Ligúrio, se tem êxito na empresa, boa quantia de dinheiro; e, se não conseguir nada, terá ele, quando muito, aproveitado alguma ceia ou jantar, que eu, de qualquer modo, não tomaria sozinho.

DPF
DCDP
Fls. N.º 151
Rubrica

SIRO - E que prometeu ele fazer, até agora?

CALÍMACO - Prometeu persuadir messer Nícia a ir com a esposa aos banhos, neste mês de maio.

SIRO - E que vantagens tereis nisso?

CALÍMACO - Que vantagens? Talvez pudesse o sítio modificar a natureza dela, pois nessas bandas outra coisa não se faz senão folgar. Eu iria lá também, levando os meios para entregar-me a todos os prazeres que pudesse, e não pouparia munificência alguma. Acabarei tornando-me familiar dela e do marido. Sabe-se lá! Uma coisa gera a outra e o tempo governa a todas.

SIRO - A idéia não me desagrada.

CALÍMACO - Ligúrio me deixou, hoje de manhã, dizendo que falaria no assunto com messer Nícia e me daria a resposta.

SIRO - Aí vêm eles juntos.

CALÍMACO - Quero apartar-me para falar com Ligúrio depois que ele deixar o doutor. Tu, nesse meio tempo, vai para casa, tratar da tua vida; e, se eu quiser que faças alguma coisa, te chamarei.

SIRO - Já vou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.179.

DPF
DCDP
Fls. N.º 152
Rubrica

CENA II

Messer Nícia e Ligúrio

MESSER NÍCIA - Creio que os teus conselhos são bons e, ontem, falei deles com minha mulher. Prometeu que me responderia hoje. Mas, para dizer a verdade, não faço muito gosto na coisa.

LIGÚRIO - Por quê?

MESSER NÍCIA - Porque não me afasto de casa de bom grado. Além disto, ter de transportar esposa, criada e trastes, não é coisa que me quadre. E, por fim, falei, ontem à noite, com vários médicos Um deles diz que devo ir aos banhos de São Felipe, outro, ao de Porretta, e outro, ainda, aos da Villa. Pareceram-me um bando de lorpas; e a verdade é que esses doutores em medicina não sabem o que fazem.

LIGÚRIO - Deve ser que vos preocupa o que dissestes antes, pois não estais acostumado a perder de vista a cúpula da nossa catedral.

MESSER NÍCIA - Estás muito enganado! Quando era mais jovem, corri muito mundo. E nunca houve feira em Prato, que eu lá não fosse, nem há castelo nas redondezas, onde não tenha estado. Digo-te mais: estive, até, em Pisa e Livorno!

LIGÚRIO - Então, certamente, vistes a Torre empinada de Pisa.

MESSER NÍCIA - Queres dizer: inclinada.

LIGÚRIO - Ah, sim! Pois é: inclinada. E, em Livorno, vistes o mar?

MESSER NÍCIA - É claro que vi!

LIGÚRIO - É muito maior do que o Arno?

MESSER NÍCIA - Qual Arno! É quatro vezes maior, mais de seis, mais de sete vezes, se queres saber; não se vê outra coisa, a não ser água, água e mais água.

LIGÚRIO - Admira-me, então, que, sendo homem tão viajado, tenhais tamanha relutância em ir aos banhos.

MESSER NÍCIA - Falas como uma criança. Parece-te bagatela, ter de desarrumar a casa inteira? Não obstante, tão grande é minha vontade de ter filhos, que estou disposto a fazer seja o que for.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p-180.

e, depois, tornaremos a nos encontrar.

LIGÚRIO - Tendes razão.

DPF
DCDP
Fls. N.º 153
Rubrica

CENA III

Ligúrio e Calímaco

LIGÚRIO - Não creio que haja no mundo papalvo maior do que este. E como o favoreceu a sorte! Ele rico, ele casado com uma mulher bonita, ajuizada, honesta e digna de governar um reino! Parece-me que raras vezes, no casamento, se verificou aquele provérbio que reza: Deus faz os homens e eles se juntam; pois é freqüente ver um homem de qualidade escolher uma besta e, vice-versa, uma mulher avisada ter por marido um palerma. Da palermice deste, porém, um proveito pode tirar-se, e é que Calímaco tem motivos para alimentar esperanças. Mas eis que ele aí vem. De que andas à espreita, Calímaco?

CALÍMACO - Eu te vi com o doutor; e estava esperando que te separasses dele, para inteirar-me do que fizeste.

LIGÚRIO - Ele é o homem que bem sabes, de pouco juízo e ânimo ainda menor; e não tem muita vontade de deixar Florença. Ainda assim, consegui persuadi-lo à viagem e, no fim, me disse que fará o necessário. Penso, portanto, que, se esse expediente for do nosso agrado, o levaremos a adotá-lo. Mas não sei se nos convém.

CALÍMACO - Por quê?

LIGÚRIO - Sei lá! Não ignoras que a esses banhos vai gente de toda a espécie. Poderia surgir por lá algum homem ao qual a senhora Lucrécia agradasse tanto quanto a ti, mas que fosse mais rico e mais garboso do que tu; de modo que corremos o risco de trabalhar em benefício de outrem e que o número dos competidores torne mais difícil a nossa tarefa ou que, amansando, ela dê a preferência a outro.

CALÍMACO - Reconheço que dizes a verdade. Mas que hei de fazer? Que partido vou tomar? Para onde devo voltar-me? Preciso tentar qualquer coisa, seja grande, seja perigosa, prejudicial ou infame. Antes morrer do que viver assim. Se pudesse dormir à noite, se pudesse alimentar-me, se pudesse conversar, se pudesse achar prazer nalguma coisa, teria mais paciência em esperar pelo tempo. Mas o caso não tem remédio. Se alguma decisão não me alentar a esperança, é certo que morrerei; e, sabendo que devo morrer, nada me atemori-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p-181

Fls. N.º 154
Rubrica

LIGÚRIO - Não fales assim, refreia esse impulso da tua alma.

CALÍMACO - Bem vês que, para refreá-lo, afago estes pensamentos. Faz-se mister, porém, ou que continuemos a mandar o nosso homem aos banhos ou, então, que sigamos outro qualquer caminho que me dê alguma esperança, se não verdadeira, ao menos enganosa, com a qual possa alentar um pensamento que abrande, em parte, a minha angústia

LIGÚRIO - Tens razão e estou pronto para fazê-lo.

CALÍMACO - Acredito no que dizes, embora sabendo que os teus pares vivem de engabelar os outros. Não penso, contudo, estar no rol das tuas vítimas, pois, se assim procedesses e eu o descobrisse, procuraria desforrar-me e perderias o uso da minha casa e a esperança de receberes o que te prometi para o futuro.

LIGÚRIO - Não duvides da minha palavra, porque, ainda que não existisse o proveito que sei e espero, há que o teu sangue condiz com o meu e que desejo realizes esse teu anseio quase tanto quanto tu. Mas deixemos isso de lado. O doutor incumbiu-me de achar um médico, para saber a qual dos banhos lhe convenha ir. Quero que procedas a meu modo: que afirmes teres estudado medicina e praticado o ofício em Paris. Ele acreditará facilmente, por ser homem simplório e tu, letrado, capaz de dizer-lhe qualquer coisa em bom latim.

CALÍMACO - E para que nos servirá isso?

LIGÚRIO - Poderá servir-nos para mandá-lo àquele banho que mais nos apraza ou para tomarmos outro partido, no qual já pensei e que será mais rápido, certeiro e fácil de levar a bom termo do que os banhos.

CALÍMACO - Que me dizes, homem?

LIGÚRIO - Digo-te que, se tiveres ânimo e confiares em mim, considero o teu caso resolvido antes de amanhã a esta hora. E, ainda que ele fosse o homem que não é, capaz de indagar se és realmente médico ou não, a escassez do tempo e a própria natureza do assunto farão com que não fale nele com ninguém ou que não chegue a tempo para estragar o nosso plano, se porventura vier a falar.

CALÍMACO - Tu me ressuscitas. Esta promessa é demasiado grande e me insufla uma esperança excessiva. De que modo procederás?

LIGÚRIO - Saberás o modo quando chegar o momento. Por enquanto, não é necessário que eu o explique, pois o tempo já é escasso para a ação,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p-182

CALÍMACO - Assim farei, ainda que me infundas uma esperança que receio se torne em fumo.

DPF
DCDP
Fls. N.º 135
Rubrica

CANÇÃO

após o Ato I

Quem não provou, amor,
o teu grande poder, embalde espera
fazer fé verdadeira
de qual seja no véu a mor valia;
nem sabe o que é viver co'a morte n'alma,
seguir seu dano, abandonando o bem,
e como se ama alguém
mais que a si mesmo, e medo
e esp'rança os corações regela e rói,
e como tanto os homens como os deuses
temem a seta de que estás armado.

ATO II

CENA I

Ligúrio, Messer Nícia e Siro

LIGÚRIO - Como já disse, penso que foi o céu que nos enviou esse homem, a fim de que se realize o vosso desejo. Ele fez longa prática em Paris e não vos deve espantar se, em Florença, não exerce a sua arte, que disto é causa, em primeiro lugar, ser ele rico e, em segundo lugar, dever, a qualquer momento, regressar a Paris.

MESSER NÍCIA - Sim, meu amigo, mas isso é de muita importância; porque não gostaria de que ele me metesse nalguma enrascada e, depois, me deixasse entalado.

LIGÚRIO - Quanto a isso, não tenhais dúvida. Deveis temer, apenas, que não queira cuidar do vosso caso; mas, se aceitar, não é homem para abandonar-vos enquanto não o leve a bom termo.

MESSER NÍCIA - Por esse lado da questão, quero fiar-me de ti; mas, quanto à ciência, assim que eu lhe falar, te direi se é homem de doutrina, porque a mim é que não impingirá gato por lebre!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 183

LIGÚRIO - É, justamente, porque vos conheço, que vos levo a ele, para que possais falar-lhe. E, depois que lhe houverdes falado, se não vos parecer, pelo aspecto, doutrina e linguagem, merecedor de toda a confiança, podereis dizer que eu não sou mais eu.

MESSER NÍCIA - Pois seja tudo como Deus quiser! Vamos. Onde mora ele?

LIGÚRIO - Nesta mesma praça, naquela porta que vedes à vossa frente.

DPF
DCDP
Fls. N.º 156
Rubrica

MESSER NÍCIA - Vamos logo com isso. Bate.

LIGÚRIO - Pronto. Já bati.

SIRO - Quem é?

LIGÚRIO - Está em casa Calímaco?

SIRO - Está, sim, senhor.

MESSER NÍCIA - Por que não dizes: mestre Calímaco?

LIGÚRIO - Ele não importância a essas frioleiras.

MESSER NÍCIA - Não fales assim. Cumpre o teu dever e, se ele levar a mal, que se dane!

CENA II

Calímaco, Messer Nícia e Ligúrio

CALÍMACO - Quem me procura?

MESSER NÍCIA - Bona dies, domine magister.

CALÍMACO - Et vobis bona, domine doctor.

LIGÚRIO - Que tal vos parece?

MESSER NÍCIA - Ótimo, com a breca!

LIGÚRIO - Mas, se quereis que eu fique aqui convosco, falai de modo que vos entenda. Senão, eu é que estarei perdendo o meu latim.

CALÍMACO - Que boas novas vos trazem aqui?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.184

MESSER NÍCIA - Sei lá! Ando à procura de duas coisas, das quais outrem talvez fugisse: isto é, apoquentar a mim e aos outros. Não tenho filhos e desejaria tê-los; e, por essa tribulação, venho importunar-vos.

CALÍMACO - Nunca hei de achar incômodo ser-vos útil e a todos os homens sábios e de bem como vós. Não fatiguei tantos anos estudando em Paris, senão para poder servir os vossos pares.

MESSER NÍCIA - Fico-vos muito grato; e se, algum dia, tiverdes necessidade de minha arte, com prazer vos servirei. Mas voltemos ad rem nostram. Já pensastes qual dos banhos seja o melhor para dispor minha mulher a ficar prenha? Pois sei que o nosso Ligúrio já vos disse tudo o que devia.

CALÍMACO - É verdade. Mas, querendo satisfazer o vosso desejo, faz-se mister conhecermos a causa da esterilidade da vossa esposa, pois pode haver várias causas. Nam causae sterilitatis sunt: aut in semine, aut in matrice, aut in instrumentis seminariis, aut in virga, aut in causa extrinseca.

DPF DGDP Fls. N.º 157 Rubrica

MESSER NÍCIA - Esse é o homem mais digno que possa encontrar-se!

CALÍMACO - Poderia a esterilidade, ademais, originar-se de vós, por impotência. Quando assim fosse, não haveria nenhum remédio.

MESSER NÍCIA - Impotente, eu? Quereis fazer-me rir! Não creio que haja em Florença homem mais verde e rijo do que eu.

CALÍMACO - Sendo assim, alegrai-vos, que haveremos de encontrar remédio ao caso.

MESSER NÍCIA - Não haveria outro remédio que não fossem os banhos? Porque eu gostaria de poupar-me esse estorvo e minha mulher não deixaria Florença de bom grado.

LIGÚRIO - Decerto que haverá! A isso quero responder eu mesmo. Calímaco é tão escrupuloso que, até, exagera. Não me dissestes que sabeis receitar certos cozimentos, que fazem emprenhar com toda a certeza?

CALÍMACO - Disse, sim. Mas costumo ser reservado com as pessoas que não conheço, porque não quero que me julguem algum charlatão.

MESSER NÍCIA - Não duvideis de mim. Causastes-me tamanha admiração, que não há coisa que não acreditasse ou fizesse, se indicada por vós.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-185.

CALÍMACO - Isso, sem dúvida, não pode dispensar-se.

LIGÚRIO - Chama Siro, que vá logo buscá-las em casa do doutor e volte aqui, depois; nós esperaremos por ele em casa.

CALÍMACO - Vai com ele, Siro. E, se for do vosso agrado, messere, voltai aqui em seguida; então, pensaremos no que se deva fazer.

MESSER NÍCIA - Como, se for do meu agrado? Voltarei aqui imediatamente, pois tenho mais fé em vós do que os húngaros em suas espadas.

DPF DCDP Fls. N.º 158 Rubrica

CENA III

Messer Nícia e Siro

MESSER NÍCIA - Esse teu amo é, realmente, um homem de valor.

SIRO - Mais do que pensais.

MESSER NÍCIA - O rei da França deve tê-lo em grande conta.

SIRO - Grandíssima.

MESSER NÍCIA - Por esse motivo, deve ele viver de bom grado na França.

SIRO - É o que penso.

MESSER NÍCIA - E faz muito bem. Aqui, em nossa terra, só há mãos-atadas e não se aprecia virtude alguma. Se estivesse aqui, ninguém olharia para ele. Eu bem posso avaliá-lo, que caguei as tripas para aprender dois dedos de latim. E, se tivesse de viver somente disso, estaria bem arranjado, podes ter certeza!

SIRO - Ganhais cem ducados ao ano?

MESSER NÍCIA - Nem cem liras nem cem "grossos", ai de mim! A verdade é que, nesta terra, quem não tem qualquer coisa de seu, entre os nossos pares, não encontra um cão que se digne de lançar-lhe um olhar: não servimos para nada, a não ser ir a enterros ou casórios ou, então, ficarmos o dia todo sentados, de mãos abanando, no banco do Procônsul. Mas eu não lhe ligo importância não preciso de ninguém e assim estivesse quem está pior do que eu! Mas não desejaria que isso viesse a saber-se, porque, então, me imporiam algum tributo e eu teria sarna para me co-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 186.

MESSER NÍCIA - Chegamos à minha casa. Espera-me aqui; volto já.

DPF
DCDP
Fls. N.º 159
Rubrica

CENA IV

Siro, sozinho

SIRO - Se os outros doutores fossem como este, que grande patuscada seria o mundo! A verdade é que esse malvado de Ligúrio e o tresloucado do meu patrão o levam para algum caminho que o cobrirá de vergonha. E, realmente, eu gostaria de que tal lhe acontecesse, se tivesse a certeza de que ninguém o virá a saber, porque, vindo-se a saber, corro perigo pela minha vida, e o meu patrão, pela vida e pelos bens. Não é que, agora, já se tornou médico! Não sei qual seja o plano deles e para onde conduza o embuste. Mas aí está o doutor, trazendo um urinol na mão Quem não haveria de rir-se de semelhante parvo?

CENA V

Messer Nícia e Siro

MESSER NÍCIA - Até aqui, fiz tudo como tu quiseste. Agora, quero que faças a modo meu. Se soubesse que não iria ter filhos, teria preferido casar-me com uma camponesa! Estás aí, Siro? Acompanha-me. Quanto me custou conseguir que a tola da minha mulher me desse esta urina! E não é que ela não deseje ter filhos, pois até se preocupa mais com isto do que eu. Mas, toda a vez que lhe peço para fazer alguma coisa, por menor que seja, é o diabo!

SIRO - Tende paciência; é com boas palavras que se costumam levar as mulheres para onde queremos.

MESSER NÍCIA - Qual boas palavras, qual nada! Ela já me aborreceu bastante. Vai depressa e dize ao mestre e a Ligúrio que estou aqui.

SIRO - Aí vêm eles, saindo de casa.

CENA VI

Ligúrio, Calímaco e Messer Nícia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.187

CALÍMACO - Trouxestes a urina?

MESSER NÍCIA - Siro a tem, ali embaixo.

DPF DCDP Fls. N.º 160 Rubrica

CALÍMACO - Dá cá. Oh! Esta urina denota fraqueza dos rins.

MESSER NÍCIA - Realmente, parece-me um pouco turva. Contudo, é fresquíssima: acabou de fazê-la.

CALÍMACO - Não há que admirar-se. Nam mulieris urinae sunt semper majoris grossitiei et albedinis, et minoris pulchritudinis, quam virorum. Ayus autem, inter caetera, causa est amplitudo canalium, mixtio eorum quae ex matrice exeunt cum urina.

MESSER NÍCIA - Oh! Uh! Cona de São Púcio! Encheu-me as medidas, sim, senhor! Como raciocina bem sobre essas coisas!

CALÍMACO - Receio que, de noite, ela esteja mal coberta; daí produzir urina crua.

MESSER NÍCIA - No entanto, dorme com um bom cobertor por cima. Mas é que fica quatro horas de joelhos, enfiando padre-nossos, antes de ir para a cama. É um verdadeiro animal, para apanhar frio!

CALÍMACO - Enfim, doutor, ou tendes confiança em mim ou não tendes; e eu devo indicar-vos um remédio certo ou não. No que me diz respeito, não vos negarei o remédio. Se tiverdes fé em mim, o usareis, e, se dentro de um ano, vossa esposa não estiver com um filho ao colo, quero ter de pagar-vos dois mil ducados.

MESSER NÍCIA - Falai livremente, pois estou pronto para obedecer-vos em tudo e acreditar mais em vós do que no meu próprio confessor.

CALÍMACO - Deveis capacitar-vos de que não há nada mais certo, para emprenhar uma mulher, do que fazer-lhe beber uma poção de mandrágora. É coisa que já experimentei mais de uma vez e sempre verifiquei que não falha. Se assim não fosse, a rainha da França seria estéril e, como ela, numerosas outras princesas daquele país.

MESSER NÍCIA - Será possível?

CALÍMACO - É o que vos digo. No vosso caso, a sorte foi tão benigna, que calhou trazer eu comigo todos os ingredientes que entram na poção, de modo que podereis tê-la quando vos aprouver.

MESSER NÍCIA - Quando deveria ela tomá-la?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.188.

CALÍMACO - Hoje à noite, após a ceia, pois a lua se apresenta favorável e o tempo não poderia ser mais apropriado.

MESSER NÍCIA - Não será questão de monta. Preparai-a, em todo o caso, e eu farei com que ela a tome.

CALÍMACO - É preciso, agora, atentar bem nisto: que o primeiro homem que tiver relações com ela, depois de ela tomar a poção, morrerá dentro de oito dias e não há nada neste mundo que possa salvá-lo.

MESSER NÍCIA - Maus raios me partam! Não quero saber dessa zurrapa. A mim é que não vais impingi-la. Bonito serviço me fizestes!

CALÍMACO - Tranqüilizai-vos, que isso, também, pode remediar-se.

DPF DCDP Fls. N.º 161 Rubrica

MESSER NÍCIA - De que modo?

CALÍMACO - Fazei logo dormir com ela outra pessoa, que, possuindo-a por uma noite, puxe a si toda a infecção da mandrágora. Depois, podereis novamente ter relações com ela, sem o menor perigo.

MESSER NÍCIA - Isso é que eu não farei.

CALÍMACO - Por quê?

MESSER NÍCIA - Porque não quero mudar minha mulher em fêmea e a mim em cabrão.

CALÍMACO - Que dizeis, doutor? Oh, vejo que não sois tão sábio quanto julguei. Com que, então, tendes dúvidas em fazer o que fez o rei da França e muitos outros fidalgos que há por lá?

MESSER NÍCIA - Mas quem quereis que eu encontre, que se sujeite a semelhante loucura? Se eu lhe disser de que se trata, ele não haverá de querer; e, se não lhe disser nada, estarei enganando-o traiçoeiramente, e será um caso para a Junta dos Oito; e não quero cair debaixo das suas garras.

CALÍMACO - Se é apenas isso o que vos preocupa, deixai tudo por minha conta.

MESSER NÍCIA - Como se há de fazer?

CALÍMACO - Vou dizê-lo. Eu vos entregarei a poção hoje à noite, logo depois da ceia. Vós fareis com que vossa esposa a beba e vá, em seguida, para a cama, que sejam cerca de quatro horas da noite. Depois, no

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-189

malandro que encontrarmos vadiando, lhe poremos uma mordaça e, à força de pancadas, o levaremos para a vossa casa e, no escuro, para o vosso quarto. Depois, o meteremos na cama, dizendo-lhe o que deverá fazer; e é certo, então, que não haverá mais dificuldades. Depois, pela manhã, mandareis o homem embora antes que o dia desponte, direis à vossa esposa que se lave e ficareis deitado com ela quanto vos agradar, sem qualquer perigo.

MESSER NÍCIA - Está bem, já que me dizeis que reis, príncipes e fidalgos procederam desse modo; mas, principalmente, que não se venha a saber, por amor dos Oito!

DPF DCDP Fls. N.º 162 Rubrica

CALÍMACO - E quem quereis que vá contar-lhes o que houve?

MESSER NÍCIA - Ainda nos resta um trabalho, e de muita importância.

CALÍMACO - Qual é?

MESSER NÍCIA - Convencer minha mulher, pois não creio que ela jamais se decidirá a fazer isso.

CALÍMACO - Tendes razão. Mas eu não desejaria estar casado, se não soubesse decidir minha mulher a obedecer-me.

LIGÚRIO - Já achei o remédio.

MESSER NÍCIA - De que modo procederemos, então?

LIGÚRIO - Por intermédio do confessor.

CALÍMACO - E quem convencerá o confessor?

LIGÚRIO - Eu, tu, o dinheiro, a nossa maldade e a deles.

MESSER NÍCIA - Receio, porém, se for eu quem a mandar, que ela não quererá ir falar com o confessor.

LIGÚRIO - Também para isso há remédio.

CALÍMACO - Fala!

LIGÚRIO - É fazer com que sua mãe a leve lá.

MESSER NÍCIA - Sim, à mãe ela dá ouvidos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p-190.

Eu e o doutor iremos à casa de sua mãe, para dispô-la a secundar-nos, pois é minha conhecida. Depois, iremos visitar o frade e vos inteiraremos de tudo que tivermos combinado.

DPF DCDP Fls. N.º 163 Rubrica

CALÍMACO - Pelo amor de Deus, não me deixes só!

LIGÚRIO - Eu diria que estás enfeitiçado.

CALÍMACO - Aonde queres que eu vá, a estas horas?

LIGÚRIO - Aqui, acolá, numa rua, noutra. É tão grande Florença!

CALÍMACO - Eu ainda morro hoje!

CANÇÃO

após o ato II

Como seja feliz, cada qual vê,
quem nasce tolo e em tudo crê e confia!
Ambição não o oprime
nem o move o temor,
que soem ser semente
de dor e de tristeza.
Esse vosso doutor,
sequioso de ter filhos,
creria que os burros voam;
e, qualquer outro bem pondo em olvido,
seus anseios somente neste aviva.

ATO III

CENA I

Sóstrata, Messer Nícia e Ligúrio

SÓSTRATA - Sempre ouvi dizer que é dever do homem prudente escolher, dentre as más resoluções, a melhor. Se, para ter filhos, não vos resta outro recurso, deve-se adotar esse, para não agravar a consciência

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.191

LIGÚRIO - Ireis ver vossa filha, enquanto eu e o doutor visitaremos frei Timóteo, seu confessor, e lhe contaremos o caso, para que vós não necessiteis de referi-lo. Vós mesma, dpois, ouvireis o que ele dirá.

SÓSTRATA - Assim se fará. O vosso caminho é nessa direção. Eu vou ter com Lucrécia e a levarei a falar com o frade, seja lá como for.

DPF DCDP Fls. N.º 164 Rubrica

CENA II

Messer Nícia e Ligúrio

MESSER NÍCIA - Talvez te admires, Ligúrio, de que seja preciso urdir tantas tramas, para convencer minha mulher; mas, se soubesses tudo, não te admirarias.

LIGÚRIO - Penso que assim acontece, porque todas as mulheres são desconfiadas.

MESSER NÍCIA - Não é nada disso. Ela era a mais suave criatura deste mundo e a mais dócil; mas, tendo-lhe dito uma vizinha que emprenharia se fizesse a promessa de ouvir, durante quarenta manhãs, a primeira missa na igreja dos Servitas, fez a promessa e lá foi, talvez, umas vinte manhãs. Aconteceu que um daqueles fradalhões começou a andar-lhe à roda; de tal modo que ela não quis mais voltar lá. É uma desgraça, realmente, que aqueles que deveriam nos dar o bom exemplo sejam assim. Não é verdade?

LIGÚRIO - Se é verdade, com mil diabos!

MESSER NÍCIA - Desde esse dia, ela tem pulga no ouvido; e, mal se lhe diz uma coisa, cria mil dificuldades.

LIGÚRIO - Agora, já não me admiro de nada. Mas como se cumpriu a promessa?

MESSER NÍCIA - Obteve dispensa.

LIGÚRIO - Muito bem. Se os tendes, porém, dai-me vinte e cinco ducados; porque, em casos como este, é preciso gastar e captar depressa a amizade do frade, deixando-lhe a esperança de recompensa ainda melhor

MESSER NÍCIA - Toma. Isso não me apoquenta. Pouparei noutras coisas.

LIGÚRIO - Esses frades são ladinos, astutos, o que se explica, pois conhecem os nossos pecados e os deles mesmos; e, quem não os pratica, pode-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p 192

de de seus livros, mas não sabe pesar bem as coisas deste mundo. (Este doutor é tão tolo, que receio não deite tudo a perder.)

MESSER NÍCIA - Dize-me o que queres que eu faça.

LIGÚRIO - Quero que me deixeis falar com ele, sozinho, e que não faleis nunca, senão quando eu vos fizer um sinal.

DPF DCDP Fls. N.º 165 Rubrica

MESSER NÍCIA - Está bem. Que sinal me farás?

LIGÚRIO - Piscarei um olho, morderei o lábio. Não! Procedamos de outro modo. Há quanto tempo não falais com o frade?

MESSER NÍCIA - Faz mais de dez anos.

LIGÚRIO - Ótimo. Eu lhe direi que ensurdecestes; e vós não respondereis nem direis coisa alguma, se não falarmos alto.

MESSER NÍCIA - Assim farei.

LIGÚRIO - Não vos apoquente se eu disser alguma coisa que vos pareça desconforme ao que queremos, pois tudo reverterá em nosso proveito.

MESSER NÍCIA - Deus queira.

LIGÚRIO - Mas vejo o frade falando com uma mulher. Esperemos até que a tenha despachado.

CENA III

Frei Timóteo e uma mulher

FREI TIMÓTEO - Se quiserdes confessar-vos, farei o que desejais.

MULHER - Por hoje, não; estão à minha espera e me é suficiente ter desabafado um pouco, assim, em pé. Dissestes aquelas missas de Nossa Senhora?

FREI TIMÓTEO - Disse, sim, senhora.

MULHER - Tomai, agora, este florim: celebrareis todas as segundas-feiras, durante dois meses, a missa dos mortos pela alma do meu marido. Se bem que fosse um grande malvado, a carne é fraca; e não posso impedir que a minha se excite quando me lembro dele. Mas julgais deveras qu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.193.

FREI TIMÓTEO - Sem dúvida!

MULHER - Eu é que não sei ao certo. Bem sabeis o que ele, às vezes, me fazia Oh, quanto me queixei disso convosco! Eu afastava o corpo, tanto quanto podia; mas ele era tão insistente, meu Deus do céu!

FREI TIMÓTEO - Não duvideis, a clemência de Deus é grande; e, se ao homem não faltar a vontade, nunca lhe faltará, tampouco, o tempo para se arrepender.

DPF DCDP Fls. N.º 166 Rubrica

MULHER - Achais que os turcos, este ano, invadirão a Itália?

FREI TIMÓTEO - Sim, se não fizerdes oração.

MULHER - Credo! Deus nos acuda contra essas invenções do diabo! Tenho muito medo da tal empalação! Mas vejo, aqui na igreja, uma mulher com um tecido meu; preciso falar com ela. Muito bom dia, padre!

FREI TIMÓTEO - Ide em paz!

CENA IV

Frei Timóteo, Ligúrio e messer Nícia

FREI TIMÓTEO - Não há pessoas mais caridosas do que as mulheres nem mais enfadonhas. Quem as enxota, evita os aborrecimentos e o proveito; quem lhes dá trela, tem, do mesmo passo, proveito e aborrecimentos. A verdade é que não há mel sem moscas. Que andais fazendo, homens de bem? Não é messer Nícia quem vejo aí?

LIGÚRIO - Falai em voz alta, pois ensurdeceu de tal modo, que não ouve mais nada.

FREI TIMÓTEO - Sede bem-vindo, messere!

LIGÚRIO - Mais alto!

FREI TIMÓTEO - Sede bem-vindo!

MESSER NÍCIA - Obrigado, padre!

FREI TIMÓTEO - Que andais fazendo por aqui?

MESSER NÍCIA - Todos bem, obrigado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p-194.

FREI TIMÓTEO - Que desejais de mim?

LIGÚRIO - O aqui presente messer Nícia e mais outro homem de bem, cujo nome sabereis mais tarde, querem mandar distribuir em esmolas várias centenas de ducados.

DPF
DCDP
Fls. N.º 167
Rubrica

MESSER NÍCIA - Pelas tripas de Judas!

LIGÚRIO - (Calai-vos, com a breca, que não serão muitos.) Não vos espante, padre, com o que ele possa dizer, pois não ouve e parecendo-lhe, às vezes, ouvir, responde fora de propósito.

FREI TIMÓTEO - Continua e deixa-o falar o que bem entenda.

LIGÚRIO - Trouxe comigo uma parte desse dinheiro; e eles formaram tenção de que sejais vós quem deverá distribuí-lo.

FREI TIMÓTEO - Com muito prazer.

LIGÚRIO - Mas é preciso, antes de fazer-se a esmola, que nos auxilieis num caso estranho, que aconteceu ao doutor; e somente vós podeis dar-lhe ajuda, sendo ocorrência que põe em risco a honra da sua casa.

FREI TIMÓTEO - De que se trata?

LIGÚRIO - Não sei se conheceis Camilo Calfucci, sobrinho de messer Nícia.

FREI TIMÓTEO - Sim, conheço-o.

LIGÚRIO - Esse Camilo, por certos negócios seus, foi para a França, há um ano; e, não tendo esposa, que lhe morreu, confiou uma filha casadoira à guarda de um mosteiro, cujo nome, agora, não vem ao caso.

FREI TIMÓTEO - E que se seguiu daí?

LIGÚRIO - Seguiu-se que, por negligência das monjas ou leviandade da moça, esta se encontra grávida de quatro meses; de modo que, se não se reparar o mal com prudência, o doutor, as monjas, Camilo e a casa dos Calfucci padecerão grave desdouro. O doutor teme tanto essa vergonha, que fez a promessa, se ela não se tornar pública, de dar trezentos ducados pelo amor de Deus.

MESSER NÍCIA - Que diabo de conversa é essa?

LIGÚRIO - (Quieto, por favor!) Entende dá-los por vossas mãos; pois somente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.195.

FREI TIMÓTEO - De que maneira?

LIGÚRIO - Persuadindo vós a abadessa a dar à moça uma poção que a faça abortar.

DPF DCDP Fls. N.º 168 Rubrica

FREI TIMÓTEO - É um assunto que requer reflexão.

LIGÚRIO - Vede, em assim procedendo, quantos bens advirão daí: preservais a honra do mosteiro, da moça, dos parentes, devolveis ao pai uma filha, satisfazeis messer Nícia e toda a sua parentela e dais tantas esmolas quantas podem distribuir-se com esses trezentos ducados. Por outro lado, não ofendeis senão um pedaço de carne, que ainda não nasceu, que não tem sexo e que, de mil maneiras, poderia perder-se. Creio que seja bem aquilo que favorece as mais das pessoas e de que se regozije o maior número delas.

FREI TIMÓTEO - Seja tudo em nome de Deus. Faça-se o que desejais e, por amor a Deus e à caridade, não se deixe nada por fazer. Dizei-me qual é o mosteiro, dai-me a poção e, se não vos desagrada, também esse dinheiro, com que eu possa começar a praticar algum bem.

LIGÚRIO - Agora, pareceis-me realmente aquele religioso que sempre vos julguei. Tomai este dinheiro à conta. O mosteiro é... Esperai um momento. Está ali, na igreja, uma mulher fazendo-me um sinal. Volto já. Não vos afasteis de messer Nícia. Vou saber o que ela quer de mim.

CENA V

Frei Timóteo e messer Nícia

FREI TIMÓTEO - Essa moça, que idade tem?

MESSER NÍCIA - Estou assombrado.

FREI TIMÓTEO - Perguntei que idade tem a moça.

MESSER NÍCIA - O diabo que o carregue!

FREI TIMÓTEO - Por quê?

MESSER NÍCIA - Para que fique com ele!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 196.

CENA VI

Ligúrio, frei Timóteo e messer Nícia

DPF
DCDP
Fls. N.º 169
Rubrica

LIGÚRIO - Por favor, ficai quieto, messere. Oh, padre! Trago uma grande nova

FREI TIMÓTEO - Qual é?

LIGÚRIO - A mulher com quem falei disse-me que a moça abortou sozinha.

FREI TIMÓTEO - Muito bem; a esmola será distribuída.

LIGÚRIO - Que dizeis?

FREI TIMÓTEO - Digo que, com maior razão, devereis dar a esmola.

LIGÚRIO - A esmola se dará, se quiserdes; mas é preciso que façais outra coisa em benefício do doutor.

FREI TIMÓTEO - De que se trata?

LIGÚRIO - Coisa de menor monta e de menor escândalo, mais grata a nós, mais útil a vós.

FREI TIMÓTEO - Falai. Estou convosco em tão bons termos e parece-me havermos contraído tamanha intimidade, que não há nada que eu não faria por vós.

LIGÚRIO - Vou dizer-vos tudo na igreja, a sós. O doutor tenha a bondade de esperar aqui. Voltamos já.

MESSER NÍCIA - Sim, por mal dos meus pecados!

FREI TIMÓTEO - Vamos.

CENA VII

Messer Nícia, sozinho

MESSER NÍCIA - É dia ou noite? Estou acordado ou sonhando? Acaso estarei bêbedo, se bem que hoje nada bebesse, para deixar-me embalar em tais cantigas? Ficamos de dizer uma coisa ao frade, e ele diz outra. Depois, quis que me fizesse de surdo e fora mister

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.197

teressa ainda não se falou e, agora, largaram-me aqui em pé, como um palerma. Mas aí estão de volta. Ai deles se não cuidaram do meu caso!

DPF
DCDP
Fls. N.º 170
Rubrica

CENA VIII

Frei Timóteo, Ligúrio e messer Nícia

FREI TIMÓTEO - Mandai vir as mulheres. Sei o que devo fazer; e, se minha autoridade tiver algum valor, hoje à noite concluiremos o casório.

LIGÚRIO - Messer Nícia, frei Timóteo está disposto a fazer tudo. Cumpre prover para que as mulheres venham.

MESSER NÍCIA - Devolves-me a vida. Achas que será varão?

LIGÚRIO - Vosso filho? Varão, sem dúvida.

MESSER NÍCIA - Eu já choro de ternura.

FREI TIMÓTEO - Entrai na igreja e eu esperarei aqui pelas mulheres. Ficai em lugar onde elas não vos vejam; e,depois que partirem, sereis inteirados do que disseram.

CENA IX

Frei Timóteo, sozinho

FREI TIMÓTEO - Não sei quem, de nós dois, empulhou o outro. Esse malvado do Ligúrio veio aqui, com aquela primeira nova, para tentar-me, a fim de que, se eu consentisse nela, mais facilmente me induzisse a outra, e, se não consentia, não me diriam a outra, para não traírem seus planos sem proveito, pois da falsa não cuidavam. É verdade que eu caí na esparrela; mas esse logro me traz vantagens. Messer Nícia e Calímaco são ricos e de cada um deles, por diferentes razões, poderei tirar bom proveito. Convém que a coisa fique em segredo, que isto tanto interessa a eles quanto a mim. Seja lá como for, não me arrependo É certo que receio não surja alguma dificuldade, pois a senhora Lucrécia é avisada e honesta; mas eu me pegarei à sua bondade. Cachola de mulher tem pouco miolo; e, quando uma delas sabe dizer duas palavras, logo anda nas bocas do mundo, pois

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 198.

CENA X

Sóstrata e Lucrécia

DPF
DCDP
Fls. N.º 171
Rubrica

SÓSTRATA - Penso que estás persuadida, minha filha, de que prezo a tua honra mais do que ninguém neste mundo e de que não te aconselharia coisa que fosse desconveniente. Disse e repito que, se frei Timóteo afirmar que não há encargo de consciência, deverás fazê-lo sem nenhuma preocupação.

LUCRÉCIA - Sempre receei que a vontade de ter filhos, que anima messer Nícia nos fizesse cometer algum erro; por isso, toda a vez em que ele me falou nalguma coisa, fiquei temerosa e em grande apreensão, mormente depois que me aconteceu aquilo que sabeis, por ter ido à missa na igreja dos Servitas. Mas, de tudo o que até aqui se tentou, isto de submeter o meu corpo a vitupério e ser causa de que um homem morra para ultrajar-me, parece-me o mais estranho. Pois não creio que, se ficasse sozinha mo mundo e de mim dependesse o renascer da espécie humana, eu me acomodaria a tomar tal partido.

SÓSTRATA - Não sei dizer-te nada, minha filha. Falarás com o frade, ouvirás o que ele dirá e farás, depois, o que te aconselharem ele e os que te querem bem.

LUCRÉCIA - Estou suando de emoção.

CENA XI

Frei Timóteo, Lucrécia e Sóstrata

FREI TIMÓTEO - Sede bem-vindas! Sei o que desejais ouvir de mim, porque messer Nícia já me falou. E, na verdade, consultei os livros, estudando a questão, durante mais de duas horas; e, após longas pesquisas, encontrei muita coisa que, no particular e no geral, se ajusta ao nosso caso.

LUCRÉCIA - Falais a sério, padre, ou gracejais?

FREI TIMÓTEO - Oh, senhora Lucrécia! Então esse é assunto com o qual se graceje? Acaso, me conheceis somente desde agora?

LUCRÉCIA - Não, padre; mas esta me parece a coisa mais estranha que jamais ouvi.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-199.

estranhas; mas, quando delas nos acercamos, revelam-se humanas, aceitáveis, corriqueiras. Por isto se diz serem os sustos maiores do que os males. E este é um dos exemplos.

DPF DCDR Fls. N.º 172 Rubrica

LUCRÉCIA - Deus o queira!

FREI TIMÓTEO - Desejo voltar ao que vos dizia ainda há pouco. Quanto à consciência, deveis adotar este princípio geral, de que, onde há um bem certo e um mal incerto, nunca se deve deixar esse bem por medo daquele mal. Aqui, temos um bem certo: que vós concebereis e conquistareis uma alma para Deus Nosso Senhor. O mal incerto é que aquele que se deite convosco, após a poção, venha a morrer. Mas há também os que não morrem. Sendo, porém a coisa duvidosa, é bom que messer Nícia não corra esse perigo. Quanto ao ato, que seja pecado, é uma léria, porque a vontade é quem peca, e não o corpo; e a causa do pecado seria descontentar o marido, e vós o contentais; seria ter prazer nele, e vós provais desgosto. Além disso, deve-se, em todas as coisas, considerar o fim; o vosso é preencher uma vaga no paraíso, satisfazendo vosso marido. Diz a Bíblia que as filhas de Lot, julgando que tivessem ficado sós no mundo, se uniram com o pai; e, porque sua intenção foi boa, não pecaram.

LUCRÉCIA - De que intentais persuadir-me?

SÓSTRATA - Persuade-te à submissão, minha filha. Não vês que uma mulher sem filhos é uma mulher sem lar? Morre-lhe o marido e fica como um bicho, abandonada por todos.

FREI TIMÓTEO - Eu vos juro, senhora, por este peito sagrado, que há tanto caso de consciência em obedecer à vontade de vosso marido, neste assunto, quanto em comer carne às quartas-feiras, que é pecado que se vai com água benta.

LUCRÉCIA - Aonde me conduzis, padre?

FREI TIMÓTEO - Conduzo-vos a coisas pelas quais tereis sempre motivo de rezar a Deus por mim; e mais satisfeita estareis daqui a um ano, do que agora.

SÓSTRATA - Ela fará o que quiserdes. Hoje à noite, eu mesma vou pô-la na cama. De que tens medo, toleirona? Há não sei quantas mulheres, neste mundo, que ergueriam as mãos ao céu no teu lugar.

LUCRÉCIA - Farei a vossa vontade. Mas não creio que ainda estarei viva, ama-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.200.

ção do arcanjo Rafael, para que te acompanhe. Ide em paz e ppreparai-vos para esse mistério, que já anoitece.

DPF DCDP Fls. N.º 173 Rubrica

SÓSTRATA - Ficai descansado, padre.

LUCRÉCIA - Valham-me Deus e Nossa Senhora, para que não me aconteça nenhuma mal!.

CENA XII

Frei Timóteo, Ligúrio e messer Nícia

FREI TIMÓTEO - Ó Ligúrio, vinde cá fora!

LIGÚRIO - Então, como vão as coisas?

FREI TIMÓTEO - Vão muito bem. Elas foram para casa dispostas a fazer tudo; e não surgirão mais dificuldades, porque a mãe ficará com ela e irá pô-la ela mesma na cama.

MESSER NÍCIA - Dizeis a verdade?

FREI TIMÓTEO - Ora esta! Vejo que sarastes da surdez!

LIGÚRIO - São Clemente lhe concedeu essa graça.

FREI TIMÓTEO - Convirá, então, colocar uma imagem no seu altar e promovermos um pouco de comércio em torno dela, a fim de que eu também tenha algum lucro no caso.

MESSER NÍCIA - Não entremos em pormenores inúteis. Vamos ao que importa. Minha mulher criará alguma dificuldade em fazer o que eu quero?

FREI TIMÓTEO - Já vos disse que não.

MESSER NÍCIA - Sou o homem mais feliz do mundo.

FREI TIMÓTEO - Pudera! Ganhareis um filho varão; e pior para quem não o tem!

LIGÚRIO - Ide às vossas orações, frade, e, se precisarmos de mais alguma coisa, viremos falar convosco. Vós, messere, ide ter com a vossa esposa, para sustentá-la nessa resolução, enquanto eu procurarei mestr Calímaco, para que vos mande a poção; e, a uma hora, fazei com que eu vos torne a ver, para dispormos o que se há de fazer às quatro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 201

FREI TIMÓTEO - Ide em paz!

DPF
DCDP
Fls. N.º 174
Rubrica

CANÇÃO

após o Ato III

Tão suave é o engano
levado ao fim tão almejado e caro,
que bane a alheia angústia
e doce faz todo o sabor amargo.
Oh, remédio alto e raro,
que o bom caminho aponta à alma errante!
Com teu grande valor,
tornando outrem feliz, brindas o amor
e vences, só co'os teus conselhos santos,
pedras, veneno e encantos.

ATO IV

CENA I

Calímaco, sozinho

CALÍMACO - Bem gostaria de saber o que andou fazendo essa gente. Será que não reverei Ligúrio? E não são apenas vinte e três, mas já vinte e quatro horas! Em que angústia d'alma estive e estou! E é verdade que o fado e a natureza mantêm sempre em equilíbrio as contas do balanço: nunca nos fazem um bem que, de encontro, não surja um mal. Quanto mais cresceu minha esperança, tanto mais aumentou o meu medo. Coitado de mim! Será possível que deva viver em tamanha aflição, atribulado por estes temores e estas esperanças? Sou como uma nau açoitada por dois ventos contrários, que tanto mais teme, quanto mais se acha próxima do porto. A patetice de messer Nícia induz-me a esperar, a prudência e a dureza de Lucrécia me fazem temer. Ai de mim, que não encontro paz em parte alguma! Procuro, por momentos, dominar-me, repreendendo-me do meu furor e dizendo a mim mesmo: "Que fazes? Enlouqueceste? E, ainda que a consigas, que será de ti? Reconhecerás o teu erro, ficarás arrependido das fadigas e apoquentações que tiveste. Não sabes quão pouco bem se encontra nas coisas que o homem deseja, em comparação com

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.202.

ta gente! E estão no inferno tantos homens de bem! Deverás, porventura, envergonhar-te de lá ires também? Arrosta o destino: foge o mal, mas, se não podes fugi-lo, suporta-o como homem; não te prosternes, não te acovardes como uma mulher". E, assim, levanto o meu ânimo, mas apenas por pouco tempo, porque logo, de todos os lados, me acomete tamanho desejo de possuí-la ao menos uma vez, que me sinto todo transtornado: as pernas me tremem, as vísceras comovem-se, o coração me salta do peito, caem-me os braços, a língua emudece, os olhos se me ofuscam, o cérebro me anda à roda. Contudo, se encontrasse Ligúrio, teria, ao menos, alguém com quem desabafar. Mas ei-lo vindo rápido na minha direção. O seu relato fará com que eu ainda viva por um pouco ou que morra de uma vez.

DPF
DCDP
Fls. N.° 175
Rubrica

CENA II

Ligúrio e Calímaco

LIGÚRIO - Nunca desejei tanto encontrar Calímaco e nunca me custou tanto encontrá-lo. Se lhe trouxesse más novas, já o teria encontrado. Estive em casa, na praça, no mercado, no Pancone dos Spini, na Loggia dos Tornaquinci, e não o achei. Esses apaixonados têm azougue debaso dos pés e não podem ficar parados um só momento.

CALÍMACO - Que faço, que não o chamo? Parece-me, até, que ele está alegre. Olá, Ligúrio, Ligúrio!

LIGÚRIO - Oh, Calímaco! Onde estiveste?

CALÍMACO - Que notícias me trazes?

LIGÚRIO - Muito boas.

CALÍMACO - Boas, deveras?

LIGÚRIO - Ótimas.

CALÍMACO - Lucrécia consente?

LIGÚRIO - Sim.

CALÍMACO - O frade fez o necessário?

LIGÚRIO - Fez.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-203.

O frade vai querer coisa bem diferente das tuas rezas!

CALÍMACO - Que irá ele querer?

DPF DCDP Fls. N.º 176 Rubrica

LIGÚRIO - Dinheiro!

CALÍMACO - Pois o receberá. Quanto lhe prometeste?

LIGÚRIO - Trezentos ducados.

CALÍMACO - Fizeste muito bem.

LIGÚRIO - O doutor desembolsou vinte e cinco.

CALÍMACO - Como?

LIGÚRIO - É suficiente saberes que os desembolsou.

CALÍMACO - E que fez a mãe de Lucrécia?

LIGÚRIO - Quase tudo. Quando ouviu que a filha tinha um modo de passar esta boa noite sem pecado, não parou de rogar, mandar, confortar Lucrécia, enquanto não a levasse a falar com o frade; e, depois, procedeu de tal maneira, que ela consentiu.

CALÍMACO - Oh, meu Deus! Por quais méritos meus deverei receber tantos benefícios? Ainda morro de contentamento.

LIGÚRIO - Mas que espécie de gente é essa? Ora de contentamento, ora de dor, esse aí quer morrer a todo o transe. Já prepareste a poção?

CALÍMACO - Já, sim.

LIGÚRIO - Que vais mandar-lhe?

CALÍMACO - Um copo de hipocraz, que é próprio para restaurar o estômago e alegrar o cérebro... Ai de mim, ai de mim, ai de mim! Sou um homem morto!

LIGÚRIO - Que foi? Que houve?

CALÍMACO - Qual, não há remédio!

LIGÚRIO - Que diabo aconteceu?

CALÍMACO - Demos com os burros n'água e estou num bico com orelha

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p-204

LIGÚRIO - Por quê? Fala de uma vez! Tira as mãos do rosto.

CALÍMACO - Não te lembras de que eu disse a messer Nícia que eu, tu, ele e Siro iríamos agarrar um indivíduo qualquer, para pô-lo no leito da esposa?

DPF DCDR Fls. N.º 177 Rubrica

LIGÚRIO - E isso que nos importa?

CALÍMACO - Como, que nos importa? Se eu estiver convosco, não poderei ser o tal que será agarrado; e, se não estiver, ele perceberá o engano.

LIGÚRIO - É verdade. Mas não haverá remédio?

CALÍMACO - Creio que não.

LIGÚRIO - Pois eu acho que deve haver.

CALÍMACO - E qual?

LIGÚRIO - Preciso pensar um pouco no assunto.

CALÍMACO - Bonito serviço! Estou bem arranjado, se ainda precisas pensar nele.

LIGÚRIO - Pronto, já achei.

CALÍMACO - Que faremos, então?

LIGÚRIO - Farei com que o frade, que nos auxiliou até aqui, se encarregue também do resto.

CALÍMACO - De que modo?

LIGÚRIO - Temos de disfarçar-nos todos, não é assim? Pois farei disfarçar-se também o frade: imitará a tua voz, o rosto, o trajo; direi ao doutor que és tu e ele acreditará.

CALÍMACO - A idéia é boa. Mas que farei eu?

LIGÚRIO - Penso que deverás por uma capinha em cima da roupa e, segurando um alaúde, vir andando dali, do canto da sua casa, cantando uma canção.

CALÍMACO - Com o rosto descoberto?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 205.

LIGÚRIO - Não, porque quero que entortes o rosto, que abras, adelgaces ou arreganhes a boca e feches um olho. Experimenta.

DPF
DCDP
Fls. N.º 178
Rubrica

CALÍMACO - Assim?

LIGÚRIO - Não.

CALÍMACO - Assim?

LIGÚRIO - Não basta.

CALÍMACO - Desta maneira?

LIGÚRIO - Sim, sim. Guarda isso bem na mente. Tenho um casa um nariz postiço quero que o grudes no teu.

CALÍMACO - Está bem. Mas que acontecerá, depois?

LIGÚRIO - Assim que apareceres na esquina, nós, que já lá estaremos, trataremos de arrancar-te o alaúde das mãos e de agarrar-te; e, depois de fazer-te rodar sobre ti mesmo, te levaremos para casa e te poremos na cama. Ao resto, deverás prover sozinho!

CALÍMACO - A questão toda é chegar até lá!

LIGÚRIO - Chegarás. Mas, fazer com que possas lá voltar, cabe a ti e não a nós.

CALÍMACO - Como?

LIGÚRIO - Tudo depende de que a conquistes esta noite e, antes de ir embora, revelando-lhe quem és, lhe descubras o embuste, lhe mostres o amor que tens por ela, lhe digas todo o bem que lhe queres, demonstrando-lhe como pode, sem infâmia, tornar-se tua amiga ou, com grande infâmia, tua inimiga. É impossível que ela não concorde contigo e queira que esta noite seja a única.

CALÍMACO - Acreditas nisso, realmente?

LIGÚRIO - Tenho certeza. Mas não percamos mais tempo: já são duas horas. Chama Siro, manda a poção a messer Nícia e espera por mim em casa. Irei à procura do frade e o farei disfarçar-se. Depois, o conduziremos aqui e faremos o que ainda falta.

CALÍMACO - Dizes bem. Vai depressa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p206.

CENA III

Calímaco e Siro

DPF
DCDP
Fls. N.º 179
Rubrica

CALÍMACO - Olá, Siro.

SIRO - Meu senhor!

CALÍMACO - Vem cá!

SIRO - Aqui estou.

CALÍMACO - Apanha aquele copo de prata, que está dentro do armário do quarto, cobre-o com um paninho e traze-o aqui; mas toma cuidado em não entorná-lo no caminho.

SIRO - Vou já, sim, senhor.

CALÍMACO - Esse está comigo há dez anos e sempre me serviu fielmente. Penso que, também desta vez, poderei contar com ele; e, se bem que não lhe explicasse o embuste, certamente o fareja, pois é bem ladino e vejo que se vai acomodando às circunstâncias.

SIRO - Aqui está o copo.

CALÍMACO - Muito bem. Vai à casa de messer Nícia e dize-lhe que este é o remédio que a esposa deverá tomar, logo depois da ceia e, quanto mais cedo, tanto melhor. Dize-lhe, mais, que nós estaremos na esquina à hora aprazada e que ele trate de estar lá também. Vai depressa.

SIRO - Imediatamente.

CALÍMACO - Escuta. Se ele quiser que o esperes, espera-o e vem ter aqui junto com ele; se não quiser, volta imediatamente, depois de entregar-lhe o copo e dar-lhe o meu recado.

SIRO - Sim, meu senhor.

CENA IV

Calímaco, sozinho

CALÍMACO - Espero que Ligúrio volte com o frade; quem diz que esperar é coi-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0459,p207

duas horas e tolhido pelo medo de que não surja alguma novidade que transtorne o meu plano. Porque, se surgir, esta será a derradeira hora da minha vida, pois ou me atirarei ao Arno ou me enforcarei ou me lançarei de uma janela ou me transpassarei com uma faca diante da porta da sua casa. Farei qualquer coisa para não mais viver. Mas é Ligúrio quem vejo ali? Sim, é ele e traz consigo alguém que parece corcunda e coxo. Deve ser, certamente, o frade disfarçado. Oh, frades! Quem conhece um, conhece-os todos. Mas quem será esse outro, que se acercou deles? Parece-me Siro, que já terá dado o recado ao doutor. É ele mesmo. Vou esperá-los aqui, para combinar-me com eles.

DPF DCDP Fls. N.° 180 Rubrica

CENA V

Siro, Ligúrio, frei Timóteo, disfarçado, e Calímaco

SIRO - Quem é esse que está contigo, Ligúrio?

LIGÚRIO - Um homem de bem.

SIRO - É coxo ou está fingindo?

LIGÚRIO - Não é da tua conta.

SIRO - Oh! Tem o rosto de Satanás!

LIGÚRIO - Cala-te, sim? que já nos aborreceste! Onde está Calímaco?

CALÍMACO - Aqui me tendes. Sede bem-vindos!

LIGÚRIO - Ó Calímaco, repreende este néscio de Siro; já disse mil disparetes

CALÍMACO - Ouve-me, Siro: hoje à noite, deverás obedecer a tudo o que te disser Ligúrio e fazer de conta, quando ele te der uma ordem, que fui eu quem a deu. E, daquilo que vires ou ouvires, deverás guardar segredo, na medida em que estimes haveres a honra, a minha vida e o teu interesse.

SIRO - Assim farei.

CALÍMACO - Entregaste o copo ao doutor?

SIRO - Sim, senhor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.208.

FREI TIMÓTEO - É esse aí Calímaco?

CALÍMACO - Sim, sou eu, um vosso criado. Podereis dispor de mim e dos meus bens, como se fossem coisa vossa.

FREI TIMÓTEO - Já me foi dito e o creio; e entrei a fazer por ti o que não teria feito por nenhum outro homem deste mundo.

DPF DCDP Fls. N.º 181 Rubrica

CALÍMACO - Não será trabalho perdido.

FREI TIMÓTEO - Basta-me que me queiras bem.

LIGÚRIO - Deixemo-nos de cerimônias. Eu e Siro iremos disfarçar-nos. Tu, Calímaco, vem conosco, para poderes, depois, tratar da tua vida. O frade esperará por nós aqui. Voltaremos sem demora e iremos ter com messer Nícia.

CALÍMACO - Dizes bem. Vamos.

FREI TIMÓTEO - Fico à vossa espera.

CENA VI

Frei Timóteo, disfarçado, sozinho

FREI TIMÓTEO - Falam a verdade os que dizem que as más companhias levam o homem à forca. E, a miúdo, acaba uma pessoa saindo-se mal, quer por ser demasiado complacente e bondosa, quer por ser demasiado malvada. Sabe Deus que eu não pensava em causar mal a ninguém. Estava na minha cela, rezava o meu ofício, cuidava dos meus devotos. Surgiu-me pela frente esse diabo de Ligúrio, que me fez molhar o dedo num erro, onde acabei por mergulhar o braço e o corpo todo, sem que ainda saiba aonde irei parar. Consolo-me, todavia, pensando que, quando uma coisa a muitos importa, muitos são os que devem cuidar dela. Mas eis Ligúrio e o criado de volta.

CENA VII

Frei Timóteo, Ligúrio e Siro

FREI TIMÓTEO - Ainda bem que estais de volta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p 209

FREI TIMÓTEO - Ótimo.

LIGÚRIO - Falta apenas o doutor. Vamos na direção da sua casa. Já são mais de três horas. Vamos!

DPF DCDP Fls. N.º 182 Rubrica

SIRO - Quem será que está abrindo a porta da casa? O criado?

LIGÚRIO - Não, é ele. Ah, ah, ah, ah!

SIRO - Estás rindo?

LIGÚRIO - Quem não haveria de rir? O homem envergou um garnachim, que nem chega a cobrir-lhe o cu. E que diabo pôs na cabeça? Parece-me uma dessas peliças de cônego; e, por baixo, traz um espadim. Ah, ah! Resmunga não sei o quê. Afastemo-nos um pouco; certamente, ouviremos alguma nova desgraça da esposa.

CENA VIII

Messer Nícia, disfarçado

MESSER NÍCIA - Quantos melindres tem essa louca de minha mulher! Mandou a criada para casa da sua mãe e o servidor para fora da cidade. Dito eu a louvo; mas já não a louvo de que, antes de decidir-se a ir para a cama, se abespinhasse tanto: "Não quero... Como hei de fazer?... Que pretendeis que eu faça?... Ai de mim, minha mãe!..." E, se não fosse a mãe passar-lhe uma sarabanda, não entrava na cama nem à mão de Deus Padre! Maus raios a partam! Gosto de ver as mulheres suscetíveis, mas não até esse ponto! Quase nos pôs loucos, esse miolo de gata! E a quem dissesse: "Seja enforcada a mulher mais avisada de Florença!", ela diria: "Que te fiz eu?..." Eu sei que, agora, a coisa vai entrar no devido lugar e que, antes de retirar-me do jogo, poderei dizer que vi tudo com os meus próprios olhos. Mas como estou bem, neste disfarce! Quem iria reconhecer-me? Pareço mais alto, mais jovem, mais esbelto. Não haveria mulher que não me quisesse na cama de graça. Mas onde estão os outros?

CENA IX

Ligúrio, messer Nícia, frei Timóteo e Siro

LIGÚRIO - Boa noite, messere!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.210.

Fls. N. 183
Rubrica

LIGÚRIO - Não tenhais medo, somos nós.

MESSER NÍCIA - Ah! Aqui estais todos! Se não vos reconhecesse logo, teríeis recebido, com esta lâmina, a estocada mais direta que eu soubesse! Tu és Ligúrio? E tu, Siro? E esse outro, o mestre? Ah!

LIGÚRIO - Sim, senhor.

MESSER NÍCIA - Afasta-te! Oh, disfarçou-se tão bem, que não o reconheceria o demo!

LIGÚRIO - Mandei-lhe pôr duas nozes na boca, para que não o reconheçam pela voz.

MESSER NÍCIA - És um asno.

LIGÚRIO - Por quê?

MESSER NÍCIA - Por que não me disseste isto mais cedo? Eu também teria posto duas, pois sabes como é importante não ser reconhecido pela fala!

LIGÚRIO - Tomai, ponde na boca isto.

MESSER NÍCIA - Quem vem a ser?

LIGÚRIO - Uma bola de cera.

MESSER NÍCIA - Dá cá... Ca, pu, ca, co, cu, cu, cus... Que te arrebente o dig bo, patife!

LIGÚRIO - Perdoai-me se vos dei uma bola trocada; foi sem querer.

MESSER NÍCIA - Ca, ca, pu, pu... De que, de que, de que era?

LIGÚRIO - De aloés.

MESSER NÍCIA - Em má hora, desgraçado! Cus, cus!... Mestre, não dizeis nada?

FREI TIMÓTEO - Ligúrio me encolerizou.

MESSER NÍCIA - Oh, como disfarçais bem a voz!

LIGÚRIO - Não percamos mais tempo. Quero ser o capitão e ordenar o exército para a jornada. No corno direito, coloque-se Calímaco, no esquerdo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0439,p211

MESSER NÍCIA - Que é São Cocu?

LIGÚRIO - É o santo mais venerado que há na França. Vamos, preparemos a emboscada nesta esquina. Escutai: ouço um som de alaúde.

DPF
DCDP
Fls. N.º 184
Rubrica

MESSER NÍCIA - Sim, é um alaúde. Que vamos fazer?

LIGÚRIO - Deve mandar-se à frente um batedor, para descobrir quem é; e, conforme o que ele nos relatar, assim procederemos.

MESSER NÍCIA - Quem irá?

LIGÚRIO - Vai tu, Siro. Sabes o que deves fazer. Considera, examina, volta lo go e refere.

SIRO - Vou já.

MESSER NÍCIA - Eu não desejaria que gastássemos cera com defunto ruim, agarrando algum velhote débil ou enfermiço, e tivesse este jogo d recomeçar amanhã à noite.

LIGÚRIO - Não tenhais esse receio. Siro é homem sabido. Ei-lo de volta. Que tal o achas, Siro?

SIRO - É o malandro mais guapo que jamais vísseis! Não terá vinte e cindo anos de idade e vem por aí sozinho, com uma capinha em cima,tocando um alaúde.

MESSER NÍCIA - Está a calhar, se dizes a verdade. Mas vê lá se te enganas, que te custaria muito caro!

SIRO - É como disse.

LIGÚRIO - Esperemos que dobre a esquina e logo lhe saltaremos em cima.

MESSER NÍCIA - Chegai para cá, mestre; pareceis-me um homem de pau. Ei-lo.

CALÍMACO - Ir contigo p'ra cama possa o demo,
já que não me é possível ir lá eu!

LIGÚRIO - Cala a boca, tratante. E dá cá esse alaúde.

CALÍMACO - Ai de mim! Que mal fiz eu?

MESSER NÍCIA - Já vais sabê-lo. Cobre-lhe a cabeça, põe-lhe a mordaça!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 212.

MESSER NÍCIA - Dai-lhe outra volta! Mais uma! Empurrai-o para dentro de casa

FREI TIMÓTEO - Messer Nícia, eu irei repousar, pois morro de dor de cabeça. E, se não for preciso, amanhã de manhã não voltarei.

MESSER NÍCIA - Pois não, mestre, não volteis; saberemos arranjar-nos sozinho

DPF
DCDP
Fls. N.º 185
Rubrica

CENA X

Frei Timóteo, sozinho

FREI TIMÓTEO - Encafurnaram-se em casa e eu irei para o convento. E vós, espectadores, não nos censureis, porque, esta noite, não dormirá ninguém, já que os atos não são interrompidos pelo tempo. Quanto a mim, rezarei o ofício. Ligúrio e Siro tomarão sua ceia, que nada ainda comeram hoje, e o doutor irá do quarto para a sala, a fim de que não se lhe entorne o caldo. Calímaco e a senhora Lucrécia não dormirão, porque bem sei, se eu fosse ele e vós fôsseis ela, que nós não dormiríamos.

CANÇÃO

após o Ato IV

Ó doce noite, ó santas,
calmas horas noturnas,
que velais os amantes ansiosos!
Unem-se em vós tamanhas
ledices, que outra fonte
não conhecem as almas venturosas.
Vós, justo prêmio dando
às amorosas tropas
pelas longas fadigas,
fazeis, horas ditosas,
todo o peito de gelo arder de amor!

ATO V

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.213.

FREI TIMÓTEO - Esta noite não pude pregar o olho, tamanho é o meu desejo de saber como Calímaco e os outros se saíram na empresa. E tratei de ocupar o tempo em várias coisas: rezei as matinas, li uma vida dos Santos Padres, fui à igreja, onde acendi uma lâmpada que se apagara, mudei um véu numa Virgem milagrosa. Quantas vezes eu não disse a esses frades que a conservassem limpa! Admiram-se, depois, de que falta devoção. Eu me lembro de que já houve, diante dela, quinhentas imagens pelas graças alcançadas e, hoje, não haverá vinte. A culpa é nossa, que não soubemos manter-lhe a reputação. Costumávamos ir lá em procissão, todas as noites, depois das completas, e, todos os sábados mandávamos cantar-lhe as laudes. Era a ela que sempre fazíamos promessas para que em seu altar de vissem imagens novas; e, nas confissões, exortávamos homens e mulheres a se lhe votarem. Hoje, não se faz mais nada disso; e ainda nos estranha que as coisas andem tíbias! Oh, como são duros da moleira estes meus frades! Mas ouço um grande alarido vir da casa de messer Nícia. Ei-los, à fé; fazem sair o preso. Demoraram-se até o último momento; já está, justamente, raiando o dia. Quero ficar aqui, sem ser visto, e ouvir o que dizem.

DPF
DCDP
Fls. N.º 186
Rubrica

CENA II

Messer Nícia, Calímaco, Ligúrio e Siro

MESSER NÍCIA - Agarra-o desse lado, que eu o agarro deste; e tu, Siro, segura-o por detrás, pela capa.

CALÍMACO - Não me maltrateis!

LIGÚRIO - Não tenhas medo, podes ir embora.

MESSER NÍCIA - É melhor não irmos mais adiante.

LIGÚRIO - Tendes razão. Soltemo-lo aqui mesmo. Mas, antes, vamos fazer-lhe dar um par de reviravoltas, para que não saiba de onde saiu. Fá-lo rodar, Siro!

SIRO - Pronto!

MESSER NÍCIA - Vira-o outra vez!

SIRO - Cá está.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-214.

MESSER NÍCIA - Deu às pernas. Vamos despir este disfarce. E convirá que saiamos bem cedo de casa, para que não pareça que passamos a noite em claro.

DPF
DCDP
Fls. N.º 187
Rubrica

LIGÚRIO - Tendes razão.

MESSER NÍCIA - Tu e Siro ide ter com mestre Calímaco e referi-lhe que tudo saiu a contento.

LIGÚRIO - Que poderemos dizer-lhe? Nós não sabemos nada. Deveis estar lembrado de que, tão cedo chegamos à vossa casa, fomos para a adega, beber. Vós e a sogra tomastes conta dele e não vos tornamos a ver senão agora, quando nos chamastes para mandá-lo embora.

MESSER NÍCIA - É verdade. Oh, quanta coisa bonita tenho para contar-vos! Minha mulher estava na cama, no escuro. Sóstrata esperava por mim junto do fogo. Cheguei com o maroto e, por via das dúvidas, levei-o para uma despensa, que dá para a sala, onde uma frouxa lâmpada lançava alguma claridade, de modo que ele não podia ver o meu rosto.

LIGÚRIO - Procedeste sabiamente.

MESSER NÍCIA - Mandei que se despisse e ele não se dava por achado; voltei-me, então, para ele, furioso como um cão, de tal maneira que lhe pareceu mil anos o tempo de tirar a roupa e ficar nu. De rosto, era feio. Tinha um narigão e a boca torta; mas nunca vi carnes tão lindas! Branquinho, macio, polpudo! E não me pergu[n]tes pelo resto.

LIGÚRIO - É melhor não falar nisso, pois era preciso examiná-lo todo.

MESSER NÍCIA - Queres zombar de mim? Já que estava com a mão na massa, quis ver o fundo à canastra; e, depois, verificar se ele era são. Se tivesse as pústulas, que seria de mim, agora? Estaria bem arranjado.

LIGÚRIO - Vós é que estais com a razão.

MESSER NÍCIA - Como visse que era sadio, arrastei-o para o quarto e, no escuro, meti-o na cama. Mas, antes de afastar-me, quis ter prova palpável de como estava a coisa, porque não costumo comprar nabos em saco.

LIGÚRIO - Com quanta prudência vos governastes nesse caso!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 213.

LIGÚRIO - De que conversastes?

MESSER NÍCIA - Da tolice de Lucrécia e de como fora melhor que, deixando-se de tantas histórias, tivesse cedido logo. Depois, falamos do menino, que já me parece tê-lo nos braços, o meu pequerrucho, até que ouvi bater três horas. Temendo que o dia chegasse, fui para o quarto. Que diríeis, hein? Não conseguia mais arrancar o velhaco de lá!

DPF DCDP Fls. N.º 188 Rubrica

LIGÚRIO - Acredito.

MESSER NÍCIA - Soubera-lhe bem o petisco! Contudo, levantou-se, eu vos chamei e o trouxemos para fora.

LIGÚRIO - Enfim, tudo correu bem.

MESSER NÍCIA - Pois acredita que lastimo.

LIGÚRIO - O quê?

MESSER NÍCIA - Esse pobre rapaz: que tenha de morrer tão cedo e que esta noite lhe deva custar tão caro.

LIGÚRIO - Vê-se que não tendes mais nada em que pensar! Deixai esse cuidado a ele.

MESSER NÍCIA - Falas a verdade. Não vejo a hora de encontrar mestre Calímaco para regozijar-me com ele.

LIGÚRIO - Dentro de uma hora, sairá de casa. Mas já é dia claro. Nós iremos despir os disfarces. Vós, que fareis?

MESSER NÍCIA - Também irei para casa, pôr uma roupa decente. Mandarei minha mulher levantar-se e lavar-se e a farei ir à igreja, para a purificação. Gostaria de que vós e Calímaco lá estivésseis também e falássemos com o frade, para agradecer-lhe o bem que nos fez e recompensá-lo.

LIGÚRIO - Dizeis bem. É o que faremos.

CENA III

Frei Timóteo, sozinho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p216.

esperá-los na igreja, onde poderei vender melhor o meu peixe. Mas quem está saindo dessa casa? Parece-me Ligúrio e, junto com ele, deve vir Calímaco. Pelos ditos motivos, não quero que me vejam; e, se acaso não forem procurar-me, sempre terei tempo de ir eu à procura deles.

DPF DCDP Fls. N.º 189 Rubrica

CENA IV

Calímaco e Ligúrio

CALÍMACO - Como já te disse, meu Ligúrio, fiquei de maus humores até às nove horas; pois, por maior que fosse o meu prazer, não me parecia bem que o tivesse. Mas, depois de me dar-lhe a conhecer e fazer-lhe compreender o amor que lhe tinha e quão facilmente, pela ingenuidade do marido, podíamos viver felizes, sem qualquer escândalo, prometi-lhe que, se algum dia Deus o chamasse a si, eu a tomaria por esposa. E tendo ela apreciado, além dessas razões, a diferença que há entre o meu possuí-la e o de Nícia e entre os beijos de um amante novo e os de um marido velho, disse, após alguns suspiros: "Já que a tua astúcia, a tolice de meu marido, a ingenuidade de minha mãe e a maldade do meu confessor me levaram a fazer aquilo que, sozinha, nunca faria, quero julgar que tudo provenha de uma disposição do céu, que assim determinasse, e não me sinto suficiente para recusar o que o céu quer que eu aceite. Portanto, eu te tomo por senhor, patrono e guia; é meu pai, meu defensor e quero que sejas todo o meu bem. E aquilo que meu marido quis por uma noite, entendo que o tenha sempre. Procurarás, por isto, tornar-te seu compadre, virás esta manhã à igreja e, dali, depois, almoçar conosco. Dependerá de ti freqüentares a nossa casa a teu talante e poderemos estar juntos a todas as horas e sem suspeitas". Ao ouvir tais palavras, estive a pique de morrer de ventura. Não pude responder nem a mínima parte de tudo que desejava. Agora, sou o homem mais contente e feliz deste mundo; e não tivesse essa felicidade de cessar por obra da morte ou do tempo, eu seria mais bem-aventurado que os bem-aventurados, mais santo que os santos.

LIGÚRIO - De todo o teu bem eu folgo; e aconteceu, justamente, o que te disse. Mas que faremos, agora?

CALÍMACO - Vamos à igreja, pois prometi-lhe estar lá, aonde ela irá com a mãe e com o doutor.

LIGÚRIO - Ouço a porta da sua casa bater: são elas que estão saindo e seguem-as o doutor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p217

CENA V

Messer Nícia, Lucrécia e Sóstrata

MESSER NÍCIA - Eu creio, Lucrécia, que convém fazer as coisas com temor de Deus e não à estouvada.

DPF DCDP Fls. N.º 190 Rubrica

LUCRÉCIA - Que se há de fazer, então?

MESSER NÍCIA - Olha só como responde! Parece um frangote!

SÓSTRATA - Não vos espanteis, está um pouco alvoroçada.

LUCRÉCIA - Que entendeis dizer?

MESSER NÍCIA - Digo que é bom eu ir adiante falar com o frade e dizer-lhe que venha ao teu encontro na porta da igreja, para a purificação, porque, na verdade, hoje de manhã, é como se tu renasces ses.

LUCRÉCIA - E por que não ides de uma vez?

MESSER NÍCIA - Estás muito atrevida, hoje de manhã! Ontem à noite, parecia que ias morrer.

LUCRÉCIA - É tudo graças a vós.

SÓSTRATA - Ide à procura do frade. Mas não é preciso: já está saindo da igreja.

MESSER NÍCIA - É verdade.

CENA VI

Frei Timóteo, messer Nícia, Lucrécia, Calímaco, Ligúrio e Sóstrata

FREI TIMÓTEO - Estou saindo, porque Calímaco e Ligúrio me disseram que o doutor e as mulheres vinham à igreja.

MESSER NÍCIA - Bona dies, padre!

FREI TIMÓTEO - Sede bem-vindas e que Deus vos conceda a graça, senhora Lucrécia, de um lindo filho varão!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p-218.

FREI TIMÓTEO - Podeis estar certa de que há de querer.

MESSER NÍCIA - Mas são Ligúrio e mestre Calímaco, que vejo dentro da igreja?

FREI TIMÓTEO - Sim, messere.

DPF
DCDP
Fls. N.º 191
Rubrica

MESSER NÍCIA - Chamai-os.

FREI TIMÓTEO - Chegai aqui!

CALÍMACO - Deus vos salve!

MESSER NÍCIA - Mestre, tocai a mão, aqui, da minha esposa.

CALÍMACO - Com prazer.

MESSER NÍCIA - Este é o homem, Lucrécia, graças ao qual teremos um bordão onde arrimar a nossa velhice.

LUCRÉCIA - Muito grata vos fico; e desejo que sejais nosso compadre.

MESSER NÍCIA - Deus te abençoe, mulher! E quero que ele e Ligúrio venham almoçar conosco.

LUCRÉCIA - Isso nem se discute.

MESSER NÍCIA - Quero dar-lhes a chave do quarto ao rés do chão, que dá para o átrio, a fim de que possam voltar lá sempre que queiram, pois não têm mulher em casa e vivem como bichos.

CALÍMACO - Aceito-a, para usá-la quando se apresentar a ocasião.

FREI TIMÓTEO - Mas não tenho de receber o dinheiro para as esmolas?

MESSER NÍCIA - Bem sabeis, domine, que ainda hoje o recebereis.

LIGÚRIO - E de Siro, ninguém se lembra?

MESSER NÍCIA - Que peça o que deseja; tudo o que tenho pertence-lhe. Tu, Lucrécia, quantos "grossos" deves dar ao frade pela purificação?

LUCRÉCIA - Não me lembro.

MESSER NÍCIA - Mas quantos, afinal?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 219.

MESSER NÍCIA - Com a breca!

FREI TIMÓTEO - Vós, senhora Sóstrata, ao que me parece, criastes alma nova.

SÓSTRATA - Quem não estaria alegre?

FREI TIMÓTEO - Vamos todos para a igreja,onde rezaremos o ordinário da missa. Mais tarde, depois do ofício, ireis almoçar a vosso prazer. E vós, espectadores, não espereis que tornemos a sair: o ofício é longo, eu ficarei na igreja e eles irão para casa saindo pela porta lateral. Valete!

DPF
DCDP
Fls. N.º 192
Rubrica

CAI O PANO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.220.

PRÓLOGO E CANÇÕES
TRADUZIDOS EM VERSOS

DPF
DCDP
Fls. N.º 193
Rubrica

Que Deus te salve, público prezado,
sem cujo aplauso e sem cujo louvor
estará o nosso caso mal parado
e a sorte da peça e do autor.
Vamos hoje contar um fato raro
passado em nossa terra. Pois é claro
que estamos em Florença. Alguém duvida?
Veja esta praça, olhe essa avenida!

A porta ali, à minha mão direita,
é a da casa de um doutor em leis,
que se crê muito esperto e nem suspeita
o que vem por aí! Como vereis,
vai intervir na coisa até um frade.
A que ordem pertença, na verdade,
eu não sei; mas seu trajo já o dirá.
Agora está no templo, esse de cá.

A casa à esquerda é a moradia
de esbelto jovem vindo de Paris,
que se morre de amor de tresvaria
e se julga muitíssimo infeliz,
posto que ama a esposa do doutor,
mulher toda virtude e pundonor.
Pois, no final, será bem sucedido,
com a bênção da Igreja e do marido.

A matéria da história é escabrosa
e talvez não pareça condizente
com tão culta platéia e nem honrosa
para alguém que escreveu de boa mente.
Mas se um velho imbecil, um frade astuto,
um parasito matreiro e corrupto
irão ser hoje o vosso passatempo,
não se culpe o autor e, sim, seu tempo.

A comédia A MANDRÁGORA se chama
e a razão disso o enredo mostrará.
Não desfruta o autor de muita fama
em teatro, contudo pagará,
ao sairmos daqui, uma rodada,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 221

CANÇÃO após o Ato I

DPF
DCDP
Fls. N.º 194
Rubrica

Quem não provou, amor,
o teu grande poder, espera em vão
saber qual a razão
que a nós escravos torna e a ti, senhor,
nem conhece o que é viver morrendo,
querer o mal e recusar o bem
e amar alguém
mais do que a si, tremendo,
o coração aflito, onde, em segredo,
trava-se a luta entre a esperança e o medo;
e, assim, se arrisca a sucumbir, coitado,
às setas do arco de que estás armado.

CANÇÃO após o Ato II

Eis a receita para ser feliz:
nascer tolo e crer tudo o que se diz.
Não se sofre de ambição,
não se sofre de temor,
topa-se o bem e o mal, sem distinção.
Esse nosso doutor,
do qual todos caçoam,
é tamanho papalvo,
que até acreditaria que os burros voam,
se assim julgasse que atinge seu alvo.
Basta ver a esparrela em que ele cai
só porque tem vontade de ser pai.

CANÇÃO após o Ato III

Tão suave é o engano
e tão bem conduzido ao fim visado,
que a ninguém causará injúria ou dano
e todos terão nele o seu agrado.
É próprio do amor
ser rico em invenções, manhas, ardis
com que possa o amador,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.222.

Na verdade, ao amor nada retém:
para ele é bom tudo o que acabe bem.

DPF
DCDP
Fls. N.º 195
Rubrica

CANÇÃO após o Ato IV

Horas noturnas, calmas e serenas,
Que velais os amantes enlaçados,
prolongai vosso reino, pois, apenas
apareçam no céu, leves, rosados,
os raios de outro dia,
a meiga tirania
quem ambos embala em tão doces fadigas
sucumbirá a forças inimigas.
Retardai os ponteiros de mansinho...
Não é de beijos, esse burburinho?
A todos será grato
saber longo e feliz este entreato.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.223.

TEATRO

TÍTULO " A MANDRAGORA ".

AUTOR: NICOLAU MAQUIAVEL.

DPF
DCDP
Fls. N.º 196
Rubrica

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 ANOS.

Praça SR/DF

Obs.:

DF. 20 / 02 / 84 / /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o [illegible] mento de censura e com a [illegible]cação: imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos, 5a cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: Confronto

Brasília-DF, 24 de 02 de 1984

Nelle Prudente Carvalhedo
Matr. 24-15791

Brasília – DF de de 1.97

J.T. Sátira moral e religiosa

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista [illegible] do para o qual os censores propõem a classificação etária de 16 (DEZESSEIS) ANOS.

Brasília-DF, 24 de 02 de 1984

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 24/02/1984

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-224.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 197
Rubrica

PARECER Nº 907 / 84

TÍTULO: A MANDRÁGORA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Dezesseis anos

Identificação: texto teatral, autor: NICOLAU MAQUIAVEL, tradutor: MARIO DA SILVA, liberado com as chancelas 18 anos e 16 anos. J.I.: Sátira moral e religiosa.

Enredo: Calímaco apaixona-se por Lucrécia, esposa de Messer Nícia; aproveitando-se da ingenuidade deste, e contando com a ajuda do astuto Ligúrio, executa um plano para manter o primeiro contato sexual com a mulher sonhada, contando com o consentimento do marido, cumplicidade de Frei Timóteo e Sóstrata. Apesar dos receios, tudo sai a contento, a jovem senhora o aceita como amante.

Considerações: O objetivo é o entretenimento enquanto satiriza costumes e moral de uma época assim como o procedimento de um religioso. Apesar da predominância das atitudes negativas, estas não se revestem de atrativos.

Linguagem oral normal, isenta de expressões grosseiras chulas. Algumas situações mais fortes referem-se à anuência de um religioso às sujas artimanhas de Ligúrio e Calímaco contra a ingenuidade de Messer Nícia em troca de generosas esmolas; quanto ao exame de Nícia das qualidades físicas do "tocador de alaúde; à satisfação de Calímaco ao ser correspondido por Lucrécia.

É dirigido a jovens e adultos que apreciam o gênero.

Moderado grau de persuasão quanto ao uso da esperteza para enganar outrem, e que não se deve confiar em conselhos alheios.

Conclusão: Isto posto, sugerimos a liberação aos maiores de dezesseis anos.

Brasília, 23 de fevereiro de 1984.

Técnica de Censura
Mat. 0105320

OBS: Efetuado o confronto verificamos ser idêntico ao arquivado no processo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459.p.225.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 198
Rubrica

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
480	24 FEVEREIRO 1984	24 FEVEREIRO 1989

TÍTULO: A MANDRAGORA

AUTOR (ES): NICOLAU NACHIAVELLI

CLASSIFICAÇÃO: 16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: SÁTIRA MORAL E RELIGIOSA

Solange M. T. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: A MANDRAGORA

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 480

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: SERGIO DA FONSECA BRAGA - BRASÍLIA/DF -

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16(DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC/DCDP
ASSINATURA

BSB, 24 DE FEVEREIRO DE 1984.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.226.

DPF
DCDP
Fls. N.° 199
Rubrica

284/84-SE/DCDP 27- 02- 84

Chefe do Serviço de Censura da SR/DF

"A MANDRAGORA"

NICOLAU MACHIAVELLI

Chefe,

Brasília - DF

Solange M. F. Hernandes.

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 227.

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 00202
19 MAR 1127 001952

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL-MJ/DPF

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 200
Rubrica

Brasília-DF, 19 de março de 1.984

OFÍCIO Nº 00424/84-SCDP/SR/DPF/DF.

Senhora Diretora.

Encaminho a Vossa Senhoria, para confronto ou exame censório, as peças teatrais intituladas " A MANDRÁGORA "de autoria de Nicoló Maquiavel, " A BELA ADORMECIDA " de autoria de Ricardo Torres e Ademir Miranda, " ATO CULTURAL " de autoria de José Inácio Cabrujas, " O MENINO INVISÍVEL " de autoria de Marco Antonio Vieira Lima e " DOM CHICOTE MULA MANCA " de autoria de Oscar Von Pfhol.

Respeitosamente.

N. Fernandes Rosa
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF.

Ilma. Sra.
Dra. Solange Maria Teixeira Hernandes
D.D. Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Departamento de Polícia Federal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.228.

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 201
Rubrica

SERGIO DA FONSECA BRAGA
Requerente

Bras., F. Público
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 244907 DPF-DF
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à HIGS 707 Bl. "R" casa 74

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) peça teatral abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: NILOLÓ MAQUIAVEL

Título (s) " A MANDRÁGORA " Tradução de Thereza B. Barros e Fernando Boher.
Baseado no texto original e na versão Francesa de Avenal (1837)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Brasília, 15 de março de 1984
Local e Data

Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459.p-229.

1 – EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: ATOR & COMPANHIA CGC: _____

Sede: HIGS 707 Bl. "R" casa 74

_____ CEP: _____

Diretor ou Responsável: RICARDO TORRES

2 – DADOS DO AUTOR

Nome: NICOLÓ MAQUIAVEL

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: ITALIANO Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

3 – PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: _____

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.230.

DPF
DCDP
Fls. N.º 202
Rubrica

A MANDRÁGORA

de Nicolò Maquiavel

(tradução de Thereza B. Barros e Fernando Bohrer)

Baseado no texto original e na versão francesa de Avenal (1837)

PERSONAGENS:

Calímaco
Siro
Doutor Nícia
Ligúrio
Sóstrata
Frei Timóteo
Uma mulher
Lucrécia

(A cena se passa em Florença.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p231

DPF DCDP Fls. N.º 203 Rubrica

CANÇÃO - Olha, a vida é muito curta! Como são inumeráveis os males que todos nós suportamos sobre o peso desta dura existência! Aproveitemos, então, estes poucos anos, mais brandos, aos chamados dos nossos desejos. Aparentemente, aquele que se priva do prazer não conhece as decepções do mundo. Não sabe debaixo de que desgraças, debaixo de que estranhas fatalidades estão oprimidos quase todos os mortais.
Vamos fugir destas desgraças. Cada um procure embelezar os seus momentos com bastante alegria e bastante festa. Por isso, nós atores, estamos aqui para curtirmos este som legal, para rirmos com satisfação e nos alegrarmos com a presença de vocês.
Além disso, o que nos traz aqui é o nome daquele que nos governa: nele resplandecem todos os bens que se vêem reunidos na cabeça do Eterno. Nós, cumulados desta suprema delicadeza, entre tantas felicidades nos alegramos, estamos contentes e agradecemos àquele que nos deu tanta felicidade.

PRÓLOGO - Querido auditório - Deus vos guarde - e que sua bondade esteja de acordo com o nosso desejo: que é o de agradar. Se vocês nos ouvirem, nós vamos contar uma história que acabou de acontecer neste país. Olhem o cenário - é Florença. Poderia também ser Roma, Pisa... Vocês vão se esbodegar de rir!
Esta porta à minha direita é da casa de um doutor que aprendeu leis com paciência de corno manso.
Naquele canto é a rua do Amor - onde quem cai uma vez não se levanta mais. Se vocês agüentarem mais um pouco, vocês vão conhecer, vestido de frade, o abade que mora naquela igreja.
O jovem Calímaco Guadagni, recém chegado de Paris, mora naquela porta à esquerda. No meio de seus companheiros ele deu provas de ser machão. Apaixounou-se por uma jovem distintíssima, da alta sociedade. Vocês vão ver o que ele fez para seduzi-la. É, minhas senhoras, gostaria que vocês fossem seduzidas da mesma forma que ela.
A peça se chama Mandrágora. Por que? Vendo a peça, garanto que vocês vão compreender. O autor não é um homem famoso. E se vocês acharem graça, não precisam botar nada na caixinha. Eis o divertimento para hoje: um amante desesperado, um doutor imbecil, um monge corrupto e um parasi[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.232.

DPF
DCDP
Fls. N.º 204
Rubrica

E se vocês acharem o assunto muito banal e indigno de um homem que quer parecer sábio e grave - desculpem. O pensamento do autor é aliviar seus dias de dor porque ele não sabe para onde olhar: foi proibido de mostrar o seu talento em outros trabalhos, e ser por eles recompensado. A única recompensa que ele tem, é que cada um interprete como quiser e faça a crítica que quiser.

É por causa desta triste mania de proibir tudo, que atualmente se degenera tudo aquilo que antigamente era virtude. Ninguém faz mais nada. E perdem-se obras que seriam capazes até de abrir os horizontes.

Entretanto, se algum de vocês, censurado o autor, imaginava dar uma rasteira, apavorá-lo ou fazê-lo desistir do trabalho - eu aviso, que o autor também sofreu porque sabia criticar.

Porém, no mundo inteiro deve-se respeitar os que vestem os melhores casacos.

Mas deixemos a censura para quem quiser fazer. Voltemos à nossa estória. Não é preciso tomar as palavras ao pé da letra, nem transformar em monstros coisas pequeninas.

Fiquem atentos, e não façam perguntas.

ATO I

CENA I

CALÍMACO - Espere um pouco, Siro. Eu tenho umas coisas pra te dizer.

SIRO - Sim senhor.

CALÍMACO - Eu estou percebendo que você está muito espantado de eu ter partido tão rápido de Paris. E também se espanta de eu estar aqui há um mês sem fazer nada.

SIRO - É mesmo.

CALÍMACO - Se até agora não te disse nada, não é porque eu desconfie de você, em absoluto. Eu acho que os segredos só devem ser ditos na hora em que se precisa. E eu preciso de você - por isso vou contar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 233.

DPF DCDP Fls. N.º 205 Rubrica

SIRO - Eu estou aqui pra isso. É obrigação dos criados não fazer perguntas e não se meter nos casos - mas quando os patrões querem, nós temos de ser fiéis e servir. Sempre fiz assim e farei sempre.

CALÍMACO - Eu sei disso. Você já ouviu isso uma porção de vezes: fiquei órfão ainda criança, meus tutores me mandaram para Paris e fiquei lá 20 anos. Eu já estava há 10 anos lá, quando começaram as guerras na Itália, com a entrada do rei Carlos. E isso arruinou o país. Foi então que resolvi me fixar em Paris. Não quis voltar mais para minha terra. Lá eu me sentia muito mais seguro.

SIRO - Na verdade, o senhor já tinha dito.

CALÍMACO - Dei ordens de vender aqui todos os meus bens, menos minha casa. Preferi então ficar na França, onde vivi outros dez anos - os mais felizes da minha vida.

SIRO - Sei disso.

CALÍMACO - Dividi meu tempo em três partes: estudos, prazeres e negócios. As coisas caminhavam tão naturalmente, que uma não atrapalhava a outra. E desse modo eu vivia tranqüilo, atendendo aos três serviços. Posso me dizer amigo de todos: tanto do burguês como do nobre, do estrangeiro, do francês, do pobre e do rico. Enfim, preocupado somente em não magoar ninguém.

SIRO - É verdade.

CALÍMACO - De repente acabou-se o que era doce. Que azar! Chegou a Paris um tal de Camilo Calfucci. Que droga!

SIRO - Começo a perceber o seu mal.

CALÍMACO - Como todos os florentinos, ele ia freqüentemente jantar comigo. E um dia, em que por acaso o assunto era mulher, houve uma discussão para saber onde estava a mais bela: se na Itália ou na França. E como eu não podia falar das italianas - eu era guri quando saí daqui - um outro florentino ficou do lado das francesas, e depois de muita briga, Camilo, já chateado, gritou que mesmo que todas as mulheres italianas fossem um bucho - havia uma parenta sua que sozinha salvava a reputação da classe.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p-234.

DPF
DCDP
Fls. N.º 206
Rubrica

SIRO - Pronto! Já sei onde vai chegar.

CALÍMACO - E falou de Lucrécia, mulher do Dr. Nícia Calfucci. Me pintou sua beleza e seu charme com tais cores que ficamos empolgados. Eu então senti um desejo tão grande de vê-la, que deixei de lado todos os outros interesses. Me mandei pra cá. E sabe? Por incrível que pareça, a fama da mulher ainda fica a dever muito à verdade. Pô! Eu já estou tão tarado pela dona que já nem sei mais o que fazer.

SIRO - Ah! se você tivesse me dito em Paris, eu sabia o que aconselhar. Mas agora não sei o que dizer.

CALÍMACO-- Epa! Que que é isso?! Eu não fiz confidências para receber seus conselhos. Foi pra me desabafar e pra você pôr mãos à obra em me ajudar.

SIRO - Estou às suas ordens. O senhor está com boas perspectivas?

CALÍMACO - Porra nenhuma... ou quase nenhuma. Tudo é contra mim: pra início de conversa, a natureza dela, que é de total honestidade e torce o nariz para o amor. Depois, o marido, riquíssimo, que só faz o que ela quer. E tem mais: o marido não é muito jovem, mas também não está gagá. Além disso, ela não tem parentes, nem vizinhos, não dá festinhas - vive trancada. Não entra lá um operário, uma empregada, um criado que não fique tremendo de medo da autoridade dela. De modo que não há nenhum caminho aberto para a sedução.

SIRO - O que é que o senhor quer fazer então?

CALÍMACO - Nada na vida é impossível. Sempre há uma esperançazinha, um buraco de entrada. É preciso só desejar no duro!

SIRO - Afinal, quais são os buracos?

CALÍMACO - Eu tenho dois. Um é a simplicidade do Dr. Nícia, que embora doutor, é o homem mais panaca e bôbo de Florença. O outro, é o desejo danado que eles têm de filhos. Estão casados há seis anos, são podres de ricos e querem filhos como herdeiros. E tem mais: a mãe de Lucrécia foi cafetina. Agora virou rica e distinta. É meio difícil de se chegar até ela.

SIRO - Afinal você já tentou alguma coisa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.235.

DPF DCDP Fls. N.º 207 Rubrica

CALÍMACO - Já. Um pouco.

SIRO - Que foi?

CALÍMACO - Você conhece Ligúrio, né, aquele que vem jantar todos os dias comigo. Antigamente era casamenteiro, um Santo Antônio dos pobres. Agora sua profissão é filar jantares. E como ele é muito envolvente e charmoso, o Dr. Nícia se entrosou muito com ele. Ligúrio passa-o pra trás, e embora não vá comer sempre lá, consegue lhe dar umas boas facadas. Eu me entrosei com ele e contei o meu amor. Ele me prometeu ajudar em tudo.

SIRO - Cuidado com ele! Não é bom confiar muito nesses tipos safados.

CALÍMACO - Tem razão. Se ele tem algum interesse - passa a ser fiel. Eu lhe prometi uma boa nota. E se ele não conseguir nada - continua a comer comigo. Detesto comer sozinho.

SIRO - Mas afinal, até agora, o que Ligúrio prometeu fazer?

CALÍMACO - Ele me prometeu convencer Dr. Nícia levar a mulher para tomar uns banhos numa estação de águas.

SIRO - E que que adianta isso pra você?

CALÍMACO - O que que adianta? Puxa! Seria o ideal pra mim - lá só dá transas. Eu usaria todo o meu charme, faria tudo pra agradar e devagarinho ia me intrometendo na intimidade dela e do marido. Uma coisa puxa a outra, você sabe. É só dar tempo ao tempo.

SIRO - Genial!

CALÍMACO - Hoje de manhã, Ligúrio me disse que ia conversar com o dr. Nícia sobre o assunto, e depois me contava tudo.

SIRO - Olha lá os dois.

CALÍMACO - Vá, vá embora! Eu fico aqui. Quero segurar Ligúrio depois da conversa dos dois. Vá cuidar de sua vida. Se eu precisar, te chamo.

SIRO - Está bem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-236.

DPF DCDP Fls. N.º 208 Rubrica

CENA II

NÍCIA - Eu acho que os teus conselhos valeram. Já falei com minha mulher, ontem à tarde. Ela me disse que daria a resposta hoje. Mas pra falar a verdade, eu estou achando isto um saco!

LIGÚRIO - Por que?

NÍCIA - Eu não gosto de mudar de campo - meu jogo é aqui. Levar mulher, empregado, bagagem - ih! não dá. E depois eu falei com vários médicos. Cada um dá um palpite diferente. Uns acham que a ferruginosa é a melhor. Pra outros, é a radiotiva - ah! merda. Esses médicos do unificado são umas bostas, não sabem nada.

LIGÚRIO - Não é isso que te chateia não! Foi o que você me disse antes. Você é minhoca da terra - é um jogador que não sabe jogar em outra posição.

NÍCIA - Você não sabe o que está dizendo. Quando eu era jovem farreei à bessa. Ia a tudo quanto era feira, visitei todos os lugares, viajei muito, fui a tudo quanto era festa. Eu, eu mesmo!

LIGÚRIO - Então você já ficou atrás da torre empinada de Pisa?

NÍCIA - Empinada? Você quer dizer: enclinada.

LIGÚRIO - É. Enclinada... e você já viu o mar?

NÍCIA - Claro que já vi.

LIGÚRIO - É maior que um rio?

NÍCIA - Claro! Umas quatro vezes maior... não, seis... não, mais de sete... ih! Deus me livre! Nem sei. Sabe de uma coisa: só se vê água, água e mais água.

LIGÚRIO - Então, você que já mijou em tanto lugar, por que tanta frescura em fazer uma estação de água?

NÍCIA - Você parece criança! Pensa que é fácil viajar com a merda da família inteira! É, mas sabe, você tem razão - valia a pena - tenho tanta vontade de ter um filho... quem sabe as águas não resolvem a parada. Vá você conversar com os médicos e pergunte qual o melhor lugar para isso. Eu falo de novo com a minha mulher. Depois a gente se encontra.

LIGÚRIO - Falou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.237

DPF
DCDP
Fls. N.º 209
Rubrica

CENA III

LIGÚRIO - Que babaca! Não existe homem mais babaca que esse - e sortudo. É rico, tem uma mulher bonita, boa, inteligente, virtuosa - uma dona capaz de governar o mundo inteiro. Deus faz os homens e eles se acavalam. Pois é: agora acredito - raramente se vê nos casamentos realizar-se o provérbio: "Cada um tem o que merece". Taí: um homem de mérito escolhe uma burra; enquanto uma mulher inteligente tem um babaca pra marido. Desse babaquice a gente vai se aproveitar. Ei, que que há? Calímaco, está me vigiando?

CALÍMACO - Te vi com o doutor, estou aflito pra saber as novidades.

LIGÚRIO - Você sabe como ele é chato - não resolve nada. Não quer se animar a viajar. Mas conversei o homem e ele está disposto a fazer o que eu quero. Pelo menos eu acho que está. Basta a gente querer, que se carrega todo mundo pras águas. Mas eu não sei se é este o melhor golpe.

CALÍMACO - Por que?

LIGÚRIO - Sei lá. Muita gente vai a esses banhos - alguém pode agradar mais à Lucrécia do que você. Ter mais dinheiro, mais charme. Você vai se arriscar muito. Pode acontecer dela ficar mais durona com o maior número de rivais, ou então dela se abrir pra outro.

CALÍMACO - É, você disse o negócio certo! E agora, o que que eu faço? É preciso tentar alguma coisa - mesmo perigosa. Dê no que der. Prefiro morrer do que viver assim. Não agüento mais: não consigo dormir, não tenho fome, estou numa fossa danada. Se não tem mesmo remeédio, e nada me dá esperança - eu sou um homem morto. Morrer por morrer... vale a pena me arriscar a tudo. Não agüento mais, estou desesperado.

LIGÚRIO - Ei! Calma! Sossega o facho.

CALÍMACO - Só sossega de um jeito, e eu não consigo ter nenhuma outra idéia. Por isso eu acho que devemos insistir na estação de águas. Ou então bolar outra coisa, que me dê esperança, que me console, que me faça acreditar na vida, que acabe com os meus tormentos.

LIGÚRIO - Tá bom. Eu vou ver.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p-238.
DPF DCDP Fls. N.º 210 Rubrica

CALÍMACO - Acho bom! Sei muito bem que pessoas do seu tipo vivem explorando os outros, fazendo trapaças. Claro que não é o teu caso. Entretanto é bom ficar avisado - se eu descobrir que você está me enganando, você não põe mais os pés na minha casa e pode perder a esperança - não vai receber um tostão do que te prometi.

LIGÚRIO - Não duvide de mim! O que é que há? Mesmo que não ganhe nada, faço isso porque tenho muita simpatia por você. Os teus desejos são os meus. Bom, vamos deixar isto de lado. O doutor me encarregou de procurar um médico para dizer qual é a melhor das águas. Você vai ser este médico. O resto deixa por minha conta. Você vai dizer que fez o curso de medicina, praticou em Paris. Como ele é muito trouxa vai cair direitinho. E já que você é culto, fale algumas frases em latim. Impressiona!

CALÍMACO - E isso vai servir pra que?

LIGÚRIO - Vai servir pra mandar o velho aos banhos que nos convêm, ou então pra executar um outro plano que já pensei. E na minha opinião será muito mais fácil e certo que os banhos.

CALÍMACO - O que que você tá querendo dizer?

LIGÚRIO - Que se você tiver um pouco de coragem e alguma confiança em mim - amanhã por estas horas o teu caso estará liquidado. Mesmo que o doutor fosse homem (coisa que não é) de fuçar pra descobrir se você é mesmo médico - a falta de tempo e a própria natureza do plano farão que ele não duvide de nada. A idéia é tão boa que ele não terá chance de nos atrapalhar nem que tenha alguma dúvida.

CALÍMACO - Puxa! Você me deu alma nova! Olha que é uma promessa da pesada, que me enche de esperanças loucas. Como você vai fazer?

LIGÚRIO - Na hora H você saberá. Agora é inútil dizer. Não vamos ficar batendo papo e perder o tempo de agir. Vá pra casa e me espere. Eu vou procurar o doutor. E quando chegar com o velho - fique atento no que eu disser e concorde comigo.

CALÍMACO - Eu não faltarei. Estou tão cheio de esperança que tenho medo até de tudo se evaporar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.239.

CANÇÃO - Aquele que jamais experimentou tua irresistível força, amor, espera em vão ser testemunha do que existe de mais delicioso no céu. Não sabe como se pode viver e morrer ao mesmo tempo. Como se vai ao encontro da infelicidade e se foge da felicidade. Como se ama o outro mais que a si mesmo. Como frequentemente o medo e a esperança gelam e acabam com o coração. Ignora enfim, como os deuses receiam da tua força - Oh! Amor

DPF DCDP Fls. N.º 211 Rubrica

(Fim do Ato I)

ATO II

CENA I

LIGÚRIO - Como eu te disse, acho que foi Deus que nos mandou este homem para realizar todos os seus desejos. Ele fez em Paris pesquisas curiosíssimas... e não se espante dele não praticar aqui em Florença: é muito rico e pretende voltar para Paris.

NÍCIA - Droga! Isso não me interessa! Eu não quero é que ele me passe pra trás, dê no pé e me deixe enrrabado.

LIGÚRIO - Quanto a isso não se preocupe. Pode acontecer somente que ele não se interesse pelo teu caso. Agora, se ele aceitar, só larga depois da cura feita.

NÍCIA - Nisso eu confio em você. O que eu quero saber é se ele é um homem de eficiência. Basta ele dizer duas palavras que eu sei de cara. Não é a mim que vai vender gato por lebre.

LIGÚRIO - Porque eu te conheço, é que vou te levar até ele. Depois do teu papo, se ele não for o que eu digo - um homem inteligente, culto, digno - eu não me chamo Ligúrio.

NÍCIA - Está bom. Então vamos logo. Onde é que ele mora?

LIGÚRIO - Nesta praça. Naquela porta ali em frente.

NÍCIA - Bom. Tomara que dê certo.

LIGÚRIO - Pronto. Já bati.

SIRO - Quem é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.240.

DPF
DCDP
Fls. N.º 212
Rubrica

LIGÚRIO - Calímaco está?

SIRO - Está.

NÍCIA - Por que você não diz dr. Calímaco?

LIGÚRIO - Ele não liga pra essas besteiras.

NÍCIA - Não o trate assim. Dê-lhe o título que tem. Se ele não gostar, que se foda. Título é título!

CENA II

CALÍMACO - Quem deseja falar comigo?

NÍCIA - Bona die, domine doctor.

CALÍMACO - Et vobis bona, domine doctor.

LIGÚRIO - Que tal, hein?

NÍCIA - Puta merda! Genial!

LIGÚRIO - Fale de jeito que eu entenda, senão a gente se trumbica.

CALÍMACO - Em que posso servir?

NÍCIA - Como direi... estou aqui procurando duas coisas: embaraço para mim e para os outros. Coisa de que muita gente foge. Eu não tenho filhos mas gostaria de ter. É pro senhor me dar essa preocupação - os filhos - é que eu estou aqui chateando o senhor.

CALÍMACO - É com o máximo prazer que lhe atendo, assim como a todas as pessoas tão dignas como o senhor. Foi para ser útil à humanidade que eu me dediquei inteiramente ao estudo, em Paris.

NÍCIA - Muito obrigado. E se o senhor precisar de mim, estarei às suas ordens. Mas voltemos "to the question" ou seja "as rem nostram". O senhor já pensou se os banhos vão servir para engravidar minha mulher? Eu sei que Ligúrio já contou tudo, não é?

CALÍMACO - É verdade. Mas para dar uma opinião mais segura, eu preciso saber a causa da esterilidade de sua mulher. Podem ser várias. Nam causae sterilitatis sunt: aut semine, aut in matrice, aut in instrumentis seminaris, aut in virga
in causa [illegible] pilulorum.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p241

DPF DCDP Fls. N.º 213 Rubrica

NÍCIA - Pô! Como o homem é bom.

CALÍMACO - A causa dessa esterilidade pode ser também uma impotência de sua parte. Neste caso... incurável.

NÍCIA - Impotente? Não me faça rir. Em Florença não tem homem mais verde e fresco do que eu. Mais machão.

CALÍMACO - Se não for esta a causa, fique tranqüilo. Nós encontraremos um remédio.

NÍCIA - Não tem outro remédio sem ser os banhos? É que eu gostaria de evitar a viagem, e minha mulher também - não quer sair de Florença.

LIGÚRIO - Claro que tem. Muitos outros remédios. Calímaco é extremamente reservado. Não foi você que me disse que inventou um chá capaz de engravidar?

CALÍMACO - Sim, mas primeiro vejo com quem estou falando. Não quero passar por charlatão.

NÍCIA - Ora doutor, fique tranqüilo. Eu já senti com quem estou falando. E realmente estou maravilhado, completamente desbundado.

LIGÚRIO - Não seria melhor primeiro ver os sinais?

CALÍMACO - Sem dúvida. É o mínimo que se pode fazer.

LIGÚRIO - Chame Siro para acompanhar o doutor. Nós estaremos em casa esperando.

CALÍMACO - Siro, acompanhe o doutor. Se o senhor quiser volte logo e nós daremos o resultado do exame.

NÍCIA - Mas claro. Volto imediatamente. Eu tenho mais confiança no senhor do que uma tropa de burros na campainha da madrinha.

CENA III

NÍCIA - Poxa! Como é inteligente, o teu patrão.

SIRO - Muito mais que o senhor pensa.

NÍCIA - Deve ser muito considerado pelo governo francês.

SIRO - Muitíssimo!

NÍCIA - Por isso ele se sente [illegible] lá.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0454,p-242.

DPF DCDP Fls. N.º 214 Rubrica

SIRO - Justamente.

NÍCIA - E tem razão! Aqui só tem cambada de safado. Mérito mesmo que é bom - nada. Se ele morasse aqui, ninguém daria nada por ele. Eu posso falar de cadeira: me caguei todo para falar o ABC. Se eu fosse esperar reconhecimento para sobreviver, a essa altura eu estava fudido.

SIRO - Você ganha muitos milhões por ano?

NÍCIA - Que nada! Uma titiquinha por ano. Aqui quem não tem medalhão só serve para fazer número nos enterros, puxa saco e bater palma pros governadores. Mas eu não topo isso. Não preciso de ninguém. Quem dera que muitos estivessem como eu. Mas boca de siri - se eles sabem, dão em cima de mim com impostos, e eu é que fico de cú ardido.

SIRO - Não se preocupe.

NÍCIA - Chegamos. Me espere aqui, volto logo.

SIRO - Está bem. Eu espero.

CENA IV

SIRO - Se todos os doutores fossem como esse, nós, os ditos analfabetos, o que seríamos!... Será que o convencido do Ligúrio e o louco do meu patrão vão conseguir passar esse palhaço para trás? Ia ser gozado! Eles não podem saber, senão eu perco o emprego e o meu patrão, a vida e o dinheiro. Ele já se fingiu até de médico. Não sei até aonde ele vai. Pronto, lá vem ele. Com o pinico cheio de mijo. É isso aí, gente. São os doutores.

CENA V

NÍCIA - Eu já te fiz tudo que é vontade. Agora chegou a minha vez. Só eu quem mando. Porra! Se eu soubesse que não ia ter filhos, teria me casado logo com uma mulher qualquer. Ah! Você está aí, Siro? Vamos. Que dificuldade para a besta da minha mulher fazer xixi. Não é porque ela não tenha vontade de ter filhos. Ela quer mais do que eu. Mas quando eu quero que ela faça qualquer coisa - é uma merda.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-243.

SIRO - Paciência! Com jeitinho se convence as mulheres.

NÍCIA - O que que você quer dizer com "jeitinho"? Ela vive me apurrinhando. Vá logo dizer ao teu patrão e a Ligúrio que eu já estou aqui.

SIRO - Nem é preciso. Eles já estão saindo.

DPF DCDP Fls. N.º 215 Rubrica

CENA VI

LIGÚRIO - Tapear o doutor é fácil. O mais difícil é a mulher. Mas nós vamos mandar brasa.

CALÍMACO - O senhor trouxe a urina?

NÍCIA - Está com Siro.

CALÍMACO - Então me dê. Oh! Os rins não estão bons.

NÍCIA - Bem que eu achei. Mas é fresca - ela fez ainda há pouco.

CALÍMACO - Não se preocupe. "Quod abundat non nocet. Nam mulieris urinae sunt semper maioris prossitiei et albedinis, et minoris pulchritudinis, quam virorum. Huis autem, et caetera causa est amplitudo canalium mistio corum quae ex matrice exeunt cum urina".

NÍCIA - Foda de São Pucio! Como o homem sabe!

CALÍMACO - Provavelmente ela apanha friagem à noite. Isso produz urina crua.

NÍCIA - Ela tem bons cobertores. Mas acontece, que antes de deitar, fica horas de joelho, rezando, rezando, rezando... a vaca fica toda gelada.

CALÍMACO - Dentro em breve o senhor doutor terá confiança em mim. Vou medicá-la. Meu remédio é muito bom. Pode dar sem medo. Se daqui a um ano, sua mulher não estiver com um filho nos braços, eu te pago dois milhões.

NÍCIA - Me dê - estou pronto a obedecer. Acredito no senhor mais que no meu confessor.

CALÍMACO - É preciso que o senhor saiba que nada é melhor para engravidar uma mulher que um chá de mandrágora. Todas as minhas clientes que tomaram, engravidaram. Sem ele, a rainha da França seria estéril [illegible] quantas outras senhoras distintas...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p-244.

DPF DCDP Fls. N.º 216 Rubrica

NÍCIA - É mesmo?

CALÍMACO - Claro. E o senhor está com muita sorte. Trouxe todos os ingredientes necessários. O senhor pode levar agora.

NÍCIA - E quando ela deve tomar?

CALÍMACO - Esta noite, depois do jantar. A lua está propícia - é um período de alto astral.

NÍCIA - Ótimo! Ela vai tomar.

CALÍMACO - Só preciso lhe avisar uma coisinha: o primeiro homem que dormir com ela - morre depois de oito dias. Não há remédio pra isso.

NÍCIA - Aqui, oh! Isso é que não! Já não quero mais essa porcaria. O que é que o senhor está pensando, hein?

CALÍMACO - Não!... O senhor não me entendeu bem. Há um remédio.

NÍCIA - E qual?

CALÍMACO - Simplesmente trazer um homem pra dormir com ela. Ele vai receber a infecção da mandrágora. Depois, o senhor dorme com ela sem perigo.

NÍCIA - Sê besta! Assim não quero. Nada disso.

CALÍMACO - Mas, por que?

NÍCIA - Não vou fazer minha mulher uma puta e eu um corno manso.

CALÍMACO - Que que é isso, doutor? Pensei que o senhor fosse mais inteligente. O senhor está se recusando a fazer uma coisa que foi feita até pelo rei da França e toda a sua corte?

NÍCIA - Que diabo! Onde é que eu vou encontrar um cara que faça essa loucura? Se disser que é com minha mulher, ele não vai querer. Se não disser nada é uma sacanagem. Vai dar até investigação policial. E eu não quero cair nas suas garras.

CALÍMACO - Se é só isso que te preocupa, deixe por minha conta.

NÍCIA - O que é que vai fazer?

CALÍMACO - Já te digo. Vou te entregar o chá à noite, depois do jantar. Você vai fazer sua mulher beber e mandá-la pra cama, mais ou menos pelas dez horas. Depois, nós nos disfarçaremos - você, Ligúrio, Siro e eu. Sairemos procurando pelo mercado, pelas ruas, por toda parte. O primeiro [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-345.

dro que a gente encontrar vadiando, a gente pega. Põe uma mordaça e o leva na base da porrada até a sua casa. E no escuro a gente o põe no teu quarto. Depois de explicar o que ele deve fazer, o mete na cama. Vai ser tudo tranqüilo. De manhã bem cedinho você o manda embora. Dê um banho na sua mulher, e aí então você se deita com ela e pode fazer tudo o que quiser, sem nenhum perigo.

NÍCIA - Bem, já que você me disse que até o rei e gente da alta sociedade fez isso - eu vou fazer também. Mas que a polícia não saiba.

DPF DCDP Fls. Nº 217 Rubrica

CALÍMACO - Ah! Mas quem é que vai dizer?

NÍCIA - Tem ainda um problema. E este não é mole.

CALÍMACO - Qual é?

NÍCIA - É convencer minha mulher. Ela nunca vai aceitar isso!

CALÍMACO - É possível. Mas marido que se preze é sempre obedecido.

LIGÚRIO - Já encontrei a solução!

NÍCIA - Como?

LIGÚRIO - Por meio do padre confessor.

CALÍMACO - E quem vai convencer o padre?

LIGÚRIO - Eu, você, o dinheiro, a nossa malandragem, e a dele.

NÍCIA - Duvido muito. Ela não vai de maneira nenhuma falar com o confessor, principalmente se a idéia sair de mim.

LIGÚRIO - Pra isso também tem solução.

CALÍMACO - Diga logo.

LIGÚRIO - É fazer com que a mãe dela a leve lá.

NÍCIA - Não há dúvidas! Na mãe ela confia.

LIGÚRIO - E eu sei que a mãe está do nosso lado. Taí. Vamos mandar brasa que já é tarde. Não há tempo a perder - já está escurecendo. E você, Calímaco, vá dar um giro, e às oito horas esteja em casa com o chá pronto. Eu e o doutor vamos na casa da mãe bater um papo. Ela é uma velha conhecida minha. Em seguida vamos falar com o padre e depois eu te ponho a par de tudo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.346.

CALÍMACO - Pelo amor de Deus, Ligúrio, não me deixe aqui sozinho!

DPF DCDR Fls. N.º 218 Rubrica

LIGÚRIO - O que é que há? Está com cagaço?

CALÍMACO - Onde você quer que eu vá a essas horas?

LIGÚRIO - Ande por aí, badale um pouco, a cidade é tão grande...

CALÍMACO - É hoje que eu morro.

CANÇÃO - Bem aventurados os que nascem bobos e crêem em tudo. Qualquer um consegue convencê-los. Não serão atacados nem pela ambição nem pelo medo - principais fontes de aborrecimentos e dores. Na ânsia de ser pai, o pobre dr. Nícia acredita que os burros voam. Ele só tem esse ideal.

ATO III

CENA I

SÓSTRATA - Eu sempre ouvi dizer: entre os males se escolhe o menor. Como não há outra maneira de ter filho, aproveite logo esta , desde que não te doa a consciência.

NÍCIA - É, é isso mesmo.

LIGÚRIO - Então você vá falar com sua filhinha, enquanto eu e o doutor vamos procurar o padre. Explicaremos todo o caso a ele. Você não precisará falar nada. Só ouvir o que ele disser.

SÓSTRATA - Ótimo. Mãos à obra. Eu vou ver Lucrécia. E dê no que der ela vai falar com o confessor.

CENA II

NÍCIA - Você se espanta, Ligúrio, de ver tanto trabalho pra convencer minha mulher, não é? Ah! Mas se você soubesse das coisas, não se espantaria não.

LIGÚRIO - Eu não me espanto não. Acho que todas as mulheres são assim mesmo: desconfiadas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.247
DPF DCDP Fls. N.º 219 Rubrica

NÍCIA - Que nada! Ela era a criatura mais dócil do mundo. Mas uma vizinha lhe disse que ela ficaria grávida se fizesse uma promessa de ouvir missa durante quarenta dias no convento dos capuchinhos. Pois bem, ela fez. E foi lá. Mas não é que um safado de um frade começou a dar em cima dela? Por isso não voltou mais lá. Que merda, né? Quem devia dar bons exemplos, fazer tais safadezas. É ou não é verdade o que estou dizendo?

LIGÚRIO - Claro que é verdade!

NÍCIA - A partir de então ela ficou viva. Tem sempre uma pulga atrás da orelha. Basta uma palavra - e pronto - ela estraga tudo. Cria mil problemas.

LIGÚRIO - Entendi. Mas ela cumpriu a promessa?

NÍCIA - Não! Que que você está pensando? Ela obteve dispensa.

LIGÚRIO - Ah! desculpe. A propósito, é bom você me dar algum dinheiro agora. Nesses casos, sempre é bom, correr um dinheirinho pro padre. Esperando mais, ele passa pro nosso lado.

NÍCIA - Tome lá. Não me incomodo com isso não. Consigo catar por outro lado.

LIGÚRIO - Esses padres são muito vivos e interesseiros, e têm razão: conhecem os nossos pecados e os deles. Quem não os conhecer muito bem, não manjar suas jogadas, pode se dar mal e não conseguir nenhuma ajuda deles. Por isso eu tenho medo que o senhor se embarace com eles. Um doutor como o senhor, que passa a vida estudando - conhece bem os livros, mas não compreende as sujeiras do mundo (este homem é tão burro que é capaz de esculhambar tudo).

NÍCIA - Então me diga o que eu vou fazer.

LIGÚRIO - Quero que você fique calado. Deixa eu falar. E só abra a boca quando eu fizer um sinal.

NÍCIA - Topo! Qual vai ser o sinal?

LIGÚRIO - Eu mordo os lábios e fecho um olho. Ih! Não vai dar certo! Vamos fazer outra coisa. Há quanto tempo você não fala com o padre?

NÍCIA - Mais de dez anos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459.p-248.

LIGÚRIO - Ótimo! Então vou falar que você ficou surdo. Você não responde nada. Não abra a boca pra nada, só responda se a gente falar muito alto.

DPF DCDP Fls. N.º 226 Rubrica

NÍCIA - Está bem.

LIGÚRIO - Não se incomode se eu disser coisas que não vêm ao caso. Sei perfeitamente o que estou fazendo.

NÍCIA - Assim espero.

CENA III

F. TIMÓTEO - Quer confessar, minha filha? Estou pronto!

MULHER - Não! Hoje não! Tenho um encontro... só em bater papo com o senhor já me aliviei. O senhor já rezou aquelas missas de Nossa Senhora?

F. TIMÓTEO - Sim, minha filha.

MULHER - Tome aqui mais este dinheiro pra celebrar todas as segundas-feiras, durante dois meses, uma missa por alma do meu marido. Ele era um cavalão. A carne é tão fraca! Quando eu penso nele, sinto um fogo danado bem aqui: será que ele está no purgatório?

F. TIMÓTEO - Sem dúvida alguma.

MULHER - Ah! Eu não sei não! O senhor sabe o que ele fazia comigo. Quantas vezes eu me desabafei. Eu tentava me descartar, tirar o corpo fora... mas ele era tão insistente que... ah! meu Deus do céu!

F. TIMÓTEO - Tranqüilize-se, minha filha. A misericórdia de Deus é grande; todo o tempo é tempo pra se arrepender.

MULHER - O senhor acha que os turcos chegarão até aqui?

F. TIMÓTEO - Sim. Reze a Deus pra que isso não aconteça.

MULHER - Ai! pobres de nós mulheres! Com todos esses homens! Eles são invenção do diabo! Eu morro de pavor de sua fúria e de suas espadas... Ah! Olha lá! Acaba de entrar na igreja uma mulher que me deve um dinheirão. Preciso falar com ela. A sua bênção, padre.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-249.

DPF
DCDP
Fls. N.º 221
Rubrica

CENA IV

F. TIMÓTEO - As mulheres! Tão generosas... tão chatas. Longe delas: nenhuma chateação mas também nenhum proveito. Perto delas: muito proveito e muita chateação. É verdade: não há mel sem mosca. Não é o doutor Nícia que estou vendo! O que que esta gente de bem faz por aqui?

LIGÚRIO - Fale alto! Ele está surdo como uma porta.

F. TIMÓTEO - Sejam benvindos.

LIGÚRIO - Mais alto!

F. TIMÓTEO - Benvindos!

NÍCIA - É uma satisfação, padre.

F. TIMÓTEO - Como vão vocês?

NÍCIA - Muito bem.

LIGÚRIO - Fale comigo, padre. Se o senhor ficar gritando assim, todo o mundo vai ouvir.

F. TIMÓTEO - O que que você quer de mim, meu filho?

LIGÚRIO - O Dr. Nícia e um outro homem muito bom, que o senhor vai co nhecer, querem fazer um donativo - tem um dinheirinho pros seus pobres.

NÍCIA - Puta merda!

LIGÚRIO - Cala a boca, peste! Não se espante, reverendo, com o que e le disser. Ele não ouve nada - pensa ouvir uma coisa e res ponde atravessado.

F. TIMÓTEO - Deixe ele falar à vontade.

LIGÚRIO - Isto é uma parte. Ninguém melhor que o senhor para distri- buir esta esmola.

F. TIMÓTEO - Ah! Com muito prazer!

LIGÚRIO - Antes, padre, nós precisamos da sua ajuda, num caso muito difícil que aconteceu ao doutor. Só o senhor poderá nos sal var. Está em jogo a honra da família dele.

F. TIMÓTEO - O que aconteceu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0439,p.250.

LIGÚRIO - O senhor conhece Camilo Calfucci, o sobrinho do doutor?

F. TIMÓTEO - Conheço.

LIGÚRIO - Ele é viúvo. Tem uma filha bonita, em idade de casar. Quando teve de fazer uma viagem, deixou a moça num convento - que acho melhor não dizer o nome.

DPF DCDP Fls. N.º 222 Rubrica

F. TIMÓTEO - Mas o que aconteceu?

LIGÚRIO - Aconteceu que, ou por descuido das freiras ou por leviandade da jovem, ela está grávida de quatro meses. Ora, se não se der um jeito nesta infelicidade - todos estarão desmoralizados: o doutor, as religiosas, a moça, Camilo e toda a família Calfucci. E o doutor faz tanta questão de preservar a homra, que prometeu dar três milhões para a igreja?

NÍCIA - Que diabo você está falando?

LIGÚRIO - Fique quieto! E é ao senhor que ele vai dar. Só mesmo o senhor com a abadessa poderão resolver o caso.

F. TIMÓTEO - E como fazer?

LIGÚRIO - Convencendo a superiora de fazer a moça beber um chá para abortar.

F. TIMÓTEO - O caso pede reflexão.

LIGÚRIO - Veja bem. Reflita sobre os bens que o senhor vai fazer, se conseguir isto. Vai salvar a reputação de um convento inteiro, de uma moça, de toda uma família. Vai devolver uma filha a um pai. E vai satisfazer o doutor e todos os seus parentes. Com os três milhões vai poder distribuir muitas esmolas. E por outro lado o que se vai eliminar é apenas um pedacinho de carne que ainda nem veio ao mundo e que tem mil chances de se perder. De minha parte acho que, se tantas pessoas são favorecidas, não resta dúvida que é um bem que se faz.

F. TIMÓTEO - Deus seja louvado! O que você deseja será feito, por amor a Deus e ao próximo. Diga-me o nome do convento e me dê o tal chá. Ah! e também se você quiser, um pouco deste dinheiro para eu começar as boas obras.

LIGÚRIO - Agora, realmente, eu vejo que o senhor é aquele bom padre que eu julgava. Tome o dinheiro. O convento é... espere um pouco. Eu volto [illegible] falar com aquela mulher que está

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.251

me chamando. Segura aí o dr. Nícia pra mim, tá? É coisa rápida.

DPF DCDP Fls. N.º 223 Rubrica

CENA V

F. TIMÓTEO - Há quantos meses a moça está grávida?

NÍCIA - Já estou de saco cheio!

F. TIMÓTEO - Não. Eu perguntei: quantos meses ela está grávida.

NÍCIA - Vá andar. Vá ver se eu estou na esquina.

F. TIMÓTEO - Por que?

NÍCIA - Senão eu estouro!

F. TIMÓTEO - Também já estou de saco cheio. Ter que lidar com um doido e um surdo. Um se manda e outro não ouve nada. Se não fosse pelo dinheiro mandava tudo para o inferno! Lá vem ele.

CENA VI

LIGÚRIO - Continue calado, doutor. Ótimas novidades, reverendo!

F. TIMÓTEO - Quais são?

LIGÚRIO - Aquela mulher acabou de me dizer que a nossa moça abortou naturalmente.

F. TIMÓTEO - Deus seja louvado! A esmola será Ação de Graças.

LIGÚRIO - O que?

F. TIMÓTEO - Eu estou dizendo que agora, mais do que nunca, as esmolas devem ser distribuídas.

LIGÚRIO - A distribuição fica por sua conta. Mas antes, é preciso ajudar o doutor em outra coisa.

F. TIMÓTEO - De que se trata agora?

LIGÚRIO - Um negócio bem mais fácil. Sem perigo de escândalo. Mais agradável para nós e mais útil pro senhor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.252.

F. TIMÓTEO - Diga logo o que é. Já estou na de vocês, e me sinto completamente à vontade. Topo tudo!

LIGÚRIO - É só entre nós, vamos pra igreja que te explico. Por favor, doutor, fique aqui. Voltamos logo.

DPF
DCDR
Fls. N.º 224
Rubrica

NÍCIA - Vá. Desgraça pouca é besteira!

F. TIMÓTEO - Vamos.

CENA VII

NÍCIA - É dia ou é noite? Estou sonhando ou acordado? Não estou de porre (não bebi nada hoje) pra não estar entendendo porra nenhuma dessas elucubrações! Nós combinamos dizer um troço ao padre, e Ligúrio diz outro. E ainda por cima quer que eu fique bancando surdo. Imagine se eu fosse um sujeito tapado e burro pra me deixar levar nas loucuras dele. Só Deus sabe a cagada que ia dar! E o desgraçado até já conseguiu arrancar dinheiro! E até agora não pude dizer uma palavra. Eles me botaram cabresto como uma mula. Ah! Lá estão eles. Eles vão se danar - pois agora quem vai falar sou eu.

CENA VIII

F. TIMÓTEO - Trate de trazer logo sua mulher. Já sei o que fazer. E se ainda tenho crédito, à noitinha tudo estará resolvido.

LIGÚRIO - Dr. Nícia, o frei Timóteo está disposto a fazer tudo pelo senhor. Basta só as mulheres aparecerem.

NÍCIA - É verdade? Você me ressuscita! Vai ser menino?

LIGÚRIO - Um menino.

NÍCIA - Choro de alegria!

F. TIMÓTEO - Entrem na igreja, meus filhos, esperarei aqui. É bom que elas não os vejam. Depois eu contarei tudo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.253.

DPF
DCDP
Fls. N. 225
Rubrica

CENA IX

F. TIMÓTEO - Não sei quem está enganando quem. Esse malandro do Ligúrio veio me sondar com sua primeira estória. Se eu não tivesse consentido ele não me diria a verdade - não abriria o jogo. E por incrível que pareça, eles debocharam de mim. E, na verdade eu caí direitinho... e daí? De qualquer forma eu tirei proveito. Dr. Nícia e Calímaco são cheios de grana e eu tenho meios de me aproveitar, tanto de um, como de outro. Mas é preciso bastante segreo: senão eu entro pelo cano. Por Deus - aconteça o que acontecer eu não me arrependo. Na verdade o negócio não é fácil. Dona Lucrécia é esperta e virtuosa. Vou aproveitar-me de sua bondade. Mulher é bicho burro mesmo. Se a gente encontra uma que perceba alguma coisa - já é gênio. Em terra de cegos quem tem um olho é rei. Lá vem ela com amãe! A mãe é uma besta mas vai me valer pra eu convencer a filha.

CENA X

SÓSTRATA - Você sabe, minha filha, que para mim sua honra está acima de qualquer coisa. Eu nunca lhe aconselharia a fazer uma coisa indigna. Já disse e repito: o que frei Timóteo vai te aconselhar, não ferirá sua consciência.

LUCRÉCIA - A vontade que Nícia tem de ter filhos me assusta. Toda a vez que ele inventa um meio pra isso - eu desconfio. Principalmente depois que aconteceu aquilo com o capuchinho. Mas de todas as besteiras que inventou, esta última foi a mais sórdida. Consentir que me entregue a um desconhecido que no final vai morrer... nem que fosse a única mulher no mundo, que tivesse de conservar a espécie humana - isso não teria sentido.

SÓSTRATA - Por favor, minha filha, não precisa dramatizar. Você falará com o padre, verá o que ele vai dizer, e fará o que ele te aconselhar. Isto será um bem para você, para nós, para

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0959, p-254.

DPF
DCDP
Fls. N.º 226
Rubrica

todos os que te amam.

LUCRÉCIA - Eu tremo de medo.

CENA XI

F. TIMÓTEO - Sejam benvindas. Já sei o que querem de mim. Dr. Nícia me disse. Realmente há mais de duas horas que estou mergulhado nos livros, estudando teu caso. E depois de muito pensar, refletir, encontrei soluções, tanto gerais como particulares, boas para todos nós.

LUCRÉCIA - O senhor está brincando ou falando sério?

F. TIMÓTEO - Ah, minha senhora. Isto não é para brincadeira. Não é de hoje que a senhora me conhece.

LUCRÉCIA - Não, padre. Mas nunca ouvi coisa tão revoltante.

F. TIMÓTEO - Estou de acordo, minha filha. Mas não falo assim. Há coisas que são aparentemente terríveis, insuportáveis, absurdas. Mas vistas de outro ângulo são lógicas, fáceis, praticáveis. E válidas. Em tudo há mais medo do que pecado. É o nosso caso.

LUCRÉCIA - Deus me livre!

F. TIMÓTEO - Voltando ao que dizia, há uma regra geral nos casos de consciência: onde há um bem certo e um mal incerto, não se deve temer o mal e deixar de fazer o bem. No seu caso o bem é bem claro: você ficará grávida e será mais uma alma para servir ao Nosso Senhor Jesus Cristo. O mal pode não acontecer. O homem que tomar o chá e dormir com você, por sorte pode não morrer! Entretanto, como tudo é duvidoso, é bom dr. Nícia não se expor ao perigo. Quanto à ação em si, é uma imaginação dizer que é pecado. Quem é que peca? É a vontade, não o corpo, é desagradar seu marido, mas você está agradando, é ter prazer, mas você não quer este prazer. E finalmente, é preciso considerar isto: sua missão é dar mais uma alma a Deus e contentar seu marido. Está na bíblia: que as filhas de Lot, para não ficarem sozinhas no mundo, dormiram com seu pai

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.255.

DPF DCDP Fls. N.º 227 Rubrica

e nem por isso pecaram. Sabe por que, minha filha? Porque a intenção era boa.

LUCRÉCIA - Será possível que o senhor quer que eu faça isto?

SÓSTRATA - Acredite no que ele diz, minha filha. Você não sabe que mulher sem filhos é mulher sem lar? Quando seu marido morrer, você será igual a um animal. Inteiramente abandonada.

F. TIMÓTEO - Eu juro, minha cara senhora, sob minha responsabilidade sacerdotal, que você deve ter mais escrúpulos em desobedecer seu marido, do que comer carne na sexta-feira santa. Este pecado se perdoa com água benta, o outro não.

LUCRÉCIA - A que absurdo o senhor está me levando?

F. TIMÓTEO - A um absurdo que você jamais se esquecerá de me agradecer, pedindo a Deus por mim. Ano que vem você estará mais feliz que agora.

SÓSTRATA - Ela fará tudo o que o senhor quiser. Eu mesma vou preparar a cama para ela. De que é que você tem medo, pobre criança? Existem muitas mulheres que levantariam as mãos aos céus para fazer isto!

LUCRÉCIA - Está bem, estou conformada, mas não acredito que amanheça viva.

F. TIMÓTEO - Controle-se, minha filha. Vai. Eu rezarei por você. Vou pedir ao anjo Rafael que te acompanhe. Vai na graça de Deus e prepare-se para este grande mistério que te espera.

SÓSTRATA - Adeus, padre, Fique em paz.

LUCRÉCIA - Que Deus e Nossa Senhora tenham piedade de mim! Que não me aconteca nenhuma desgraça!

CENA XII

F. TIMÓTEO - Ei, Ligúrio. Venha cá.

LIGÚRIO - E que tal?

F. TIMÓTEO - Tudo bem. Elas já vão pra casa. E não vai ter dificuldade nenhuma. A [illegible]ria mãe vai levá-la pra cama.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p.256.

DPF DCDP Fls. N.º 228 Rubrica

NÍCIA - É verdade o que o senhor está dizendo?

F. TIMÓTEO - Milagre! O doutor ficou bom da surdez.

LIGÚRIO - Sim. Milagre de Santo Antônio!

F. TIMÓTEO - Isto merece divulgação, donativos e uns trocados para mim.

NÍCIA - Vamos parar de dizer besteira. Ela vai mesmo fazer o que eu quero?

F. TIMÓTEO - Vai sim.

NÍCIA - Sou o homem mais feliz do mundo!

F. TIMÓTEO - Creio que sim - o senhor vai ganhar um herdeiro macho. Infeliz do que não tem.

LIGÚRIO - Pois bem. Continue rezando, e se a gente precisar, voltamos aqui. E o senhor, doutor, volte para junto de sua mulher. E não deixe ela desanimar. Vou falar com Calímaco para não esquecer de preparar o chá. Arranje tudo de forma que a gente se encontre antes das dez horas da noite para combinarmos tudo.

NÍCIA - Combinado. Até já.

F. TIMÓTEO - Passe bem.

CANÇÃO - Como é doce a angústia, que é conduzida pelo desejo da paixão! Como ela nos tira das tristezas e muda em doçura todo sabor amargo! Raro e soberano remédio! Mostra o caminho certo, a alma que caminha incerta. Dos bens de amor, tudo que é picante, é um atrativo a mais. Pedras, venenos, encantamentos - tudo é vencido por sua força.

ATO IV

CENA I

CALÍMACO - Estou doido para saber o que eles fizeram! Não vejo a hora de falar com Ligúrio. Já está quase na hora... um dia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0459,p.257.

DPF DCDP Fls. N.º 229 Rubrica

inteiro de angústia! Não agüento mais esta espera. Estou desesperado. E ainda estou aqui. É uma verdade que a felicidade e infelicidade são pratos da mesma balança. A felicidade nunca vem sozinha. Quanto mais cresce minha esperança maior o meu medo. Sou um desgraçado, cercado de medos e esperanças por todos os lados. Sou um navio em tempestade - mais me aproximo do porto, mais perigo corro. A burrice do dr. Nícia me dá esperanças; o calculismo e a frieza de Lucrécia me apavoram. Tanto de um lado como de outro - há perigo. Por um eu procuro me vencer; por outro reprovo minha loucura. E digo a mim mesmo: "Qual é a tua, Calímaco? Você está maluco? Se arriscar a tanto por tão poucos minutos? Não está vendo que o prazer está na espera? Pode acontecer de você entrar pelo cano: morrer e ir pro inferno. O inferno está cheio de gente que morreu trazendo uma dessas. Você não tem vergonha de ser um deles, Calímaco? Fuja enquanto é tempo, e se não puder, seja homem: enfrente, não dê uma de donzela." É isso que faço pra me animar. Estou tão tarado pela mulher que todo o meu corpo se ouriça. Minhas pernas tremem, meus braços caem. Um frio na barriga, um fogo no coração. Meus olhos ardem. Minha língua está seca. Minha cabeça gira. Ah! Se Ligúrio estivesse aqui! Preciso me desabafar. Olha! É ele! Será que traz boas notícias, ou vai acabar comigo?

CENA II

LIGÚRIO - Quanto mais preciso encontrar Calímaco, mais o diabo desaparece. Se fosse pra más notícias já o tinha encontrado. Procurei por todos os lados. Esses amantes têm fogo no rabo. Não esquentam lugar.

CALÍMACO - Ligúrio está igual a uma barata tonta. Tá procurando por mim. Merda, que é que eu faço aqui que não o chamo logo? Ele parece tão feliz! Ligúrio, ó Ligúrio!!!

LIGÚRIO - Ei. Calímaco. Que diabo encontra você.

CALÍMACO - Tem novidades?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p 258.

DPF DCDP Fls. N.º 230 Rubrica

LIGÚRIO - Excelentes!

CALÍMACO - Verdade?

LIGÚRIO - Divinas! Maravilhosas!

CALÍMACO - Lucrécia topa?

LIGURIO - Se topa!

CALÍMACO - O padre está do nosso lado?

LIGÚRIO - Se está!

CALÍMACO - Oh! Santo padre! Rezarei por ele eternamente.

LIGÚRIO - Maravilhoso! Como se Deus recompenssasse o mal como recompensa o bem!... O padre tá querendo é outra coisa.

CALÍMACO - O que?

LIGÚRIO - Dinheiro, bobo.

CALÍMACO - A gente dá. Quanto você prometeu?

LIGÚRIO - Três milhões.

CALÍMACO - Tá bom.

LIGÚRIO - O doutor já deu uma entrada.

CALÍMACO - Como?

LIGÚRIO - O suficiente como sinal.

CALÍMACO - E a mãe de Lucrécia?

LIGÚRIO - Ela que fez quase tudo. Como prometeu, ela não se cansou de rezar, de dar mão forte e encorajar Lucrécia, para esta feliz noite, embora ela tenha pedido reforço ao padre.

CALÍMACO - Oh, Deus! Eu não mereço tanta felicidade! Morro de alegria

LIGÚRIO - Que homem mais besta! Morro de alegria, morre de tristeza. Olha que acaba morrendo mesmo. Afinal, o chá está pronto?

CALÍMACO - Sim.

LIGÚRIO - O que você vai mandar?

CALÍMACO - Um copo de licor maravilhoso... para esquentar o estômago e a cabeça. Ih, puta merda! Estou perdido.

LIGÚRIO - Que que há?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.259.

DPF
DCDP
Fls. N.º 231
Rubrica

CALÍMACO - Estou num mato sem cachorro.

LIGÚRIO - Que diabo aconteceu agora?

CALÍMACO - Fudeu tudo. Tô num beco sem saída.

LIGÚRIO - Mas por que? Que que tá acontecendo? Tire a mão da cara e fale.

CALÍMACO - Você não se lembra que eu combinei com dr. Nícia, que você, ele, Siro e eu íamos sair juntos para catar alguém para dormir com a mulher?

LIGÚRIO - E daí?

CALÍMACO - Como, e daí? Olha, se eu for com vocês, não posso ser aquele que vai ser apanhado. E se eu não for, Nícia vai desconfiar e descobrir a trapaça.

LIGÚRIO - Você tem razão. Será que não há um jeito?!

CALÍMACO - Eu acho que não.

LIGÚRIO - Pois acho que sim.

CALÍMACO - E qual?

LIGÚRIO - Agüenta aí. Deixe eu pensar.

CALÍMACO - Estou bem arranjado! Justamente nestas horas você se põe a pensar.

LIGÚRIO - Já sei! Achei!

CALÍMACO - O que?

LIGÚRIO - Vou fazer com que o padre, que até agora nos ajudou, faça o resto.

CALÍMACO - Mas como?

LIGÚRIO - A gente vai se disfarçar, não é? Pois vou fazer o padre se disfarçar também. Ele modificará a voz, o rosto e as maneiras. E vou dizer ao doutor que ele é você. Pode estar certo: ele acredita.

CALÍMACO - É, legal! E eu, que que vou fazer?

LIGÚRIO - Olha!!! Você põe uma capa, pega um alaúde e vem cantar por aqui.

CALÍMACO - Mas com a cara descoberta?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 260.

LIGÚRIO - Claro! Se você estiver com máscara - dá pra desconfiar.

CALÍMACO - Ele vai me reconhecer.

LIGÚRIO - Não! Você entorta a cara. Estique a boca. Faça um bico. Feche um olho. É, faça uma careta. Experimenta.

DPF DCDP Fls. N.º 232 Rubrica

CALÍMACO - Assim tá bom?

LIGÚRIO - Não.

CALÍMACO - E agora?

LIGÚRIO - Também não!

CALÍMACO - E agora, que tal?

LIGÚRIO - Boa! Guarde esta. Tenho um nariz postiço que você vai usar.

CALÍMACO - Tá bom. E depois?

LIGÚRIO - Assim que você aparecer na esquina, nós te caímos em cima. Tiramos o teu alaúde, te levamos pra casa e te colocamos direitinho na cama. O resto... é por tua conta.

CALÍMACO - É. O negócio é chegar lá.

LIGÚRIO - Quanto a isto, está garantido. Agora, você voltar lá e papo teu, e não da gente.

CALÍMACO - Mas o que é que eu faço?

LIGÚRIO - Você passa a cantada nela, e diz quem você é. Conta toda a fofoca e fale da tua paixão por ela, do seu amor. Mostre que ela pode ser sua amiga sem nenhuma vergonha. Mostre também o perigo que ela corre se ela for sua inimiga. É impossível ela não concordar, e querer apenas te dar uma noite.

CALÍMACO - Você acha?

LIGÚRIO - Claro. Nós já estamos atrasados - tá em cima da hora. Chame Siro, mande ele levar o chá para o dr. Nícia, e me espere em casa. Vou procurar o padre, ele vai se disfarçar, e a gente vem pra cá, se encontra com o doutor e o resto que falta, será feito.

CALÍMACO - Ótimo. Vamos logo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.261

DPF
DCDP
Fls. N.º 233
Rubrica

CENA III

CALÍMACO - Ó Siro!

SIRO - Senhor!

CALÍMACO - Vem cá!

SIRO - Pronto!

CALÍMACO - Apanhe aquele copo que está em cima do meu armário, cubra com um pano e traga aqui. Cuidado para não entornar!

SIRO - Imediatamente.

CALÍMACO - Já tem muito tempo que ele é meu criado. Até agora foi muito fiel. Acho que posso contar com ele. Não lhe falei nada, mas ele já sacou. O bicho é vivo como o diabo. Vai entendendo e se acomodando a tudo.

SIRO - Aqui está o que o senhor pediu.

CALÍMACO - Ótimo. Corra até a casa do dr. Nícia e entregue a ele o remédio de sua mulher. Ela deve tomar depois do jantar. E quanto mais cedo for o jantar, melhor. Diga que nós estamos esperando na esquina, na hora marcada. E que ele não se atrase. Anda, vá depressa!

SIRO - Vou correndo.

CALÍMACO - Escuta aqui! Se ele te mandar esperar - espera e venha com ele. Caso contrário volte logo pra casa.

SIRO - Sim senhor.

CENA IV

CALÍMACO - Tomara que Ligúrio chegue logo com o padre. A espera mata. Quando penso onde estou agora e onde estarei daqui a duas horas - emagreço com medo que alguma coisa aconteça pra estragar este plano. Ah! Se isto acontecer eu me mato. Será a última noite de minha vida. Me jogo no rio, me atiro da janela. Me enforco. Me apunhalo na frente da porta dela. Serei capaz de tudo. Parece que é Ligúrio! Ah! É ele! Vem com ele alguém que parece coxo e corcunda. Deve ser o padre disfarçado [illegible] padres! Quem conhece um, co-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.262.

nhece todos. Quem é o outro? Ah! É Siro. Já deve ter dado o recado ao doutor. Vou esperar aqui pra combinar tudo com eles.

DPF DCDP Fls. N.º 234 Rubrica

CENA V

SIRO - Quem que tá aí, Ligúrio?

LIGÚRIO - Um homem de bem.

SIRO - É coxo, ou está fingindo?

LIGÚRIO - Você quer se meter na sua vida!

SIRO - Ele tem uma cara de safado.

LIGÚRIO - Quer calar o bico? Senão você estraga tudo. Onde está teu patrão?

CALÍMACO - Estou aqui, sejam benvindos.

LIGÚRIO - Calímaco, dá um jeito neste metido do Siro. Ele já falou mil besteiras.

CALÍMACO - Siro, escuta aqui. Hoje você vai obedecer a Ligúrio. Faz de conta que sou eu. Tudo o que você vir, ouvir ou perceber - guarde segredo. Está em jogo a minha fortuna, minha honra, e minha vida. É também o seu próprio interesse.

SIRO - Está bem.

CALÍMACO - Você entregou o remédio ao dr. Nícia?

SIRO - Sim senhor.

CALÍMACO - O que ele disse?

SIRO - Que tudo será como o combinado.

F. TIMÓTEO - Quem está aí? É Calímaco?

CALÍMACO - Sim. Estou às suas ordens. Vamos entrar num acordo. Você pode dispor de mim e do meu dinheiro como bem entender.

F. TIMÓTEO - Confio na tua palavra. O que eu estou fazendo por você, jamais faria por ninguém no mundo.

CALÍMACO - Você não vai se arrepender.

F. TIMÓTEO - Faço tudo por amizade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.263.

LIGÚRIO - Vamos deixar de lado as frescuras... tá na hora de se disfarçar. Venha, Siro. E você também, Calímaco: comece a cuidar da tua parte. Frei Timóteo nos espera aqui. Não vamos demorar. Daqui a pouquinho vamos buscar o dr. Nícia.

CALÍMACO - Ótimo, vamos.

F. TIMÓTEO - Eu espero.

DPF DCDP Fls. N.º 235 Rubrica

CENA VI

F. TIMÓTEO - "Diz-me com quem andas e te direi quem és." Quem é muito mau ou muito bom - sempre acaba mal. Só Deus sabe a minha inteção: não quero fazer mal a ninguém. Vivia rezando minhas orações, meditando tranqüilamente, consolando as minhas beatas... até o dia em que apareceu este demônio do Ligúrio. Primeiro me fez meter o dedo, depois o braço, e agora o corpo todo. Tou atolado no pecado. Só Deus sabe onde vou parar. A única coisa que me consola é que quando uma coisa interessa a muita gente, muita gente fica preocupada. Eles estão voltando.

CENA VII

F. TIMÓTEO - Sejam benvindos.

LIGÚRIO - Estamos bem assim?

F. TIMÓTEO - Muito bem.

LIGÚRIO - Só falta o doutor. Vamos até sua casa. Já são quase nove horas. Vamos logo.

SIRO - Olha! Quem que está abrindo a porta? É ele ou o criado?

LIGÚRIO - Porra! É ele. Ha, ha, ha, ha!

SIRO - Estão rindo, hein?

LICÚRIO - E não é pra rir? Vem com uma capa que nem tapa o cú... que diabo ele tem na cabeça? Parece um camelo... Não! Essa não! Tem uma espada entre as pernas... ha, ha, ha! Ele está resmungando. Vamos nos esconder para ouvir. O pau com a mulher deve ter sido [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 264.

DPF
DCDP
Fls. N.º 236
Rubrica

CENA VIII

NÍCIA - Essa mulher tá me enchendo o saco! Mandou uma criada pra casa da mãe e outra pra viajar. Até que isso é bom. A merda foi as frescuras e chiliques que fez pra ir para cama. "Eu não quero! Não vou! Vejo o que vocês estão me obrigando a fazer! Mamãe, me salvá!" E se a mãe não lhe fala da porra nunca qué se metia na cama. Que vá pra merda! Eu gosto de mulher um pouco fresca - mas assim já é demais. Ela me estoura a cabeça - aquela vaca teimosa. Deixa só o chifre entrar pra ver como ela amacia o rabo! Será que estou bem assim? Será que vão me reconhecer? Eu pareço muito mais alto, mais jovem, mais charmoso. Hoje não precisava pagar mulher pra dormir comigo. Mas onde está o resto do pessoal?

CENA IX

LIGÚRIO - Boa noite, doutor!

NÍCIA - Ei! Oh! Olá! Ah!

LIGÚRIO - Não tenha medo - somos nós.

NÍCIA - Ah, são vocês? Se não tivesse reconhecido, teria enfiado a espada. Você é Ligúrio? E você, Siro? E este outro é o médico?

LIGÚRIO - Sim, doutor.

NÍCIA - É mesmo! Sai da frente! Puxa, como está bem disfarçado! Trá-lá-lá. Foi difícil reconhecer!

LIGÚRIO - Ele está com duas nozes na boca, pra ninguém conhecer sua voz.

NÍCIA - Você é uma besta!

LIGÚRIO - Por que?

NÍCIA - Por que você não me disse isso? Eu também teria metido duas - você sabe como é importante não ser reconhecido pela voz.

LIGÚRIO - Então meta isso na sua boca.

NÍCIA - O que é?

LIGÚRIO - Uma bola de cera.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 265.

NÍCIA - Então me dê. Dá-a cá... cá... cá... pu... pu... pá... pá... a... vá à merda - seu filho da puta.

DPF DCDP Fls. N.º 237 Rubrica

LIGÚRIO - Eu peço perdão. Te dei uma bola trocada.

NÍCIA - Ca... cá... pu... pu... de que que era?

LIGÚRIO - De pimenta.

NÍCIA - Filho da puta. Diabo. E o senhor, não diz nada, mestre?

F. TIMÓTEO - Ah! Desgraçado do Ligúrio. Já está me enfezando.

NÍCIA - Oh! Como você disfarça bem a voz.

LIGÚRIO - É bom não perder tempo. Vou ser o general e comandar a batalha. Calímaco para a direita. Eu para a esquerda. O doutor no centro. Siro na traseira pra socorrer quem fraquejar. O grito de guerra serão São Corno.

NÍCIA - Que santo é esse, São Corno?

LIGÚRIO - É o santo do homem moderno. Vamos! Vamos ficar de tocaia. Espere... ouço um alaúde.

NÍCIA - É verdade. Que vamos fazer?

LIGÚRIO - Vamos mandar um espia para averiguar.

NÍCIA - E quem é que vai?

LIGÚRIO - Siro. Marche! Você sabe o que fazer: olhe, examine, pesquise - volte rápido e nos faça um relatório.

SIRO - Pronto!

NÍCIA - Espero que não seja um velho caquético e doente. Não quero representar amanhã esta mesma comédia.

LIGÚRIO - Não se preocupe. Siro é um rapaz vivo. Já tá de volta, não viu? O que foi que você encontrou, Siro?

SIRO - O mais belo homem que já vi. Tem uns 25 anos. Está sozinho, vestido com uma capa, e toca alaúde.

NÍCIA - Se for verdade: este é o bom. Mas cuidado: não vá confundir alho com bugalho. Senão leva...

SIRO - Eu disse a verdade!

LIGÚRIO - Vamos esperar aqui. E quando ele passar, a gente cai em cima dele.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-266.

NÍCIA - Chega pra lá, doutor. O senhor parece um boneco de pau. Psiu ... aí vem ele.

DPF
DCDP
Fls. N.º 238
Rubrica

CENA X

CALÍMACO - Que o diabo te visite na cama, uma vez que eu não posso te visitar.

LIGÚRIO - Alto lá! Me dê aqui o alaúde.

CALÍMACO - O que que há? Meu Deus, o que que eu fiz?!

NÍCIA - Você já vai saber. Tape a cabeça dele. Ponha uma mordaça.

LIGÚRIO - Rode bastante, até ele ficar tonto.

NÍCIA - Mais uma. Mais uma. Isso. Empurra-o lá pra dentro.

F. TIMÓTEO - Dr. Nícia, eu vou repousar. Estou com uma terrível dor de cabeça. Se o senhor não precisar de mim, não virei a manhã.

NÍCIA - Não tem importância. Pode ir. Nós fazemos o resto sozinhos.

CENA XI

F. TIMÓTEO - Eles entraram em casa e eu vou pro convento. E vocês, espectadores - não nos critiquem. Ninguém vai dormir esta noite. Eu rezarei minhas orações. Ligúrio e Siro finalmente vão jantar. Dr. Nícia andará de um lado para o outro, preocupado para que tudo não entre pelo cano, ou melhor, pra que tudo entre bem. Calímaco e Lucrécia também não dormirão. Pois se eu fosse ele e vocês ela - a gente não dormiria, nó?

CANÇÃO - Oh, doce noite! Oh, santas e agradáveis horas noturnas, companheiras dos amantes apaixonados. Quantas delícias se fazem debaixo da tua sombra e que dá à alma uma celeste beatitude. Sejam os amantes recompensados pelos longos tormentos de espera. São vocês - horas noturnas que queimam de amor os corações mais gelados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 267.

ATO V

DPF DCDP Fls. N.º 239 Rubrica

CENA I

F. TIMÓTEO - Não consegui pregar o olho esta noite de tanta curiosidade para saber como Calímaco e os outros se saíram. Fiz mil coisas para passar o tempo: rezei, li uma vida de Santo, fui à igreja, acendi as velas e troquei o véu da Virgem, que faz milagres. Quantas vezes eu já falei pros frades para a conservarem limpa. Por isso que a devoção está em decadência! Antigamente, quantos donativos para a Virgem! Agora... nada. É por nossa culpa - nós não sou bemos manter essa devoção. Antigamente tinha procissões lindas, cantos, músicas, andores, filhas de Maria. Hoje, não temos nada disso. Tá tudo reformado. Por isso que a fé esmorece! Ah, esses religiosos não têm juízo! Ih! Está havendo uma zorra na casa do Nícia. Ah! São eles que estão expulsando o prisioneiro. Cheguei a tempo! Eles não perderam nada - sugaram tudo. Está amanhecendo. Vou ouvir, sem ser visto, o que aconteceu.

CENA II

NÍCIA - Agarre por este lado, que eu agarro pelo outro. E você, Siro agarre pela bunda.

CALÍMACO - Não me machuque!

LIGÚRIO - Não tenha medo! Vai-te embora.

NÍCIA - Não vamos muito longe.

LIGÚRIO - É, tem razão. Largue este desgraçado aqui mesmo. Vamos rodá-lo para que ele não saiba de onde saiu. Rode, Siro.

NÍCIA - Mais uma.

SIRO - Já dei.

CALÍMACO - E o meu alaúde?

LIGÚRIO - Vá-te embora logo, seu filho da mãe. Suma! Se você disser uma palavra eu te arrebento a cabeça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p-268

NÍCIA - Fugiu! Vamos sair bem cedo pra ninguém pensar que a gente pas sou a noite em claro.

DPF DCDP Fls. N.º 240 Rubrica

LIGURIO - Ótima idéia!

NÍCIA - Vá e fale com dr. Calímaco que tudo correu às mil maravilhas.

LIGÚRIO - Que vamos dizer? Não vimos nada. Esqueceu que assim que o senhor entrou em casa, nós fomos pra cozinha, beber? O senhor e sua sogra é que se encarregaram do caso. Só voltamos a nos ver no fim - pra botar o homem pra fora.

NÍCIA - Ah! É mesmo. Eu tenho boas pra te contar! Minha mulher estava na cama. Estava tudo escuro. Sóstrata me esperava na sala. Aí, eu ainda disfarçado, peguei o camarada e fui instruí-lo como fazer. Levei-o pra um canto meio escuro, pra que ele não visse meu rosto.

LIGÚRIO - Muito prudente da sua parte.

NÍCIA - Eu mandei ele tirar a roupa. Ele se invocou! Aí eu virei fera e insisti. Então não teve outro jeito: começou a tirar a roupa, e ficou nu em pelo. Que cara feia que ele tem! Nariz grande, boca torta. Mas de corpo - unh! Nunca vi carnes tão lindas: branquinhas, macias, gostosas. Quanto ao resto, nem se fala!

LIGÚRIO - Ora essa! Temos que saber tudo. A parte essencial é que você devia examinar!

NÍCIA - E você me acha um bobo? Já que estava com a mão na massa, eu fui até o fim. Pra ver se ele era sadio! Já pensou se ele fosse brocha, em que fria eu estava metido? Eu não brinco em serviço!

LIGÚRIO - Você tá com a razão.

NÍCIA - Depois de verificar que tudo estava funcionando bem, agarrei-o e o levei no escuro pra cama. Antes de ir embora, verifiquei mais uma vez, com minhas mãos, se a coisa estava no ponto. Eu não compro gato por lebre!

LIGÚRIO - Parabéns! O senhor teve muita prudência.

NÍCIA - Depois de verificar e apalpar tudo, saí do quarto. Fechei a porta. Fui pra sala. E fiquei conversando com minha sogra a noite toda.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 269.

DPF DCDP Fls. N.º 241 Rubrica

LIGÚRIO - Sobre o que?

NÍCIA - Sobre as frescuras de Lucrécia... não seria muito melhor ela ter aceitado logo, sem tanto rebuliço? Depois nós falamos do neném - eu sentia nos meus braços aquele pomponzinho! Aí escutei bater as horas. Fiquei com medo de clarear logo o dia. Entrei no quarto. Você nem imagina a dificuldade para tirar de lá, aquele desgraçado.

LIGÚRIO - Eu acredito.

NÍCIA - Ele tava gostando da foda! Por fim levantou, chamei-o e nós o botamos no olho da rua.

LIGÚRIO - A coisa correu bem.

NÍCIA - E sabe que eu sinto pena?

LIGÚRIO - De que?

NÍCIA - Ah! Esse pobre homem que vai morrer tão cedo. Como essa noite foi cara pra ele.

LIGÚRIO - Corta essa! Não se preocupe por tão pouco . São coisas da vida.

NÍCIA - É mesmo, você tá certo. Mas estou doido pra me encontrar com dr. Calímaco. Ele vai vibrar!

LIGÚRIO - Ele chegará daqui a pouco. Mas já é dia. Podemos tirar os disfarces. E o senhor, que vai fazer?

NÍCIA - Vou pra casa botar uma roupa limpa. Vou acordar minha mulher para ela se lavar. E depois vamos à missa, receber a bênção e santificar o acontecimento. Gostaria que você e Calímaco estivessem lá! Pra gente falar com o padre - agradecer e recompensá-lo pelos bons serviços prestados.

LIGÚRIO - Ótimo! Estaremos lá.

CENA III

F. TIMÓTEO - Ouvi tudo... Nada me diverte mais que a burrice do dr. Nícia! Do que mais gostei, foi a resolução final. Já que eles vão encontrar comigo - vou logo para a igreja. Lá o meu comércio valerá mais dinheiro. Quem tá saindo da-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 270.

quela casa? Parece Ligúrio. Calímaco deve estar com ele. Não quero que eles me vejam. Tenho meus motivos, né? E se não vierem me procurar - terei tempo de ir até eles.

DPF DCDP Fls. N.º 242 Rubrica

CENA IV

CALÍMACO - Como te disse, meu caro Ligúrio, por umas horas eu passei maus bocados. Embora estivesse curtindo os maiores prazeres - não estava feliz. Mas depois eu disse a ela quem eu era; revelei meu amor, disse como seria fácil, devido à b baquice do marido, viver feliz e sem ter vergonha. Cheguei a lhe prometer casamento, se Deus carregasse o marido. El por sua vez me compreendeu. E além do mais ela percebeu a diferença que existe entre o meu modo de fazer amor e o d dr. Nícia. Entre os beijos de um amante jovem e os de um marido velho. E suspirando ela disse: "Já que a tua malícia, a burrice do meu marido, a insistência de minha mãe e a devassidão de meu confessor, me fizeram fazer uma co sa que nunca teria feito por mim mesma - sinto que é um desígnio de Deus. Quem sou eu para recusar a um apelo divino. De agora em diante eu te considero meu senhor, meu mestre, meu guia. Eu te amo do fundo do coração. Você será meu pai, meu defensor, minha única felicidade. E o que meu marido quis que acontecesse somente esta noite, eu qu ro que venha acontecer para sempre. Você vai ser seu amigo. Vai à igreja hoje e depois venha almoçar com a gente. Você será íntimo da casa - e assim poderemos ficar juntos sem levantar suspeitas." Quando ela falou isso - quase mo ri de alegria - nem tive palavras para responder e dizer-lhe tudo o que queria. Como sou feliz! E se essa felicidade não acabar logo, serei o mais feliz dos homens e o mais santo dos santos.

LIGÚRIO - Me alegro com a tua felicidade. O que eu previ, aconteceu, né? Mas... e agora? Que vamos fazer?

CALÍMACO - Vamos pra igreja. Eu prometi. Ela, o doutor e a mãe, estarão lá.

LIGÚRIO - Olha! Elas est[illegible] de casa. E o doutor vem com elas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-271

DPF
DCDP
Fls. N.º 243
Rubrica

CALÍMACO - Vamos esperar na igreja.

CENA V

NÍCIA - Lucrécia! Acho bom você se comportar, e não ficar assim tão frenética.

LUCRÉCIA - E daí, hein?

NÍCIA - Veja só como ela me responde. Parece uma galinha com esporão de galo.

SÓSTRATA - Não ligue. Ela está um pouco nervosa.

LUCRÉCIA - Que que você quer dizer?

NÍCIA - Olha! Vou passar na igreja para avisar ao padre, para ele nos dar a bênção. Hoje é o dia do teu renascimento.

LUCRÉCIA - Então vai logo!

NÍCIA - Você está muito atrevida hoje. Ontem à noite, parecia que ia morrer... e hoje...

LUCRÉCIA - Tudo graças a você.

SÓSTRATA - Vá procurar o padre. Ah! Nem precisa mais: ele está saindo da igreja.

NÍCIA - Ah! É mesmo.

CENA VI

F. TIMÓTEO - Vim aqui porque Calímaco e Ligúrio me disseram que o doutor e as senhoras viriam à igreja.

NÍCIA - Bênção, padre.

F. TIMÓTEO - Deus vos abençoe, e a Virgem também. E que o Bom Deus lhe dê um lindo filhinho.

LUCRÉCIA - Deus queira!

F. TIMÓTEO - Sem dúvida.

NÍCIA - Estou vendo Calímaco e Ligúrio na porta da igreja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 272.

DPF
DCDP
Fls. N.º 244
Rubrica

F. TIMÓTEO - Sim, doutor.

NÍCIA - Chame-os aqui.

F. TIMÓTEO - Aproximem-se.

CALÍMACO - Deus vos guarde.

NÍCIA - Doutor, dê a mão à minha mulher.

CALÍMACO - Com prazer.

NÍCIA _ Lucrécia, quero que você conheça aquele que nos deu um amparo para a velhice.

LUCRÉCIA - Estou muito feliz. E quero que você seja nosso compadre - o padrinho do nossofilho.

NÍCIA - Você é adorável, querida Lucrécia. Quero que o sr. Ligúrio venha almoçar com a gente.

LUCRÉCIA - Isso nem se discute.

NÍCIA - Vou lhes dar a chave do quarto do terraço, para que vocês possam vir quando quiserem. A casa será de vocês. Eles são solteiros e vivem como bichos.

F. TIMÓTEO - E as minhas esmolas?

NÍCIA - Vou mandar hoje mesmo, reverendo.

LIGÚRIO - E ninguém vai se lembrar de Siro?

NÍCIA _ Não se preocupe: o que é meu é dele. E você, Lucrécia? Quanto quer que eu dê ao padre?

LUCRÉCIA - Dê dois milhões pras obras de caridade.

NÍCIA - Porra! Tudo isso!

F. TIMÓTEO - E dona Sóstrata, como remoçou! É a vovó mais no ponto que conheço.

SÓSTRATA - E quem não ficaria, né padre?

F. TIMÓTEO - Entremos na igreja e rezemos ao Senhor. Depois da missa iremos almoçar.

E vocês, espectadores, não esperem a gente sair. A missa é longa. E se precisarem de mim, estarei sempre lá na igreja. Até já.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0959,p.273.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 245
Rubrica

PARECER Nº 1115 / 84

TÍTULO: A MANDRÁGORA, de NICOLAU MACHIAVELLI, tradução de THEREZA B. BARROS e FERNANDO BOHRER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (dezoito) ANOS

PEÇA TEATRAL - CONFRONTO

J. I.: LINGUAGEM CHULA e SATIRA MORAL e RELIGIOSA

A referida peça vem sendo liberada por este Órgão Censório desde 1968, recebendo impropriedades para menores de 18' (dezoito) ANOS e 16 (dezesseis) ANOS.

A última solicitação foi feita pelo Grupo Ator & Companhia, praça SR/DF.

Confrontando o texto com o primeiro submetido a exame, observamos que o contexto permanece o mesmo: comédia picante, narrando as tramas armadas por amante desesperado, com a finalidade deste manter sua primeira relação (relação) sexual com a mulher desejada, porém casada e honesta.

O mesmo já não ocorre com a linguagem, pois esta decai para a vulgaridade, com o emprego de palavreado grosseiro e de baixo calão.

Os personagens são os já caracterizados anteriormente: amante inconsequente e pérfido, padre corrupto, marido tipo ingênuo imbecil, alcoviteiro parasita e mãe cafetina.

A impressão final com a mensagem principal demonstram, como se é de esperar, o triunfo do maquiavelismo.

CONCLUSÃO:

As implicações da temática são agravadas com a utilização de palavrões, pelo que sugerimos a liberação da obra para os maiores de 18 (dezoito) ANOS.

Opinião sujeita ao exame do Ensaio Geral.

Obs.: No prólogo existem críticas à Censura, sem no entanto, constituírem-se em ofensas graves ao Órgão.

BRASILIA, DF, 28/03/84

Eni Martins França Borges
Técnica de Censura
Mat. 2.324.397

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.274.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. N.º 246 Rubrica

PARECER Nº 1136 / 84

TÍTULO: A Mandrágora - original de Nicolau Machiavelli, traduzido por Thereza B. Barros e Fernando Bohrer.
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

C O N T E Ú D O

Com a ajuda de amigo, valendo-se da ingenuidade de jovem mulher casada, Lucrécia, esta é induzida a aquiescer aos favores sexuais aspirados por homem dela apaixonado, Calímaco. O próprio marido, o padre e um terceiro entram em conluio e colaboram para a consumação do adultério, ao qual induzem Lucrécia.

LINGUAGEM,MENSAGENS,DESTINATÁRIO

Comédia satírica de costumes, transmite mensagens de cinismo, de permissividade, de leviandade e de ridicularização do matrimônio e dos costumes, em linguagem suficientemente clara para ser compreendida pelo grande público.

PERSUASÃO,PERSPECTIVA E PARECER

Trata-se de tradução livre de obra já conhecida mas que, nesta versão, a pretexto de modernizar, os tradutores introduziram termos vulgares não constantes do original, como: "eu estava fudido"e"cu ardido" (pág. 13); "puta merda !"(pág. 20);e "ela amacia o rabo" (pág.35), todos obscenos. Esse linguajar não original e o fato de tratar-se de outra tradução são os "elementos novos" que, ao teor da vigente legislação, justificam a elevação do nível de idade para 18 anos, o que se sugere, com a justificativa: clima de imoralidade e expressões chulas.

Brasília, 2 de abril de 1 984

Coriolano de Loiola Cabral Fagundes
Técnico de Censura S-mat.:2 095 823

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p275.

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DCDP - BSB
10 MAI 09 01 85 003333

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DCDP / BSB

DPF
DCDP
Fls. N.º 247
Rubrica

MJ/DPF/SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Brasília-DF, 09 de maio de 1984.

OFÍCIO Nº 00695 /84-SCDP/SR/DPF/DF.

Senhora Diretora.

Encaminho a Vossa Senhoria, para confronto, a peça teatral "A BOLSINHA MÁGICA DE MARLY EMBOABA" de Carlos Queiros Telles, para o Grupo Equipe de Teatro Didático, representado por Carmencita Rodrigues de Deus. Juntamente encaminho o relatório do ensaio geral da peça "MANDRÁGORA" de Nicolau Maquiavel que está sendo encenada na Sala Martins Penna do Teatro Nacional.

Respeitosos cumprimentos

L. Fernando Cardoso

Chefe Substituto do SCDP/SR/DPF/DF

Ilma. Sra.

Dra. Solange Maria Teixeira Hernandes

DD. Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Departamento de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.276.

DPF
DCDP
Fls. N.º 248
Rubrica

SCDP/SR/DPF/DF

R E L A T Ó R I O

ASSUNTO: ENSAIO GERAL
TÍTULO : A MANDRÁGORA
AUTOR : NICOLAU MAQUIAVEL (TRAD. THEREZA B. BARROS E FERNANDO B.
DIRETOR: RICARDO TORRES

1. Composição Cênica:

Tendo procedido o exame do ensaio geral da peça teatral acima descrita, realizado na Sala Martins Penna do Tetro Nacional, no dia 3 (três) de maio, com início às 21 (vinte e uma horas) e finalizado às 22:30 (vinte e duas e trinta) ', manifestamo-nos, considerando o seguinte:

- observou-se uma perfeita sincronização com relação aos aspectos exigidos dentro do âmbito duma exibição teatral;
- ressaltamos, ainda, a preocupação dos atores no mantimento' da identificação com o texto original, sobretudo, no que diz ' respeito a distorções, porquanto a peça, em seguidos momentos' dá margem ao recurso oportunista do enxerto.

2. Inconvenientes de modo geral:

O desempenho do grupo foi demonstrado através' duma postura voltada pura e simplesmente para o que se poderia chamar de ofício preponderantemente profissional, nada se detectando que possa ser convertido em inconvenientes.

3. Passagens e falas inconvenientes:

A presença de palavrões, gestos tendentes para' a obscenidade, combinados com as situações hilariantes em que' se sustentou o espetáculo, não chegam a comprometer um espetáculo já consagrado pelo mérito literário e, obviamente, dirigido ao público adulto.

4. Classificação:

Do ponto de vista censório, confirmamos a manutenção da classificação de idade que vem sendo observada:18 anos.

Brasília, 04 de maio de 1984.

Ivelice G. de Andrade Vargas
T.C. Mat. 2415794

DPF
DCDP
Fls. N.º 248
Rubrica

SCDP/SR/DPF/DF

R E L A T Ó R I O

ASSUNTO: ENSAIO GERAL
TÍTULO : A MANDRÁGORA
AUTOR : NICOLAU MAQUIAVEL (TRAD. THEREZA B. BARROS E FERNANDO B.
DIRETOR: RICARDO TORRES

1. Composição Cênica:

Tendo procedido o exame do ensaio geral da peça teatral acima descrita, realizado na Sala Martins Penna do Tetro Nacional, no dia 3 (três) de maio, com início às 21 (vinte e uma horas) e finalizado às 22:30 (vinte e duas e trinta) ', manifestamo-nos, considerando o seguinte:

- observou-se uma perfeita sincronização com relação aos aspectos exigidos dentro do âmbito duma exibição teatral;
- ressaltamos, ainda, a preocupação dos atores no mantimento' da identificação com o texto original, sobretudo, no que diz ' respeito a distorções, porquanto a peça, em seguidos momentos' dá margem ao recurso oportunista do enxerto.

2. Inconvenientes de modo geral:

O desempenho do grupo foi demonstrado através' duma postura voltada pura e simplesmente para o que se poderia chamar de ofício preponderantemente profissional, nada se detæ tando que possa ser convertido em inconvenientes.

3. Passagens e falas inconvenientes:

A presença de palavrões, gestos tendentes para' a obscenidade, combinados com as situações hilariantes em que' se sustentou o espetáculo, não chegam a comprometer um espetáculo já consagrado pelo mérito literário e, obviamente, dirigido ao público adulto.

4. Classificação:

Do ponto de vista censório, confirmamos a manutenção da classificação de idade que vem sendo observada:18 anos.

Brasília, 04 de maio de 1984.

Ivelice G. de Andrade Vargas
T.C. Mat. 2415794

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0959, p. 278.

A Mandrágora, considerada como a melhor e mais bela comédia do século XVI, é tida por muitos como uma das maiores de todo o teatro italiano. Representada pela primeira vez em 1520, quando a regra geral era imitar os clássicos, a peça de Maquiavel atraiu o público por seu conteúdo extremamente inovador. A espontaneidade e objetividade dos diálogos; a estrutura psicológica dos personagens; a linguagem popular; a sátira impiedosa a determinados tipos humanos; todas essas qualidades contribuem para eternizar *A Mandrágora*. Se, passados quase cinco séculos, seu sucesso continua até hoje — a exemplo de muitas comédias de Molière e Goldoni —, isso se deve especialmente porque o autor apresenta o retrato de uma sociedade sem qualquer intenção moralista. Da mesma forma que em sua obra de pensador político, Maquiavel, como dramaturgo, considera os homens "perversos, propensos ao mal, ingratos, volúveis e sempre prontos a mostrar a sua natureza vil e corrupta". Para o autor, o mundo não pode ser mudado e não cabe aos bons e justos corrigir o mal, mas apenas dele se defender.

Se a história contada na peça (o jovem amante que engana o marido velho para conseguir se aproximar da esposa virtuosa) não diferia basicamente das comédias clássicas, Maquiavel inovou ao fazer com que todos os personagens fossem co-responsáveis pela trama urdida. Se a grande maioria das comédias, até então, terminava em casamento, em *A Mandrágora* a situação é outra: Maquiavel instaurou o adultério sem culpa e mesmo com o consentimento da própria Igreja. Esta instituição, tão fortemente resguardada durante a Idade Média, foi o principal alvo do autor, atacada no que tinha ela de mais precioso: a virtude.

As platéias atuais com certeza riem da peça de maneira diferente das platéias do século XVI, porque se aquelas compreendessem o verdadeiro sentido da obra entrariam em pânico. Mas, curiosamente, a sociedade de hoje assemelha-se à da época de Maquiavel mais do que seria desejável. A malícia e a corrupção, presentes todo o tempo no desenrolar da trama, nos levam a comprovar a atualidade de *A Mandrágora* e a oportunidade de sua montagem.

Ricardo Torres

Agradecimentos:

Anita Salmoni, Carlos Henrique Cardim, Célio Azevedo, Cyrano Rosalém, Embaixada da Itália, Fundação Cultural do Distrito Federal, Jô Oliveira, Jonas Barreto da Silva, Luiz Alberto Lemos, Nikkey Palace Hotel, Rai e Toninho — Status Cabeleireiro, Raimundo da Paz, Ricardo Ottoni, Sheila Aragão, Sóbrindes, Sophia Wainer, Universidade de Brasília, Walter Costa Porto.

Canção após o Ato I

Quem não provou, amor,
o teu grande poder, espera em vão
saber qual a razão
que a nós escravos torna e a ti, senhor,
nem conhece o que é viver morrendo,
querer o mal e recusar o bem
e amar alguém
mais do que a si, tremendo,
o coração aflito, onde, em segredo,
trava-se a luta entre a esperança e o medo,
e, assim, se arrisca a sucumbir, coitado,
às setas do arco de que estás armado.

Canção após o Ato II

Eis a receita para ser feliz:
nascer tolo e crer tudo o que se diz.
Não se sofre de ambição,
não se sofre de temor,
topa-se o bem e o mal, sem distinção.
Esse nosso doutor,
do qual todos caçoam,
é tamanho papalvo,
que até acreditaria que os burros voam,
se assim julgasse que atinge seu alvo.
Basta ver a esparrela em que ele cai
só porque tem vontade de ser pai.

FICHA TÉCNICA

Direção	*Ricardo Torres*
Assistentes de direção	*Lourdes Ferreira*
	Emerval Crespi
Produção executiva	*Sergio Braga*
Auxiliar de produção	*Solange Braga*
Músicas originais	*Marcelo Saback*
Direção musical e arranjos	*Flávio Fonseca*
Músicos	*Marcelo Saback (violão)*
	Flávio Fonseca (violão)
	José Evangelista (flauta)
Gravação da trilha sonora	*Gravasom Studio*
Técnico de som e mixagem	*Luiz Alberto Lemos*
Cenografia	*Emerval Crespi*
Execução do cenário	*Emerval Crespi*
Iluminação	*José Vanderval*
Figurinos e adereços	*Ricardo Torres*
Execução do figurino	*Solange Papeira*
Execução dos adereços	*Ricardo Torres*
Maquiagem	*Marcelo Saback*
Contra-regra	*Glória Ferreira*
Fotografia de cena	*Tetê Sobreira*
Programação visual	*Edu*
Divulgação	*José Carlos Dias*
Produção	*ATOR & COMPANHIA*

ELENCO

por ordem de entrada em cena

Cantoras	*Mara Meirelles*
	Tetê Sobreira
	Solange Braga
Siro	*Fernando Guimarães*
Calímaco	*Marcelo Saback*
Doutor Nícia	*Ademir Miranda*
Ligúrio	*Alexandre Ribondi*
Sóstrata	*Lourdes Ferreira*
Frei Timóteo	*Emerval Crespi*
Uma mulher	*Mara Meirelles*
Lucrécia	*Dora Wainer*

Canção após o Ato III

Tão suave é o engano
e tão bem conduzido ao fim visado,
que a ninguém causará injúria ou dano
e todos terão nele o seu agrado.
É próprio do amor
ser rico em invenções, manhas, ardis
com que possa o amador,
por caminhos sutis,
vencer todo e qualquer impedimento
que se oponha ao vingar do seu intento.
Na verdade, ao amor nada retém:
para ele é bom tudo o que acabe bem.

Canção após o Ato IV

Horas noturnas, calmas e serenas,
que velais os amantes enlaçados,
prolongai vosso reino, pois, apenas
apareçam no céu, leves, rosados,
os raios de outro dia,
a meiga tirania
que ambos embala em tão doces fadigas
sucumbirá a forças inimigas.
Retardai os ponteiros de mansinho...
Não é de beijos, esse burburinho?
A todos será grato
saber longo e feliz este entreato.



A MANDRÁGORA

DPF DCDP Fls. Nº 249 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p279

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 250
Rubrica

TÍTULO " A MANDRAGORA."

AUTOR: NICOLAU MACHIAVEL.

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 ANOS.

Praça SR/DF

Obs.:

DF. 19 / 03 / 84 / ____

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 18(dezoito) anos, Sem cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: Conforto

Brasília-DF, 11 de 04 de 1984

Belle Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

JJ - Linguagem chula
Sátira moral e religiosa

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 18 (dezoito) anos.

Brasília-DF, 12 de 04 de 1984

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 12 / 04 / 1984

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.280.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 251
Rubrica

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
0480	12 ABRIL DE 1984	12 ABRIL DE 1989

TÍTULO: A MANDRÁGORA

AUTOR (ES): NICOLAU MAQUIAVEL

CLASSIFICAÇÃO: 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: LINGUAGEM CHULA - SÁTIRA MORAL E RELIGIOSA.

Solange M. T. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
DIRETORA DA DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: A MANDRÁGORA

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 0480

TRADUTOR OU ADAPTADOR: THEREZA B. BARROS E FERNANDO BOHER

REQUERENTE: SÉRGIO DA FONSECA BRAGA - BRASÍLIA/DF.

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE (18) DEZOITO ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
CHEFE DO SC = DCDP
ASSINATURA

BSB, 12 DE ABRIL DE 1984.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 281

DPF
DCDP
Fls. N.º 252
Rubrica

577/84-SE/DCDP 16 abril 84

Chefe do SCDP/SR/DF.

" A MANDRAGORA " e " O HOMEM QUE ENGANOU O DIABO...E AINDA PEDIU TROCO.".

Nicolau Machiavelli e Luiz Gutemberg.

Chefe:

Brasília/DF.

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-282.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
26 SET 10 20 85 007062
DCDP / BSB

DPF
DCDP
Fls. N.º 253
Rubrica

Belo Horizonte, MG
Em 23 de setembro de 1985

OF. Nº 139/85-SCDP/SR/MG

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/MG

Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

Senhor Diretor:

Pelo presente, encaminho à V. Sa. o texto teatral "A MANDRÁGORA" de autoria de Nicolau Maquiavel, para fins de exame nessa Divisão, pelos mesmos motivos alegados no ofício 137/85-SCDP/SR/MG, peça esta, cuja estréia está prevista para o dia dez de outubro de 1985.

Atenciosamente,

Antônio José de Freitas Duarte
Chefe do SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.283.

DPF
DCDP
Fls. N.º 254
Rubrica

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

...partamento de Polícia Federal
...idência Regional de Minas Gerais
... de Censura de Diversões Publicas
PROTOCOLO Nº 2206/85
DATA 23/09/1985 Bernadete
Funcionário

ROOSEVELT

Roosevelt Zorzal Paes
Requerente

Brasileiro, Perito de Teatro
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade M-6 619 712 - S.S.P.
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à São Judas Tadeu 277
Bairro Ribeiro de Abreu BH.

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sª., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) Peça Teatral abaixo relacionada(s), de autoria
Espécie

de: Nicolau Maquiavel -
Título(s)

A Mandrágora =

N. Termos
Pede deferimento

Belo Horizonte, 23 de Setembro de 1985
Local e Data

Roosevelt Zorzal Paes
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.284

1 - ~~EMPRESA OU GRUPO.~~ (~~Se houver~~)

Nome: Grupo Conba Vento e Mar C.G.C.:

Sede: Rua S. Judas Tadeu, 277

CEP: 30.000

Diretor ou Responsável: Roberto Leyola Paes

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Nicolau Magnoni

Pseudômino: — Filiação: —

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

3 - PARCERIA

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aquí prestadas.

DATA: BH 23 de Setembro de 1985

Ass.: Roberto Leyola Paes

DPF
DC: 2355
Fls. N.º 21
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 285.

NICOLAU MAQUIAVEL

A MANDRÁGORA

Comédia em cinco atos

Tradução e notas de
Mário da Silva

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.286.

DPF
DCDP
Fls. N.º 256
Rubrica

ATO I

DPF
DCP 257
Fls. N.º 287
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 287

CENA I

Calímaco e Siro

CALÍMACO
Não te vás, Siro. Quero falar-te.

SIRO
Cá estou.

CALÍMACO
Creio que te admiraste da minha repentina partida de Paris e que, agora, te admiras de estar eu aqui, já há um mês, sem fazer coisa alguma.

SIRO
É verdade.

CALÍMACO
Se, até hoje, não te disse o que te vou dizer, não foi porque não tivesse confiança em ti, senão, apenas, por julgar que as coisas que alguém quer que não se saibam, é conveniente que não as diga, a não ser forçado. Por isso, portanto, agora, que necessito do teu auxílio, quero contar-te tudo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 288.

DCDP Fls. N.º 258 Rubrica

SIRO

Sou vosso criado e os criados não devem nunca perguntar coisa alguma aos patrões nem indagar a respeito do que fazem. Mas, quando eles mesmos falam, devem servi-los fielmente. Assim fiz até aqui e assim farei.

CALÍMACO

Bem sei. Creio que já me ouviste dizer mil vezes — mas não faz mal se o ouves mil e uma — que eu tinha doze anos, quando, após a morte de meu pai e de minha mãe, fui mandado pelos meus tutores a Paris, onde permaneci durante vinte anos. E como, decorridos dez, começassem, com a invasão do rei Carlos, as guerras da Itália, que arruinaram o país, decidi estabelecer-me em Paris e nunca mais me repatriar, na idéia de que poderia viver por lá com mais segurança do que aqui.

SIRO

Sem dúvida.

CALÍMACO

Tendo, pois, encomendado que se vendessem aqui todos os meus bens, com exceção da casa, deliberei ficar na França, onde permaneci mais dez anos venturosos . . .

SIRO

Bem sei.

CALÍMACO

. . . dedicando o meu tempo, em parte, aos estudos, em parte, aos prazeres e, em parte, ainda, aos negócios; e conduzindo-me de tal modo, em cada uma dessas coisas, que nenhuma delas me impedisse as outras. Por isso, como sabes, vivia eu despreocupado e em paz, procurando agradar a toda a gente e esforçando-me por não ofender ninguém, de modo que me pareceu ser pessoa benquista por todos, burgueses e fidalgos, estrangeiros e naturais, pobres e ricos.

SIRO

É a pura verdade.

CALÍMACO

Julgou a sorte, contudo, que eu levasse existência demasiado feliz; e, assim, fez que chegasse a Paris um tal Camilo Calfucci.

SIRO

Começo a adivinhar o vosso mal.

CALÍMACO

Esse, bem como outros florentinos, era, a miúdo, meu convidado; e, palestrando juntos, aconteceu um dia que viéssemos a disputar sobre onde fossem mais bonitas as mulheres, na Itália ou na França. Como eu não pudesse ajuizar das italianas, pois era ainda muito novo quando daqui parti, outro florentino, que estava presente, tomou o partido das france-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0469, p. 289.

sas e Camilo, das italianas. Depois de muito argumentar de ambos os lados, Camilo, quase furioso, afirmou que, ainda que fossem monstros todas as mulheres da Itália, fora suficiente uma parenta sua para reabilitar-lhes a honra.

SIRO

Agora, já entendi o que quereis dizer.

CALÍMACO

E mencionou a senhora Lucrécia, esposa de messer Nícia Calfucci, de cuja beleza e virtudes teceu tamanhos louvores, que a todos nos deixou pasmados. Em mim, despertou ele tão intenso desejo de vê-la, que, pondo de lado qualquer outra ponderação e sem mais me preocupar com as guerras ou com a paz na Itália, iniciei logo a viagem para aqui, onde, ao chegar, verifiquei ser a fama da senhora Lucrécia muito inferior à verdade, o que raramente acontece, e me inflamei de tão grande desejo de possuí-la, que não tenho mais sossego.

SIRO

Se me houvésseis falado nisso em Paris, teria sabido como aconselhar-vos; agora, porém, não sei o que vos diga.

CALÍMACO

Não te referi o caso por querer conselhos teus, mas, em parte, para desabafar e, também, a fim de que prepares o espírito para me auxiliar, se for preciso.

SIRO

Para isso, estou preparadíssimo. Mas que esperanças alimentais?

CALÍMACO

Nenhuma, ai de mim, ou muito poucas. Explico o porquê. Em primeiro lugar, hostiliza-me a sua própria natureza de mulher honestíssima e de todo alheia às coisas do amor; depois, o estar casada com marido riquíssimo, que em tudo se deixa governar por ela e que, se não é jovem, também não é de todo velho, como parece; e, enfim, não ter ela parentes ou vizinhos com os quais se reúna para algum sarau ou festa ou outro prazer em que costumam deleitar-se os jovens. Trabalhadores de fora, nenhum freqüenta a sua casa; não tem criada ou servidor que não a tema; de modo que não há a possibilidade de recorrer-se a algum meio de corrupção.

SIRO

Que pensais fazer, então?

CALÍMACO

Não há nunca situação tão desesperada que não deixe algum caminho aberto para dela tirarmos esperança; e, ainda que esta seja débil e vã, o desejo e a vontade que tem o homem de levar a sua causa a bom termo, tal não a fazem parecer.

SIRO

Que vos faz esperar, enfim?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459.p.290.

CALÍMACO

Duas coisas: uma é a ingenuidade de messer Nícia, que, embora sendo doutor, é o homem mais simplório e tolo de Florença; a outra é a vontade, que a ambos anima, de ter filhos. Estando ela casada há seis anos e não havendo ainda dado à luz nenhum, riquíssimos como são, é esse o seu mais ardente voto. Ainda haveria uma terceira: que sua mãe foi mulher de vida airada; porém é rica e não sei como deva conduzir-me com ela.

SIRO

Para conseguir o vosso fim, já tentastes, até aqui, alguma coisa?

CALÍMACO

Sim, mas não muito.

SIRO

Como?

CALÍMACO

Conheces Ligúrio, que repetidamente vem fazer suas refeições comigo. Já foi mediador de casamentos e, depois, deu para esmolar ceias e jantares. Sendo homem agradável, messer Nícia mantém com ele grande familiaridade, da qual Ligúrio tira bom proveito; e, se bem que não o leve a jantar em sua casa, empresta-lhe, às vezes, algum dinheiro. Tratei de captar-lhe a amizade, comuniquei-lhe o meu amor e ele prometeu auxiliar-me com todas as suas forças.

SIRO

Tomai cuidado com que não vos engane: esses papa-jantares não costumam cumprir a palavra.

CALÍMACO

É verdade. Contudo, quando alguma coisa convém a alguém, deve-se ter por certo, se dela lhe damos comunicação, que ele nos sirva fielmente. Prometi a Ligúrio, se tem êxito na empresa, boa quantia de dinheiro; e, se não conseguir nada, terá ele, quando muito, aproveitado alguma ceia ou jantar, que eu, de qualquer modo, não tomaria sozinho.

SIRO

E que prometeu ele fazer, até agora?

CALÍMACO

Prometeu persuadir messer Nícia a ir com a esposa aos banhos, neste mês de maio.

SIRO

E que vantagens tereis nisso?

CALÍMACO

Que vantagens? Talvez pudesse o sítio modificar a natureza dela, pois nessas bandas outra coisa não se faz senão folgar. Eu iria lá também, levando os meios para entregar-me a todos os prazeres que pudesse, e não pouparia munificência alguma. Acabarei tornando-me familiar dela e do marido. Sabe-se

DPF
DCOR
Fls. N.º 261
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.291

lá! Uma coisa gera a outra e o tempo governa a todas.

SIRO
A idéia não me desagrada.

CALÍMACO
Ligúrio me deixou, hoje de manhã, dizendo que falaria no assunto com messer Nícia e me daria a resposta.

SIRO
Aí vêm eles juntos.

CALÍMACO
Quero apartar-me para falar com Ligúrio depois que ele deixar o doutor. Tu, nesse meio tempo, vai para casa, tratar da tua vida; e, se eu quiser que faças alguma coisa, te chamarei.

SIRO
Já vou.

CENA II

Messer Nícia e Ligúrio

MESSER NÍCIA
Creio que os teus conselhos são bons e, ontem, falei deles com minha mulher. Prometeu que me responderia hoje. Mas, para dizer a verdade, não faço muito gosto na coisa.

LIGÚRIO
Por quê?

MESSER NÍCIA
Porque não me afasto de casa de bom grado. Além disto, ter de transportar esposa, criada e trastes, não é coisa que me quadre. E, por fim, falei, ontem à noite, com vários médicos. Um deles diz que devo ir aos banhos de São Felipe, outro, aos de Porretta, e outro, ainda, aos da Villa. Pareceram-me um bando de lorpas; e a verdade é que esses doutores em medicina não sabem o que fazem.

LIGÚRIO
Deve ser que vos preocupa o que dissestes antes, pois não estais acostumado a perder de vista a cúpula da nossa catedral.

DPF DCDP Fls. N.º 262 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 292.

MESSER NÍCIA
Estás muito enganado! Quando era mais jovem, corri muito mundo. E nunca houve feira em Prato, que eu lá não fosse, nem há castelo nas redondezas, onde não tenha estado. Digo-te mais: estive, até, em Pisa e Livorno!

LIGÚRIO
Então, certamente, vistes a Torre empinada de Pisa.[4]

MESSER NÍCIA
Queres dizer: inclinada.

LIGÚRIO
Ah, sim! Pois é: inclinada. E, em Livorno, vistes o mar?

MESSER NÍCIA
É claro que vi!

LIGÚRIO
É muito maior do que o Arno?

MESSER NÍCIA
Qual Arno! É quatro vezes maior, mais de seis, mais de sete vezes, se queres saber; não se vê outra coisa, a não ser água, água e mais água.

LIGÚRIO
Admira-me, então, que, sendo homem tão viajado, tenhais tamanha relutância em ir aos banhos.

MESSER NÍCIA
Falas como uma criança. Parece-te bagatela, ter de desarrumar a casa inteira? Não obstante, tão grande é minha vontade de ter filhos, que estou disposto a fazer seja o que for. Mas fala tu um pouco com esses mestres e vê aonde eles me aconselham a ir. Nesse meio tempo, irei ter com minha mulher e, depois, tornaremos a nos encontrar.

LIGÚRIO
Tendes razão.

DPF DCDP Fls. N.º 263 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.293.

CENA III

Ligúrio e Calímaco

LIGÚRIO

Não creio que haja no mundo papalvo maior do que este. E como o favoreceu a sorte! Ele rico, ele casado com uma mulher bonita, ajuizada, honesta e digna de governar um reino! Parece-me que raras vezes, no casamento, se verificou aquele provérbio que reza: Deus faz os homens e eles se juntam; pois é freqüente ver um homem de qualidade escolher uma besta e, vice-versa, uma mulher avisada ter por marido um palerma. Da palermice deste, porém, um proveito pode tirar-se, e é que Calímaco tem motivos para alimentar esperanças. Mas eis que ele aí vem. De que andas à espreita, Calímaco?

CALÍMACO

Eu te vi com o doutor; e estava esperando que te separasses dele, para inteirar-me do que fizeste.

LIGÚRIO

Ele é o homem que bem sabes, de pouco juízo e ânimo ainda menor; e não tem muita vontade de deixar Florença. Ainda assim, consegui persuadi-lo à viagem e, no fim, me disse que fará o necessário. Penso, portanto, que, se esse expediente for do nosso agrado, o levaremos a adotá-lo. Mas não sei se nos convém.

CALÍMACO

Por quê?

LIGÚRIO

Sei lá! Não ignoras que a esses banhos vai gente de toda a espécie. Poderia surgir por lá algum homem ao qual a senhora Lucrécia agradasse tanto quanto a ti, mas que fosse mais rico e mais garboso do que tu; de modo que corremos o risco de trabalhar em benefício de outrem e que o número dos competidores torne mais difícil a nossa tarefa ou que, amansando, ela dê a preferência a outro.

CALÍMACO

Reconheço que dizes a verdade. Mas que hei de fazer? Que partido vou tomar? Para onde devo voltar-me? Preciso tentar qualquer coisa, seja grande, seja perigosa, prejudicial ou infame. Antes morrer do que viver assim. Se pudesse dormir à noite, se pudesse alimentar-me, se pudesse conversar, se pudesse achar prazer alguma coisa, teria mais paciência em esperar pelo tempo. Mas o caso não tem remédio. Se alguma decisão não me abrir a esperança, é certo que morrerei; e, sabendo que devo [illegible] memoriza mais e prefiro tomar

DPF DCDP Fls. N.º 264 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.294.

qualquer decisão, ainda que absurda, cruel ou nefanda.

LIGÚRIO

Não fales assim, refreia esse impulso da tua alma.

CALÍMACO

Bem vês que, para refreá-lo, afago estes pensamentos. Faz-se mister, porém, ou que continuemos a mandar o nosso homem aos banhos ou, então, que sigamos outro qualquer caminho que me dê alguma esperança, se não verdadeira, ao menos enganosa, com a qual possa alentar um pensamento que abrande, em parte, a minha angústia.

LIGÚRIO

Tens razão e estou pronto para fazê-lo.

CALÍMACO

Acredito no que dizes, embora sabendo que os teus pares vivem de engabelar os outros. Não penso, contudo, estar no rol das tuas vítimas, pois, se assim procedesses e eu o descobrisse, procuraria desforrar-me e perderias o uso da minha casa e a esperança de receberes o que te prometi para o futuro.

LIGÚRIO

Não duvides da minha palavra, porque, ainda que não existisse o proveito que sei e espero, há que o teu sangue condiz com o meu e que desejo que realizes esse teu anseio quase tanto quanto tu. Mas deixamos isso de lado. O doutor incumbiu-me de achar um médico, para saber a qual dos banhos lhe convenha ir. Quero que procedas a meu modo: que afirmes teres estudado medicina e praticado o ofício em Paris. Ele acreditará facilmente, por ser homem simplório e tu, letrado, capaz de dizer-lhe qualquer coisa em bom latim.

CALÍMACO

E para que nos servirá isso?

LIGÚRIO

Poderá servir-nos para mandá-lo àquele banho que mais nos apraza ou para tomarmos outro partido, no qual já pensei e que será mais rápido, certeiro e fácil de levar a bom termo do que os banhos.

CALÍMACO

Que me dizes, homem?

LIGÚRIO

Digo-te que, se tiveres ânimo e confiares em mim, considero o teu caso resolvido antes de amanhã a esta hora. E, ainda que ele fosse o homem que não é, capaz de indagar se és realmente médico ou não, a escassez do tempo e a própria natureza do assunto farão com que não fale nem com ninguém ou que não chegue a tempo para estragar o nosso plano, se porventura vier a falar.

DPF DCDP Fls. 265 Rubrica

CALÍMACO

Tu me ressuscitas. Esta promessa é demasiado grande e me insufla uma esperança excessiva. De que modo procederás?

LIGÚRIO

Saberás o modo quando chegar o momento. Por enquanto, não é necessário que eu o explique, pois o tempo já é escasso para a ação, quanto mais para explicações. Vai para casa e espera-me por lá, enquanto eu irei ver o doutor. E, quando o levar a visitar-te, procurarás prestar atenção a tudo o que eu disser, de modo a secundar-me.

CALÍMACO

Assim farei, ainda que me infundas uma esperança que receio se torne em fumo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0459, p. 295.

CANÇÃO

após o Ato I

Quem não provou, amor,
o teu grande poder, embalde espera
fazer fé verdadeira
de qual seja no céu a mor valia;
nem sabe o que é viver co'a morte n'alma,
seguir seu dano, abandonando o bem,
e como se ama alguém
mais que a si mesmo, e medo
e esp'rança os corações regela e rói,
e como tanto os homens como os deuses
temem a seta de que estás armado.

DPF
PCDP
Fls. N.º 266
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 296.

ATO II

DFF DCDP Fls. N.º 267 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 297

CENA I

Ligúrio, messer Nícia e Siro

LIGÚRIO

Como já disse, penso que foi o céu que nos enviou esse homem, a fim de que se realize o vosso desejo. Ele fez longa prática em Paris e não vos deve espantar se, em Florença, não exerce a sua arte, que disto é causa, em primeiro lugar, ser ele rico e, em segundo lugar, dever, a qualquer momento, regressar a Paris.

MESSER NÍCIA

Sim, meu amigo, mas isso é de muita importância; porque não gostaria de que ele me metesse nalguma enrascada e, depois, me deixasse entalado.

LIGÚRIO

Quanto a isso, não tenhais dúvidas. Deveis temer, apenas, que não queira cuidar do vosso caso; mas, se aceitar, não é homem para abandonar-vos enquanto não o leve a bom termo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0439,p.298

DPF DCDP Fls. N.º 268 Rubrica

MESSER NÍCIA
Por esse lado da questão, quero fiar-me de ti; mas, quanto à ciência, assim que eu lhe falar, te direi se é homem de doutrina, porque a mim é que não impingirá gato por lebre!

LIGÚRIO
É, justamente, porque vos conheço, que vos levo a ele, para que possais falar-lhe. E, depois que lhe houverdes falado, se não vos parecer, pelo aspecto, doutrina e linguagem, merecedor de toda a confiança, podereis dizer que eu não sou mais eu.

MESSER NÍCIA
Pois seja tudo como Deus quiser! Vamos. Onde mora ele?

LIGÚRIO
Nesta mesma praça, naquela porta que vedes à vossa frente.

MESSER NÍCIA
Vamos logo com isso. Bate.

LIGÚRIO
Pronto. Já bati.

SIRO
Quem é?

LIGÚRIO
Está em casa Calímaco?

SIRO
Está, sim, senhor.

MESSER NÍCIA
Por que não dizes: mestre Calímaco?

LIGÚRIO
Ele não dá importância a essas frioleiras.

MESSER NÍCIA
Não fales assim. Cumpre o teu dever e a mal, que se dane!

DPF DCDP Fls. N.269 Rubrica

CENA II

Calímaco, messer Nícia e Ligúrio

CALÍMACO
Quem me procura?

MESSER NÍCIA
Bona dies, domine magister.

CALÍMACO
Et vobis bona, domine doctor.

LIGÚRIO
Que tal vos parece?

MESSER NÍCIA
Ótimo, com a breca!

LIGÚRIO
Mas, se quereis que eu fique aqui convosco, falai de modo que vos entenda. Senão, eu é que estarei perdendo o meu latim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 299.

CALÍMACO
Que boas novas vos trazem aqui?

MESSER NÍCIA
Sei lá! Ando à procura de duas coisas, das quais outrem talvez fugisse: isto é, apoquentar a mim e aos outros. Não tenho filhos e desejaria tê-los; e, por essa tribulação, venho importunar-vos.

CALÍMACO
Nunca hei de achar incômodo ser-vos útil e a todos os homens sábios e de bem como vós. Não fatiguei tantos anos estudando em Paris, senão para poder servir os vossos pares.

MESSER NÍCIA
Fico-vos muito grato; e se, algum dia, tiverdes necessidade de minha arte, com prazer vos servirei. Mas voltemos *ad rem nostram*. Já pensastes qual dos banhos seja o melhor para dispor minha mulher a ficar prenha? Pois sei que o nosso Ligúrio já vos disse tudo o que devia.

CALÍMACO
É verdade. Mas, querendo satisfazer o vosso desejo, faz-se mister conhecermos a causa da esterilidade da vossa esposa, pois pode haver várias causas. *Nam causae sterilitatis sunt: aut in semine, aut in matrice, aut in instrumentis seminariis, aut in virga, aut in causa extrinseca.*

DPF DCDP Fls. N.º 210 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 300.

MESSER NÍCIA
Esse é o homem mais digno que possa encontrar-se!

CALÍMACO
Poderia a esterilidade, ademais, originar-se de vós, por impotência. Quando assim fosse, não haveria nenhum remédio.

MESSER NÍCIA
Impotente, eu? Quereis fazer-me rir! Não creio que haja em Florença homem mais verde e rijo do que eu.

CALÍMACO
Sendo assim, alegrai-vos, que haveremos de encontrar remédio ao caso.

MESSER NÍCIA
Não haveria outro remédio que não fossem os banhos? Porque eu gostaria de poupar-me esse estorvo e minha mulher não deixaria Florença de bom grado.

LIGÚRIO
Decerto que haverá! A isso quero responder eu mesmo. Calímaco é tão escrupuloso que, até, exagera. Não me dissestes que sabeis receitar certos cozimentos, que fazem emprenhar com toda a certeza?

CALÍMACO
Disse, sim. Mas costumo ser reservado com as

pessoas que não conheço, porque não quero que me julguem algum charlatão.

MESSER NÍCIA
Não duvideis de mim. Causastes-me tamanha admiração, que não há coisa que não acreditasse ou fizesse, se indicada por vós.

LIGÚRIO
Penso ser necessário que examineis as urinas.

CALÍMACO
Isso, sem dúvida, não pode dispensar-se.

LIGÚRIO
Chama Siro, que vá logo buscá-las em casa do doutor e volte aqui, depois; nós esperaremos por ele em casa.

CALÍMACO
Vai com ele, Siro. E, se for do vosso agrado, messere, voltai aqui em seguida; então, pensaremos no que se deva fazer.

MESSER NÍCIA
Como, se for do meu agrado? Voltarei aqui imediatamente, pois tenho mais fé em vós do que os húngaros em suas espadas.

DPF DCDP 371 Fls. N.º 2 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.301

CENA III

Messer Nícia e Siro

MESSER NÍCIA
Esse teu amo é, realmente, um homem de valor.

SIRO
Mais do que pensais.

MESSER NÍCIA
O rei da França deve tê-lo em grande conta.

SIRO
Grandíssima.

MESSER NÍCIA
Por esse motivo, deve ele viver de bom grado na França.

SIRO
É o que penso.

MESSER NÍCIA
E faz muito bem. Aqui, em nossa terra, só há mãos-atadas e não se aprecia virtude alguma. Se estivesse aqui, ninguém olharia para ele. Eu bem posso avaliá-lo, que caguei as tripas para aprender dois dedos de latim. E, se tivesse de viver somente disso, estaria bem arranjado, podes ter certeza!

SIRO
Ganhais cem ducados ao ano?

MESSER NÍCIA
Nem cem liras nem cem *"grossos"*,[5] ai de mim! A verdade é que, nesta terra, quem não tem qualquer coisa de seu, entre os nossos pares, não encontra um cão que se digne de lançar-lhe um olhar: não servimos para nada, a não ser ir a enterros ou casórios ou, então, ficarmos o dia todo sentados, de mãos abanando, no banco do Procônsul. Mas eu não lhes ligo importância; não preciso de ninguém e assim estivesse quem está pior do que eu! Mas não desejaria que isso viesse a saber-se, porque, então, me imporiam algum tributo e eu teria sarna para me coçar.

SIRO
Não tenhais medo.

MESSER NÍCIA
Chegamos à minha casa. Espera-me aqui; volto já.

DPF DCDP Fls. N.º 272 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 302.

CENA IV

Siro, sozinho

SIRO

Se os outros doutores fossem como este, que grande patuscada seria o mundo! A verdade é que esse malvado de Ligúrio e o tresloucado do meu patrão o levam para algum caminho que o cobrirá de vergonha. E, realmente, eu gostaria de que tal lhe acontecesse, se tivesse a certeza de que ninguém o virá a saber, porque, vindo-se a saber, corro perigo pela minha vida, e o meu patrão, pela vida e pelos bens. Não é que, agora, já se tornou médico! Não sei qual seja o plano deles e para onde conduza o embuste. Mas aí está o doutor, trazendo um urinol na mão. Quem não haveria de rir-se de semelhante parvo?

CENA V

Messer Nícia e Siro

MESSER NÍCIA

Até aqui, fiz tudo como tu quiseste. Agora, quero que faças a modo meu. Se soubesse que não iria ter filhos, teria preferido casar-me com uma camponesa![6] Estás aí, Siro? Acompanha-me. Quanto me custou conseguir que a tola da minha mulher me desse esta urina! E não é que ela não deseje ter filhos, pois até se preocupa mais com isto do que eu. Mas, toda a vez que lhe peço para fazer alguma coisa, por menor que seja, é o diabo!

SIRO

Tende paciência; é com boas palavras que se costuma levar as mulheres para onde queremos.

MESSER NÍCIA

Qual boas palavras, qual nada! Ela já me aborreceu bastante. Vai depressa e dize ao mestre e a Ligúrio que estou aqui.

SIRO

Aí vêm eles, saindo de casa.

DPF
DCP
Fls. N.º 273
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.303

CENA VI

Ligúrio, Calímaco e messer Nícia

LIGÚRIO
Persuadir o doutor, será empresa fácil. A dificuldade a encontraremos na mulher. Mas para isso, também, não nos faltarão expedientes.

CALÍMACO
Trouxestes a urina?

MESSER NÍCIA
Siro a tem, ali embaixo.

CALÍMACO
Dá cá. Oh! Esta urina denota fraqueza dos rins.

MESSER NÍCIA
Realmente, parece-me um pouco turva. Contudo, é fresquíssima: acabou de fazê-la.

CALÍMACO
Não há de que admirar-se. *Nam mulieris urinae sunt semper majoris grossitiei et albedinis, et minoris pulchritudinis, quam virorum. Ayus autem, inter caetera, causa est amplitudo canalium, mixtio eorum quae ex matrice exeunt cum urina.*

MESSER NÍCIA
Oh! Uh! Cona de São Púcio! Encheu-me as medidas, sim, senhor! Como raciocina bem sobre essas coisas!

CALÍMACO
Receio que, de noite, ela esteja mal coberta; daí produzir urina crua.

MESSER NÍCIA
No entanto, dorme com um bom cobertor por cima. Mas é que fica quatro horas de joelhos, enfiando padre-nossos, antes de ir para a cama. É um verdadeiro animal, para apanhar frio!

CALÍMACO
Enfim, doutor, ou tendes confiança em mim ou não tendes; e eu devo indicar-vos um remédio certo ou não. No que me diz respeito, não vos negarei o remédio. Se tiverdes fé em mim, o usareis, e, se dentro de um ano, vossa esposa não estiver com um filho ao colo, quero ter de pagar-vos dois mil ducados.

MESSER NÍCIA
[illegible] pronto para abençoar-vos em tudo e acreditar mais em vós do que no meu próprio confessor.

DPF DCP 374 Fls. N.º Rubrica

CALÍMACO

Deveis capacitar-vos de que não há nada mais certo, para emprenhar uma mulher, do que fazer-lhe beber uma poção de mandrágora. É coisa que já experimentei mais de uma vez e sempre verifiquei que não falha. Se assim não fosse, a rainha da França seria estéril e, como ela, numerosas outras princesas daquele país.

MESSER NÍCIA

Será possível?

CALÍMACO

É o que vos digo. No vosso caso, a sorte foi tão benigna, que calhou trazer eu comigo todos os ingredientes que entram na poção, de modo que podereis tê-la quando vos aprouver.

MESSER NÍCIA

Quando deveria ela tomá-la?

CALÍMACO

Hoje à noite, após a ceia, pois a lua se apresenta favorável e o tempo não poderia ser mais apropriado.

MESSER NÍCIA

Não será questão de monta. Preparai-a, em todo o caso, e eu farei com que ela a tome.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459 p. 304.

CALÍMACO

É preciso, agora, atentar bem nisto: que o primeiro homem que tiver relações com ela, depois de ela tomar a poção, morrerá dentro de oito dias e não há nada neste mundo que possa salvá-lo.

MESSER NÍCIA

Maus raios me partam! Não quero saber dessa zurrapa. A mim é que não vais impingi-la. Bonito serviço me fizestes!

CALÍMACO

Tranqüilizai-vos, que isso, também, pode remediar-se.

MESSER NÍCIA

De que modo?

CALÍMACO

Fazei logo dormir com ela outra pessoa, que, possuindo-a por uma noite, puxe a si toda a infecção da mandrágora. Depois, podereis novamente ter relações com ela, sem o menor perigo.

MESSER NÍCIA

Isso é que eu não farei.

CALÍMACO

Por quê?

MESSER NÍCIA

Porque não quero mudar minha mulher em fêmea e a mim em cabrão.

DPF DCDP 275 Fls. N.º 20 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.305.

CALÍMACO

Que dizeis, doutor? Oh, vejo que não sois tão sábio quanto julguei. Com que, então, tendes dúvidas em fazer o que fez o rei da França e muitos outros fidalgos que há por lá?

MESSER NÍCIA

Mas quem quereis que eu encontre, que se sujeite a semelhante loucura? Se eu lhe disser de que se trata, ele não haverá de querer; e, se não lhe disser nada, estarei enganando-o traiçoeiramente, e será um caso para a Junta dos Oito;[7] e não quero cair debaixo das suas garras.

CALÍMACO

Se é apenas isso o que vos preocupa, deixai tudo por minha conta.

MESSER NÍCIA

Como se há de fazer?

CALÍMACO

Vou dizê-lo. Eu vos entregarei a poção hoje à noite, logo depois da ceia. Vós fareis com que vossa esposa a beba e vá, em seguida, para a cama, que sejam cerca de quatro horas da noite.[8] Depois, nos disfarçaremos, eu, vós, Ligúrio e Siro, e iremos percorrer o Mercado Novo, o Mercado Velho e outros lugares do gênero. O primeiro malandro que encontrarmos vadiando, lhe poremos uma mordaça e, à força de pancadas, o levaremos para a vossa casa

e, no escuro, para o vosso quarto. Depois, o meteremos na cama, dizendo-lhe o que deverá fazer; e é certo, então, que não haverá mais dificuldades. Depois, pela manhã, mandareis o homem embora antes que o dia desponte, direis à vossa esposa que se lave e ficareis deitado com ela quanto vos agradar, sem qualquer perigo.

MESSER NÍCIA

Está bem, já que me dizeis que reis, príncipes e fidalgos procederam desse modo; mas, principalmente, que não se venha a saber, por amor dos Oito!

CALÍMACO

E quem quereis que vá contar-lhes o que houve?

MESSER NÍCIA

Ainda nos resta um trabalho, e de muita importância.

CALÍMACO

Qual é?

MESSER NÍCIA

Convencer minha mulher, pois não creio que ela jamais se decidirá a fazer isso.

CALÍMACO

Tendes razão. Mas eu não desejaria estar casado, se não soubesse decidir minha mulher a obedecer-me.

DEF DCDB Fls. 376 N.º 361 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 306.

LIGÚRIO
Já achei o remédio.

MESSER NÍCIA
De que modo procederemos, então?

LIGÚRIO
Por intermédio do confessor.

CALÍMACO
E quem convencerá o confessor?

LIGÚRIO
Eu, tu, o dinheiro, a nossa maldade e a deles.

MESSER NÍCIA
Receio, porém, se for eu quem a mandar, que ela não quererá ir falar com o confessor.

LIGÚRIO
Também para isso há remédio.

CALÍMACO
Fala!

LIGÚRIO
É fazer com que sua mãe a leve lá.

MESSER NÍCIA
Sim, à mãe ela dá ouvidos.

LIGÚRIO
E eu sei que sua mãe é da nossa mesma opinião. Vamos, não percamos mais tempo, que já entardece. Vai a passear, Calímaco, e faze com que às duas horas te encontremos em casa, com a poção já preparada. Eu e o doutor iremos à casa de sua mãe, para dispô-la a secundar-nos, pois é minha conhecida. Depois, iremos visitar o frade e vos inteiraremos de tudo que tivermos combinado.

CALÍMACO
Pelo amor de Deus, não me deixes só!

LIGÚRIO
Eu diria que estás enfeitiçado.

CALÍMACO
Aonde queres que eu vá, a estas horas?

LIGÚRIO
Aqui, acolá, numa rua, noutra. É tão grande Florença!

CALÍMACO
Eu ainda morro hoje!

DPF
DCDP
Fls. N.º 274
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0489, p. 307

CANÇÃO

após o Ato II

Como seja feliz, cada qual vê,
quem nasce tolo e em tudo crê e confia!
Ambição não o oprime
nem o move o temor,
que soem ser semente
de dor e de tristeza.
Esse vosso doutor,
sequioso de ter filhos,
creria que os burros voam;
e, qualquer outro bem pondo em olvido,
seus anseios somente neste aviva.

ATO III

DPF DCDP 378 Fls. N.º 219 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0489,p.308.

CENA I

Sóstrata, messer Nícia e Ligúrio

SÓSTRATA
Sempre ouvi dizer que é dever do homem prudente escolher, dentre as más resoluções, a melhor. Se, para ter filhos, não vos resta outro recurso, deve-se adotar esse, para não agravar a consciência.

MESSER NÍCIA
Assim é.

LIGÚRIO
Ireis ver vossa filha, enquanto eu e o doutor visitaremos frei Timóteo, seu confessor, e lhe contaremos o caso, para que vós não necessiteis de referi-lo. Vós mesma, depois, ouvireis o que ele dirá.

SÓSTRATA
Assim se fará. O vosso caminho é nessa direção. Eu vou ter com Lucrécia e a levarei a falar com o frade, seja lá como for.

DPF DCDP Fls. 279 N.º 20 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 309

CENA II

Messer Nícia e Ligúrio

MESSER NÍCIA
Talvez te admires, Ligúrio, de que seja preciso urdir tantas tramas, para convencer minha mulher; mas, se soubesses tudo, não te admirarias.

LIGÚRIO
Penso que assim acontece, porque todas as mulheres são desconfiadas.

MESSER NÍCIA
Não é nada disso. Ela era a mais suave criatura deste mundo e a mais dócil; mas, tendo-lhe dito uma vizinha que emprenharia, se fizesse a promessa de ouvir, durante quarenta manhãs, a primeira missa na igreja dos Servitas, fez a promessa e lá foi, talvez, umas vinte manhãs. Aconteceu que um daqueles fradalhões começou a andar-lhe à roda; de tal modo que ela não quis mais voltar lá. É uma desgraça, realmente, que aqueles que deveriam nos dar o bom exemplo sejam assim. Não é verdade?

LIGÚRIO
Se é verdade, com mil diabos!

MESSER NÍCIA
Desde esse dia, ela tem pulga no ouvido; e, mal se lhe diz uma coisa, cria mil dificuldades.

LIGÚRIO
Agora, já não me admiro de nada. Mas como se cumpriu a promessa?

MESSER NÍCIA
Obteve dispensa.

LIGÚRIO
Muito bem. Se os tendes, porém, dai-me vinte e cinco ducados; porque, em casos como este, é preciso gastar e captar depressa a amizade do frade, deixando-lhe a esperança de recompensa ainda melhor.

MESSER NÍCIA
Toma. Isso não me apoquenta. Pouparei noutras coisas.

LIGÚRIO
Esses frades são ladinos, astutos, o que se explica, pois conhecem os nossos pecados e os deles mesmos; e, quem não os pratica, poderia enganar-se e não saber conduzi-los aonde lhe convém. Eu não desejaria, portanto, que vós, ao falar, estragásseis tudo, porque um homem do vosso feitio, que con-

DCP 280 Fls. N.º 45 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 310.

some o dia inteiro no estudo, entende de seus livros, mas não sabe pesar bem as coisas deste mundo. (Este doutor é tão tolo, que receio não deite tudo a perder.)

MESSER NÍCIA
Dize-me o que queres que eu faça.

LIGÚRIO
Quero que me deixeis falar com ele, sozinho, e que não faleis nunca, senão quando eu vos fizer um sinal.

MESSER NÍCIA
Está bem. Que sinal me farás?

LIGÚRIO
Piscarei um olho, morderei o lábio. Não! Procedamos de outro modo. Há quanto tempo não falais com o frade?

MESSER NÍCIA
Faz mais de dez anos.

LIGÚRIO
Ótimo. Eu lhe direi que ensurdecestes; e vós não respondereis nem direis coisa alguma, se não falarmos alto.

MESSER NÍCIA
Assim farei.

LIGÚRIO
Não vos apoquente se eu disser alguma coisa que vos pareça desconforme ao que queremos, pois tudo reverterá em nosso proveito.

MESSER NÍCIA
Deus queira.

LIGÚRIO
Mas vejo o frade falando com uma mulher. Esperemos até que a tenha despachado.

DPF DCDP Fls. N.º 281 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 311

CENA III

Frei Timóteo e uma mulher

FREI TIMÓTEO
Se quiserdes confessar-vos, farei o que desejais.

MULHER
Por hoje, não; estão à minha espera e me é suficiente ter desabafado um pouco, assim, em pé. Dissestes aquelas missas de Nossa Senhora?

FREI TIMÓTEO
Disse, sim, senhora

MULHER
Tomai, agora, este florim: celebrareis todas as segundas-feiras, durante dois meses, a missa dos mortos pela alma do meu marido. Se bem que fosse um grande malvado, a carne é fraca; e não posso impedir que a minha se excite quando me lembro dele. Mas julgais deveras que esteja no purgatório?

FREI TIMÓTEO
Sem dúvida!

MULHER
Eu é que não sei ao certo. Bem sabeis o que ele, às vezes, me fazia. Oh, quanto me queixei disso convosco! Eu afastava o corpo, tanto quanto podia; mas ele era tão insistente, meu Deus do céu!

FREI TIMÓTEO
Não duvideis, a clemência de Deus é grande; e, se ao homem não faltar a vontade, nunca lhe faltará, tampouco, o tempo para se arrepender.

MULHER
Achais que os turcos, este ano, invadirão a Itália?

FREI TIMÓTEO
Sim, se não fizerdes oração.

MULHER
Credo! Deus nos acuda contra essas invenções do diabo! Tenho muito medo da tal empalação. Mas vejo, aqui na igreja, uma mulher com um tecido meu; preciso falar com ela. Muito bom dia, padre!

FREI TIMÓTEO
Ide em paz!

DCDR Fls. N.º 282 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0439,p.312.

CENA IV

Frei Timóteo, Ligúrio e messer Nícia

FREI TIMÓTEO
Não há pessoas mais caridosas do que as mulheres nem mais enfadonhas. Quem as enxota, evita os aborrecimentos e o proveito; quem lhes dá trela, tem, do mesmo passo, proveito e aborrecimentos. A verdade é que não há mel sem moscas. Que andais fazendo, homens de bem? Não é messer Nícia quem vejo aí?

LIGÚRIO
Falai em voz alta, pois ensurdeceu de tal modo, que não ouve mais nada.

FREI TIMÓTEO
Sede bem-vindo, messere!

LIGÚRIO
Mais alto!

FREI TIMÓTEO
Sede bem-vindo!

MESSER NÍCIA
Obrigado, padre!

FREI TIMÓTEO
Que andais fazendo por aqui?

MESSER NÍCIA
Todos bem, obrigado.

LIGÚRIO
Falai comigo, padre, pois, se quisésseis ser ouvido por ele, deveríeis pôr em alarma a praça inteira.

FREI TIMÓTEO
Que desejais de mim?

LIGÚRIO
O aqui presente messer Nícia e mais outro homem de bem, cujo nome sabereis mais tarde, querem mandar distribuir em esmolas várias centenas de ducados.

MESSER NÍCIA
Pelas tripas de Judas!

LIGÚRIO
(Calai-vos, com a breca, que não serão muitos.) Não vos espante, padre, com o que ele possa dizer, pois não ouve e parecendo-lhe, às vezes, ouvir, responde fora de propósito.

Fls. N.º 283 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.313.

FREI TIMÓTEO
Continua e deixa-o falar o que bem entenda.

LIGÚRIO
Trouxe comigo uma parte desse dinheiro; e eles formaram tenção de que sejais vós quem deverá distribuí-lo.

FREI TIMÓTEO
Com muito prazer.

LIGÚRIO
Mas é preciso, antes de fazer-se a esmola, que nos auxilieis num caso estranho, que aconteceu ao doutor; e somente vós podeis dar-lhe ajuda, sendo ocorrência que põe em risco a honra da sua casa.

FREI TIMÓTEO
De que se trata?

LIGÚRIO
Não sei se conheceis Camilo Calfucci, sobrinho de messer Nícia.

FREI TIMÓTEO
Sim, conheço-o.

LIGÚRIO
Esse Camilo, por certos negócios seus, foi para a França, há um ano; e, não tendo esposa, que lhe

morreu, confiou uma filha casadoira à guarda de um mosteiro, cujo nome, agora, não vem ao caso.

FREI TIMÓTEO
E que se seguiu daí?

LIGÚRIO
Seguiu-se que, por negligência das monjas ou leviandade da moça, esta se encontra grávida de quatro meses; de modo que, se não se reparar o mal com prudência, o doutor, as monjas, Camilo e a casa dos Calfucci padecerão grave desdouro. O doutor teme tanto essa vergonha, que fez promessa, se ela não se tornar pública, de dar trezentos ducados pelo amor de Deus.

MESSER NÍCIA
Que diabo de conversa é essa?

LIGÚRIO
(Quieto, por favor!) Entende dá-los por vossas mãos; pois somente de vós e da abadessa pode vir o remédio.

FREI TIMÓTEO
De que maneira?

LIGÚRIO
Persuadindo vós a abadessa a dar à moça uma poção que a faça abortar.

DPF DCDP 284 Fls. Rubrica

FREI TIMÓTEO
É um assunto que requer reflexão.

LIGÚRIO
Vede, em assim procedendo, quantos bens advirão daí: preservais a honra do mosteiro, da moça, dos parentes, devolveis ao pai uma filha, satisfazeis messer Nícia e toda a sua parentela e dais tantas esmolas quantas podem distribuir-se com esses trezentos ducados. Por outro lado, não ofendeis senão um pedaço de carne, que ainda não nasceu, que não tem sexo e que, de mil maneiras, poderia perder-se. Creio que seja bem aquilo que favorece as mais das pessoas e de que se regozije o maior número delas.

FREI TIMÓTEO
Seja tudo em nome de Deus. Faça-se o que desejais e, por amor a Deus e à caridade, não se deixe nada por fazer. Dizei-me qual é o mosteiro, dai-me a poção e, se não vos desagrada, também esse dinheiro, com que eu possa começar a praticar algum bem.

LIGÚRIO
Agora, pareceis-me realmente aquele religioso que sempre vos julguei. Tomai este dinheiro à conta. O mosteiro é... Esperai um momento. Está ali, na igreja, uma mulher fazendo-me um sinal. Volto já. Não vos afasteis de messer Nícia. Vou saber o que ela quer de mim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.314

CENA V

Frei Timóteo e messer Nícia

FREI TIMÓTEO
Essa moça, que idade tem?

MESSER NÍCIA
Estou assombrado.

FREI TIMÓTEO
Perguntei que idade tem a moça.

MESSER NÍCIA
O diabo que o carregue!

FREI TIMÓTEO
Por quê?

MESSER NÍCIA
Para que fique com ele!

FREI TIMÓTEO
Estou bem arranjado. Tenho de lidar com um louco

Fls. N.º 283 Rubrica

e com um surdo. Um deles foge e o outro não ouve. Mas se estas não são rodelas,[9] hei de sair-me melhor do que eles! Eis Ligúrio que volta para cá.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 315.

CENA VI

Ligúrio, frei Timóteo e messer Nícia

LIGÚRIO
Por favor, ficai quieto, messere. Oh, padre! Trago uma grande nova.

FREI TIMÓTEO
Qual é?

LIGÚRIO
A mulher com quem falei disse-me que a moça abortou sozinha.

FREI TIMÓTEO
Muito bem; a esmola será distribuída.

LIGÚRIO
Que dizeis?

FREI TIMÓTEO
Digo que, com maior razão, devereis dar a esmola.

Fls. Rubrica

LIGÚRIO
A esmola se dará, se quiserdes; mas é preciso que façais outra coisa em benefício do doutor.

FREI TIMÓTEO
De que se trata?

LIGÚRIO
Coisa de menor monta e de menor escândalo, mais grata a nós, mais útil a vós.

FREI TIMÓTEO
Falai. Estou convosco em tão bons termos e parece-me havermos contraído tamanha intimidade, que não há nada que eu não faria por vós.

LIGÚRIO
Vou dizer-vos tudo na igreja, a sós. O doutor tenha a bondade de esperar aqui. Voltamos já.

MESSER NÍCIA
Sim, por mal dos meus pecados![10]

FREI TIMÓTEO
Vamos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.316.

CENA VII

Messer Nícia, sozinho

MESSER NÍCIA
É dia ou noite? Estou acordado ou sonhando? Acaso estarei bêbedo, se bem que hoje nada bebesse, para deixar-me embalar em tais cantigas? Ficamos de dizer uma coisa ao frade, e ele diz outra. Depois, quis que me fizesse de surdo e fora mister que eu pusesse breu nos ouvidos, como o Dinamarquês,[11] para não ter de ouvir os disparates que disseram, só Deus sabe com que propósito! Estou com vinte e cinco ducados a menos, do que interessa ainda não se falou e, agora, largaram-me aqui em pé, como um palerma. Mas aí estão de volta. Ai deles se não cuidaram do meu caso!

Fls. N. 39 Rubrica

CENA VIII

Frei Timóteo, Ligúrio e messer Nícia

FREI TIMÓTEO
Mandai vir as mulheres. Sei o que devo fazer; e, se minha autoridade tiver algum valor, hoje à noite concluiremos o casório.

LIGÚRIO
Messer Nícia, frei Timóteo está disposto a fazer tudo. Cumpre prover para que as mulheres venham.

MESSER NÍCIA
Devolves-me a vida. Achas que será varão?

LIGÚRIO
Vosso filho? Varão, sem dúvida.

MESSER NÍCIA
Eu já choro de ternura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.317

FREI TIMÓTEO
Entrai na igreja e eu esperarei aqui pelas mulheres. Ficai em lugar onde elas não vos vejam; e, depois que partirem, sereis inteirados do que disseram.

DPF DCDP Fls. N.º 288 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.318.

CENA IX

Frei Timóteo, sozinho

FREI TIMÓTEO

Não sei quem, de nós dois, empulhou o outro. Esse malvado de Ligúrio veio aqui, com aquela primeira nova, para tentar-me, a fim de que, se eu consentisse nela, mais facilmente me induzisse a outra, e, se não consentia, não me diriam a outra, para não traírem seus planos sem proveito, pois da falsa não cuidavam. É verdade que eu caí na esparrela; mas esse logro me traz vantagens. Messer Nícia e Calímaco são ricos e de cada um deles, por diferentes razões, poderei tirar bom proveito. Convém que a coisa fique em segredo, que isto tanto interessa a eles quanto a mim. Seja lá como for, não me arrependo. É certo que receio não surja alguma dificuldade, pois a senhora Lucrécia é avisada e honesta; mas eu me pegarei à sua bondade. Cachola de mulher tem pouco miolo; e, quando uma delas sabe dizer duas palavras, logo anda nas bocas do mundo, pois em terra de cegos quem tem um olho é rei. Mas

ei-la que vem com a mãe, que é um verdadeiro animal e me será de grande auxílio para dobrá-la à minha vontade.

DPF DCDP Fls. N.º 88 Rubrica

CENA X

Sóstrata e Lucrécia

SÓSTRATA

Penso que estás persuadida, minha filha, de que prezo a tua honra mais do que ninguém neste mundo e de que não te aconselharia coisa que fosse desconveniente. Disse e repito que, se frei Timóteo afirmar que não há encargo de consciência, deverás fazê-lo sem nenhuma preocupação.

LUCRÉCIA

Sempre receei que a vontade de ter filhos, que anima messer Nícia, nos fizesse cometer algum erro; por isso, toda a vez em que ele me falou nalguma coisa, fiquei temerosa e em grande apreensão, mormente depois que me aconteceu aquilo que sabeis, por ter ido à missa na igreja dos Servitas. Mas, de tudo o que até aqui se tentou, isto de submeter o meu corpo a vitupério e ser causa de que um homem morra para ultrajar-me, parece-me o mais estranho. Pois não creio que, se ficasse sozinha no mundo e de mim dependesse o renascer da espécie humana, eu me acomodaria a tomar tal partido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.319.

SÓSTRATA

Não sei dizer-te nada, minha filha. Falarás com o frade, ouvirás o que ele dirá e farás, depois, o que te aconselharem ele e os que te querem bem.

LUCRÉCIA

Estou suando de emoção.

DPF DCDP Fls. N.º 320 Rubrica

CENA XI

Frei Timóteo, Lucrécia e Sóstrata

FREI TIMÓTEO

Sede bem-vindas! Sei o que desejais ouvir de mim, porque messer Nícia já me falou. E, na verdade, consultei os livros, estudando a questão, durante mais de duas horas; e, após longas pesquisas, encontrei muita coisa que, no particular e no geral, se ajusta ao nosso caso.

LUCRÉCIA

Falais a sério, padre, ou gracejais?

FREI TIMÓTEO

Oh, senhora Lucrécia! Então esse é assunto com o qual se graceje? Acaso, me conheceis somente desde agora?

LUCRÉCIA

Não, padre; mas esta me parece a coisa mais estranha que jamais ouvi.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 320.

FREI TIMÓTEO

Acredito-vos, senhora, mas não quero que digais mais isso. Há muitas coisas que, de longe, parecem terríveis, inadmissíveis, estranhas; mas, quando delas nos acercamos, revelam-se humanas, aceitáveis, corriqueiras. Por isto se diz serem os sustos maiores do que os males. E este é um dos exemplos.

LUCRÉCIA

Deus o queira!

FREI TIMÓTEO

Desejo voltar ao que vos dizia ainda há pouco. Quanto à consciência, deveis adotar este princípio geral, de que, onde há um bem certo e um mal incerto, nunca se deve deixar esse bem por medo daquele mal. Aqui, temos um bem certo: que vós concebereis e conquistareis uma alma para Deus Nosso Senhor. O mal incerto é que aquele que se deite convosco, após a poção, venha a morrer. Mas há também os que não morrem. Sendo, porém, a coisa duvidosa, é bom que messer Nícia não corra esse perigo. Quanto ao ato, que seja pecado, é uma léria, porque a vontade é quem peca, e não o corpo; e a causa do pecado seria descontentar o marido, e vós o contentais; seria ter prazer nele, e vós provais desgosto. Além disso, deve-se, em todas as coisas, considerar o fim; o vosso é preencher uma vaga no paraíso, satisfazendo vosso marido. Diz a Bíblia que as filhas de Lot, julgando que tivessem ficado sós no mundo, se uniram com o pai; e, porque sua intenção foi boa, não pecaram.

DPF DCDP Fls. N.º 321 Rubrica

LUCRÉCIA
De que intentais persuadir-me?

SÓSTRATA
Persuade-te à submissão, minha filha. Não vês que uma mulher sem filhos é uma mulher sem lar? Morre-lhe o marido e fica como um bicho, abandonada por todos.

FREI TIMÓTEO
Eu vos juro, senhora, por este peito sagrado, que há tanto caso de consciência em obedecer à vontade de vosso marido, neste assunto, quanto em comer carne às quartas-feiras, que é pecado que se vai com água benta.

LUCRÉCIA
Aonde me conduzis, padre?

FREI TIMÓTEO
Conduzo-vos a coisas pelas quais tereis sempre motivo de rezar a Deus por mim; e mais satisfeita estareis daqui a um ano, do que agora.

SÓSTRATA
Ela fará o que quiserdes. Hoje à noite, eu mesma vou pô-la na cama. De que tens medo, toleirona? Há não sei quantas mulheres, neste mundo, que ergueriam as mãos ao céu no teu lugar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p 321

LUCRÉCIA
Farei a vossa vontade. Mas não creio que ainda estarei viva, amanhã de manhã.

FREI TIMÓTEO
Não duvides, minha filha. Rezarei a Deus por ti, direi a oração do arcanjo Rafael, para que te acompanhe. Ide em paz e preparai-vos para esse mistério, que já anoitece.

SÓSTRATA
Ficai descansado, padre.

LUCRÉCIA
Valham-me Deus e Nossa Senhora, para que não me aconteça nenhum mal!

DPF DCDP Fls. N.º 292 Rubrica

CENA XII

Frei Timóteo, Ligúrio e messer Nícia

FREI TIMÓTEO
Ó Ligúrio, vinde cá fora!

LIGÚRIO
Então, como vão as coisas?

FREI TIMÓTEO
Vão muito bem. Elas foram para casa dispostas a fazer tudo; e não surgirão mais dificuldades, porque a mãe ficará com ela e irá pô-la ela mesma na cama.

MESSER NÍCIA
Dizeis a verdade?

FREI TIMÓTEO
Ora esta! Vejo que sarastes da surdez!

LIGÚRIO
São Clemente lhe concedeu essa graça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 322.

FREI TIMÓTEO
Convirá, então, colocar uma imagem no seu altar e promovermos um pouco de comércio em torno dela, a fim de que eu também tenha algum lucro no caso.

MESSER NÍCIA
Não entremos em pormenores inúteis. Vamos ao que importa. Minha mulher criará alguma dificuldade em fazer o que eu quero?

FREI TIMÓTEO
Já vos disse que não.

MESSER NÍCIA
Sou o homem mais feliz deste mundo.

FREI TIMÓTEO
Pudera! Ganhareis um filho varão; e pior para quem não o tem!

LIGÚRIO
Ide às vossas orações, frade, e, se precisarmos de mais alguma coisa, viremos falar convosco. Vós, messere, ide ter com a vossa esposa, para sustentá-la nessa resolução, enquanto eu procurarei mestre Calímaco, para que vos mande a poção; e, a uma hora, fazei com que eu vos torne a ver, para dispormos o que se há de fazer às quatro.

DPF
DCDP
Fls. N.º 293
Rubrica

MESSER NÍCIA
Dizes bem, adeus!

FREI TIMÓTEO
Ide em paz!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.323.

CANÇÃO

após o Ato III

Tão suave é o engano
levado ao fim tão almejado e caro,
que bane a alheia angústia
e doce faz todo o sabor amargo.
Oh, remédio alto e raro,
que o bom caminho aponta à alma errante!
Com teu grande valor,
tornando outrem feliz, brindas o amor
e vences, só co'os teus conselhos santos,
pedras, veneno e encantos.

DPF
Fls. N.º 294
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p.324

ATO IV

DPF DCDP Fls. N.º 295 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 325.

CENA I

Calímaco, sozinho

CALÍMACO

Bem gostaria de saber o que andou fazendo essa gente. Será que não reverei Ligúrio? E não são apenas vinte e três, mas já vinte e quatro horas! Em que angústia d'alma estive e estou! E é verdade que o fado e a natureza mantêm sempre em equilíbrio as contas do balanço: nunca nos fazem um bem que, de encontro, não surja um mal. Quanto mais cresceu minha esperança, tanto mais aumentou o meu medo. Coitado de mim! Será possível que deva viver em tamanha aflição, atribulado por estes temores e estas esperanças? Sou como uma nau açoitada por dois ventos contrários, que tanto mais teme, quanto mais se acha próxima do porto. A patetice de messer Nícia induz-me a esperar, a prudência e a dureza de Lucrécia me fazem temer. Ai de mim, que não encontro paz em parte alguma! Procuro, por momentos, dominar-me, repreendendo-me do meu furor e dizendo a mim mesmo: "Que fazes? Enlouqueceste? E, ainda que a consigas, que será de

DPF DCP Fls. N.º 296 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 326.

ti? Reconhecerás o teu erro, ficarás arrependido das fadigas e apoquentações que tiveste. Não sabes quão pouco bem se encontra nas coisas que o homem deseja, em comparação com o que o homem supôs encontrar nelas? Por outro lado, o pior que te pode acontecer é morrer e ir para o inferno. Mas já morreu tanta gente! E estão no inferno tantos homens de bem! Deverás, porventura, envergonhar-te de lá ires também? Arrosta o destino; foge o mal, mas, se não podes fugi-lo, suporta-o como homem; não te prosternes, não te acovardes como uma mulher". E, assim, levanto o meu ânimo, mas apenas por pouco tempo, porque logo, de todos os lados, me acomete tamanho desejo de possuí-la ao menos uma vez, que me sinto todo transtornado: as pernas me tremem, as vísceras comovem-se, o coração me salta do peito, caem-me os braços, a língua emudece, os olhos se me ofuscam, o cérebro me anda à roda. Contudo, se encontrasse Ligúrio, teria, ao menos, alguém com quem desabafar. Mas ei-lo vindo rápido na minha direção. O seu relato fará com que eu ainda viva por um pouco ou que morra de uma vez.

CENA II

Ligúrio e Calímaco

LIGÚRIO

Nunca desejei tanto encontrar Calímaco e nunca me custou tanto encontrá-lo. Se lhe trouxesse más novas, já o teria encontrado. Estive em casa, na praça, no mercado, no Pancone dos Spini, na Loggia dos Tornaquinci,[12] e não o achei. Esses apaixonados têm azougue debaixo dos pés e não podem ficar parados um só momento.

CALÍMACO

Que faço, que não o chamo? Parece-me, até, que ele está alegre. Olá, Ligúrio, Ligúrio!

LIGÚRIO

Oh, Calímaco! Onde estiveste?

CALÍMACO

Que notícias me trazes?

LIGÚRIO

Muito boas.

DPF DCDP Fls. N.º 297 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.327

CALÍMACO
Boas, deveras?

LIGÚRIO
Ótimas.

CALÍMACO
Lucrécia consente?

LIGÚRIO
Sim.

CALÍMACO
O frade fez o necessário?

LIGÚRIO
Fez.

CALÍMACO
Oh, frade bendito! Rezarei sempre a Deus por ele.

LIGÚRIO
Devagar! Como se Deus concedesse as graças do mal como as do bem! O frade vai querer coisa bem diferente das tuas rezas!

CALÍMACO
Que irá ele querer?

LIGÚRIO
Dinheiro!

CALÍMACO
Pois o receberá. Quanto lhe prometeste?

LIGÚRIO
Trezentos ducados.

CALÍMACO
Fizeste muito bem.

LIGÚRIO
O doutor desembolsou vinte e cinco.

CALÍMACO
Como?

LIGÚRIO
É suficiente saberes que os desembolsou.

CALÍMACO
E que fez a mãe de Lucrécia?

LIGÚRIO
Quase tudo. Quando ouviu que a filha tinha um modo de passar esta boa noite sem pecado, não parou de rogar, mandar, confortar Lucrécia, enquanto não a levasse a falar com o frade; e, depois, procedeu de tal maneira, que ela consentiu.

CALÍMACO
Oh, meu Deus! Por quais méritos meus deverei re-

DC: Fls. N.º 328 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459.p.328.

ceber tantos benefícios? Ainda morro de contentamento.

LIGÚRIO
Mas que espécie de gente é essa? Ora de contentamento, ora de dor, esse aí quer morrer a todo o transe. Já preparaste a poção?

CALÍMACO
Já, sim.

LIGÚRIO
Que vais mandar-lhe?

CALÍMACO
Um copo de hipocraz, que é próprio para restaurar o estômago e alegrar o cérebro... Ai de mim, ai de mim, ai de mim! Sou um homem morto!

LIGÚRIO
Que foi? Que houve?

CALÍMACO
Qual, não há remédio!

LIGÚRIO
Que diabo aconteceu?

CALÍMACO
Demos com os burros n'água e estou num beco sem saída.

LIGÚRIO
Por quê? Fala de uma vez! Tira as mãos do rosto.

CALÍMACO
Não te lembras de que eu disse a messer Nícia que eu, tu, ele e Siro iríamos agarrar um indivíduo qualquer, para pô-lo no leito da esposa?

LIGÚRIO
E isso que nos importa?

CALÍMACO
Como, que nos importa? Se eu estiver convosco, não poderei ser o tal que será agarrado; e, se não estiver, ele perceberá o engano.

LIGÚRIO
É verdade. Mas não haverá remédio?

CALÍMACO
Creio que não.

LIGÚRIO
Pois eu acho que deve haver.

CALÍMACO
E qual?

LIGÚRIO
Preciso pensar um pouco no assunto.

DPF DCP Fls. N.º 299 Rubrica

CALÍMACO
Bonito serviço! Estou bem arranjado, se ainda precisas pensar nele.

LIGÚRIO
Pronto, já achei.

CALÍMACO
Que faremos, então?

LIGÚRIO
Farei com que o frade, que nos auxiliou até aqui, se encarregue também do resto.

CALÍMACO
De que modo?

LIGÚRIO
Temos de disfarçar-nos todos, não é assim? Pois farei disfarçar-se também o frade: imitará a tua voz, o rosto, o trajo; direi ao doutor que és tu e ele acreditará.

CALÍMACO
A idéia é boa. Mas que farei eu?

LIGÚRIO
Penso que deverás pôr uma capinha em cima da roupa e, segurando um alaúde, vir andando dali, do canto da sua casa, cantando uma canção.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE-0459, p-329.

CALÍMACO
Com o rosto descoberto?

LIGÚRIO
Sim, porque, se usasses máscara, ele entraria em suspeita.

CALÍMACO
Irá reconhecer-me.

LIGÚRIO
Não, porque quero que entortes o rosto, que abras, adelgaces ou arreganhes a boca e feches um olho. Experimenta.

CALÍMACO
Assim?

LIGÚRIO
Não.

CALÍMACO
Assim?

LIGÚRIO
Não basta.

CALÍMACO
Desta maneira?

DPF DCDP Fls. N.300 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 330.

LIGÚRIO
Sim, sim. Guarda isso bem na mente. Tenho em casa um nariz postiço; quero que o grudes no teu.

CALÍMACO
Está bem. Mas que acontecerá, depois?

LIGÚRIO
Assim que apareceres na esquina, nós, que já lá estaremos, trataremos de arrancar-te o alaúde das mãos e de agarrar-te; e, depois de fazer-te rodar sobre ti mesmo, te levaremos para casa e te poremos na cama. Ao resto, deverás prover sozinho!

CALÍMACO
A questão toda é chegar até lá!

LIGÚRIO
Chegarás. Mas, fazer com que possas lá voltar, cabe a ti e não a nós.

CALÍMACO
Como?

LIGÚRIO
Tudo depende de que a conquistes esta noite e, antes de ir embora, revelando-lhe quem és, lhe descubras o embuste, lhe mostres o amor que tens por ela, lhe digas todo o bem que lhe queres, demonstrando-lhe como pode, sem infâmia, tornar-se tua amiga ou, com grande infâmia, tua inimiga. É impossível que

ela não concorde contigo e queira que esta noite seja a única.

CALÍMACO
Acreditas nisso, realmente?

LIGÚRIO
Tenho certeza. Mas não percamos mais tempo: já são duas horas. Chama Siro, manda a poção a messer Nícia e espera por mim em casa. Irei à procura do frade e o farei disfarçar-se. Depois, o conduziremos aqui e faremos o que ainda falta.

CALÍMACO
Dizes bem. Vai depressa!

DPF DCDP Fls. N.º 301 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459, p. 331

CENA III

Calímaco e Siro

CALÍMACO
Olá, Siro.

SIRO
Meu senhor!

CALÍMACO
Vem cá!

SIRO
Aqui estou.

CALÍMACO
Apanha aquele copo de prata, que está dentro do armário do quarto, cobre-o com um paninho e traze-o aqui; mas toma cuidado em não entorná-lo no caminho.

SIRO
Vou já, sim, senhor.

CALÍMACO
Esse está comigo há dez anos e sempre me serviu fielmente. Penso que, também desta vez, poderei contar com ele; e, se bem que não lhe explicasse o embuste, certamente o fareja, pois é bem ladino e vejo que se vai acomodando às circunstâncias.

SIRO
Aqui está o copo.

CALÍMACO
Muito bem. Vai à casa de messer Nícia e dize-lhe que este é o remédio que a esposa deverá tomar, logo depois da ceia e, quanto mais cedo, tanto melhor. Dize-lhe, mais, que nós estaremos na esquina à hora aprazada e que ele trate de estar lá também. Vai depressa.

SIRO
Imediatamente.

CALÍMACO
Escuta. Se ele quiser que o esperes, espera-o e vem ter aqui junto com ele; se não quiser, volta imedia-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 332.

DPF DCDP Fls. N.º 302 Rubrica

tamente, depois de entregar-lhe o copo e dar-lhe o meu recado.

SIRO
Sim, meu senhor.

CENA IV

Calímaco, sozinho

CALÍMACO
Espero que Ligúrio volte com o frade; quem diz que esperar é coisa dura, diz a verdade. Perco dez libras de peso, a cada hora que passa, ao pensar onde estou agora e onde poderei estar dentro de duas horas e tolhido pelo medo de que não surja alguma novidade que transtorne o meu plano. Porque, se surgir, esta será a derradeira hora da minha vida, pois ou me atirarei ao Arno ou me enforcarei ou me lançarei de uma janela ou me transpassarei com uma faca diante da porta da sua casa. Farei qualquer coisa para não mais viver. Mas é Ligúrio quem vejo ali? Sim, é ele e traz consigo alguém que parece corcunda e coxo. Deve ser, certamente, o frade disfarçado. Oh, frades! Quem conhece um, conhece-os todos. Mas que será esse outro, que se acercou deles? Parece- Siro, que já terá dado o recado ao doutor. É e mesmo. Vou esperá-los aqui, para combinar-me c elos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 333.

DPF DCDP Fls. N.º 303 Rubrica

CENA V

Siro, Ligúrio, frei Timóteo, disfarçado, e Calímaco

SIRO
Quem é esse que está contigo, Ligúrio?

LIGÚRIO
Um homem de bem.

SIRO
É coxo ou está fingindo?

LIGÚRIO
Não é da tua conta.

SIRO
Oh! Tem o rosto de Satanás!

LIGÚRIO
Cala-te, sim? que já nos aborreceste! Onde está Calímaco?

CALÍMACO
Aqui me tendes. Sede bem-vindos!

LIGÚRIO
Ó Calímaco, repreende este néscio de Siro; já disse mil disparates.

CALÍMACO
Ouve-me, Siro: hoje à noite, deverás obedecer a tudo o que te disser Ligúrio e fazer de conta, quando ele te der uma ordem, que fui eu quem a deu. E, daquilo que vires ou ouvires, deverás guardar segredo, na medida em que estimes haveres e honra, a minha vida e o teu interesse.

SIRO
Assim farei.

CALÍMACO
Entregaste o copo ao doutor?

SIRO
Sim, senhor.

CALÍMACO
Que disse ele?

SIRO
Disse que, agora, proverá tudo.

FREI TIMÓTEO
É esse aí Calímaco?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 334.

DPF DCDP Fls. N.º 304 Rubrica

CALÍMACO
Sim, sou eu, um vosso criado. Podereis dispor de mim e dos meus bens, como se fossem coisa vossa.

FREI TIMÓTEO
Já me foi dito e o creio; e entrei a fazer por ti o que não teria feito por nenhum outro homem deste mundo.

CALÍMACO
Não será trabalho perdido.

FREI TIMÓTEO
Basta-me que me queiras bem.

LIGÚRIO
Deixemo-nos de cerimônias. Eu e Siro iremos disfarçar-nos. Tu, Calímaco, vem conosco, para poderes, depois, tratar da tua vida. O frade esperará por nós aqui. Voltaremos sem demora e iremos ter com messer Nícia.

CALÍMACO
Dizes bem. Vamos.

FREI TIMÓTEO
Fico à vossa espera.

CENA VI

Frei Timóteo, disfarçado, sozinho

FREI TIMÓTEO
Falam a verdade os que dizem que as más companhias levam o homem à forca. E, a miúdo, acaba uma pessoa saindo-se mal, quer por ser demasiado complacente e bondosa, quer por ser demasiado malvada. Sabe Deus que eu não pensava em causar mal a ninguém. Estava na minha cela, rezava o meu ofício, cuidava dos meus devotos. Surgiu-me pela frente esse diabo de Ligúrio, que me fez molhar o dedo num erro, onde acabei por mergulhar o braço e o corpo todo, sem que ainda saiba aonde irei parar. Consolo-me, todavia, pensando que, quando uma coisa a muitos importa, muitos são os que devem cuidar dela. Mas eis Ligúrio e o criado de volta.

DPF DCDP Fls. N.º 305 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 335.

CENA VII

Frei Timóteo, Ligúrio e Siro

FREI TIMÓTEO
Ainda bem que estais de volta!

LIGÚRIO
Que tal vos parece o nosso disfarce?

FREI TIMÓTEO
Ótimo.

LIGÚRIO
Falta apenas o doutor. Vamos na direção da sua casa. Já são mais de três horas. Vamos!

SIRO
Quem será que está abrindo a porta da casa? O criado?

LIGÚRIO
Não, é ele. Ah, ah, ah, ah!

SIRO
Estás rindo?

LIGÚRIO
Quem não haveria de rir? O homem envergou um garnachim, que nem chega a cobrir-lhe o cu. E que diabo pôs na cabeça? Parece-me uma dessas peliças de cônego; e, por baixo, traz um espadim. Ah, ah! Resmunga não sei o quê. Afastemo-nos um pouco; certamente, ouviremos alguma nova desgraça da esposa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 336.

DPF DCDP Fls. N.º 306 Rubrica

CENA VIII

Messer Nícia, disfarçado

MESSER NÍCIA

Quantos melindres tem essa louca de minha mulher! Mandou a criada para casa da sua mãe e o servidor para fora da cidade. Disto eu a louvo; mas já não a louvo de que, antes de decidir-se a ir para a cama, se abespinhasse tanto: "Não quero... Como hei de fazer?... Que pretendeis que eu faça?... Ai de mim, minha mãe!..." E, se não fosse a mãe passar-lhe uma sarabanda, não entrava na cama nem à mão de Deus Padre! Maus raios a partam! Gosto de ver as mulheres suscetíveis, mas não até esse ponto! Quase nos pôs loucos, esse miolo de gata! E a quem dissesse: "Seja enforcada a mulher mais avisada de Florença!", ela diria: "Que te fiz eu?..." Eu sei que, agora, a coisa vai entrar no devido lugar e que, antes de retirar-me do jogo, poderei dizer que vi tudo com os meus próprios olhos.[13] Mas como estou bem, neste disfarce! Quem iria reconhecer-me? Pareço mais alto, mais jovem, mais esbelto. Não haveria mulher que não me quisesse na cama de graça. Mas onde estão os outros?

CENA IX

Ligúrio, messer Nícia, frei Timóteo e Siro

LIGÚRIO

Boa noite, messere!

MESSER NÍCIA

Eh! Eh! Eh!

LIGÚRIO

Não tenhais medo, somos nós.

MESSER NÍCIA

Ah! Aqui estais todos! Se não vos reconhecesse logo, teríeis recebido, com esta lâmina, a estocada mais direta que eu soubesse! Tu és Ligúrio? E tu, Siro? E esse outro, o mestre? Ah!

LIGÚRIO

Sim, senhor.

MESSER NÍCIA

Afasta-te! Oh, disfarçou-se tão bem, que não o reconheceria o demo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p-337

DPF DCDP Fls. N.º 307 Rubrica

LIGÚRIO
Mandei-lhe pôr duas nozes na boca, para que não o reconheçam pela voz.

MESSER NÍCIA
És um asno.

LIGÚRIO
Por quê?

MESSER NÍCIA
Por que não me disseste isto mais cedo? Eu também teria posto duas, pois sabes como é importante não ser reconhecido pela fala!

LIGÚRIO
Tomai, ponde na boca isto.

MESSER NÍCIA
Que vem a ser?

LIGÚRIO
Uma bola de cera.

MESSER NÍCIA
Dá cá... Ca, pu, ca, co, cu, cu, cus... Que te arrebente o diabo, patife!

LIGÚRIO
Perdoai-me se vos dei uma bola trocada; foi sem querer.

MESSER NÍCIA
Ca, ca, pu, pu... De que, de que, de que era?

LIGÚRIO
De aloés.

MESSER NÍCIA
Em má hora, desgraçado! Cus, cus!... Mestre, não dizeis nada?

FREI TIMÓTEO
Ligúrio me encolerizou.

MESSER NÍCIA
Oh, como disfarçais bem a voz!

LIGÚRIO
Não percamos mais tempo. Quero ser o capitão e ordenar o exército para a jornada. No corno direito, coloque-se Calímaco, no esquerdo, ficarei eu, e, entre os dois cornos, tome posição o doutor. Siro permanecerá na retaguarda, para levar reforço ao lado que fraquejar. E o santo e senha seja São Cocu.

MESSER NÍCIA
Que é São Cocu?

LIGÚRIO
É o santo mais venerado que há na França. Vamos, preparemos a emboscada nesta esquina. Escutai: ouço um som de alaúde.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.338.

DPF DCDP Fls. N.º 308 Rubrica

MESSER NÍCIA
Sim, é um alaúde. Que vamos fazer?

LIGÚRIO
Deve mandar-se à frente um batedor, para descobrir quem é; e, conforme o que ele nos relatar, assim procederemos.

MESSER NÍCIA
Quem irá?

LIGÚRIO
Vai tu, Siro. Sabes o que deves fazer. Considera, examina, volta logo e refere.

SIRO
Vou já.

MESSER NÍCIA
Eu não desejaria que gastássemos cera com defunto ruim, agarrando algum velhote débil ou enfermiço, e tivesse este jogo de recomeçar amanhã à noite.

LIGÚRIO
Não tenhais esse receio. Siro é homem sabido. Ei-lo de volta. Que tal o achas, Siro?

SIRO
É o malandro mais guapo que jamais vísseis! Não terá vinte e cinco anos de idade e vem por aí sozinho, com uma capinha em cima, tocando um alaúde.

MESSER NÍCIA
Está a calhar, se dizes a verdade. Mas vê lá se te enganas, que te custaria muito caro!

SIRO
É como disse.

LIGÚRIO
Esperemos que dobre a esquina e logo lhe saltaremos em cima.

MESSER NÍCIA
Chegai para cá, mestre; pareceis-me um homem de pau. Ei-lo.

CALÍMACO
Ir contigo p'ra cama possa o demo,
já que não me é possível ir lá eu!

LIGÚRIO
Cala a boca, tratante. E dá cá esse alaúde.

CALÍMACO
Ai de mim! Que mal fiz eu?

MESSER NÍCIA
Já vais sabê-lo. Cobre-lhe a cabeça, põe-lhe a mordaça!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 339.

DPF DCDP Fls. N.º 309 Rubrica

LIGÚRIO

Fá-lo rodar!

MESSER NÍCIA

Dai-lhe outra volta! Mais uma! Empurrai-o para dentro de casa!

FREI TIMÓTEO

Messer Nícia, eu irei repousar, pois morro de dor de cabeça. E, se não for preciso, amanhã de manhã não voltarei.

MESSER NÍCIA

Pois não, mestre, não volteis; saberemos arranjar-nos sozinhos.

CENA X

Frei Timóteo, sozinho

FREI TIMÓTEO

Encafurnaram-se em casa e eu irei para o convento. E vós, espectadores, não nos censureis, porque, esta noite, não dormirá ninguém, já que os atos não são interrompidos pelo tempo. Quanto a mim, rezarei o ofício. Ligúrio e Siro tomarão sua ceia, que nada ainda comeram hoje, e o doutor irá do quarto para a sala, a fim de que não se lhe entorne o caldo. Calímaco e a senhora Lucrécia não dormirão, porque bem sei, se eu fosse ele e vós fôsseis ela, que nós não dormiríamos.

DPF
DCDP
Fls. N.: 310
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 340.

CANÇÃO

após o Ato IV

Ó doce noite, ó santas,
calmas horas noturnas,
que velais os amantes ansiosos!
Unem-se em vós tamanhas
ledices, que outra fonte
não conhecem as almas venturosas.
Vós, justo prêmio dando
às amorosas tropas
pelas longas fadigas,
fazeis, horas ditosas,
todo o peito de gelo arder de amor!

ATO V

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.341

DPF DCDP Fls. N.º 311 Rubrica

CENA I

Frei Timóteo, sozinho

FREI TIMÓTEO

Esta noite não pude pregar o olho, tamanho é o meu desejo de saber como Calímaco e os outros se saíram na empresa. E tratei de ocupar o tempo em várias coisas: rezei as matinas, li uma vida dos Santos Padres, fui à igreja, onde acendi uma lâmpada que se apagara, mudei um véu numa Virgem milagrosa. Quantas vezes eu não disse a esses frades que a conservassem limpa! Admiram-se, depois, de que falta devoção. Eu me lembro de que já houve, diante dela, quinhentas imagens pelas graças alcançadas e, hoje, não haverá vinte. A culpa é nossa, que não soubemos manter-lhe a reputação. Costumávamos ir lá em procissão, todas as noites, depois das completas, e, todos os sábados mandávamos cantar-lhe as laudes. Era a ela que sempre fazíamos promessas para que em seu altar se vissem imagens novas; e, nas confissões, exortávamos homens e mulheres a se lhe votarem. Hoje, não se faz mais nada disso; e ainda nos estranha que as coisas andem tíbias! Oh, como

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 342.



são duros da moleira estes meus frades! Mas ouço um grande alarido vir da casa de messer Nícia. Eilos, à fé; fazem sair o preso. Demoraram-se até o último momento: já está, justamente, raiando o dia. Quero ficar aqui, sem ser visto, e ouvir o que dizem.

CENA II

Messer Nícia, Calímaco, Ligúrio e Siro

MESSER NÍCIA
Agarra-o desse lado, que eu o agarro deste; e tu, Siro, segura-o por detrás, pela capa.

CALÍMACO
Não me maltrateis!

LIGÚRIO
Não tenhas medo, podes ir embora.

MESSER NÍCIA
É melhor não irmos mais adiante.

LIGÚRIO
Tendes razão. Soltemo-lo aqui mesmo. Mas, antes, vamos fazer-lhe dar um par de reviravoltas, para que não saiba de onde saiu. Fá-lo rodar, Siro!

SIRO
Pronto!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 343.

DPF DCDP Fls. N.º 313 Rubrica

MESSER NÍCIA
Vira-o outra vez!

SIRO
Cá está.

CALÍMACO
O meu alaúde!

LIGÚRIO
Vai-te embora, tratante, some-te daqui! E, se te ouço dizer uma só palavra, corto-te o pescoço!

MESSER NÍCIA
Deu às pernas. Vamos despir este disfarce. E convirá que saiamos todos bem cedo de casa, para que não pareça que passamos a noite em claro.

LIGÚRIO
Tendes razão.

MESSER NÍCIA
Tu e Siro ide ter com mestre Calímaco e referi-lhe que tudo saiu a contento.

LIGÚRIO
Que poderemos dizer-lhe? Nós não sabemos nada. Deveis estar lembrado de que, tão cedo chegamos à vossa casa, fomos para a adega, beber. Vós e a sogra tomastes conta dele e não vos tornamos a ver

senão agora, quando nos chamastes para mandá-lo embora.

MESSER NÍCIA
É verdade. Oh, quanta coisa bonita tenho para contar-vos! Minha mulher estava na cama, no escuro. Sóstrata esperava por mim junto do fogo. Cheguei com o maroto e, por via das dúvidas, levei-o para uma despensa, que dá para a sala, onde uma frouxa lâmpada lançava alguma claridade, de modo que ele não podia ver o meu rosto.

LIGÚRIO
Procedestes sabiamente.

MESSER NÍCIA
Mandei que se despisse e ele não se dava por achado; voltei-me, então, para ele, furioso como um cão, de tal maneira que lhe pareceu mil anos o tempo de tirar a roupa e ficar nu. De rosto, era feio. Tinha um narigão e a boca torta; mas nunca vi carnes tão lindas! Branquinho, macio, polpudo! E não me perguntes pelo resto.

LIGÚRIO
É melhor não falar nisso, pois era preciso examiná-lo todo.

MESSER NÍCIA
Queres zombar de mim? Já que estava com a mão na massa, quis ver o fundo à canastra; e, depois,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 344

DPF DCDP Fls. N.º 314 Rubrica

verificar se ele era são. Se tivesse as pústulas, que seria de mim, agora? Estaria bem arranjado.

LIGÚRIO
Vós é que estais com a razão.

MESSER NÍCIA
Como visse que era sadio, arrastei-o para o quarto e, no escuro, meti-o na cama. Mas, antes de afastar-me, quis ter prova palpável de como estava a coisa, porque não costumo comprar nabos em saco.

LIGÚRIO
Com quanta prudência vos governastes nesse caso!

MESSER NÍCIA
Depois de tocar e ver tudo, saí do quarto, fechei a porta, fui ter com minha sogra, que ficara perto do fogo, e passamos a noite toda conversando.

LIGÚRIO
De que conversastes?

MESSER NÍCIA
Da tolice de Lucrécia e de como fora melhor que, deixando-se de tantas histórias, tivesse cedido logo. Depois, falamos do menino, que já me parece tê-lo nos braços, o meu pequerrucho, até que ouvi bater três horas. Temendo que o dia chegasse, fui para o quarto. Que diríeis, hein? Não conseguia mais arrancar o velhaço de lá!

LIGÚRIO
Acredito.

MESSER NÍCIA
Soubera-lhe bem o petisco! Contudo, levantou-se, eu vos chamei e o trouxemos para fora.

LIGÚRIO
Enfim, tudo correu bem.

MESSER NÍCIA
Pois acredita que lastimo.

LIGÚRIO
O quê?

MESSER NÍCIA
Esse pobre rapaz: que tenha de morrer tão cedo e que esta noite lhe deva custar tão caro.

LIGÚRIO
Vê-se que não tendes mais nada em que pensar! Deixai esse cuidado a ele.

MESSER NÍCIA
Falas a verdade. Não vejo a hora de encontrar mestre Calímaco, para regozijar-me com ele.

LIGÚRIO
Dentro de uma hora, sairá de casa. Mas já é dia claro. Nós iremos despir os disfarces. Vós, que fareis?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 345.

DPF DCDP Fls. N.º 315 Rubrica

MESSER NÍCIA

Também irei para casa, pôr uma roupa decente. Mandarei minha mulher levantar-se e lavar-se e a farei ir à igreja, para a purificação. Gostaria de que vós e Calímaco lá estivésseis também e falássemos com o frade, para agradecer-lhe o bem que nos fez e recompensá-lo.

LIGÚRIO

Dizeis bem. É o que faremos.

CENA III

Frei Timóteo, sozinho

FREI TIMÓTEO

Gostei desta conversa, considerando quanta estultícia há nesse doutor; mas é a conclusão final que sobremodo me agradou. E, já que irão visitar-me, não quero demorar-me mais aqui, mas esperá-los na igreja, onde poderei vender melhor o meu peixe. Mas quem está saindo dessa casa? Parece-me Ligúrio e, junto com ele, deve vir Calímaco. Pelos ditos motivos, não quero que me vejam; e, se acaso não forem procurar-me, sempre terei tempo de ir eu à procura deles.

DPF DCDP Fls. N.º 316 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 346.

CENA IV

Calímaco e Ligúrio

CALÍMACO

Como já te disse, meu Ligúrio, fiquei de maus humores até às nove horas; pois, por maior que fosse o meu prazer, não me parecia bem que o tivesse. Mas, depois de me dar-lhe a conhecer e fazer-lhe compreender o amor que lhe tinha e quão facilmente, pela ingenuidade do marido, podíamos viver felizes, sem qualquer escândalo, prometi-lhe que, se algum dia Deus o chamasse a si, eu a tomaria por esposa. E tendo ela apreciado, além dessas razões, a diferença que há entre o meu possuí-la e o de Nícia e entre os beijos de um amante novo e os de um marido velho, disse, após alguns suspiros: "Já que a tua astúcia, a tolice de meu marido, a ingenuidade de minha mãe e a maldade do meu confessor me levaram a fazer aquilo que, sozinha, nunca faria, quero julgar que tudo provenha de uma disposição do céu, que assim determinasse, e não me sinto suficiente para recusar o que o céu quer que eu aceite. Portanto, eu te tomo por senhor, patrono e guia; é

meu pai, meu defensor e quero que sejas todo o meu bem. E aquilo que meu marido quis por uma noite, entendo que o tenha sempre. Procurarás, por isto, tornar-te seu compadre, virás esta manhã à igreja e, dali, depois, almoçar conosco. Dependerá de ti freqüentares a nossa casa a teu talante e poderemos estar juntos a todas as horas e sem suspeitas". Ao ouvir tais palavras, estive a pique de morrer de ventura. Não pude responder nem a mínima parte de tudo que desejava. Agora, sou o homem mais contente e feliz deste mundo; e não tivesse essa felicidade de cessar por obra da morte ou do tempo, eu seria mais bem-aventurado que os bem-aventurados, mais santo que os santos.

LIGÚRIO

De todo o teu bem eu folgo; e aconteceu, justamente, o que te disse. Mas que faremos, agora?

CALÍMACO

Vamos à igreja, pois prometi-lhe estar lá, aonde ela irá com a mãe e com o doutor.

LIGÚRIO

Ouço a porta da sua casa bater: são elas que estão saindo e segue-as o doutor.

CALÍMACO

Encaminhemo-nos para a igreja e lá os ficaremos aguardando.

DPF DCDP Fls. N.º 317 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 347

CENA V

Messer Nícia, Lucrécia e Sóstrata

MESSER NÍCIA
Eu creio, Lucrécia, que convém fazer as coisas com temor de Deus e não à estouvada.

LUCRÉCIA
Que se há de fazer, então?

MESSER NÍCIA
Olha só como responde! Parece um frangote!

SÓSTRATA
Não vos espanteis, está um pouco alvoroçada.

LUCRÉCIA
Que entendeis dizer?

MESSER NÍCIA
Digo que é bom eu ir adiante falar com o frade e dizer-lhe que venha ao teu encontro na porta da igreja, para a purificação, porque, na verdade, hoje de manhã, é como se tu renascesses.

LUCRÉCIA
E por que não ides de uma vez?

MESSER NÍCIA
Estás muito atrevida, hoje de manhã! Ontem à noite, parecia que ias morrer.

LUCRÉCIA
É tudo graças a vós.

SÓSTRATA
Ide à procura do frade. Mas não é preciso: já está saindo da igreja.

MESSER NÍCIA
É verdade.

DPF DCDP Fls. N.º 318 Rubrica

CENA VI

Frei Timóteo, messer Nícia, Lucrécia, Calímaco, Ligúrio e Sóstrata

FREI TIMÓTEO
Estou saindo, porque Calímaco e Ligúrio me disseram que o doutor e as mulheres vinham à igreja.

MESSER NÍCIA
Bona dies, padre!

FREI TIMÓTEO
Sede bem-vindas e que Deus vos conceda a graça, senhora Lucrécia, de um lindo filho varão!

LUCRÉCIA
Deus o queira!

FREI TIMÓTEO
Podeis estar certa de que há de querer.

MESSER NÍCIA
Mas são Ligúrio e mestre Calímaco, que vejo dentro da igreja?

BR DFANBSB NS,CPR.TEA.PTE. 0459, p. 348.

FREI TIMÓTEO
Sim, messere.

MESSER NÍCIA
Chamai-os.

FREI TIMÓTEO
Chegai aqui!

CALÍMACO
Deus vos salve!

MESSER NÍCIA
Mestre, tocai a mão, aqui, da minha esposa.

CALÍMACO
Com prazer.

MESSER NÍCIA
Este é o homem, Lucrécia, graças ao qual teremos um bordão onde arrimar a nossa velhice.

LUCRÉCIA
Muito grata vos fico; e desejo que sejais nosso compadre.

MESSER NÍCIA
Deus te abençoe, mulher! E quero que ele e Ligúrio venham almoçar conosco.

LUCRÉCIA
Isso nem se discute.

DPF DCDP Fls. N.º 319 Rubrica

MESSER NÍCIA
Quero dar-lhes a chave do quarto ao rés do chão, que dá para o átrio, a fim de que possam voltar lá sempre que queiram, pois não têm mulher em casa e vivem como bichos.

CALÍMACO
Aceito-a, para usá-la quando se apresentar a ocasião.

FREI TIMÓTEO
Mas não tenho de receber o dinheiro para as esmolas?

MESSER NÍCIA
Bem sabeis, *domine*, que ainda hoje o recebereis.

LIGÚRIO
E de Siro, ninguém se lembra?

MESSER NÍCIA
Que peça o que deseja; tudo o que tenho pertence-lhe. Tu, Lucrécia, quantos "*grossos*" deves dar ao frade pela purificação?

LUCRÉCIA
Não me lembro.

MESSER NÍCIA
Mas quantos, afinal?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 349.

LUCRÉCIA
Dai-lhe dez.

MESSER NÍCIA
Com a breca!

FREI TIMÓTEO
Vós, senhora Sóstrata, ao que me parece, criastes alma nova.

SÓSTRATA
Quem não estaria alegre?

FREI TIMÓTEO
Vamos todos para a igreja, onde rezaremos o ordinário da missa. Mais tarde, depois do ofício, ireis almoçar a vosso prazer. E vós, espectadores, não espereis que tornemos a sair: o ofício é longo, eu ficarei na igreja e eles irão para casa saindo pela porta lateral. *Valete!*

CAI O PANO

DPF
DCDP
Fls. N.º 320
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 350.

PRÓLOGO E CANÇÕES TRADUZIDOS EM VERSO

Que Deus te salve, público prezado,
sem cujo aplauso e sem cujo louvor
estará o nosso caso mal parado
e a sorte da peça e do autor.
Vamos hoje contar um fato raro
passado em nossa terra. Pois é claro
que estamos em Florença. Alguém duvida?
Veja esta praça, olhe essa avenida!

A porta ali, à minha mão direita,
é a da casa de um doutor em leis,
que se crê muito esperto e nem suspeita
o que vem por aí! Como vereis,
vai intervir na coisa até um frade.
A que ordem pertença, na verdade,
eu não sei; mas seu trajo já o dirá.
Agora está no templo, esse de cá.

DPF DCDP Fls. N.º 321 Rubrica

A casa à esquerda é a moradia
de esbelto jovem vindo de Paris,
que se morre de amor e tresvaria
e se julga muitíssimo infeliz,
posto que ama a esposa do doutor,
mulher toda virtude e pundonor.
Pois, no final, será bem sucedido,
com a bênção da Igreja e do marido.

A matéria da história é escabrosa
e talvez não pareça condizente
com tão culta platéia e nem honrosa
para alguém que escreveu de boa mente.
Mas se um velho imbecil, um frade astuto,
um parasito matreiro e corrupto
irão ser hoje o vosso passatempo,
não se culpe o autor e, sim, seu tempo.

A comédia *A MANDRÁGORA* se chama
e a razão disso o enredo mostrará.
Não desfruta o autor de muita fama
em teatro, contudo pagará,
ao sairmos daqui, uma rodada,
se for provado que ela não agrada.
Fiquemos por aqui. O que interessa
é a comédia. Vamos lá! Começa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 351

CANÇÃO após o Ato I

Quem não provou, amor,
o teu grande poder, espera em vão
saber qual a razão
que a nós escravos torna e a ti, senhor,
nem conhece o que é viver morrendo,
querer o mal e recusar o bem
e amar alguém
mais do que a si, tremendo,
o coração aflito, onde, em segredo,
trava-se a luta entre a esperança e o medo;
e, assim, se arrisca a sucumbir, coitado,
às setas do arco de que estás armado.

DPF
DCDP
Fls. N.º 322
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 352.

CANÇÃO após o Ato II

Eis a receita para ser feliz:
nascer tolo e crer tudo o que se diz.
Não se sofre de ambição,
não se sofre de temor,
topa-se o bem e o mal, sem distinção.
Esse nosso doutor,
do qual todos caçoam,
é tamanho papalvo,
que até acreditaria que os burros voam,
se assim julgasse que atinge seu alvo.
Basta ver a esparrela em que ele cai
só porque tem vontade de ser pai.

CANÇÃO após o Ato III

Tão suave é o engano
e tão bem conduzido ao fim visado,
que a ninguém causará injúria ou dano
e todos terão nele o seu agrado.
É próprio do amor
ser rico em invenções, manhas, ardis
com que possa o amador,
por caminhos sutis,
vencer todo e qualquer impedimento
que se oponha ao vingar do seu intento.
Na verdade, ao amor nada retém:
para ele é bom tudo o que acabe bem.

DPF DCDB Fls. N.º 323 Rubrica

CANÇÃO após o Ato IV

Horas noturnas, calmas e serenas,
Que velais os amantes enlaçados,
prolongai vosso reino, pois, apenas
apareçam no céu, leves, rosados,
os raios de outro dia,
a meiga tirania
que ambos embala em tão doces fadigas
sucumbirá a forças inimigas.
Retardai os ponteiros de mansinho . . .
Não é de beijos, esse burburinho?
A todos será grato
saber longo e feliz este entreato.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 353.

NOTAS DO TRADUTOR

1. *Messere* ou, diante do nome, *messer* (ou, abreviadamente, *ser*,) era o título que se dava na Itália, até o século XVI, a fidalgos, prelados e juristas. Nesse sentido, correspondia ao *messire* dos franceses. Em Florença, onde se desenrola a ação de *A mandrágora*, e na Toscana, em geral, indicava a qualidade do notário. Seu uso, porém, era bastante generalizado já no tempo de Maquiavel e o termo se empregava um pouco como, entre nós, o "doutor", tratamento que se dispensa também a quem não é formado, em muitos casos; e, praticamente, podia substituir a palavra "senhor" ou "cavalheiro", tal como nós a usamos. Tanto assim, que, na última fala da terceira cena do quarto ato, o criado Siro, dirigindo-se ao seu amo Calímaco, o emprega duas vezes (*Messere*, na primeira, e *Messere sì*, na segunda), muito embora Calímaco não seja notário nem doutor em coisa alguma. Contudo, pareceu-nos útil conservá-lo, no caso de Nícia, para marcar um pouco a cor local e já que o homem é doutor em leis. Pronuncia-se com o acento tônico no segundo *e*.

2. Maquiavel estropia, de caso pensado, referindo-se ao personagem de Nícia, o nome do filósofo Boécio, que,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.354.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 324
Rubrica

PARECER Nº 4064 / 85

TÍTULO: " A MANDRÁGORA" - Peça Teatral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos

J.I. - Sátira moral e religiosa

Procedemos ao confronto do texto enviado para novo exame e constatamos que é idêntico ao anexado ao processo às folhas 25/60. Quanto a canção inicial e ao prólogo, verificamos que existe algumas alterações entre a atual e a anterior, mas não se constituem em implicações para a liberação da obra.

Assim sendo, opinamos pela liberação do referido texto mantendo a classificação adotada anteriormente, ou seja, 16 anos.

Brasília, 07 de outubro de 1985.

Maria Angélica R. de Resende
Mat. 2.405.208

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0454, p. 355.

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 325
Rubrica

TÍTULO " A MANDRAGORA "

AUTOR DA PEÇA: " NICOLAU MAQUIAVEL "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " 18 ANOS "

Praça " SCDP/SR/MG "

Obs.:

DF. 27 / SET. / DE / 1985

Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Senhor Chefe do SC
O presente texto foi confrontado com o liberado em 24/02/84 ao qual é idêntico, razão porque se opina pela manutenção daquela classificação 16 anos, embora posteriormente, em 12/04/84, outra tradução tenha recebido impropriedade maxima.
A consideração superior
BSB, 08/10/85

Elisio Machado Pinato
CF - Mat. 0327
Chefe da SCTC/DCDP

Brasília-DF de de 1.9

J.I.: TEMÁTICA ADULTA - CENAS DE NU
Sátira moral e religiosa

4) SERVIÇO DE CENSURA

De Acordo.
Em: 9 de 10 de 1985

Raymundo Gustáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De Acordo.
Em: 9 de 10 de 1985

Nelle Prudente Carvalhedo
CF - Mat. 2.415.791
Dir. Subst. da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.356.

DPF
DCDP
Fls. N.º 326
Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
COSINO - DCA02
14 DEZ 1017 007417
DCDP/BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Belo Horizonte-MG

Em 11 de outubro de 1985

OF. Nº 156/85-SCDP/SR/MG

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/MG

Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

Senhor Diretor:

Pelo presente, encaminho à V. Sa. o requerimento para solicitação de ensaio geral, bem como o relatório do mesmo e a autorização especial para complementação do processo de nº 2206/85, referente à peça teatral "A MANDRÁGORA", que foi encaminhado juntamente com o ofício nº 139/85-SCDP/SR/MG.

Atenciosamente,

Antônio José de Freitas Duarte

Chefe do SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p.357

DPF
DCDP
Fls. N.º 327
Rubrica

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-DPF-SR-MG

Rosvolt Loyola Reis
(REQUERENTE)

Brasileiro, Peletas de teatro, CARTEIRA DE IDENTIDADE 614.712
(NACIONALIDADE) (PROFISSAO)

M.E.S.S.P., RESIDENTE E DOMICILIADO À Rua S. Judas Tadeu
(Nº/ÓRGÃO EXPEDIDOR)

277 - B. Ribeiro de Abreu - BH FONE: 349-42-11 - Hera

VEM REQUERER A V.SA. O EXAME DO ENSAIO GERAL DO ESPETÁCULO A Mandrágora

de Nicolau Maquiaval A REALIZAR-SE 09 de outubro
(PEÇA TEATRAL, BAILADOS, ETC.)

no Teatro Sta Maria - Rua Paraíso Abyssinia / Jacuí / Floresta
(LOCAL DO ENSAIO-ENDEREÇO) 20h

DATA E HORÁRIO ACIMA, DECLARADOS PELO CENSOR RESPONSÁVEL, CONSOANTE OS ARTIGOS 49 E 50, § 5º DO DEC. Nº 20.493/46, CABENDO AO REQUERENTE A RESPONSABILIDADE QUANTO ÀS DETERMINAÇÕES LEGAIS MENCIONADAS NO VERSO.

TERMOS EM QUE
PEDE DEFERIMENTO

~~Rosvolt~~ BH 23 de Setembro 1985
(LOCAL E DATA)

Rosvolt L. Loyola Reis
(REQUERENTE)

OBS. VIDE VERSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 358.

D E C R E T O Nº 20.493
D E 24 D E J A N E I R O D E 1946

ART. 50. DURANTE OS ENSAIOS GERAIS OS ARTISTAS SÃO OBRIGADOS A CUMPRIR RIGOROSAMENTE AS DETERMINAÇÕES DO CENSOR E DO CHEFE DO SCDP, TANTO EM RELA = ÇÃO AO TEXTO DA PEÇA OU NÚMERO EM ENSAIO, COMO EM RELAÇÃO À INDUMENTÁRIA, AOS GESTOS, MARCAÇÕES, ATITUDES E PROCEDIMENTO NO PALCO.

§ 1º. É DA RESPONSABILIDADE DOS EMPRESÁRIOS OU DIRETORES DAS CASAS DE DIVERSÕES PÚBLICAS NÃO SE APRESENTAREM OS ARTISTAS COM A INDUMENTÁRIA PRÓPRIA DURANTE OS ENSAIOS GERAIS E NÃO SE ACHAREM PRONTOS E EM FUNCIONAMENTO OS CENÁRIOS RESPECTIVOS.

. . . . . .

§ 3º. DURANTE O ENSAIO GERAL QUE É PRIVATIVO DA CENSURA, CUMPRE AO EMPRESÁRIO, OU QUEM SUAS VÊZES FIZER, NÃO PERMITIR A PRESENÇA DE PESSOAS ESTRANHAS, SEM CONSENTIMENTO EXPRESSO DO CENSOR.

. . . . . .

§ 5º. O ENSAIO GERAL SOMENTE SERÁ REALIZADO QUANDO REQUERIDO AO CHEFE DO SCDP, COM A NECESSÁRIA ANTECEDÊNCIA, PELO EMPRESÁRIO OU DIRETOR DA COMPA - NHIA TEATRAL, OU PELO RESPONSÁVEL PELO ESPETÁCULO, OUVINDO-SE O CENSOR RES - PECTIVO, QUE DECLARARÁ, POR ESCRITO, NESSE REQUERIMENTO O DIA E HORA PARA A REALIZAÇÃO DO MESMO ENSAIO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 359.

DPF
DCDP
Fls. N.º 328
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DPF/SR/MG
RELATÓRIO Nº 100/85
ASSUNTO: ENSAIO GERAL
DO: CNF ANUNCIAÇÃO GONÇALVES DE ASSIS
AO: CHEFE DO SCDP/SR/MG
ORDEM DE MISSÃO: Nº 115/85

IDENTIFICAÇÃO:
TÍTULO: A MANDRÁGORA
AUTOR: NICOLAU MAQUIAVEL
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: TEMÁTICA ADULTA-CENAS DE NU
GRUPO: CONTRA VENTO E MARÉ

RELATO: Acompanhei o ensaio geral da peça em epígrafe, às 20:00h do dia 09/10/85, no Teatro Santa Maria.

CONSIDERAÇÕES: O cenário mostrava três residências com móveis rústicos em madeira, cadeiras estofadas e alguns objetos de decoração. Portais brancos faziam a divisão dos ambientes.

O figurino foi característico da época, as mulheres com vestidos fartos, cabelos presos em cachos; os homens com malhas e casacos vistosos, alguns usaram capas.

A iluminação não estava afinada e não teve sonorização.

PARECER: A trama gira em torno de um adultério consentido, envolvendo não só o casal, mas também a maê, o padre e alguns amigos. Ocorrem cenas de nu entre o casal de amantes. O padre acaricia todas as mulheres e em certo momento ergue a batina mostrando-se sem cueca.

Gestos obscenos e atos libidinosos são exibidos na encenação.

Considerando a temática e montagem inadequadas para o menor sugiro a liberação para maiores de 18 anos.

É o relatório.

Belo Horizonte, 10 de outubro de 1985

A. Assis

Bel. Anunciação Gonçalves de Assis
Censora Federal
Mat. 022.986

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 360.

DPF
DCDP
Fls. N.º 329
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

CENSURA FEDERAL
S.C.D.P.
DPF - SR - MG

AUTORIZAÇÃO

Autorizo por 60 (sessenta) dias, a encenação da peça teatral " A MANDRÁGORA " promovida pelo(a) GRUPO CONTRA VENTO E MARÉ, com a classificação IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 ANOS, a ser confirmada após o exame do ensaio geral.

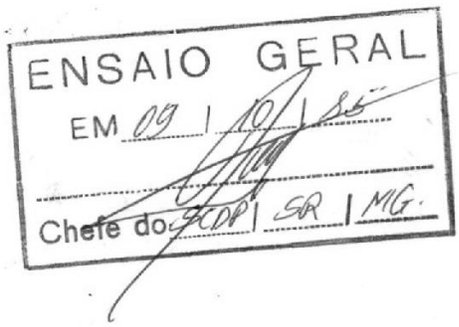
Dentro do prazo acima estabelecido, deverá ser concedido o certificado de censura, com a classificação definitiva.

B. HTE., 10 de OUTUBRO de 1985.

Chefe do SCDP / SR / MG.

Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 361



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 362.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 330
Rubrica

Senhor Chefe do SC.

Antes mesmo de ser expedido o Certificado por esta DCDP, o SCDP/MG remeteu o relatório do Ensaio Geral, que refere situações e cenas de adultério, nudez, gestos obscenos e atos libidinosos.

A Censora que acompanhou o Ensaio Geral sugere 18 anos, como que concordo.

À consideração superior
BSB, 16/10/85

Hélio [illegible] Pinto
CF - Mat. 1227
Chefe da SCTC/DCDP

De Acordo.
Em: 16 de 10 de 1985

Raymundo Eustáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

De Acordo.
Em: 16 de 10 de 1985

Helio Prudente Carvalhedo
CF - Mat. 2.415.791
Dir. Subst. da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459 p.363.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. N.º 331 Rubrica

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
0480	22 OUTUBRO 1985	22 OUTUBRO 1990

TÍTULO: A MANDRÁGORA

AUTOR (ES): NICOLAU MAQUIAVEL

CLASSIFICAÇÃO: 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: TEMÁTICA ADULTA - CENAS DE NU.

Coriolano de L Cabral F.
CORIOLANO DE L.CABRAL FAGUNDES
DIRETOR DA DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: A MANDRÁGORA

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 0480

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: ROOSEVELT LOYOLA RORIZ = BELO HORIZONTE/MG.

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

RAYMUNDO EUSTÁQUIO DE MESQUITA
CHEFE SC/DCDP
ASSINATURA

BSB, 22 DE OUTUBRO DE 1985.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459,p. 364.

DPF
DCDP
Fls. N.º 332
Rubrica

23 outubro 1985

1.729/85-SE/DCDP

MG.

" A MANDRÁGORA ", de Nicolau Machiavel.

Atenciosamente,

Coriolano de L. Cabral Fagundes

CORIOLANO DE L. CABRAL FAGUNDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 365.

10620

DCDP

CTA/PR 1441 50 161010 (VZS)

DCDP BSA

1441/SCDP DE 160387. SOL INFO OQC SEGNT TEXTOS TEATRAIS: ''O SERVIDOR DE DOIS AMOS'' DE CARLO GOLDONI, ''A MANDRAGORA'' DE NICCOLO MACHIAVELLI, ''UMA CANÇAO DE NATAL'' DE CHARLES DICKENS, ''MEU PALHAÇO TRAPALHAO'' DE LEA BENVENUTO DE ALMEIDA E ''A BRUXINHA QUE ERA BOA'' DE MARIA CLARA MACHADO.

SR/PR

NNNN

ARQUIVO/DCDP
Nada consta ref. peças teatrais:
- Uma Canção de Natal
- Meu palhaço trapalhão.

MÁRCIA

Recebi às 11:50
em 17/03/87
mat. 6190636

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 366

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

2ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 17 MAR 17345 87 000301

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/PR

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 145/DCDP de 17_ 03_ 87___ RERA NR 1441/87-SCDP/PR DE 160387 VG INFO PEÇAS "A MANDRAGORA" LIB DEZOITO ANOS CERT VAL 221090 J.I. TEMATICA ADULTA - CENAS DE NU PTVG "ALLEQUIM VG SERVIDOR DE DOIS AMOS OU ARLEQUIM VG SERVIDOR DE TANTOS AMORES" CLASS LIVRE CERT VAL 031090 PTVG "A BRUXINHA QUE ERA BOA" CLASS LIVRE CERT VAL 220890 PT NADA CONSTA "UMA CANÇÃO DE NATAL" ET "MEU PALHAÇO TRAPALHÃO" PT I DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

Vilma Helena Soriani Domingo
Chefe do SC - DCDP
Substituto

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0454, p.367

51077

DCDP

DITEL BSA40 $,9?/SR/SP
DE SAO PAULO SP 20406 50 1015 061187 P

DCDP/BSA

NR 20406/SCDP/061187 PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAS CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT ''ALADIN E A LAMPADA MAGICA'' DE NEY ARRASCO VG ''SOCIEDADE NUA'' DE PEDRO ALEXANDRE RONDELLO VG ''CLIC-CLIC'' DE JOSE ROBERTO GIUSTI VG ''MANHAS DE SOL'' DE ODUVALDO VIANNA VG ''A MANDRAGORA'' DE NICOLAU MAQUIAVEL VG ''FEMINA TESEU EM ELEUSIS'' DE EDSON ROBERT SANTANA PT

SCDP/SR/DPF/SP

N N N N
AC 0610189
DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

Informação - ARQUIVO/DCDP
Consta registro das peças
- Manhãs de sol
- A mandrágora
Quanto as demais, nada
consta.

Márcia Monteiro L. Machado
Mat. 6.190.157
Chefe - Substº do ARQUIVO/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 368.

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 2 NOV 1445 87 000000

ENCAMINHADO A
RUBRICA

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/SPO/SP

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 631/DCDP de 12_ 11_ 87 ___ RERA NR 20406 061187 ET NR 20569 091187 SCDP/SP VG INFO PEÇAS TEATS BIPT "MANHAS DE SOL" LIB QUATORZE ANOS CERT VENC 300476 J.I. NADA CONSTA VG "A MANDRAGORA" LIB DEZOITO ANOS CERT VAL 221090 J.I. TEMATICA ADULTA-CENAS DE NU VG "MAO NA LUVA" LIB DEZOITO ANOS CERT VAL 281190 J.I. CENA DE NUDEZ ET "CARLITOS NO CIRCO" CLASS LIVRE CERT VENC 230585 PT QUANTO AS DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor. Wilma Helena Sanea Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

DPF—84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0459,p.369.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
27 MAI 1636 SB 000004
ENCAMINHADO A
RUBRICA

16606

DCDP

2122433DPFE BR

DE RIO/RJ NR 4543 30 271214P

DCDP/BSA

TLX NR 131/88/SCDP/SR/DPF/RJ DE 270588 PT SOL INFO OQC PEÇA TEATRAL ''A MANDRAGORA'' VG AUT NICOLAU MAQUIAVEL VG TRADUÇAO MARIO DA SILVA VG RED IVAN SILVA GODIN PT

SCDP/SR/RJ

NNNN
T/POR FS
RECEB POR ?ää

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0459, p. 370.

Recebi às 9:45
Em 01/06/88 (guia 458)
mat. 6190636

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0454 p. 371/371

RADIOGRAMA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO
Nº 000004

PREÂMBULO
Espécie: OFICIAL | Número: | Data:
Origem: | Palavras: | Hora:

ENDEREÇO
SCDP/SR/RJ/RJ

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO
HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 197/DCDP de 01 _06._ 88 ___ RERA NRS 129-131-133-134 ET 135/88 DE 270588 SCDP/RJ VG INFO PEÇAS BIPT "O REI DA VELA" LIB 16 ANOS CERT VAL 220492 J.I. LINGUAGEM MALICIOSA ET SATIRA DE COSTUMES PTVG "A MANDRAGORA" LIB 18 ANOS CERT VAL 221090 J.I. TEMATICA ADULTA CENAS DE NU PTVG "O INGLES MAQUINISTA" CLASS LIVRE CERT VAL 270390 PTVG "SOLNESS O CONSTRUTOR" AUT IBSEN LIB 16 ANOS CERT VENC 021075 J.I. N/C ET TRAD EDLA VAN STEEN N/C PTVG "FALA BAIXO SE NAO E@ GRITO" LIB 14 ANOS CERT VAL 100393 J.I. LINGUAGEM VULGAR PT

DCDP

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

Assinatura ou rubrica do expedidor Vilma Helena Soares Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

DPF-84

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF